

MÁRCIO PACHECO

A MÁSCARA *da* PESTE

AS CRÔNICAS DO APOCALIPSE

LIVRO DOIS





A
MÁSCARA
da
PESTE

AS CRÔNICAS DO APOCALIPSE

LIVRO DOIS

GERENTE EDITORIAL
Roger Conovalov

DIAGRAMAÇÃO
Sara Vertuan

REVISÃO
Gabriel Lago
Alessandro de Paula
Rebecca Pessoa

CAPA
Lura Editorial

IMPRESSÃO
Lura Editorial

Todos os direitos desta edição são reservados a Márcio Cardoso Pacheco.

LURA EDITORIAL – 2020
Rua Manoel Coelho, 500. Sala 710
São Caetano do Sul, SP – CEP 09510-111
Tel: (11) 4318-4605
Site: www.luraeditorial.com.br
E-mail: contato@luraeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Impresso no Brasil.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, reproduzida ou armazenada em qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., sem a permissão por escrito do autor.

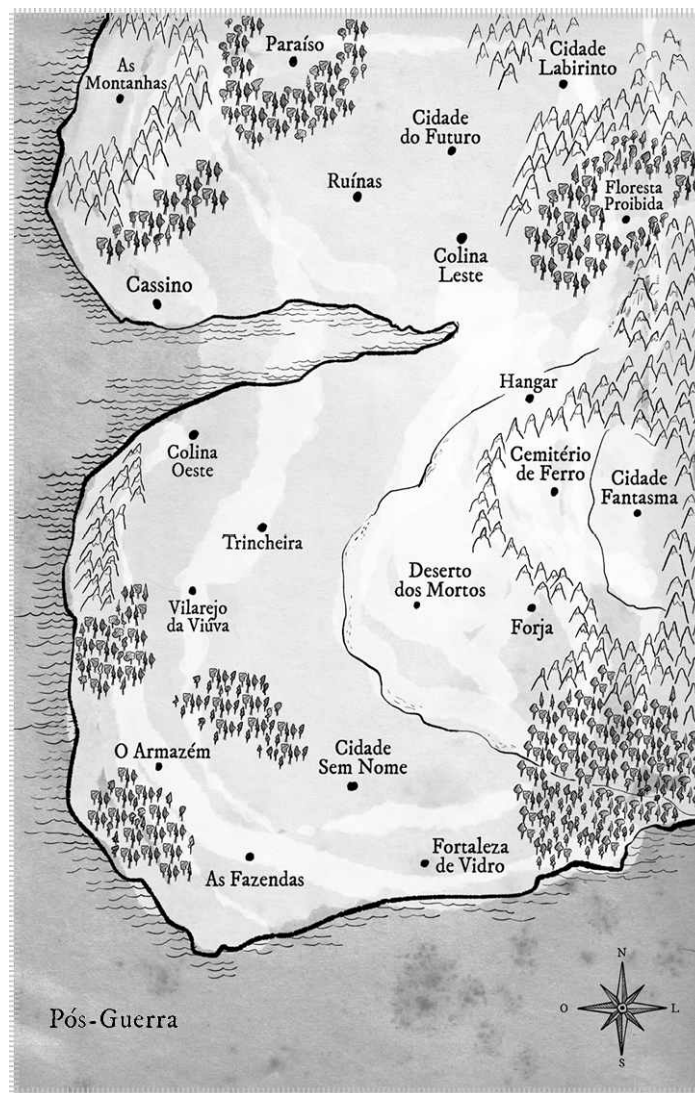
MÁRCIO PACHECO

A
MÁSCARA
da
PESTE

AS CRÔNICAS DO APOCALIPSE

LIVRO DOIS

lura



Para minha mãe Ana, que me apresentou para o maravilhoso mundo da leitura antes mesmo de eu saber ler e foi a melhor médica nas minhas piores “pestes”. Te amo, mãe.

“O ser humano é um animal doente porque não é capaz de reconhecer, ou de inventar, o seu lugar na natureza e na sociedade.”

JOSÉ SARAMAGO

Observei quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos.

Então ouvi um dos seres viventes dizer com voz de trovão:

“Vem e vê!”

Olhei, e diante de mim estava um cavalo branco. Seu cavaleiro empunhava um arco, e foi-lhe dada uma coroa; ele cavalgava como vencedor determinado a vencer.

APOCALIPSE 6:1-2



Prólogo

Espanha, 1351. A Peste Negra já havia ceifado milhões de vidas. Em poucas horas Joaquim seria apenas mais uma de suas vítimas e Juan já sabia disso. Levou a mão até a testa febril do menino. A pele queimava como o carvão em brasas das fornalhas do navio onde trabalhara. Com lágrimas nos olhos, pegou o pano dentro da bacia com água, torceu e o estendeu sobre a testa de seu filho. Joaquim exibia um rosto abatido, com os olhos quase fechados, que faziam seu pai se perguntar a todo momento se ainda estava vivo. Às vezes a febre aumentava e o menino chorava em pequenos episódios de delírio.

Onde está Lea? Ela já deveria ter voltado!

Lea, sua mulher, havia saído para falar com o padre e pedir conselhos sobre o que poderiam fazer para salvar Joaquim. A peste espanhola assolava o país, parecendo selecionar aleatoriamente os indivíduos de cada família. Seu filho brincava forte e sadio no dia anterior; agora não tinha forças para se levantar da cama sequer. Seus amigos não estavam doentes e Juan achava que fosse algum castigo de Deus.

Será que não rezei o suficiente?

Joaquim tossiu forte. Seu peito se contraiu e expandiu com violência, como se quisesse expelir o próprio pulmão. Juan se levantou e foi até a pequena mesa de madeira, onde uma vela solitária lutava contra a escuridão. Pegou a estopa feita de trapos e voltou ao socorro do seu filho. Segurou as costas do menino com uma mão e estendeu a estopa em direção à boca dele. Joaquim escarrou várias vezes com violência e só parou quando manchou o tecido com sangue. A cada tosse, Juan sentia sua vida se esvaindo com a do menino, sem saber o que faria. Molhou o pano no balde para enxugar mais uma vez a testa ardente.

Onde está Lea?! Deveria ter ido no lugar dela.

— Papai, por que está chorando? — perguntou Joaquim com toda a inocência dos seus sete anos.

— Ah... nada, filho... só estou... preocupado com a mamãe que não volta.

— Eu vou morrer, papai?

— O quê?! — Joaquim era direto e honesto, como qualquer criança, e isso pegou Juan de surpresa.

— Você acha que eu vou morrer, papai? — Joaquim repetiu a pergunta. — Felipe falou comigo pela janela. Os pais dele não deixaram ele me ver. Disseram que estou amaldiçoado, que ninguém que fica doente consegue viver.

Juan tentou conter as lágrimas e passar a maior tranquilidade possível ao filho, embora a verdade fosse uma rocha esmagando seu coração.

— Não, filho... você não está amaldiçoado! Os pais do Felipe estão falando coisas que não sabem!

— Então por que a mamãe foi procurar o padre?

Mesmo diante de toda a sua angústia, Juan permitiu escapar um sorriso em homenagem à sagacidade do filho. Novamente ele chorou, mas não com dor, e sim com ternura.

— Você não vai morrer, meu filho. Você é esperto e ainda vai se casar com uma boa mulher, que vai lhe dar muitos filhos.

Na rua, um pássaro emitiu um pio enquanto voava em direção à floresta, do outro lado da cidade. Uma carroça passou vagarosamente com suas rodas de madeira roçando os ladrilhos da rua.

— Mas eu não quero me casar, papai. As meninas são... estranhas — defendeu-se o menino com um franzir de testa.

— Eu concordo com você — disse Juan. — O que quer então?

— Eu posso ter um barco, papai?

— Pode, Joaquim. Claro que pode — Juan respondeu com complacência. — O maior de todos eles.

— Você não vai precisar trabalhar no meu barco.

— Ufa! — Juan fingiu alívio. — Estava contando com isso.

— E eu posso ser um pirata?

— Pode, sim, Joaquim.

— Eu serei o terror dos sete mares!

Desde que não morra, pode ser o que quiser, pensou Juan com pesar.

— Você pode ser o que quiser neste mundo, meu filho.

Joaquim sorriu cansado. Sorriu e voltou a tossir. Juan achou outro pano para cobrir a boca do filho, que ficou ainda mais manchado de sangue que o anterior. Depois que o menino escarrou, afundou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos para repousar, Juan se levantou e percorreu o quarto, de um lado para o outro, enquanto observava seu primogênito definhando para aquela peste maldita.

Cadê você, Lea?! Preciso de você!

Ouviu três batidas à humilde porta de madeira e foi correndo atender. Quando abriu, deparou-se com Lea do lado de fora, junto de um homem que ainda não havia visto no vilarejo. Usava vestes longas e escuras. Uma máscara cobria o seu

rosto. Era negra e tinha um longo nariz, como o bico de um pássaro. Sua esposa estava com um semblante aflito.

— Como ele está? — Lea perguntou.

— Onde você estava? — Juan perguntou praticamente ao mesmo tempo. — Ele não parece ser um padre!

Lea forçou passagem, indo ao encontro do filho enquanto falava. O homem a acompanhou, ignorando a formalidade de uma permissão, e empurrou a vela da mesa para o lado para largar sua valise.

— O padre não estava! Disseram que ele foi encomendar uma alma no condado — falou Lea enquanto conferia a testa do filho. — Ele está queimando!

— Estou enxugando a testa dele, mas não mudou nada desde que você saiu — disse Juan.

— O que é isso, Juan?! — Lea segurava a estopa ensanguentada ao lado da cama.

— Ele... tossiu... e...

Juan não sabia o que fazer, muito menos o que falar. Lea sentou-se ao lado do filho, ajeitando os cabelos lisos do menino que caíam pelas laterais da testa.

— Esse homem estava cuidando das pessoas doentes, perto do velho moinho — Lea apontou para o indivíduo focado nos instrumentos de sua valise. — Ele pode salvar o Joaquim!

Juan sentiu uma ponta de esperança em seu coração, como uma brisa em um dia quente.

— Qual o seu nome? — perguntou Juan.

— Aidan — respondeu o homem por baixo da máscara, sem mover um músculo.

— Aidan? Isso não é nome espanhol... — observou Juan. — Você é holandês ou francês?

— Nenhum dos dois — respondeu Aidan. — Venho de muito longe, além do mar.

— Pode curar nosso Joaquim? — perguntou Juan esperançoso.

— Acredito que posso.

— O que sabe sobre essa peste?

— Pouco ainda — confidenciou Aidan colocando luvas nas mãos —, mas pode confiar em mim. Só estou aqui porque quero descobrir tudo à respeito dela...



Cidade Fantasma, 2153. Dante esticou o dedo, apertou o botão do toca-fitas e girou o controlador do volume até o máximo. O som da guitarra saiu pelos potentes alto-falantes de Johnny, rasgando a atmosfera empoeirada da cidade. Os toques eram intermitentes, e logo uma segunda guitarra lançou um som crescente, à

medida que as baquetas atacavam os pratos. Pisou fundo no acelerador e o velocímetro acompanhou o constante desenvolvimento da música.

Isso vai ser interessante...

Enquanto se deslocavam pela rua deserta, o seu carro chamava a atenção de qualquer ser vivo da cidade. Encarou os retrovisores laterais para compreender o tamanho do problema. Por todos os lados, mais e mais daquelas criaturas corriam à sua captura, perseguindo Johnny como um leão faminto em busca de sua presa.

Sim... venham atrás de nós...

Pelo espelho retrovisor central, Dante viu o garoto se equilibrando sobre o reboque que haviam encontrado. Estava se preparando para a segunda parte do ataque. Na música, o guitarrista começara um solo bem marcado, enquanto o som de base ainda crescia, esperando seu clímax.

Que música espetacular!

Mais ao fundo, no começo da rua, mais demônios azulados se juntaram ao grande grupo. Dante sentiu a adrenalina percorrer seu corpo. Apertou as mãos em volta do volante, trocou a marcha do carro e acelerou. Os infectados corriam aos montes, cercando-os pelos flancos. Pareciam fugir de uma onda gigante que certamente os engoliria. O reboque deixava o carro um pouco mais lento, mas já se havia provado útil. Na música, a banda toda parou para que a guitarra tocasse as duas notas que dariam sequência a todo o desenvolvimento frenético. Dante não conseguiu evitar acompanhar o som balançando a cabeça.

— Agora, garoto!

Pelo retrovisor, ele viu o outro segurar firme nos manetes da torreta metralhadora fixada ao reboque. A música então apresentou um solo crescente, como se estivesse subindo uma escada. Seu companheiro posicionou os dedos no gatilho da arma no momento em que a música chegou ao topo.

Perfeito!

A banda toda retomou a música em uma explosão acompanhada dos disparos do cano longo da metralhadora. Dante se concentrava em conduzi-los por entre os destroços e carros abandonados, enquanto o garoto direcionava o fogo contra seus perseguidores. Pelo espelho, ele viu os infectados começarem a cair e pisou fundo no acelerador para ganhar distância. Nos alto-falantes o vocalista, de inconfundível voz aguda, começou a cantar.

Welcome To The Jungle – Guns ‘N Roses.

Parece mesmo uma selva. E os nativos não são nada amistosos.

O rapaz segurava a metralhadora com a determinação de quem tenta dominar uma fera selvagem, agitando-a para os lados e atingindo de forma potente a onda

de infectados que corria pelas ruas. A música continuava em seu ritmo acelerado, impondo velocidade tanto a Johnny quanto à horda. O vocalista seguiu com a sua poesia.

Curamos com uma bala no meio da cabeça, riu Dante.

Muitos caíram diante da rajada de projéteis cuspidos pelos seis canos que giravam sem parar. A horda, porém, parecia apenas aumentar, com novas monstruosidades avançando por cima dos abatidos. Dante pisou mais fundo no acelerador e Johnny respondeu, afastando-os do perigo apenas por um momento, pois o conjunto de prédios castigados pela guerra apresentava-se como um grande e maldito labirinto que era aquela cidade. Ele ouviu a metralhadora engasgar sem balas no mesmo momento em que a música chegou ao seu refrão.

Se nossa última cartada não funcionar, certamente sangraremos.

— Vamos acabar com isso! — gritou para o outro, no reboque.

Não soube se escutou ou não, mas o garoto de vestes negras rapidamente se abaixou para preparar seu último recurso e, depois disso, puxou o pino que conectava o carro até o reboque, saltou em direção ao porta-malas e correu até a porta. Dante se afastou para acompanhar o pequeno veículo metálico ficando para trás, indo de encontro à horda para abraçá-la em uma grande explosão.

Segurem essa, seus filhos da puta!

Permitiu-se sorrir por um breve momento, acompanhado pelo seu parceiro. Ele estava eufórico como sempre. Seus cabelos eram um emaranhado negro seco e empoeirado.

— Você viu isso? — perguntou animado, com os olhos refletindo as cores de tons quentes evocadas pela explosão.

Dante se virou para observar sobre o encosto do banco, ainda com o carro parado. No meio da fumaça, os infectados remanescentes surgiram. Inabalados e vorazes, como de costume.

— Mas que merda! Eles não morrem?! — reclamou e voltou sua atenção novamente para a estrada.

Na frente deles, uma imensa sombra cobriu os prédios, engolindo tudo o que estava em seu caminho. O céu estava revoltado e alaranjado, e o vento começou a ficar muito mais forte. Ambos ficaram boquiabertos olhando para cima. Se a horda que os caçava já trazia perigo o suficiente, mergulhar para dentro de uma tempestade de areia tornava tudo mais difícil. Os dois se olharam por um momento, Dante reuniu coragem, engatou a primeira marcha e acelerou. Eles escolheram esse caminho e não havia como voltar atrás. Outras pessoas dependiam deles. Sorriu para o garoto acenando a cabeça positivamente, com muita confiança.

Estamos fodidos...

Alguns dias antes...

Yohan

— Cubram o lado sul! — ordenou Alanna, de cima da amurada, para os soldados que chegavam com as armas.

Quando enxergaram o contingente no início do desfiladeiro, vindo de encontro ao muro de proteção da Forja, Alanna distribuiu as ordens para que se preparassem. Soaram a sirene que geralmente era usada para indicar o horário das refeições; o alarme tocou ininterruptamente, sinalizando o fim dos tempos, e foi inevitável que se instalasse algum caos, mas aos poucos os agricultores, operários e todos os que não sabiam atirar foram conduzidos para dentro da refinaria, e suas portas, trancadas.

Os veículos e todo o armamento disponível, que não era muito, foram levados até o muro, que já se encontrava sob ataque. Os mortos avançavam contra a parede, arranhando o concreto frio com o intuito de escalar. Por ordem de Alanna, os soldados atiravam contra os que estavam logo abaixo, onde a chance de erro era menor, mesmo para os que tinham pontaria ruim. Ela caminhava de um lado para outro orientando seus homens, e, no trajeto entre os postos, dirigia um olhar de fúria para aquelas criaturas infernais.

Yohan a acompanhava de longe, com sua chave grifo nas mãos. Pensou em pedir uma arma, mas só o faria se a situação exigisse.

— Tragam combustível! — ordenou ela a dois soldados que estavam no pé da escada.

Prontamente eles giraram nos calcanhares, pegaram um dos carros e partiram em direção à refinaria, para buscar alguns tambores cheios.

Yohan inclinou o corpo sobre o pequeno muro para avaliar a situação. Os mortos haviam coberto toda a extensão de areia que corria entre o desfiladeiro afunilado e o portão da Forja. Logo à frente, na direção da Cidade Fantasma, o conjunto de montanhas se abria para o grande deserto, porém a curva do desfiladeiro não lhes permitia uma visão mais ampla e, até onde conseguiam enxergar, só se viam mais e mais mortos chegando.

O veículo que guiara as criaturas até ali estava retirado na estrada, próximo ao paredão de rocha maciça. Entre os grunhidos da multidão, era possível ouvir um som vindo do veículo. Era agudo e constante, mas quase imperceptível.

A pilha de mortos na base do muro aumentava à medida que os soldados descarregavam suas armas. Os que iam sendo abatidos eram pisoteados pelos que

estavam atrás, de modo que o amontoado de corpos começou a formar uma espécie de rampa por toda extensão. Muitos teriam de morrer para que alcançassem o posto de defesa, mas eles pareciam não se importar, visto que seu número só aumentava.

Os soldados retornaram com os pequenos galões de combustível, que deviam estar carregados com não mais que cinquenta litros. Alanna caminhou até eles, e ao ver a quantidade, fez uma cara de desprezo.

— Vocês estão brincando comigo?! — gritou furiosa. — Por que não atiram uma garrafa de bebida para eles, então?! Precisamos de quantidade! Temos que queimar esses desgraçados!

— Eu levo esse de volta? — perguntou o soldado apavorado.

Alanna olhou para Yohan, que apenas lhe devolveu um olhar constrangido. Ela fez um sinal com a mão, indicando para que largassem os galões.

— Voltem lá e tragam quatro tonéis de combustível. Rápido! — Os dois subordinados desceram as escadas às pressas, tropeçando um no outro.

Alanna podia ser assustadora quando queria.

Ela ordenou que um dos homens da linha de tiro pegasse o galão e o despejasse no grupo que estava mais próximo; acendeu um isqueiro e o atirou no mesmo lugar. As chamas ganharam vida em um pequeno raio adjacente aos portões, mas os mortos não se importaram em arder em chamas; eles simplesmente seguiram se empurrando em direção à Forja.

O portão era pesado e dificilmente cederia, mas nenhum dos irmãos de ferro gostaria de testá-lo.

Não está funcionando.

O sol estava se pondo, a escuridão começava a cair e a tempestade de areia se aproximava. Os mortos, sob o breu da noite, seriam indetectáveis, como sombras se movendo na escuridão. Yohan começou a ficar preocupado porque a estratégia não estava surtindo efeito. Muitos caíam, outros tantos tomavam seu lugar, a munição era consumida sem parar e o fogo no pequeno grupo incendiado logo se extinguiu.

Alanna estava visivelmente apreensiva, constatando que os tiros só favoreciam seus inimigos.

— Parem de atirar! — ordenou ao longo do muro.

Os defensores cessaram fogo e esperaram novas ordens. Todos estavam confusos e até apavorados. Poucos já haviam se deparado com os mortos da Cidade Fantasma. A maioria era sentinela dos muros e não via muita coisa além da areia do deserto.

Yohan andava de um lado para outro segurando a chave, em um trajeto curto, ansioso.

— O que pretende fazer? — perguntou a ela.

Muitos soldados os observavam, esperando alguma ordem. Alanna estava de braços cruzados olhando para a multidão de mortos.

— Atirar não está adiantando — observou ela.

— São muitos e não teremos tanta munição.

— Não vejo alternativa a não ser queimá-los — falou de forma contundente.

— E se não funcionar?

— Vai ter que funcionar.

O veículo chegou trazendo os tonéis. Com dificuldade, eles foram transportados escada acima e atirados em quatro pontos diferentes da linha de frente inimiga. Alanna deu o comando e os tonéis foram alvejados, erguendo labaredas enormes no meio do desfiladeiro. O fogo se alastrou mais rápido e em maior escala desta vez, espalhando-se rapidamente por todo o desfiladeiro. Parecia um mar de chamas vindo do próprio inferno. Os soldados comemoraram enquanto o fogo fazia o trabalho, iluminando a escuridão da noite que havia chegado.

A felicidade não durou muito tempo.

O vento aumentou de intensidade, soprando a areia com ferocidade suficiente para espalhá-la sobre a massa de infectados. Rapidamente a visão ficou limitada e os pequenos focos de fogo que ainda brilhavam contra a noite foram extintos pela maré alaranjada.

O veículo inimigo estava a meio caminho entre os portões e o fim do desfiladeiro. Yohan notou que o som agudo que ele emitia elevou repentinamente sua frequência, tornando-se mais audível, e isso fez com que os mortos que se aproximavam, ainda intocados pelo fogo, emitissem gritos contra a Forja e avançassem correndo contra as defesas. Só foi possível vê-los chegando quando surgiam de dentro da neblina arenosa, subindo por cima dos outros.

— O que está acontecendo? — perguntou Alanna, surpresa com a reação dos mortos.

— Eu acho que é aquele carro — sugeriu Yohan. — O som ficou diferente.

Alanna olhou em direção ao carro, dentro da cortina de areia. Sua atenção alternou para os mortos que vinham correndo, e de novo para lá, enquanto tentava proteger os olhos do vento arenoso. Yohan não conseguia ver quase nada além dela.

— Temos de destruí-lo — disse Alanna, confirmando o óbvio.

Os mortos restantes avançavam com fúria, esmagando os que haviam sido carbonizados. Os soldados na amurada, por instinto, voltaram a atirar contra eles.

— Temos de acabar com aquela merda! — reclamou Alanna. — Atire no carro! — ordenou ao soldado mais próximo.

Ele obedeceu e alvejou na direção do veículo. Após uma grande quantidade de tiros, o som cessou. Alanna olhou para Yohan e para o soldado com felicidade,

entretanto os mortos que atacavam os muros não diminuíram o ritmo.

— Ataquem com tudo o que tiverem! Vamos acabar com eles!

A linha de defesa seguiu disparando, retardando momentaneamente a escalada dos agressores pela rampa feita com os abatidos.

— Comandante, o que é aquilo?! — um dos soldados apontou para o meio da nuvem de areia, onde estava o carro.

Antes que pudessem ver do que se tratava, algo atingiu os muros no lado norte. Com o impacto, o concreto cedeu e parte da amurada desmoronou, atirando dois soldados para o mar de mortos. Os homens restantes se encolheram instintivamente, sem saber o que os atacou.

— O que foi isso? — perguntou Alanna, apavorada.

— Eles têm um lança-granadas! — gritou outro soldado.

Um segundo impacto foi sentido na região sul da defesa. O concreto fissurou e os homens que defendiam aquele ponto fugiram para os lados. Lá embaixo, os mortos continuavam como se nada tivesse acontecido. Yohan, Alanna e os demais permaneciam abaixados desde a primeira explosão.

— Se continuar assim, vão nos derrubar! — reclamou ela. — Atirem contra o carro!

Uma terceira explosão atingiu o centro da parede, perto do portão.

— Temos que revidar — disse Yohan determinado.

— Como? — perguntou Alanna.

— Eu vou pegar o tanque.

— Eu não vou abrir o portão! Eles vão entrar!

— E depois? Você acha mais fácil fechar o portão ou reconstruir o muro? — indagou. — Me dê cobertura.

Alanna não gostou, mas teve de concordar. Yohan não esperou sua confirmação, chamou os soldados que se atrapalharam com o combustível e foram os três em direção ao blindado. No caminho, descobriu seus nomes na Forja: Canhoto e Frango. Eles caminhavam protegendo o rosto com as mãos, sentindo os dentes atritarem as partículas de areia que passavam pelos lábios sem pedir permissão.

— Você sabe pilotar isso? — perguntou Canhoto.

Lá fora, as granadas provenientes do veículo continuavam castigando a linha de defesa da Forja.

— Sim — respondeu Yohan, colocando a mão no ombro do soldado —, mas não sou eu quem vai pilotar. É você.

O homem ficou estático com a afirmação.

— Mas eu nunca andei nessa coisa!

— É melhor que um jipe ou caminhão — Yohan queria fazer parecer fácil, porque para ele, de fato, era. — Suba aqui!

Canhoto hesitou, mas sabia que eles não tinham escolha tanto quanto não tinham tempo. Subiu pela escada do blindado para entrar na cabine do piloto, na frente do canhão. Yohan esperou o soldado se acomodar e deu as instruções de como pilotar.

— Vamos só em primeira marcha, precisamos de força para passar por cima dos desgraçados, está bem?

— Você acha que eu vou conseguir? — perguntou o homem jovem e ansioso.

— Com esse cara aqui, você escala o desfiladeiro se quiser — respondeu, dando confiança. — E você, venha comigo! — ordenou ao outro.

O certo seria ter um quarto homem para recarregar a munição do canhão principal, mas Yohan teria que se virar com o que tinha. Fechou a portinhola do piloto, que já estava em seu assento, para que não fosse atacado pelos mortos. De repente sentiu saudades do seu ajudante, Fiapo.

Espero que esteja vivo, pelo menos.

Abriu a escotilha sobre o canhão e ambos entraram no casulo do tanque. Havia uma série de indicadores e controladores nas paredes internas. O espaço era restrito e havia apenas os bancos do artilheiro, do municionador e do comandante.

O blindado começou a andar vagarosamente em direção ao portão. Além dos muros, podia-se ouvir o grunhido dos mortos somado ao impacto dos tiros do lançador de granadas.

Yohan acompanhou o deslocamento com metade de seu corpo fora da escotilha. Frango ia ao lado, da mesma forma, já posicionado para disparar com a metralhadora fixa. Chegaram próximo ao portão, o blindado parou e ele olhou para Alanna, que estava em cima da murada. Fez um sinal positivo e ela ordenou que liberassem a passagem deles.

O soldado ao seu lado mantinha o olhar sobre as duas gigantes placas maciças de ferro que conservavam a Forja fechada. Estava nervoso, agarrando-se à metralhadora com toda a esperança que tinha.

Os portões começaram a se movimentar, permitindo-lhes vislumbrar um pouco do inferno arenoso que os aguardava lá fora. A altura da pilha de corpos carbonizados chegava à metade do portão, provavelmente acima do tamanho do tanque.

— Quando vir os desgraçados, pode começar a atirar! — ordenou a Frango.

Canhoto acionou o tanque, que começou a deslizar sobre as telhas metálicas da esteira. Da fresta do portão, vieram os primeiros, correndo com fúria. O soldado puxou o gatilho e a metralhadora cuspiu balas com velocidade, barrando o ímpeto do ataque. Yohan desceu para o interior do tanque e carregou o canhão para o primeiro disparo. Quando estavam passando pelo portão, ordenou a Frango que entrasse e fechasse a escotilha, para que não fossem surpreendidos por alguma das criaturas.

Se Deus realmente existe, espero que nos ajude...

Os dois acompanharam pelas pequenas janelas laterais quando o tanque forçou passagem pela montanha de mortos. O cheiro de carne queimada era terrível e a fumaça ainda estava presente, entrando pelas vigias nas laterais do blindado. A visão era aterrorizante, pois ainda havia centenas daquelas criaturas azuladas surgindo do meio da parede de areia.

Yohan assistiu o portão se fechar pela portinhola traseira do tanque. Alguns deles entraram, mas não tiveram vida longa como irmãos de ferro. Esperava que sua estratégia desse certo, para o bem de todos.

— Estamos indo bem, Canhoto. Continue assim!

Canhoto estava concentrado demais para responder, mas seguiu conduzindo o tanque até o meio da multidão, o mais distante da defesa possível. Depois de passar a rampa, próxima da base da parede, eles começaram a esmagar os mortos que não chegavam à altura da escotilha.

— Frango, vai lá para cima e mete bala!

Frango assumiu a metralhadora, alvejando os que estavam no caminho.

O blindado fazia um barulho estridente e ressoante enquanto se movia, atritando o ferro das esteiras contra o dos roletes. Mesmo assim, conseguiram identificar que o som vindo do veículo havia aumentando e mudado novamente de frequência.

Como que por um estalar de dedos, os mortos abandonaram os muros. Todos os que restaram se voltaram para o tanque de guerra, como formigas atacando uma tarântula com a colônia inteira. Depois de mais alguns tiros, Frango desceu apavorado e fechou a escotilha. Esfregava os olhos com as mãos para tentar tirar um pouco da areia; os cílios, cabelos e sobrancelhas estavam alaranjados e poeirentos.

— Puta que pariu! Estão subindo por todos os lados!

— Temos que destruir aquele desgraçado!

Yohan girou o canhão intuitivamente na direção do som do veículo. Uma granada atingiu o solo próximo do blindado, elevando alguns dos mortos que se dirigiam ao ataque.

— O que foi isso? — gritou Canhoto da cabine.

— Eles estão nos atacando com tudo o que têm! Não pare! Acelere ou seremos um alvo fácil!

Conferiu o alinhamento do canhão pela pequena janela, logo obstruída pelo aglomerado de mortos. Calculou o ângulo de disparo, pois não teria muitas chances para acertar.

— Estão por todos os lados! — constatou Frango.

Não vamos mais esperar.

Yohan disparou o canhão, que movimentou o cilindro internamente, recuado pelo impacto do tiro. À frente, uma explosão pôde ser ouvida, mas o som do veículo não parou de imediato.

Os mortos batiam com as mãos na lataria, acima deles, querendo atravessar o ferro denso do qual o blindado era constituído.

Estamos seguros aqui.

— Ei, Mecânico! Está ouvindo isso?

— Ouvindo o quê? — perguntou Yohan. — Só ouço os grunhidos.

— Exatamente! O som agudo do veículo parou!

Não houve tempo para comemorar, pois algumas balas começaram a ricochetejar na lataria do tanque e os tiros do lança-granadas voltaram a ser disparados.

— Canhoto, vamos voltar!

Canhoto não sabia muito bem como engatar as marchas do tanque, mas Yohan lhe ensinou que, se andasse apenas com uma das esteiras, travando a outra, poderia fazer o blindado girar. O homem reproduziu os ensinamentos rigorosamente e o grande veículo retornou em direção aos portões.

Conforme os mortos caíam de cima do tanque, Yohan entendeu que os irmãos de ferro atiravam do muro, tentando livrá-los da fúria de seus agressores.

Conseguiram ter visão pelas pequenas janelas novamente. Os poucos mortos que haviam sobrado ficaram dispersos e confusos, como se houvessem saído de um transe. Fosse o que fosse que aquele veículo tinha, causava neles um frenesi de pura violência.

— Frango, veja se consegue assumir a metralhadora. Vamos acabar com isso.

Após eliminar o som do veículo, a batalha mudou consideravelmente. Frango, do tanque, junto com os soldados, dos muros, conseguiram eliminar o restante dos agressores. Até Canhoto se divertiu atropelando alguns deles.

Quando Yohan voltou à escotilha, a tempestade de areia começava a se dissipar, seguindo em direção à Cidade Fantasma. Olhando em direção ao veículo, entendeu que haviam contado com a sorte. Ele errara ao calcular a inclinação do canhão e o disparo saía muito acima de onde deveria acertar. Porém, o petardo atingiu a parede do desfiladeiro, fragmentando-a em grandes blocos de rochas, que caíram esmagando o inimigo.

A extensão de areia entre os portões da Forja e o deserto já não existia, era apenas um amontoado de corpos negros ou azulados. Contar o número de abatidos era uma tarefa quase impossível, pois o fogo havia queimado tudo, misturando em uma única massa carbonizada. O fedor de morte plainava no vento. Estava escuro e eles não tinham noção de quanto tempo faltava para amanhecer, mas, ao mesmo tempo que tudo acontecera de forma rápida, parecera durar uma eternidade.

Os três passaram com o tanque pelos portões novamente e foram recebidos como heróis. Os soldados de cima do muro gritavam e comemoravam. Os outros irmãos, que estavam na refinaria, foram liberados e se aproximaram do tanque para receber os homens que garantiram a integridade da Forja. Todos saudavam e agradeciam Yohan, que repentinamente teve seu moral reavaliado entre os irmãos.

“*Por que o senhor é o único que opera o blindado*”, dissera-lhe Fiapo, antes de partir.

Como ele poderia prever que haveria um ataque?

Mais um enigma havia cruzado seu destino, mas Yohan deixaria isso para depois. Agora pretendia apenas saborear a pequena vitória. Por todos os lados, ele se deparava com um rosto feliz e aliviado, vibrando com a conquista.

— Por que estão comemorando?! — indagou Alanna, descendo as escadas.

Yohan, Canhoto e Frango já haviam deixado o tanque quando ela chegou. A mulher com cabelos cor de cobre andou até o meio do semicírculo que havia se formado em volta do blindado.

— Vocês não conseguem enxergar que esse ataque foi apenas o começo?!

Ela deixou a pergunta no ar e todos os homens se calaram, obedientes como uma criança diante de sua mãe.

— Vão todos para os seus alojamentos! — ordenou.

Os homens começaram a se deslocar para os dormitórios, cansados e satisfeitos.

— E você, *Mecânico*, quero que venha comigo — disse ela, olhando para Yohan. — Precisamos conversar.

Yohan aquiesceu e seguiu a nova comandante da Forja até a sua sala. No caminho entre os portões e o prédio principal, acompanhou o rebolar dos quadris de Alanna com um desejo crescente tomando conta do seu corpo. Ela passou a mão pelos cabelos para tirar um pouco da areia antes de entrar pela porta principal. Atravessaram o corredor e chegaram até a sala, onde ela o esperou ingressar para fechar a porta. Yohan aguardou de pé, ao lado da mesa, até que ela ficou na sua frente e deu-lhe um pequeno empurrão, acompanhado de um sorriso de canto, coisa rara naquele rosto.

— Poderia ter morrido, seu idiota!

Ele viu os lábios se movendo e não conseguiu evitar: agarrou-a pela blusa e atirou-a sobre a mesa, espalhando uma fina camada de areia sobre a madeira. Alanna o encarou com o queixo erguido e lábios entreabertos, puxando-o para si com as pernas. Ele a segurou pela nuca e as bocas se encaixaram em um beijo ansiosamente esperado.

Alanna abriu os botões do seu macacão enquanto ele arrancava a blusa dela. A mesa se tornou um palco para o espetáculo encenado pelo desejo. Os dois corpos

se uniram em uma dança envolvente, e o Deserto dos Mortos nunca fora tão quente quanto naquele momento.

Orfeu

As gaivotas voavam despreocupadas na orla da praia, descendo de tempos em tempos para bicar alguma carcaça de peixe trazida pelo mar. Orfeu acompanhou uma delas, que foi disputar alimento com outra que havia chegado primeiro. As duas se estranharam e abriram as asas emitindo grasnados de intimidação, enquanto giravam em volta do pequeno peixe que jazia na areia.

— Papai, você viu essa?! — chamou o menino, tirando sua atenção.

Orfeu virou sua cabeça na direção oposta, voltando-se para Miguel. Havia se distraído por segundos, mas foi o suficiente para perder seu filho jogando a tarrafa contra a onda do mar.

— Sim, Miguel. Muito bom! — mentiu.

— Você está mentindo! Estava olhando os passarinhos brigarem pelo peixe! — protestou o menino emburrado.

— Tudo bem. Eu me distraí, Miguel. Puxe a rede, vamos ver o que pegou.

Miguel puxou a corda vagorosamente, para sentir a vibração que poderia ser passada por algum peixe tentando fugir pela malha. Orfeu aproveitou para conferir o resultado da briga das gaivotas, mas as aves já haviam levantado voo e ele jamais saberia qual fora a vitoriosa.

— Eu senti! Tem um peixe nela! — Miguel estava eufórico.

O menino de apenas sete anos de idade estava aprendendo a pescar. Treinara com a tarrafa na areia por dias, com a promessa de que, quando conseguisse abri-la, poderia tentar no mar. Dominou a técnica de abrir a rede em um círculo perfeito e insistiu para seu pai acompanhá-lo numa tentativa em águas salgadas. Orfeu sabia que poderia demorar até ele pegar um peixe, mas promessa era promessa.

Espero que tenha pegado pelo menos um.

Ele era um homem ocupado e ficava constantemente preocupado com as provisões de sua comunidade. O dia mal havia começado na Montanha da Caveira e já tinha de distribuir os afazeres, acompanhar as colheitas, a criação dos animais e resolver problemas internos. Sua cabeça estava sempre em pleno funcionamento pensando nos compromissos e era natural que ficasse distraído às vezes. Miguel já havia puxado mais de metade da tarrafa para fora da água, enquanto enrolava a corda na mão esquerda. Orfeu se aproximou dele para conferir o resultado.

— E então, como se saiu?

— Ah... eu peguei um caranguejo! — Miguel torceu a boca, desapontado.

— Um caranguejo?

— Sim, olha!

Miguel ergueu a rede em direção a Orfeu, que fez uma cara de surpresa.

— O caranguejo é o mais difícil de pegar! Se você não tem a técnica certa, ele corta a rede com suas garras! — apertou várias vezes a barriga do filho com as mãos em formato de pinça.

Miguel começou a rir tentando se esquivar.

— Então posso levar ele?

— Claro que podemos, mas tome cuidado.

— Oba!

Oba digo eu.

Deixaram a praia, subindo o caminho pela encosta de pedras que levava até a comunidade localizada acima do monte rochoso. Era cedo e o sol nascia de forma tímida atrás das montanhas ao leste. Miguel ia à frente, olhando a tarrafa na ponta do braço esticado, como se fosse um troféu. Orfeu tinha de monitorar os passos distraídos do menino para que não tropeçasse nos degraus de pedra. A pele de seu filho, mais clara que a sua, combinava bem com os tons que o sol desenhava no céu do amanhecer. O caranguejo acinzentado se debatia na rede, contraindo e esticando todas as suas patas pontiagudas.

— Eu vou mostrar para todos os meus amigos!

— Podemos fazer um colar com a garra dele, se quiser.

— Sério?! — o menino olhou para ele, incrédulo com a possibilidade.

— Sério — devolveu, sorrindo. Havia tempos em que não via Miguel tão feliz e exaltado. — Mas antes vamos colocar alguma coisa na barriga.

— Oba! — o menino saiu correndo escadaria acima, ansioso para chegar em casa.

Orfeu pensou em censurá-lo, mas ultimamente havia tão poucas conquistas a serem comemoradas, que ele não queria estragar o momento de felicidade do filho.

Como pode um caranguejo fazê-lo tão feliz?

A constatação só reforçava o que sua companheira lhe dizia repetidamente: “A felicidade está nas coisas mais simples”.

Finalizando os degraus, que pareciam não ter fim, ele vislumbrou a comunidade da qual tanto gostava. As casas eram simples e pequenas, mas feitas com muito capricho. Exibiam cores fortes e marcantes, costume de seu povo, como ensinavam os antigos. Um dos homens tinha recentemente descoberto suas habilidades como carpinteiro e estava remodelando portas, janelas e tudo o que fosse composto de madeira. O sol havia avançado bastante naquele curto espaço de tempo e já tocava

a ponta dos telhados que desciam simetricamente em um ângulo suave. Poucas pessoas tinham iniciado suas atividades e podia-se contá-las nos dedos das mãos.

Sua casa ficava em um canto da pequena comunidade, mais próxima da grande parede de rocha. Se o mar se apresentava como um protetor ao oeste, a montanha imponente era outro, ao leste. A única forma de chegar até o resto do continente era por um conjunto de galerias formado no ventre da montanha em outros tempos. Havia sentinelas ao longo do túnel cuidando da proteção do local, mas, para quem não sabia da comunidade, a caverna era apenas uma caverna.

De longe ele identificou que a porta da sua casa estava aberta; Miguel parecia ser incapaz de fechar quando passava por ela. Alguns de seus vizinhos o cumprimentaram, sorridentes, enquanto abriam a porta para um novo dia. Orfeu acenou com a cabeça de volta. Ao entrar em sua residência deparou-se com duas figuras; a mais baixa era Miguel, ainda deslumbrado, e a outra era sua amada Maria. Ele cruzou o umbral da porta para envolver sua mulher com um abraço, beijando-a nos lábios.

— Achei que perderiam o desjejum — disse ela sorridente.

Maria tinha os cabelos loiros, olhos amendoados, pele clara como a areia da praia e uma boca tão grande quanto seu coração. Era positiva em todos os momentos e conversava com todos da comunidade. Orfeu era completamente diferente. Tinha pele negra, cabelos arrepiados com várias pequenas pontas em um estilo *dreadlocks* e a boca pequena escondida no meio da barba. Às vezes não entendia como ela tinha tanta paciência, mas reconhecia que sua mulher era um ser iluminado pela própria Virgem de Guadalupe. Qualquer um se sentia melhor em sua presença.

— Miguel deu uma tarrafada certa e buscou esse monstro da profundidade dos mares — disse Orfeu apontando para o caranguejo.

O crustáceo se debateu com mais obstinação, parecendo entender que era o assunto em questão.

— Quando ele chegou, achei que o coração dele ia sair pela boca — brincou Maria afagando os cabelos crespos de Miguel.

O menino sorriu com a afirmação e se encolheu, envergonhado. Maria puxou os bancos de madeira que estavam embaixo da mesa.

— Deixe a rede ali no canto, vamos comer agora.

— Mas, mãe, o caranguejo vai cortar a rede e fugir!

— Então o deixe de costas para a parede, ele só sabe andar para trás — disse Orfeu de forma sagaz.

— Sério?

— Sim — confirmou Maria.

O menino riu daquilo e colocou a rede com muito cuidado no canto da sala. Os três se acomodaram para fazer a primeira refeição do dia, quebrando o jejum com ovos mexidos, feijão, creme azedo e tortilhas de milho. Orfeu recheava a tortilha e a mergulhava no creme antes de cada mordida. Maria serviu as xícaras de porcelana com o café quente do bule. Miguel preferia o leite de vaca, também aquecido.

— Onde está a Skye?

— Saiu cedo em direção ao refúgio dela — respondeu Maria, enquanto montava uma tortilha para Miguel. — Disse que teve avanço em alguma coisa que não entendi bem o que era. Estava animada.

Orfeu sacudiu a cabeça e sorriu.

— Não sei quem está mais feliz: Skye com suas tralhas ou Miguel com seu caranguejo...

Miguel apontou o dedo, afirmando ser ele o mais animado. Conferiu se ainda não havia perdido o prisioneiro e devorou sua tortilha.

— Alguma notícia de Tomás? — perguntou Maria com a mão sobre o peito de forma sutil.

— Até ontem, nada. Mas já se passaram três dias, está na hora de retornarem.

— Rezo a Guadalupe todos os dias para que voltem bem — Maria fez o sinal da cruz. — Sabe-se lá o que tem depois da montanha.

Miguel repetiu o gesto para dar força à crença da mulher.

— Eles estão bem. Sabem se cuidar — Orfeu tentou tranquilizá-la.

— Há conselho hoje?

— Sim. À tarde.

Maria se levantou da mesa, recolhendo sua xícara para lavá-la. Aguardou Orfeu e Miguel finalizarem o desjejum para retirar o restante das coisas.

— Me avise se tiver notícias do Tomás.

— Aviso, sim — falou Orfeu, despedindo-se com outro beijo.

Antes de sair de casa, ajudou Miguel a soltar o caranguejo da rede. Arrancou as garras e esmagou-o com o calcanhar. Com auxílio de um prego, fez um furo em uma das pinças, passando um barbante para fazer o colar. Fez o mesmo na outra e entregou ao menino, dizendo que desse de presente para alguém que gostasse. Miguel prontamente colocou o seu colar no pescoço e saiu correndo pela porta, com o outro na mão. Orfeu sorriu e foi em direção à montanha.

Tinha o hábito de rezar todas as manhãs na gruta que fizeram especialmente para a Virgem de Guadalupe. Entrou no caminho cujas paredes e teto eram feitos de rocha fria e úmida. O túnel era iluminado com tochas que ardiam eternamente. Seguiu alguns passos, e a pele arrepiada com o frio da caverna recebeu o calor das várias velas distribuídas por aquele espaço sagrado.

Lembrava-se com clareza do dia em que os rapazes chegaram mais felizes que Miguel com seu caranguejo. Haviam atrasado dois dias do combinado e traziam entre dois a imagem da Virgem, feita de gesso. Orfeu sentiu vontade de censurá-los, mas a atitude era pura e benevolente. Fizeram uma festa e construíram a gruta em um canto na caverna que parecia existir exclusivamente para esse fim.

Rodeada de velas, Guadalupe tinha um olhar de serenidade. As mãos estavam unidas, como se ela também estivesse constantemente rezando por todos ali. Um manto azul-claro com estrelas douradas de oito pontas cobria-a dos pés à cabeça, por cima da túnica vermelha decorada com filigranas douradas. Sobre uma lua crescente e carregada por um querubim, Guadalupe era rodeada de uma aura que simbolizava os raios solares.

Orfeu se ajoelhou diante da virgem e rezou por toda a comunidade, sobretudo por Tomáz, seu primogênito, que ainda não havia retornado. Demorou o tempo que achou necessário para pedir as bênçãos de Guadalupe, beijou o pé da virgem e saiu da gruta. Avançou em direção à encosta da montanha, para a casa de madeira distante do povoado, onde ficava o que Skye chamava de laboratório. Caminhou sorrateiro pela varanda e viu, através da janela, sua filha debruçada sobre o balcão de madeira, manipulando alguns de seus componentes.

— Quem está aí? — ela perguntou sem se mover.

Orfeu ficou surpreso, tinha certeza de que não fizera nenhum barulho. Cruzou a porta e só então ela girou a cadeira na sua direção, erguendo as sobrancelhas em tom de acusação, rodeada de aparelhos, componentes e livros coloridos.

— Como sabia que eu estava chegando, filha? Tenho certeza de que não fiz barulho...

— Está vendo essa lâmpada vermelha? — Skye indicou uma das várias lâmpadas no painel sobre o balcão. — Fique observando.

Ela foi até a varanda, onde ele estava anteriormente, e a luz se acendeu como por um milagre. Orfeu ficou impressionado.

— Como você faz isso?

— Venha aqui — chamou ela.

Orfeu foi até a rua e Skye indicou um dos cantos da varanda, onde havia uma pequena caixa plástica escura apontada para eles. Trazia uma satisfação no rosto de pele clara e olhos escuros, emoldurado pelos cabelos lisos e negros.

— É um sensor de movimento — explicou ela. — Ele detecta quando alguém passa por algum lugar e envia um sinal que podemos conectar a uma lâmpada ou algo sonoro. Se eu conseguir cabo o suficiente para passar pelos túneis, não precisaremos mais de...

— Sentinelas! — completou Orfeu.

A moça apenas sorriu, feliz por ele ter acompanhado seu raciocínio. Apesar de jovem, era brilhante. Se não precisassem de sentinelas, teriam no mínimo dez homens a mais para fazer outras tarefas tão importantes quanto aquela.

— Incrível! O que mais descobriu aí?

— Bem, quase tudo que me trouxeram está oxidado, e eu ainda não sei como reverter isso.

— Oxidado?

— Enferrujado, pai.

— E o que significa?

— Que não passa corrente elétrica — disse ela com tristeza. — Está comprovado o que se dizia nos livros.

Orfeu pensou por um tempo, mas não conseguiu chegar ao mesmo ponto que ela desta vez. Conhecia muito sobre tarefas simples e braçais, pesca, agricultura, caça, mas esse tipo de tecnologia lhe exigia demais.

— Sua mãe disse que você não comeu nada antes de sair — tentou mudar de assunto para não denunciar sua ignorância.

— Comi uma maçã na vinda.

— Não fique sem comer, o desjejum...

— É a refeição mais importante do dia — Skye o interrompeu, revirando os olhos, completando uma de suas frases mais usadas.

— Sua mãe e eu nos importamos com você, minha filha.

— Eu sei, pai — falou ela envergonhada. — Vou comer mais, prometo.

Orfeu colocou a mão em seu rosto. A pele de Skye era muito parecida com a de Maria, fazendo um contraste com a sua pele negra. Beijou-lhe a testa com ternura e se virou em direção à porta.

— Seu irmão pegou um caranguejo. Dê os parabéns para ele.

Skye ergueu as duas sobrancelhas, admirada com a notícia.

— Alguém disse ao Miguel que eles mesmos se enrolam na rede? — sorriu.

— Não. Se contar, conto aos outros sobre a sua mágica — advertiu Orfeu apontando-lhe o indicador.

Skye respondeu com uma careta e voltou a atenção para seus aparatos tecnológicos. Orfeu não pôde evitar imaginar uma situação em que alguém acessaria o início dos túneis e uma luz se acenderia na sua casa, denunciando o invasor sem alardes.

Como ela descobre essas coisas?

Seguiu com a sua rotina diária: passou pela criação de galinhas, verificou como estavam as poucas vacas e porcos, foi até as plantações e descobriu que os tomates estavam começando a brotar. Conferiu a construção das novas residências e observou de longe os pescadores soltando redes no mar. Visitou Román, que estava

com uma febre que não queria ceder. O pobre senhor agonizava havia dois dias na cama, mas já apresentava indícios de melhora com uma infusão de ervas feita por sua mulher e logo deveria estar curado. Antes que pudesse perceber, já era meio-dia. Não soube dizer se foi pela posição do sol ou pelos protestos do estômago, mas era hora de almoçar.

Fez a refeição com Maria, Skye e Miguel. Sua filha parabenizou o irmão mais novo pela conquista, dizendo que agora ele era o responsável pelo sustento da casa. Miguel prometeu pegar uma baleia na próxima vez e ficou bravo quando todos riram. Após o almoço, Orfeu se dirigiu para o local onde eles faziam, pelo menos duas vezes na semana, a reunião do conselho, em que ele e mais quatro pessoas conversavam sobre assuntos pertinentes à comunidade. Naquele dia em particular, Orfeu não estava muito animado para a reunião, então esperava que fosse rápida.

Antes de chegar lá, passou pela parede dos antepassados, onde havia pinturas de caveiras coloridas simbolizando cada ente que havia deixado este plano para viver no mundo dos espíritos. Mais de cinquenta caveiras estavam pintadas na rocha, as cores e modelos eram os mais variados: brancas, pretas, amarelas, azuis, vermelhas e verdes, com flores, pedras preciosas e vários outros tipos de detalhes. Orfeu reconhecia cada uma das pessoas representadas e sentia um profundo respeito toda vez que passava por ali.

A sala onde a reunião acontecia era dentro da caverna, em um dos túneis que levava somente àquele espaço. Uma mesa de madeira, originada de um tronco de árvore, fora colocada no centro, rodeada de bancos feitos de pequenos troncos. Ele foi o primeiro a chegar. Aos poucos, seus conselheiros também foram chegando: José, um homem sábio com seus oitenta anos; Mercedes, parteira e curandeira da comunidade; Diego, responsável pela guarda e equipes de busca; e Maria Izabel, responsável pelas mulheres que cozinhavam e lavavam roupas.

Orfeu esperou que se ajeitassem nos bancos e começou com Diego.

— Alguma coisa para me contar, Diego?

— Os homens estão perguntando se poderão participar da celebração.

— Na verdade, tenho quase certeza de que poderão. Skye inventou algo, só temos de testar, mas acho que precisaremos de menos da metade dos homens dessa vez.

— Isso são boas notícias — disse Diego. — Skye sempre nos surpreende.

— Teve notícia deles? — perguntou Orfeu, atalhando o recorrente cortejo do comandante da guarda à sua filha.

— Orión viu um sinal ao nordeste, ontem à noite — respondeu Diego.

— Então estão quase chegando?

— Sim. Quase chegando.

— O que foram buscar, dessa vez? — perguntou Izabel.

Orfeu deu de ombros.

— De tudo um pouco.

— Se não vão com algo em mente, é tempo perdido — Izabel resmungou. — Acabam indo apenas tomar um ar e fumar um paieiro. Palha de milho não falta...

— Ajudaria se arranjassemos um carro, ou mesmo um caminhão — indicou José, sempre sensato.

— Vi os pescadores de longe, José. Como está sendo esta semana? — perguntou Orfeu, tentando mudar de assunto.

— Já tivemos dias melhores — respondeu José, usando seu bom e velho eufemismo. — A maré recuou e está ruim de pegar os fujões.

— Estamos com pouca carne! Se vocês não conseguem pegar peixes, precisaremos matar uma das vacas! — protestou Izabel.

— Poderia guardar suas reclamações só por hoje, Izabel? — pediu Orfeu. — Mercedes, como está seu abastecimento de ervas medicinais? — atirou outra pergunta a esmo para passar o tempo.

— Estou sem agrião, valeriana, guaco, jaborandi e alcaçuz — falou Mercedes com certo pesar.

— O que você tem então? — retrucou Izabel. — Não temos carne, ervas e os garotos estão por aí fumando um paieiro.

Orfeu sentiu o sangue subir. Não tinha a intenção de ser ignorante, mas não toleraria insultos de uma lavadeira. Antes mesmo que pudesse responder, um dos sentinelas apareceu na entrada da sala. Orfeu não tirou os olhos do homem ofegante.

— Chegaram?

— Sim — respondeu ele —, mas vocês precisam vir comigo.

— O que aconteceu? — Orfeu se levantou do banco sem notar. Ficou preocupado com o desespero do sentinela.

— Vimos de longe; só estão voltando Tomáz, Aquino e Ramon.

— Rojo e Soza? — perguntou Diego.

— Não sabemos...

— Terminamos aqui — disse Orfeu para Mercedes, José e Maria Izabel. — Diego, vamos.

Diego, o sentinela e ele foram correndo até a entrada da montanha para recepcionar os homens que saíam em buscas de suprimentos nas cidades vizinhas devastadas. No local, Orfeu confirmou a informação do homem de Diego: dos cinco que saíram apenas três estavam retornando.

Tomáz, vendo seu pai, adiantou-se para um afetuoso abraço. Orfeu apertou o filho entre os braços, segurou-o pelos ombros e o analisou. Ele estava com um hematoma no rosto, próximo à têmpora, fazendo-o ficar com seu olho semiaberto.

— Achei que não o veria novamente — disse Tomáz.

— Aonde foram?

— Até próximo de Ruínas.

— Por que tão longe? — a pergunta de Orfeu soou quase em tom de acusação. Tomáz não se abalou.

— Já pegamos tudo o que havia na volta. Temos de ir mais longe.

Aquino e Ramon chegaram e estavam em um estado tão lastimável quanto o filho, como se os três tivessem sido sapateados por um touro bravo.

— Onde estão Soza e Rojo, filho?

Os três recém-chegados se olharam com ar de dúvida.

— Conte a ele, Tomáz! — disse Ramon.

— Me contar o quê?

Orfeu estava preocupado com o desaparecimento de dois dos seus homens e com o estado em que os outros se apresentaram. Tomáz hesitou.

— Anda, Tomáz. Conta pra ele! — insistiu Aquino.

Orfeu segurou seu filho pelos ombros, encarando-o diretamente nos olhos.

— Tomáz... o que aconteceu?

— Pai... você não vai acreditar... alguém os pegou.

Dante

A música combinava com a estrada, combinava com a brisa que passava por ele e combinava até com Johnny. Após uma bela introdução da bateria, as guitarras entraram com seus riffs e solos, uma fazendo a base mais grave, enquanto a outra trabalhava nos acordes agudos. Logo o vocalista assumiu o microfone e Dante o acompanhou, afinal estava feliz.

— Eu preciso de um pouco... — cantava enquanto batia uma das mãos no volante, no ritmo da música. — Do que você tem, oh, é tão doce...

Dante movimentou a cabeça acompanhando o ritmo, despreocupado com a estrada deserta. O braço esquerdo repousava sobre a porta. O asfalto se estendia muito à sua frente, cercado por uma pequena faixa de terra que logo dava lugar aos mais variados tipos de árvores. Umas altas, com a copa espalhada em pequenos galhos derivados do topo do caule, outras com a copa mais densa desde a base. No horizonte, algumas montanhas imponentes repousavam sob um céu azul, com poucas nuvens. Mas, diferentemente das montanhas situadas próximo ao deserto, essas eram revestidas com um manto de vegetação.

Se Dante fumasse, certamente acenderia um cigarro para homenagear a bela visão que tinha, quase mais linda do que o corpo da mais bela mulher com quem já esteve.

— Me dê todo o seu amor, todos os seus abraços e beijos também! Becca! — acompanhou o refrão da música, que não continha o nome da moça, adicionado na sua versão da música.

Ah, que vontade de ver Becca... Acho que estou apaixonado.

Dante sorriu, divertido. A moça ruiva havia chamado sua atenção desde que a vira na casa de Irene. Se não fosse sua busca por Isaac, teria perdido mais um dia por lá. Mas Becca não escaparia, pois ele fez uma promessa de que viveria o suficiente para provar da *timidez* da moça.

Avistou um homem que se arrastava com a sua carroça no meio da estrada. Puxou suavemente o volante para a direita, fazendo Johnny desviar do veículo primitivo de madeira. Ia seguir viagem, mas pensou em pedir informação, para ter a certeza de que estava indo no caminho certo. Virou o volante com a mão esquerda, enquanto puxava o freio de mão com a direita. Johnny deslizou as rodas no asfalto castigado pelo sol, fazendo uma meia-volta e ficando de lado na estrada.

Quando Dante desceu do carro, o velho homem na carroça encarava-o com os olhos apavorados. Havia puxado as rédeas do cavalo, fazendo-o parar.

— Olá, meu bom senhor! — disse caminhando em direção à carroça.

— Quem é você e o que você quer? — rebateu o velho encolhendo-se.

— Meu nome é Dante. Fique tranquilo, não vou roubá-lo. Só quero uma informação.

E roubar o quê?

O homem não pareceu mais aliviado com a afirmação, mantendo seu olhar de desconfiança. Esperou ele falar.

— Preciso chegar até... — pensou, levando a mão à testa. — O Vilarejo do Cachorro Sentado? Isso existe?

O homem piscou os olhos devagar. Tinha barba branca e cabelo apenas nas têmporas. Apontou contra Dante, indicando a estrada no sentido em que ele já estava indo.

— Sim. Mais alguns quilômetros e você vai encontrar uma bifurcação. Pegue à direita e logo você vai chegar.

— E Cassino?

O velho pareceu confuso.

— Acho que mais ao norte, mas não sei ao certo.

Esse velho está mais perdido que o caipira num bordel.

— Para onde você vai, vovô?

— Por que quer saber?! — o velho se encolheu de novo.

Dante fez uma cara de insatisfação. Puxou do bolso uma moeda de cobre, caminhou até o velho e a entregou. O homem sorriu vendo a moeda. Tinha mais dedos em uma mão do que dentes na boca. Dante suprimiu um sorriso.

— Pra que isso? — o velho ainda estava desconfiado.

— Pela informação...

Ou para comprar uma dúzia de dentes.

— Deus o acompanhe — agradeceu o homem erguendo a moeda.

Dante virou as costas e caminhou até o carro que não havia parado de tocar a música vibrante de que ele tanto gostava.

— Ei, vovô! — gritou da porta, e o homem voltou sua atenção a ele. — Gosta de rock?

Observando o rosto confuso do velho, Dante sorriu, deu partida no carro e seguiu seu caminho. Conforme ele havia indicado, mais alguns quilômetros rodados e logo a bifurcação surgiu na sua frente. A estrada da esquerda seguia suave, como uma continuação do caminho de onde viera. Já à direita, uma curva mais acentuada alterava sua rota, levando-o a outro lugar. Dante percorreu os últimos acontecimentos em sua cabeça, pensando sobre quantas vezes essa

bifurcação havia metaforicamente surgido em seu caminho, alterando seu destino drasticamente.

Agora trabalho até para o Corvo.

Uma música mais melódica tomou lugar da outra quando ele acessou a bifurcação. As guitarras tocavam acordes menos rasgados e mais dedilhados. Foi impossível não ficar pensando em tudo o que ele havia descoberto em uma única reunião. Dante se considerava bem informado e percebeu que estava alienado a uma série de acontecimentos cruciais que colocariam em risco tudo o que ele conhecia. A revelação do Corvo sobre quem ele era fora algo que o surpreendera bastante.

Maldito filho da puta!

Após revelar sua identidade, Corvo contara um pouco mais sobre sua história, convencendo a Isaac e a ele sobre suas intenções. Distribuíra tarefas aos seus subordinados, abrindo um mapa sobre a mesa e enviando um para cada canto. Seu plano era alertar as cidades e os pequenos vilarejos dos ataques iminentes. Fox ficara responsável pela região sul, Comediante pela área central e o homem magro, chamado de Fiapo, tinha alguma missão mais ao norte. Corvo levaria Isaac até o laboratório que fora mencionado.

E eu tenho que dar uma carona...

Ao receber sua tarefa, acompanhada de duas baterias, Dante ficara aborrecido. Era como se não confiassem nele. Quando Corvo explicara que queria mantê-lo afastado o suficiente do Chacal e do Negociador, fizera bastante sentido. O homem não era apenas um exímio assassino, mas também um excelente estrategista.

“Dante, quero que vá ao Vilarejo do Cachorro Sentado e procure por um homem chamado Malcolm.”, dissera Corvo.

“Como vou achar ele?”, perguntara Dante.

“Ele vai achar você.”

“E depois que ele me achar?”

“Entregue isto a ele e deixe-o no Cassino.”

“E para que servem estas baterias?”

“Não se livre delas. Vai precisar.”

“Quer que eu entregue um recado, dê uma carona e o que mais? Quer que o cubra para dormir?”, Dante debochava.

Corvo ignorara sua provocação e apenas sorria.

“Você receberá instruções”, limitara-se a responder.

Você receberá instruções...

Repetiu as palavras na sua mente. Dante não era o tipo de pessoa que *recebia* instruções. Gostava de ter uma visão ampla de toda a situação, e a partir daí decidir

qual seria o seu papel. Porém, como estava com muitas dívidas e poucas opções, preferira entrar no jogo.

Acessando à direita, na bifurcação, o asfalto deu lugar a uma estrada de terra totalmente irregular. Buracos e elevações sacudiam Johnny, que implorava, a cada rangido do amortecimento, para que aquilo terminasse. O caminho era estreito, quase fechado pelo capim alto vindo pelas laterais. Duas músicas depois e Dante finalmente chegou ao vilarejo.

O lugar consistia em praticamente uma única rua, muito larga e coberta por areia. No final dela, uma rotatória enorme servia de base para uma árvore ainda maior. Do início da rua até a árvore, Dante perdeu as contas de quantos cachorros havia ali, entendendo a origem do nome. Os animais destinaram a atenção para o carro, sacudindo os rabos contentes com o visitante.

Dante parou Johnny próximo à primeira casa que encontrou. Desceu do carro e avaliou tudo à sua volta. Algumas pessoas estavam reunidas próximo à rotatória onde um tipo de artista fazia algum espetáculo. Estavam relativamente distantes para que ele conseguisse distinguir com clareza, então preferiu deixar de lado e procurar pelo homem que fora encarregado de encontrar. Alguns dos cachorros vieram farejando até perto de Johnny, e Dante teve de afugentá-los para que não marcassem território nos pneus do carro. Caminhou em direção à primeira casa, que era construída miseravelmente com barro e tijolos. A porta estava aberta e ele não teve dificuldades para entrar.

— Olá? — chamou da porta, aguardando respostas.

Quem em sã consciência acabaria num vilarejo destes?

O ambiente precário era mobiliado com uma cadeira feita de madeira podre e uma pequena mesa empoeirada. As paredes pareciam estar de pé apenas pela força de vontade. Dante tinha dúvidas sobre sua missão, estava cético sobre quem era esse Malcolm e por que ele acabaria naquele lugar.

— Alguém aí? — chamou da porta, aguardando respostas.

— Sim... — veio uma voz além do umbral que dividia a sala do restante da casa.

Dante aguardava paciente quando um homem de idade avançada passou pela porta. Tinha barba branca, cabelo apenas nas têmporas e um rosto muito conhecido.

— Você tem algum irmão? — perguntou Dante, incrédulo.

— Não... — respondeu o velho, desconfiado.

— Só um momento... — pediu Dante, saindo da casa para procurar pela carroça em que o vira pela primeira vez.

Na rua, havia apenas uma quantidade enorme de cachorros rodeando Johnny. Dante afastou-os novamente, perguntando-se se a carroça do velho fora mais

rápida que seu Dodge Challenger.

Será que você é que não é mais o mesmo, ou o cavalo do velho que é de alta octanagem?

— Talvez o senhor tenha um parente muito parecido então? — perguntou ao velho, que aguardou seu retorno.

— Não... — respondeu o homem franzindo uma sobrancelha. — Do que precisa?

Ainda confuso, Dante tentou recompor seus pensamentos.

— Procuro por um homem chamado Malcolm. Você o conhece?

O homem puxou um papel do bolso, um pacote de fumo e preparou o cigarro como se Dante simplesmente não tivesse perguntado nada. Saiu da sala e retornou com o cigarro aceso, dando pequenas baforadas. Olhou Dante na porta ainda perplexo.

— O que você quer? — perguntou o velho desconfiado.

Esse homem é louco!

— Procuro um homem chamado Malcolm — respondeu Dante calmamente. — O senhor o conhece?

O velho o encarou enquanto tragava o cigarro. Engasgou com a fumaça e tossiu com força, como se fosse cuspir o pulmão.

— Não — respondeu secamente. — Vá procurar em outro lugar.

Dante franziu o cenho e saiu da casa, mas não antes de apontar o dedo médio para o velho, que apenas fez uma cara de surpresa com o gesto.

Só perdi tempo com esse velho doente!

Olhou para o outro lado da rua, para a próxima casa. Parecia estar a um quilômetro de distância. Era como se os vizinhos não se suportassem, mas não houvesse outro lugar no mundo para morar. Caminhou em passos largos até ela. Estava vazia. Decidiu ir à casa ao lado, com uma escolta de cachorros a acompanhá-lo.

Quem dá comida a esses bichos?

Entrou no casebre, procurando sinais de vida. Em um sofá empoeirado, um velho repousava, com os olhos fechados, a cabeça deitada sobre um encosto, e os pés sobre o outro.

Acho que eu é que estou ficando louco...

— Você de novo?! — perguntou quase em tom de acusação.

O velho abriu lentamente os olhos e o encarou com paciência.

— Por acaso eu te conheço? — devolveu a pergunta e voltou a fechar os olhos.

— Você estava agora na outra casa, lá do outro lado do mundo, fumando um cigarro — disse apontando para o primeiro lugar em que fora verificar.

— O que está acontecendo aqui? — veio uma terceira voz de dentro de um dos cômodos na casa.

Pela porta passou outro velho, com barba branca e cabelo apenas nas têmporas. Encarou Dante com um sorriso contendo o mesmo punhado de dentes.

Mas que porra é essa?

— Mas que porra é essa?! — foi difícil não transformar o pensamento em palavras.

Os dois velhos idênticos olharam assustados para ele.

— Estou cansado desta merda! Vocês vão me dizer onde está o Malcolm, ou eu vou meter bala em todo mundo!

Levou a mão às costas, fingindo que puxaria um revólver. O primeiro homem, deitado no sofá, encolheu-se enquanto o segundo veio em sua direção com as mãos à frente pedindo calma.

— Não atire! Não atire! — sua voz tremia. — Malcolm está lá na árvore! Está lá na árvore!

Uma bala sempre convence...

— Deixe-me adivinhar... é mais um de vocês? — Não esperou que respondessem e saiu pela porta.

Os cachorros seguiram com ele em sua jornada, como bons companheiros que eram, magricelos, com as costelas aparentes sob a pele escassa de pelos, abanando os seus rabos, alegres com a companhia de alguém diferente. Dante caminhou com passos decididos até a árvore. Nos dois lados das ruas, as portas iam-se abrindo e mais cópias daquele velho surgiam. Todos curiosos com o novo visitante.

Mas que merda está acontecendo aqui...

Na rotatória que sustentava a grande árvore, um homem fazia um truque com cartas para uma plateia formada por não mais que dez pessoas. Como ele esperava, conforme chegou mais perto, identificou que todas as pessoas ali eram exatamente a mesma.

Eu mereço...

Dante deu um suspiro cansado.

— Eu estou procurando por Malcolm. Algum de vocês é Malcolm?

— Eu sou Malcolm — falou o homem que comandava o truque.

Até que enfim, pensou Dante aliviado.

— Mas... — falou o velho embaralhando as cartas.

— Mas o quê?

— Ele também é Malcolm. Aquele ali também é Malcolm. E aquele. E esse. E aquele ali... — completou apontando para todos na plateia.

— E qual é o verdadeiro? — questionou Dante, pensando que ameaçá-los de morte não funcionaria desta vez.

— Depende de quem pergunta... — disse o homem.

— Quem sou eu? — rebateu Dante. — Ora. Eu também sou o maldito Malcolm! Somente estou menos castigado pelo tempo!

Todos os Malcolms riram ao mesmo tempo e Dante achou muito estranho.

— Você é o único que faz truques por aqui — disse ele ao homem que segurava as cartas. — Meu palpite é de que o verdadeiro Malcolm é você.

O velho parou de embaralhar as cartas e riu.

— Não sou eu quem faz os truques, Dante — disse sério. — Na verdade... o truque já aconteceu.

Ele apontou na direção de Johnny, que estava próximo à entrada do vilarejo. Dante observou de longe a carroça vagarosa que ele havia encontrado na estrada chegando sem qualquer pressa.

O truque já aconteceu...

Foi ao encontro do homem sorridente ao qual havia entregado uma moeda. Os cachorros continuavam acompanhando-no, assim como os olhares curiosos das portas. Quando foi chegando perto, o velho abriu o sorriso desprovido de dentes.

— Parece que achou o que procurava.

— Parece que eu nem tinha de vir até aqui — devolveu Dante.

— Depende do que procura.

Dante levou a mão até o bolso da jaqueta e puxou um papel enrolado, erguendo-o na direção do velho.

— Procuro o homem a quem devo entregar isto. Que se chama Malcolm. Seria você?

O homem esticou a mão e pegou o bilhete. Os cachorros farejavam a carroça e o cavalo, que não se importou com os animais magricelos. Com a cabeça baixa, o velho leu a mensagem. Ergueu os olhos para encará-lo e devolveu sua atenção ao pequeno pedaço de papel.

— Sim. Sou eu.

— E por que não me disse antes, lá na estrada? — perguntou Dante com indignação.

— Porque você não perguntou quem eu era, apenas onde ficava o vilarejo — deu de ombros.

Os outros moradores foram chegando perto da carroça e, aos poucos, já eram tão numerosos quanto os cachorros. O Malcolm da carroça então levou a mão à nuca e puxou para frente. Debaixo de uma máscara, um rosto mais jovem e sorridente encarava Dante de volta. Logo os outros foram tirando suas máscaras, revelando serem pessoas diferentes, algumas com a pele mais clara e outras mais escuras, mas todas disfarçadas sob aquele rosto velho.

— E você, não vai tirar a máscara? — perguntou ao homem que segurava as cartas.

— Esse é o Hector — disse Malcolm. — Ele foi o modelo para criarmos as máscaras.

E que tal uma para ele?

— Ficaram idênticas — limitou-se a dizer. — Você vem comigo? — perguntou a Malcolm.

— Claro... É o que diz o bilhete, não é? — disse Malcolm.

— Não sei. Não li.

— Claro que não... vou pegar minhas coisas.

Dante ficou sentado no capô de Johnny enquanto aguardava o homem que fora buscar. Contou treze cachorros pretos, vinte marrons, oito de pele mais clara e cinco com pelo branco com manchas pretas.

Será que, se dois cachorros pretos cruzarem, pode sair um branco?

Dante decidiu que guardaria essa pergunta extremamente inteligente para Isaac.

Espero que cheguem bem, seja lá onde for.

Malcolm veio caminhando em direção ao carro com uma mochila grande, o cabelo curto amarrado em um coque, uma camisa branca e uma jaqueta jeans por cima, cheio de atitude. Tinha a barba rala e os traços do rosto eram finos. Dante entrou no carro e Malcolm o acompanhou. Quando saíram do pequeno vilarejo, ele viu seu passageiro com muita empolgação no olhar, vislumbrando o horizonte. Estavam no meio da tarde e o dia permanecia bonito. O céu estava limpo e apenas algumas nuvens vagavam sem destino.

— Quem você é, Malcolm? Um mágico? Um ilusionista?

Malcolm viajava confortável no banco levemente deitado para trás, com uma das pernas encolhidas.

— Gosto de pensar que sou uma carta que se encaixa em qualquer baralho, que pode ser usada a qualquer momento.

— Como um curinga?

— Sim — concordou ele pensativo. — Como um curinga.

— Por que me esperar naquele vilarejo?

— Está brincando? Quem me procuraria lá?

Faz sentido, ponderou Dante.

— Conhece o Corvo há bastante tempo?

— Na verdade, não — confessou o homem.

— E o que fez com que ele ganhasse sua confiança?

— O que fez ele ganhar a sua? — Malcolm rebateu a pergunta, desconfortável com as indagações.

Talvez o fato de ficar longe de uns quatro ou cinco cobradores...

— Um propósito — mentiu.
— Sim... — concordou Malcolm. — Um propósito...
— Ele não vai te pagar nada?
— Não estou nessa por dinheiro. Quero só uma chance de fazer o maior truque de todos.

Não duvidaria, o cara é bom.

— Eu percebi que eram máscaras — mentiu Dante, com ar de inteligência.

— Claro que percebeu... — respondeu Malcolm sorrindo.

A viagem até Cassino não demorou muito tempo. Isso para Johnny; de carroça levaria dias. Malcolm foi lhe ensinando pequenos truques com cartas e Dante decidiu que gostava do homem. Ele tinha uma habilidade impressionante para o ilusionismo, trocando as cartas rapidamente e fazendo-as aparecer onde queria.

— Você estava me esperando na estrada? — perguntou pensando no plano do homem.

— Estava — confidenciou Malcolm.

— Se eu mentisse meu nome, me indicaria o caminho errado?

— Não foi pelo nome. Foi pelo carro.

Johnny?

— De onde conhece esse carro?

— De onde? Eu ajudei a roubá-lo!

Não brinca...

— Não me diga que o fez sumir e aparecer em outro lugar?! — perguntou Dante rindo.

— Quase isso! — respondeu Malcolm com um meio sorriso.

Putá que pariu!

As luzes de Cassino chamaram a atenção dos dois, criando um contraste com a noite que começava a chegar, parando a conversa instantaneamente. Com altos muros e um grande letreiro com o nome da cidade, exibia glamour com homens bem vestidos recebendo os novos clientes.

— Já estive aqui? — perguntou Malcolm.

— Não... — respondeu Dante.

“Nunca vá até Cassino.” Lembrou-se das palavras de Irene.

— Você ia gostar. Foi feita para pessoas como nós — falou ele animado, colocando a cabeça para fora da janela para observar melhor.

Pararam Johnny perto da entrada, e Malcolm desceu com sua mochila.

— Então é isso? — Malcolm perguntou a Dante, escorado com os cotovelos na janela da porta do passageiro.

— Então é isso...

— O que vai fazer agora, Dante? — perguntou curioso.

Aguardar instruções... ir acertar minhas contas... não sei, são tantas opções.

— Na verdade, pensei em só dirigir por aí... — respondeu evasivo.

— Ah! Pare com isso! — rebateu Malcolm. — Venha e passe uma noite no Cassino comigo!

Dante hesitou. Não costumava hesitar.

— Vamos lá! Eu pago tudo para você! — insistiu Malcolm, animado. — Duvido que tenha coisa melhor para fazer!

Na verdade não tenho nada para fazer.

— Já que insiste... eu aceito. — respondeu empolgado. — Que mal pode ter?

Alan

As rodas da carroça giravam bem devagar, conforme Alan ditava o ritmo do cavalo pelas rédeas. Tinha de ser cauteloso para preservar a coluna de sua mãe, e o terreno não colaborava muito. Havia muitas pedras salientes e sulcos formados na terra pela água corrente da chuva, causando impactos e trepidações na carroça, que já não estava uma maravilha.

— Mas que droga esta estrada! — reclamou a esmo.

— Pode ir devagar, filho. Não temos pressa — disse Dorothy, sua mãe.

— Mas também não temos a vida toda, né, mãe?!

Dorothy não quis rebater a reclamação do filho, como senhora gentil que era. Apenas esticou sua mão e massageou o ombro tenso dele. Alan não ficou menos indignado com isso, mas resolveu não reclamar mais. Além disso, se fosse mais rápido, poderia quebrar a roda da carroça, como já havia acontecido algumas vezes.

Estavam chegando ao conjunto de fazendas onde moravam desde que ele era menino. A vida era tranquila e sem grandes emoções. Alan preferia assim, gostava da rotina e de quando as coisas davam certo. Ele e seu pai preparavam a terra, plantavam, cultivavam, colhiam, vendiam e com isso prosperavam. Não precisava ser diferente.

— Você viu que a filha da Irina estava te paquerando? — perguntou Dorothy com um meio-sorriso.

Alan ficou envergonhado com a afirmação e enrubescceu.

— Não vi, mãe. Tinha como prestar atenção em alguma coisa com aquele calor?!

— Eu acho que ela gosta de você...

— Ela é feia, mãe! Tem a cara comprida igual à de Rob — disse apontando para o cavalo à frente da carroça.

— Não seja maldoso, Alan! — repreendeu Dorothy. — Você tem que parar de achar defeitos em toda moça que quer te conhecer.

— Eu não faço isso!

— Claro que faz — teimou Dorothy com ternura.

— Não são defeitos! São coisas que não dá pra ignorar.

— Filha da Ulma? — perguntou ela.

— Muito magra!
— Neta da Elaria?
— Com aquele nariz?!
— Filha da Francisca?
— Ela só tem metade dos dentes, mãe!
— E a filha da Antonieta?

Alan revirou os olhos.

— Eu não preciso de ninguém! Estou feliz assim! — fez uma pausa. — A filha da Antonieta tem algum problema na cabeça. Pare de tentar me arrumar casamentos, mãe!

No horizonte, um grupo de pássaros voava em direção ao pôr do sol. Tudo que podia ser escutado era o atrito da carroça no solo de areia e pedras.

— Tudo bem... — respondeu Dorothy. — Mas tem alguma que você goste?

— Não, mãe — disse Alan triste.

Quem eu gostava já se foi, assassinada pelo homem que ela decidiu amar.

— Você tem que seguir em frente, filho... — Dorothy quase sempre lia seus pensamentos. — Logo eu e seu pai...

— Pode parar, mãe! Não venha de novo com essa conversa de que devo me casar porque vocês vão morrer e vou ficar sozinho.

— Mas é verdade...

— Não me interessa! Você e o pai vão viver muito ainda! É a única coisa que eu peço quando vamos à maldita igreja!

Dorothy calou-se mais uma vez. Uma das várias pausas que ela fazia pelo caminho, para logo voltar a falar como se não houvessem conversado a viagem toda.

— Mas e quanto à filha da Helena? Ela é bonita, tem todos os dentes, nariz pequeno, não é magra...

— Mãe! — interrompeu revirando os olhos novamente.

Seguiram pelo trajeto, avançando com dificuldade. Chovera havia alguns dias e precisariam reunir os cavalos das redondezas para que pudessem arrumar a estrada com os arados. Passaram pela casa de Thomas e Evelyn, pais de Ethan. O terreno destinado ao plantio apresentava o solo negro que o incêndio deixara. A casa estava intacta, mas aberta e completamente abandonada. Sua mãe acompanhou o seu olhar.

— Para onde acha que ele foi? — perguntou Dorothy, colocando a mão no ombro de Alan novamente.

— Tanto faz... espero que tenha morrido!

— Alan! — Dorothy fez o sinal da cruz.

Ele ignorou a objeção da mãe. Seu desejo era que Ethan estivesse mesmo morto, pelo mal que causara a Olivia.

Finalmente os dois chegaram à fazenda. Joe estava sentado na escada da varanda lateral, manuseando sua antiga carabina de repetição calibre 38. A figueira se mantinha majestosa, fornecendo sua sombra sem pedir nada em troca. Vendo a carroça entrar na estrada sobre a grama verde, Joe se animou e acenou com uma das mãos.

Alan manejou as rédeas e Rob puxou a carroça até próximo do estábulo. Era um bom cavalo, paciente e inteligente, parecia conhecer a necessidade das pessoas a quem servia. Diferente dos outros três cavalos que já tiveram, todos chamados Rob. Ele foi até a varanda e buscou a pequena escada de madeira que sua mãe usava para descer da carroça. Era pesada, mas sem isso era quase uma tarefa impossível para ela. Quando as dores na coluna começaram, ele e seu pai fizeram duas escadas e deixaram a segunda na igreja.

— Por que está mexendo nessa arma, Joe? — perguntou Dorothy.

— Segurança.

— Segurança? — perguntou Alan.

— Gerald veio falar comigo — disse o velho. — Ele disse que Patrick disse que a filha do velho Monroe sumiu há três semanas e ninguém está achando ela.

— Que Deus a proteja! — falou Dorothy fazendo o sinal da cruz.

— O que isso tem a ver com a carabina, pai?

— Gerald disse que o Walter disse que viu alguma movimentação na plantação à noite — Joe puxou a alavanca abaixo do gatilho, ejetando uma das munições, e inspecionou a mira. — Pela manhã havia um maldito coioote morto na porta deles.

— Isso pode ter sido alguma brincadeira dos garotos da cidade, pai — Alan começou a tirar os arreios do cavalo.

— Aqui eles não vão brincar!

— Guarde essa arma, Joe. Ainda vai matar alguém por acidente — disse Dorothy com preocupação.

— Esqueça isso, Dothy — disse o velho finalizando a limpeza da carabina. — Como estava a missa?

— O padre Joseph perguntou de você! — disse Alan.

— Mesmo? — Joe estava incrédulo.

— Sim — confirmou Dorothy. — Eu disse que você estava velho e ranzinza, e estava trocando Deus pelo cigarro de palha.

— Não é verdade! — reclamou Joe. — Eu só não quis ir hoje.

— E na semana passada — recordou Dorothy. — E na outra...

Joe começou a inventar um punhado de desculpas e Alan riu. Dorothy sempre os cobrava para que fossem à missa, pedir a Deus por misericórdia. Mas ultimamente

seu pai não tinha mais paciência para a cerimônia arrastada, preferia ficar nas lidas do campo. Joe finalizou o trabalho na arma e puxou do bolso uma palha de milho e o pacote de fumo para fazer um cigarro. Dorothy se sentou na cadeira que tinha na varanda e Alan estava quase finalizando a desmontagem dos acessórios do cavalo.

— O que foi que perdi? — perguntou Joe olhando para a esposa, por cima do ombro, enquanto enrolava a palha de milho seca.

— Hoje o padre falou sobre se doar a Deus e estar mais presente na igreja — disse Dorothy.

— Foi? — perguntou Joe olhando para Alan.

— Foi.

— Hum — desdenhou Joe. — Ele disse isso porque a igreja está perdendo gente para o novo pastor que vem fazendo pregações. Dizem que é iluminado, que tem músicos e consegue até saber o que vai acontecer com as pessoas.

— Quem disse? — quis saber Dorothy.

— Gerald disse que ouviu na cidade — falou Joe. — Parece que em alguns dias ele fará uma de suas pregações aqui.

— Parece que Gerald está com tempo para fofocar...

— Podemos ir, mãe? — quis saber Alan com interesse.

Dorothy foi pega de surpresa.

— Achei que gostasse da missa do Padre Joseph...

— Eu gosto — disse Alan. — Só queria ver o que diz esse outro padre.

Na verdade, ele considerava a missa do padre Joseph cansativa e demorada. Não havia músicas, apenas orações e leituras feitas pelas senhoras da cidade com suas vozes lamuriosas. Dorothy fez uma expressão de desapontamento, mas não disse que não iria.

— Eu vou com você, Alan — disse seu pai.

Alan ficou satisfeito e terminou de organizar as coisas da carroça. Tratou os animais, escovou o pelo de Rob, cortou um pouco de lenha e foi tomar um banho para o jantar. A noite já havia chegado e uma brisa agradável vagava pelas fazendas, dividindo a disputa pela quebra do silêncio com o coaxar dos sapos e o cricrilar dos grilos.

Ele desceu as escadas para jantar sob a luz das lamparinas, fixadas nas grandes toras de madeira que davam a sustentação ao teto da casa. O fogão a lenha estava aceso e emitia calor. Seu pai alimentava-o constantemente, colocando pedaços de madeira no compartimento destinado a isso, mais por gostar do que por necessidade. Quando Alan chegou à mesa, Dorothy estava repreendendo seu pai.

— Joe, está quente hoje. Não precisa colocar tanta lenha.

Joe pegou outro toco de madeira partida, sem se abalar. Em uma das mãos segurava seu cigarro de palha, dando pequenas tragadas de vez em quando.

Dorothy olhou para Alan, balançando a cabeça em uma negativa com um olhar divertido. Ela sentia muito calor, mas Alan jamais a vira desrespeitar seu pai.

— Pai, está quente! Não precisa de tanto fogo, a mãe sente calor!

Joe olhou para ele. Seus olhos saltaram para sua mãe e de novo para ele.

— Tudo bem — deu-se por vencido. — Deixamos queimar o que está e depois eu não coloco mais — decretou enquanto atirava mais cinco pedaços para dentro do fogão.

Alan apenas olhou para Dorothy, que sorriu, já acostumada com o homem que escolhera amar. Sentaram-se todos à mesa para a ceia, que tinha carne de porco, batatas, milho cozido e macarrão caseiro. O tempero de sua mãe era excelente e Alan salivava apenas de sentir o cheiro da refeição durante o preparo.

— Que saudade desse macarrão! — disse Alan enquanto enrolava os fios no garfo.

Joe limpou a boca com as costas da mão esquerda.

— A última vez que você fez foi... — disse o velho, tentando se lembrar.

No dia em que Olívia morreu...

Um silêncio pairou sobre a mesa. Dorothy olhou para Alan, que abaixou a cabeça, e dirigiu um olhar furioso ao marido, que por sua vez tentou reparar o erro.

— Eu acho que foi naquele dia que fomos até a cachoeira! Você se lembra, Alan?

— Pai, não precisa fazer isso. Estou bem.

— Todos que a conheciam estão tristes, Alan. Pense nas crianças que ela dava aula. Muitas não tinham pais, e Olivia era o mais perto de uma mãe que elas tinham. Agora estão perdidas no mundo — disse Dorothy com pesar.

Joe parou a colherada na metade do trajeto.

— Isso não quer dizer nada, Dothy. Ethan teve pai e mãe, e olha o que ele fez. Onde ele está agora?

— Pobre rapaz... — Dorothy fez o sinal da cruz. — O Padre Joseph disse que ele partiu em busca de vingança. Rezo por ele todas as noites, para que se arrependa disso e volte para casa.

— Você ainda reza por ele, mãe? Aquele maldito assassino!

— Tenha misericórdia, Alan. É difícil não conhecer sua mãe e perder seu pai assim tão cedo. Você deveria rezar por ele também.

Agora foi a vez de Alan parar o movimento do garfo que ia na direção da boca.

— Do que está falando, mãe? Quando Evelyn morreu, ele já era um menino e Thomas foi há pouco tempo.

Joe e Dorothy se olharam. O velho terminou a refeição, empurrou o prato para a frente e saiu da mesa calmamente. Dorothy encarou Alan com seu jeito meigo e gentil e se inclinou para a frente.

— Ethan não é filho deles.

O quê?

— Do que está falando, mãe? Por que nunca me disseram nada?! Nunca ouvi ninguém falar isso!

Dorothy empurrou o prato de lado e apoiou os dois cotovelos na mesa. Uma mão sustentou seu rosto redondo e carismático enquanto a outra mantinha um dedo girando em volta de um grão de milho.

— Não havia muitas pessoas por aqui na época — começou a história. — Thomas e Evelyn já eram casados. Um dos casais mais adoráveis que já conheci...

Alan ainda tinha comida no prato, mas a história exigia sua atenção. Repetiu o movimento de seu pai e de sua mãe, empurrando o prato para o canto da mesa. Enquanto sua mãe contava a história, revezava o olhar entre ele e a parede, parecendo ir muito longe para reviver as lembranças e voltar apenas para dizer como fora.

— Ela já estava muito doente e não conseguia ter filhos — prosseguiu. — Uma noite um homem bateu à nossa porta, procurando por Thomas e Evelyn. Seu pai estava de cama, pois havia apanhado um resfriado muito forte. Eu indiquei a casa, mas não pude deixar de notar que havia um menino no carro dele, olhando curioso pela janela. Dias depois, Thomas e Evelyn passeavam felizes com o mesmo menino.

— Como era esse carro, mãe?

— Ah, Alan, eu não me lembro. Sou péssima para essas coisas. Só sei que Rob é um cavalo porque relincha — riu Dorothy, divertida.

— Mas como era esse homem, mãe?

— Ah, disso eu me lembro bem — Dorothy levou a mão ao queixo, puxando pela memória. — Era um homem jovem. Talvez pouco mais velho que você. Estava escuro, mas acho que usava roupas pretas. Tinha um capuz na cabeça, então não conseguia ver os cabelos. Me encarou com seus olhos castanhos e o olhar mais triste que eu já vi na minha vida...

Dorothy ficou no mundo das memórias, olhando para a parede com seu rosto amável e gentil. De repente pareceu voltar a si, piscando os olhos e encarando Alan novamente.

— Depois disso nunca mais o vi. Deve ter ido para bem longe — completou.

Alan ouviu a história toda com muita atenção, ajeitou-se no banco de madeira e se inclinou para a frente, como se quisesse também contar um segredo à sua mãe. Estava ansioso, com as mãos unidas pelos dedos entrelaçados.

— Olha, mãe... na noite em que Olivia morreu, eu achava que havia sido o Ethan, mas, pensando bem, posso ter me enganado. Acho que vi outro homem...

Dorothy ficou surpresa. Abriu a boca e cobriu-a com uma das mãos. Os olhos estavam arregalados de surpresa.

— Tem certeza, Alan?

— Tenho.

— Lembra de algo? Como ele era? — quis saber.

— Você sabe muito bem como ele era, mãe... — respondeu Alan. — Acabou de descrevê-lo.

Mordecai

— O que acha que eu devo escrever? — perguntou encarando os olhos amarelados de Diana.

“Uh-Uh”, respondeu sua pequena companheira.

A noite trazia uma brisa afável que atravessava com delicadeza o topo do prédio onde estavam. A fogueira, apesar de não ser devidamente abastecida com madeira de qualidade, mantinha sua chama firme, tremeluzindo apenas quando o vento se intensificava. Mordecai estava escorado em uma das caixas de concreto que mantinham alguma máquina guardada atrás das grades de metal.

Sentiu uma dor forte no braço esquerdo. Puxou a manga da sua roupa escura e avaliou o machucado. Um grande hematoma se estendia do bíceps até o antebraço. Além do braço, sentia dores nas costelas, nas pernas e na lateral da cabeça. Ele reparou que Diana o observava com seus olhos grandes e curiosos.

— Não foi nada — mentiu à coruja.

A bela ave branca seguiu o encarando, como uma mãe que sabe quando o filho mente.

— Enquanto penso no que dizer, o que acha de prepararmos o jantar? — perguntou ele, mudando de assunto, enquanto se dirigia até o pequeno mamífero que ela havia caçado.

Mordecai notou que a caçada fora difícil desta vez, o pequeno animal estava irreconhecível, cheio de marcas de garra que abriram feridas transpassando a pele até chegar à carne. Desceu até o andar, logo abaixo do terraço, e entrou em um dos apartamentos em busca de água.

Será que isso é um esquilo?

Abriu a torneira para lavar o pequeno roedor. Suas mãos trabalhavam com a faca, tirando a pele do animal, enquanto sua cabeça vagava nos acontecimentos do dia no qual suas decisões quase custaram sua vida.



Mordecai segurava-se nas travas das barras de ferro que cruzavam as portas traseiras do caminhão. Ouvia o ronco alto dos motores e sentia o vento passar rapidamente sobre ele, mesmo que o grande veículo não estivesse em alta velocidade. Quando chegaram ao centro da cidade, ele pensou que poderiam ir a

oeste ou sul, para algumas das saídas existentes, mas o rumo que os caminhões tomaram deixou-o um pouco confuso. Estavam indo para o norte da Cidade Fantasma.

Norte? O que querem fazer ao norte da cidade?

Na extremidade norte da Cidade Fantasma ficava apenas o conjunto de montanhas; eles não poderiam acessar as cidades de lá, a não ser que houvesse um caminho que ele desconhecia. Os caminhões se dirigiam em comboio, contornando as ruas sinuosas e cheias de obstáculos que a cidade apresentava. Girou a cabeça e avistou uma construção imensa com uma placa que dizia “Museu do Carro”. Percebeu uma passagem subterrânea que dava acesso ao interior do amplo prédio, mas antes que pudesse observar mais, o caminhão deu um solavanco, obrigando-o a se concentrar. Decorou os prédios próximos para voltar depois, sabia que um carro poderia ser útil.

A viagem não fora longa, mas o suficiente para que ele sentisse os dedos da mão adormecidos. Quase caíra duas vezes: uma quando fora trocar a mão de posição e outra quando o longo veículo dera um solavanco para a direita, em uma curva. Ficou agradecido quando eles finalmente pararam.

Mordecai desceu e escondeu-se agachado atrás do caminhão. Três deles haviam sido desligados. O primeiro, mais à frente, estava fazendo alguma manobra. Além do som do motor, era possível ouvir o som dos infectados, grunhidos involuntários retumbando pelos prédios da cidade. Ele já se havia perguntado se a doença de algum modo afetava a voz. Ao que tudo indicava, sim.

Espiou escondido atrás do último eixo do veículo em que viera de carona. O primeiro da fila entrava parcialmente em uma rua lateral para logo voltar de ré. Mordecai se esgueirou até o outro lado para ver melhor. Percebeu que estavam em um cruzamento, mas um dos lados estava bloqueado com contêineres fazendo uma barreira imensa, como um grande muro entre dois prédios. O caminhão encostou e o motor foi desligado.

Será esse o local que vi no meu sonho?

A porta da cabine se abriu, interrompendo seus pensamentos. Ele instintivamente recolheu seu corpo buscando cobertura. Olhou entre os pneus e viu dois pares de pés descendo do veículo. Retirou o pente da pistola e hesitou enquanto olhava para as balas enfileiradas.

Não estou aqui para matar homens.

A culpa o estava consumindo. Não sabia ao certo se ele havia matado os homens que vieram da Forja. Desde que Cisco lhe contara sobre sua fama, ele havia começado a refletir. Ainda mais depois de ter acordado no terraço do prédio sem a menor ideia de o que havia acontecido, ter-se deparado com seu amigo encolhido de medo e descobrir que alguns homens haviam morrido pelo golpe da sua lâmina.

— Para onde vão esses aqui? — perguntou um dos homens, interrompendo seus pensamentos, enquanto contornava a cabine para chegar até o motorista no lado esquerdo.

Mais à frente, outros homens também desciam dos outros veículos e caminhavam com armas em punho até o primeiro, que havia estacionado. Todos usavam a mesma armadura leve e o capacete que ele vira na noite em que estava com Cisco.

— Tanto faz — respondeu outro. — É só deixá-los em qualquer cidadezinha de merda para que façam a festa. Quando abrirem a tampa do caminhão, vai parecer o próprio inferno — completou rindo.

— Eu queria ser uma mosca para ver isso — disse um terceiro, sorrindo satisfeito.

Mordecai sentiu sua piedade se esvaindo diante daqueles comentários. Não eram meros homens. Eram homens ruins trabalhando para levar o mal às pessoas inocentes.

Não estou aqui para matar pessoas. Lembrou-se das palavras que dissera para Cisco com tanta certeza.

Será que não estou?

Ele guardou a pistola no cinto, em suas costas, e puxou suas duas espadas. Caminhou furtivamente até os dois homens e, quando eles sentiram sua presença, já era tarde demais. Mordecai estocou contra o primeiro. A espada o atravessou na altura do ombro. Sua mão esquerda desferiu um golpe contra o pescoço do outro, causando uma cascata de sangue. O soldado tentou conter o sangue com as mãos enquanto ele estocava a outra espada contra o primeiro homem, atravessando-a na altura do estômago. O soldado se contorceu enquanto sua força vital o abandonava, e seu grito chamou a atenção dos outros.

Mordecai guardou as espadas na bainha e pegou a arma do soldado, um rifle de assalto com uma grande coronha e duas empunhaduras. Três homens estavam apreensivos ao lado do veículo estacionado e dois haviam subido na plataforma para abrir a grande porta no meio do muro de contêineres. Quando eles tomaram consciência da situação, as balas do rifle de Mordecai já os atingiam de forma voraz. Dois caíram batendo suas costas, enquanto o terceiro conseguiu sacar sua arma para revidar.

— Tá aqui o filho da puta! — gritou o soldado escondido atrás de uma das cabines.

Por um momento, Mordecai pensou que poderia haver mais deles contornando o outro lado do comboio para pegá-lo pelas costas. Recuou até o final da carroceria para conferir. Não vinha ninguém daquele lado. Atravessou de volta e buscou

cobertura atrás do caminhão. Os projéteis disparados pelo soldado atingiram a chapa da carroceria, zunindo e criando faísca.

— Ajuda aqui! — gritou um dos homens mais distante. — Isso vai dar um jeito nele!

Mordecai nunca havia lutado contra homens e pensava que não seria tão fácil quanto eliminar as criaturas moribundas, mesmo em sua forma mais agressiva. As balas pararam e ele espiou além da borda do caminhão. Viu os três soldados abrindo a grande porta metálica. Indivíduos de pele escura azulada passavam por ela grunhindo sem sequer tocar os soldados.

Como é possível?

Então ele ouviu um grito atravessar a rua de concreto e reverberar no metal. Era agudo e agonizante. A última coisa que ele queria ouvir. Era o som daquela criatura que Cisco carinhosamente batizara de Wendigo.

Os infectados gritaram agitados e os passos trôpegos se transformaram em uma corrida enfurecida até onde ele estava. Mordecai contou mais de 20 vindo entre o caminhão e o prédio. Sem hesitar, começou a atirar contra a horda que aumentava conforme mais deles saíam pela porta metálica.

Quantos tem lá dentro?

Não viu os soldados, tampouco o Wendigo. Apenas um amontoado de infectados vindo em sua direção. Pensou que nem se tivesse aquele tanque do amigo de Cisco poderia dar conta do número crescente de inimigos. Suas balas atravessavam cabeças, rasgavam carne e quebravam ossos. Alguns deles caíram pelo caminho, retardando os outros. Porém ele viu que outro grupo já contornava o comboio.

Tenho que sair daqui!

Recuou alguns passos enquanto mantinha o rifle trabalhando. Quando a arma emitiu um clique, ele a atirou no chão e puxou a pistola das costas. Um dos soldados surgiu em cima do caminhão no qual ele buscava cobertura instantes atrás. Mordecai atirou contra ele, fazendo-o recuar. Alternou os tiros entre os infectados mais próximos e o soldado acima da carroceria. Sua pistola ficou sem balas, e o soldado tomou coragem para aparecer na beirada da caixa metálica. Empunhava uma arma robusta com um grande pente no meio.

Ele girou nos calcanhares e correu em direção ao primeiro beco que o tiraria da linha de tiro. Quando estava no meio da rua, ouviu um barulho abafado. Tudo o que conseguiu sentir foi um objeto vindo em sua direção e, quando tocou o solo, um barulho estrondoso. O deslocamento de ar projetou-o em direção ao beco, fazendo-o colidir contra uma grande lixeira.

Merda! O que foi isso?

Seu braço esquerdo amorteceu o impacto, mas não sem se queixar da dor. Mordecai se recuperou o mais rápido que pôde. Ele sabia que não poderia se

demorar ali, ou tomaria outro tiro de fosse lá o que fosse. Os grunhidos além da esquina estavam cada vez mais audíveis, e logo surgiu uma quantidade suficiente para que fosse impossível contar nos dedos das mãos.

Foi inevitável se lembrar da noite em que conhecera Wendigo e achara suas espadas. A adrenalina percorria seu corpo em ritmo alucinante enquanto ele corria pelo beco. Não havia saída. Apenas um conjunto de escadas de ferro em zigue-zague levava até o topo do prédio. Talvez ali ele pudesse traçar uma rota de fuga. Cometeu o erro de olhar para trás por um breve momento e se arrependeu. O beco, que tinha a largura de sete homens lado a lado, preenchia-se completamente pela horda. Se sobrevivesse dessa vez, seria por um milagre.

Segurou no corrimão da escada e começou a subir. As pernas trabalhavam rapidamente, flexionando os joelhos no mesmo ritmo das batidas do coração. Ao girar no segundo lance, ficou de frente para o grupo de infectados. Era uma multidão de tons azuis-escuros. Os olhos brancos se destacavam nos rostos enfurecidos. Usavam diversos tipos de roupas, escuras, claras, camufladas; alguns estavam completamente nus.

Quando ele percorria o quarto lance, eles começaram a subir em sua caça. Os que corriam mais simplesmente passavam por cima dos que corriam menos. A escada começou a vibrar com o peso e Mordecai pensou que ela poderia soltar os parafusos que a fixavam no prédio. Subiu o mais rápido que pôde e chegou ao terraço. Fechou o portão de ferro, travando o pequeno trinco. Sabia que não seria suficiente, mas ganharia algum tempo.

E agora?

Contornou o terraço procurando um prédio vizinho. Diferentemente de quando acompanhara a fuga dos homens da Forja, onde as construções eram vizinhas e separadas apenas por uma viela estreita, dessa vez a distância era consideravelmente maior. Foi procurando uma saída que ele ouviu o som do ferro cedendo com o aglomerado das criaturas forçando passagem para o terraço. Lembrou-se do seu sonho, em que sua única opção fora mergulhar para a morte para não se tornar um deles. Aparentemente, seus sonhos não eram meros sonhos.

Merda!

O prédio à frente era uns dois andares mais baixo. Seu corpo todo se queixava de dor, mas não havia tempo para isso. O portão cedeu, e dezenas de infectados invadiram o terraço. Sem muito tempo para pensar, ele recuou até o meio para pegar distância. Respirou fundo. Quando começou a correr, uma mão quase o alcançou. Suas pernas se moviam em uma velocidade impressionante, impulsionadas pela vontade de viver. A borda do terraço estava a dois passos; os infectados, a menos que isso de pegá-lo.

Permitiu que sua perna direita, a melhor, lhe desse o impulso para saltar. Sentiu o corpo projetado no ar e esticou seus braços e pernas para a frente, tentando ganhar velocidade. Não podia olhar para trás, mas era como se pudesse. Sentia os corpos dos seus perseguidores a acompanhá-lo no salto, mesmo que com menos impulso. O prédio à sua frente foi crescendo à medida que ele aterrissava. Flexionou os joelhos e apontou a ponta das botas ao solo. Quanto o concreto tocou bruscamente seus pés, ele rolou, girando seu corpo e parando alguns passos à frente.

Ao olhar para trás, viu uma cascata de infectados caindo do terraço do prédio mais alto. Cada rosto lhe direcionava um olhar determinado de fúria antes de se atirar no vazio. Os primeiros atingiram o solo com violência, espatifando-se como uma fruta podre que cai de um galho alto. Já os que vinham atrás caíam sobre os corpos amontoados sem sofrer tantos danos, retomando a caçada mesmo com algum osso saindo para fora da pele. Lá na rua, uma multidão surgiu pela lateral da construção e ele entendeu que não poderia ficar mais ali. Seguiu por um conjunto de prédios para tentar ganhar alguma vantagem, sem ter ideia do real tamanho da horda que o perseguia...



A água corria pelo corpo franzino do pequeno animal, já havia lavado todo o sangue. Mordecai limpou as entranhas, deixando a carne pronta para colocar no espeto. Retornou ao terraço e espetou-o em um pequeno graveto previamente raspado com a faca. Apoiou o espeto improvisado perto da fogueira e se sentou com as pernas cruzadas, encarando os olhos sagazes da coruja branca sentada sobre uma pequena caixa de concreto.

— Acho que ferramos tudo, não foi?

Diana não respondeu de volta com seu piado, apenas lhe concedeu um olhar benevolente.

— Se eu não tivesse aparecido, eles só carregariam os caminhões e iriam embora.

“Uh-Uh”, piou a coruja.

— Mas teriam levado os infectados para a cidade, e matariam muita gente... — fez uma pausa. — O que acha que devo escrever?

Escutou o som de um motor algumas quadras mais adiante. Levantou-se e caminhou até à beirada do prédio. Distante na avenida, dois pares de faróis iam em direção ao sul da cidade. Era outro dos caminhões que havia acabado de carregar; o primeiro se fora mais cedo. Ele não sabia por que eles se separaram, tampouco que teria um segundo. Quantos homens ele havia matado?

Será que vai passar um terceiro?

Seu olhar foi da rua mais distante para a base do prédio onde estava. Um mar de criaturas circulava lá embaixo. Bastava um som, qualquer mísero barulho que entregasse sua posição, e poderia não sair vivo desta vez. Esperaria até de manhã e, com sorte, voltaria até a parte sul da cidade. Decidiu que tentaria salvar Cisco.

Na fogueira, o pequeno esquilo começava a crepitar nas extremidades que sofriam com o calor tímido das chamas. Diana observava seus movimentos com o pescoço completamente virado para trás. Quando Mordecai se deparou com ela, levou um pequeno susto.

Acho que nunca vou me acostumar com isso.

Sentou-se diante da fogueira e pegou o espeto. Arrancou uma pequena lasca da carne tenra e entregou a Diana, que pegou com o bico, exibindo uma sutileza invejável.

— Estamos cercados — disse para ela enquanto arrancava outro pedaço com os dentes. — Na verdade... eu estou cercado. Você ainda pode voar para longe disto tudo.

“Uh-Uh”, piou Diana. E ele entendeu que esse gesto simbolizava que ela não o abandonaria. Lágrimas vieram involuntariamente aos seus olhos e ele limpou com a manga da camisa escura.

— Vamos acabar com o máximo que pudermos e depois salvamos o Cisco.

Diana piscou lentamente os olhos e ele ficou satisfeito com seu novo plano. Pegou o lápis e o papel no bolso e começou a escrever. Já sabia a mensagem que precisava enviar.

— Mestre... — repetia as palavras em voz alta enquanto começava o bilhete. — Eu estraguei tudo...

Meredith

— *Filha? Você está bem?*

— *Mãe?*

As mãos pequenas deslizavam pelo sofá, buscando apoio. Cruzou a sala, caminhando sobre o grande tapete. Uma vela queimava timidamente na mesa da cozinha, tentando quebrar um pouco da escuridão. Sua mãe a observava da pia, com a mão na cintura.

— *Onde você estava? Fiquei preocupada.*

— *Eu... — calou-se.*

Não sabia o que dizer. Seu coração gritava desesperadamente de saudade. Todas as palavras estavam ali, presas na garganta, mas simplesmente não saíam. Sentiu um aperto no peito que chegava a doer. Uma dor que ela jamais havia provado na vida. Nem toda a angústia, nem todo o rancor, nada do que havia passado doía tanto quanto a saudade que sentia de sua mãe.

Correu em direção a ela com os braços abertos. Meridiana conhecia muito bem sua filha. Sabia quando estava angustiada. Abraçou a sua pequena, acariciando-lhe os cabelos negros e lisos.

— *Eu senti tanto a sua falta! — confessou Meredith, explodindo em um choro repleto de soluços.*

— *Está tudo bem, Merith — Meridiana tentou confortá-la com um abraço. — Eu também senti...*

Sua mãe se agachou para manter os olhos no mesmo nível dos dela. Contemplou-a com um olhar de ternura e limpou com o polegar uma lágrima que descia por sua bochecha. As mãos lhe acariciavam as costas, acompanhadas por um sorriso cheio de delicadeza.

— *Você é uma boa menina, Merith. Uma boa menina.*

Meredith baixou a cabeça, ciente da ignorância da mãe quanto à vida que havia escolhido.

— *Mãe, você me amaria mesmo se eu tivesse feito algo muito ruim?*

Ela esperava uma expressão de reprovação, mas tudo o que viu foi um olhar bondoso e os lábios se fechando para lhe darem um beijo terno na testa.

— *Claro que amaria — envolveu-a com um abraço muito apertado e Meredith sentiu seu coração queimar de felicidade. — Eu sempre vou amar você, não importa o que aconteça.*

— *Por que você é minha mãe?* — *perguntou de forma inocente, quase sem querer.*

— *Porque somos uma família. E é o que a família faz.*

Apertou mais os braços em volta de sua mãe e fechou os olhos. Ficou ali sentindo o calor e a energia dela, como se pudesse tornar aquele momento eterno.

Mãe...

Suas pupilas se abriram vagarosamente e percebeu que chorava. Estava encolhida no chão, nua, em posição fetal. A sala era monocromática, exibindo três paredes lisas de um tom acinzentado, fechadas na frente com uma placa de vidro espesso. Ela sabia bem onde estava, em uma das celas da mansão do Apostador. Sentou-se no chão com o apoio das mãos. No teto, uma luz fria iluminava o cubículo composto apenas por uma pequena cama, que servia muito mais para se sentar do que para dormir. Sobre ela havia algum tipo de roupa meticulosamente dobrada.

Meredith soltou um suspiro involuntário enquanto massageava a nuca, onde havia levado o choque. Torceu levemente a cabeça, tentando realinhar os músculos, até que a girou na direção do vidro e viu pelo canto do olho que um dos soldados a observava. Não sabia se era por medo, curiosidade ou se apenas estava impressionado com a tatuagem de carpa que preenchia as suas costas. Sentiu raiva dele por vê-la nessas condições e puxou a roupa sobre a cama para se cobrir. Era parecida com seu sobretudo, porém em um tom de azul desbotado. Cobriu seu corpo esguio e amarrou a pequena corda na cintura para mantê-lo fechado.

Quando ela se virou para questionar qualquer coisa ao guarda, viu que ele não estava mais lá. Foi até o vidro e tentou encontrá-lo.

— *Olá?* — *gritou.* — *Onde você está?*

Ele havia sumido.

Merda! Merda! Merda!

Seu plano simples, de matar os homens que mataram sua mãe, havia falhado como previra a maldita vidente. Agora ela era uma prisioneira e provavelmente não sobreviveria. Se tinha uma coisa que aprendera com o Apostador, era não ter piedade. Ela colou as palmas das mãos no vidro, tentando deslizá-lo para o lado, mas ele simplesmente não se mexia. Funcionava com algum tipo de trava eletrônica.

Sentou na cama enquanto sua mente trabalhava em uma forma de escapar. Se conseguisse matar um dos soldados que entrasse na cela, poderia pegar sua arma e acabaria com todos os outros. Já estava na mansão do Apostador, bastaria chegar até a sala dele e...

Seu coração começou a bater mais forte.

O soldado havia voltado, e com ele o homem que ela tanto queria. Vestindo um traje violeta, que contrastava bem com sua pele negra, ele a encarava do outro lado do vidro. Ao lado da perna, o revólver descansava no coldre. Ele fez um sinal para o guarda, que alternou sua visão, hesitante, entre o homem e a porta.

— Abra de uma vez! — ordenou furioso.

O soldado digitou uma sequência de quatro números no pequeno teclado e o vidro deslizou para o lado.

— Busque um banco para mim — ordenou ele.

O guarda desapareceu e ele ficou estático ali fora, observando a sua mais letal assassina sentada na cama. Meredith quis saltar na direção dele para matá-lo com as próprias mãos, mas estava congelada. Paralisada. Cerrou os dentes atrás dos lábios, apertou as mãos, retesou seus músculos, mas nada além disso.

O Apostador deu o primeiro passo para dentro da sala. Olhar baixo e braços cruzados. Contornou a cama e ficou de frente para ela. Parecia mais alto do que ela se lembrava, talvez por se sentir intimidada de alguma forma. O soldado chegou com uma cadeira; ele posicionou-a no meio da cela e se sentou. Apoiou os cotovelos sobre as pernas um pouco abertas e se inclinou na direção dela.

— Como você está, minha menina?

As sobrancelhas dela se arquearam sobre um olhar furioso.

— Você sabe por que estou aqui — sibilou entre os dentes.

Ele devolvia um olhar frio, e sua voz, sempre que saía, não apresentava nenhum tipo de emoção.

— Sim. Você trabalha para mim — ele fez uma pausa. — Eu salvei sua vida, te dei comida e cuidei de você. Te transformei no que é hoje.

— Você mentiu para mim! — vociferou ela. — Mandou Gunnar matar meus pais!

Ele ergueu as sobrancelhas e soltou um assovio, inclinando o corpo para trás.

— Foi por isso que atirou nas pernas dele? Foi por isso que atirou no homem que cuidou de você a vida toda?

— Teria atirado na cabeça, mas alguém me impediu! — Ela fez uma pausa. — Ele não perde por esperar.

— Não precisa mais se preocupar com Gunnar. Ele morreu.

— Morreu? — ecoou ela, surpresa.

— O que esperava? Estava banhado em sangue.

Meredith ponderou a informação, frustrada de certa forma. No fim, deu-se por satisfeita.

— Teve o que mereceu! Filho da puta!

Seu chefe olhou para o chão, digerindo o que acabara de escutar. Esperou para falar, dando um tempo para que ela recobrasse a calma.

— O que foi que aconteceu no deserto?

— Achei que ele já tivesse contado.

— E contou... Mas quero ouvir a *sua* versão.

Meredith hesitou, mas, só por saber que já havia cumprido parte da sua missão, sentia-se menos ansiosa. Decidiu que não haveria mal em relatar aquilo para ele.

— Achamos o informante... — começou ela, juntando as mãos e repousando-as sobre o colo. — Ele tentou nos enganar, mas pegamos o homem. Nosso erro foi no deserto. Aquele maldito deserto! Das montanhas, alguém atirou um sinalizador. Nós dois olhamos para ele e por um maldito segundo nos descuidamos da estrada... — Ela fez uma pausa, tentando engolir a vergonha. — E caímos em um buraco.

— Um buraco?

— Sim! Um maldito buraco! Não dava para ver antes, eles cobriram com alguma coisa. Quando chegamos perto, já era tarde demais para desviar.

— E depois?

— Alguns soldados apareceram, enfiaram armas na nossa cara e levaram um dos homens.

— E o outro?

— Foi morto. Não era ninguém.

O Apostador cofiou a barba. Puxou um charuto do bolso e o acendeu com um isqueiro de prata. Deu duas tragadas e soltou a fumaça com um dos olhos fechados, enquanto pensava.

— Por que Gunnar não quis ir atrás deles?

— Trabalhavam para o Corvo.

— Mas você quis.

Meredith endureceu o maxilar e apertou os lábios, fitando o chão da pequena sala. O cheiro da fumaça começava a tomar conta do lugar, mas não a ponto de incomodá-la.

— Eu queria matá-lo! E reaver o homem que eles haviam levado — disse sem olhar para seu chefe.

— Matou ele? — perguntou o outro de braços cruzados, inclinando-se para trás.

Ela não respondeu. Não gostava de encará-lo nos olhos. Ele tinha algo no olhar. Algo que ela simplesmente não conseguia decifrar. Ela se sentia fraca, pequena, insignificante sob aquele olhar.

— Não.

Porque ele não era o homem que eu queria matar...

— Não... — ecoou o dono de Cassino.

Ele levantou e caminhou de um lado para o outro da pequena sala. Braços cruzados e uma das mãos no queixo. O traje violeta era novo, e ela tinha a sensação

de que ele nunca repetia a mesma roupa. Meredith observou-o levantando os olhos, ainda com a cabeça baixa, como uma menina prestes a levar um castigo do pai. O revólver estava no coldre do lado esquerdo da cintura e, toda vez que passava em sua frente, ela pensava em puxá-lo e acabar com aquele homem maldito que a enganou a vida inteira. Seu olhar oscilava entre ele e a arma. Mas algo no seu íntimo a impedia de agir. Sentia cada um de seus músculos travados.

— Por quê? — foi a pergunta que quebrou seus planos assassinos.

— Por quê?

Ele estava de costas para ela, observando a parede.

— Por que não o matou? — Ele virou o rosto e exalou fumaça pelas narinas, observando-a com o canto dos olhos. — Você sempre quis isso.

— Ele não era o homem que eu procurava.

— Como pode ter certeza? — Apostador franziu o cenho e se virou para ela; sua cabeça balançava levemente, igual a uma cobra que hipnotiza a presa.

— Ele sabia os nomes da minha mãe e do meu pai. Conhecia eles — disse ela com dificuldade. A lembrança sempre tinha um gosto amargo.

A expressão dele mudou completamente, passando de amigável para furiosa, no tempo de um disparo do revólver.

— Deixe-me ver se eu entendi... — ele abriu a boca, pegou o resto do charuto e o esfregou contra a parede para apagá-lo. Sentou-se na cadeira, cruzando a perna esquerda sobre a direita, com as duas mãos repousadas sobre o colo. Seu olhar fulminante não permitia que o dela se desviasse. — Você saiu daqui com um objetivo simples. Simples e claro. Logo você, que *nunca* falhou. Além de perder o homem que poderia revolucionar nossa cidade, você deixa um homem perigoso te manipular, a ponto de matar seu parceiro de uma vida inteira, só porque ele sabe o nome dos seus pais?

Ele deu um tapa em cheio no rosto dela. Meredith inclinou o corpo, sentindo o calor tomar conta das bochechas, enquanto o metal frio se acomodava na palma de sua mão. Sem que ele percebesse, roubou o revólver do coldre, afastou-se do homem que era seu chefe e apontou o cano da arma para o meio do rosto cheio de pelos do Apostador.

— Mas que merda, Meredith! — parecia exalar fogo pelas narinas como um antigo dragão. Os punhos cerrados tremiam de raiva. — Não vê o quanto foi idiota?

— Ninguém sabia o nome da minha mãe! — vociferou ela, beligerante com a arma na mão.

— E o que vai fazer? Atirar em mim? — ele cruzou os braços. — Se me matar, não posso te contar o que sei, algo que com certeza lhe interessa.

— Está blefando! — disse Meredith com a raiva transitando do coração para a ponta do indicador, colado no gatilho.

— Pode apostar isso? — perguntou o Apostador sorrindo enquanto deixava a pergunta no ar. — De qualquer forma, você não teria corag...

Meredith disparou a arma mais rápido do que sacava suas adagas.

“Clack.”

“Clack.”

“Clack.”

“Clack.”

“Clack.”

“Clack.”

O tambor girou repetidas vezes sem cuspir uma única bala. Ele fechou os olhos e suspirou de forma pesada. Esticou a mão esquerda pedindo o revólver de volta.

— Você nunca me decepçiona, mas se esquece de que eu nunca perco.

Reticente, ela entregou o revólver a ele, que o guardou carinhosamente no coldre. Ele se sentou no banco e, com a mão estendida, ordenou que ela fizesse o mesmo. As mãos percorreram automáticas por dentro da roupa, procurando as suas adagas, mas tocaram apenas o seu corpo frio. Estava vulnerável.

— Meridiana era o nome da sua mãe — disse o Apostador, já recomposto. — Não era?

Meredith sentiu um calafrio no corpo. Seu estômago dava voltas enquanto ela se sentia a mulher mais idiota de toda Cassino. Não reuniu coragem o suficiente para responder.

— E John era o nome do seu pai — ele continuou.

— Por que... — ela hesitou. — Nunca me disse isso?

O Apostador se ajeitou no banco. Parecia impaciente.

— O que mais esse Corvo lhe disse?

Que queria uma aliança comigo, ela pensou. Mas não disse a ele.

— Nada com importância.

Ele parecia surpreso.

— Então ele não falou nada sobre seu irmão?

— Meu irmão? — ela arqueou as sobrancelhas. — Ele morreu com meu pai!

O Apostador sorriu. Satisfeito como um jogador de pôquer que acaba de apostar tudo com quatro ases na mão. Levantou-se e percorreu a sala com um dos braços cruzados sobre o peito.

— Eu disse que lhe interessaria... mentiras em cima de mentiras, foi isso que ele fez com você.

Meu irmão está vivo?!

O Apostador andava distraído, anestesiado pelo orgulho de ter todas as informações que queria. Meredith, por um curto espaço de tempo, sentiu-se tão pequena quanto os devedores do Cassino.

— Eu quero saber sobre meu irmão! — disse em um tom que soou mais beligerante do que propriamente feliz e interessado.

Ele apenas a encarou de volta e riu. Apontou-lhe o dedo indicador e fechou um dos olhos.

— Não esperava menos de você, minha menina... — o Apostador caminhava de um lado para outro. — Mas não posso confiar em você depois de tudo o que fez, então terá de fazer uma aposta. Terá de trazer algo *de verdade* para mim, e então poderei falar mais sobre seu irmão.

Ele não esperou a resposta. Caminhou em direção à porta; já estava quase saindo quando ela se levantou.

— O que estamos esperando? — perguntou ela.

Antes de sumir pelo extenso corredor da casa, o Apostador virou a cabeça de lado, na direção dela, com uma calma invejável. Era incrível como o seu humor mudava repentinamente.

— A carona certa... mas não se preocupe, porque ela acaba de chegar.

Isaac

Isaac levou a caneca metálica até a boca e sorveu o líquido quente e escuro. O calor desceu pela garganta, tomou conta do seu peito e logo ele se sentiu revigorado. Era a primeira vez que se reencontrava com o precioso café desde que havia chegado ao futuro, que todos conheciam como Pós-Guerra. Um lugar devastado física, psicológica e espiritualmente, onde as pessoas ainda estavam assimilando as coisas enquanto tentavam sobreviver de forma minimamente digna.

— Achei que nem existia mais café — disse para o homem agachado, que fazia um cozido na pequena panela de ferro.

Os dois haviam se abrigado em uma velha casa na estrada para o Vilarejo da Viúva. Isaac ainda tentava entender o que havia acontecido na noite anterior, quando participara de uma reunião confusa que revelara muitas coisas que ainda não faziam sentido. O homem que o transportara até a reunião, Dante, havia partido em busca de outro *pacote*, como ele mesmo gostava de falar. Parecia satisfeito.

— Ficaria impressionado de saber o quanto tem por aí, e as pessoas não fazem ideia de que é café — respondeu seu novo companheiro de viagem.

Não estava usando o capuz. Os cabelos exibiam tons grisalhos e, no corpo, tinha mais cicatrizes do que um animal usado em brigas clandestinas. O rosto demonstrava pouca expressividade, como se houvesse construído um muro imenso para ninguém saber o que havia atrás. Mas Isaac era capaz de ver. Na sua frente havia um homem solitário, frustrado e assombrado pelos fantasmas do seu passado. O cientista podia ver isso porque os dois homens tinham feridas muito parecidas. Não o conhecia, mas se sentia à vontade com ele. Levou a mão até a corrente pendurada no pescoço e acariciou o crucifixo de prata com o polegar.

— Como você descobriu a finalidade do café? — bebericou mais um gole. Não sabia se o sabor intenso se devia à abstinência ou à provável pureza do processo manual, mas poderia facilmente considerar aquele o melhor café de sua vida.

O homem fitou o interior de sua caneca e ergueu o olhar para o cientista com um sorriso.

— Foi você que me ensinou sobre o café.

Isaac ergueu as sobrancelhas com a resposta. Sua cabeça começou a formular diversas teorias, buscando referência dos filmes que ele tanto gostava de contestar.

Linhas temporais, voltas no tempo, multiversos e paradoxos. Teorias tratadas com tanta propriedade pela ciência, que parecia impossível negar o conceito.

— Quantas vezes nós já tivemos esta conversa? — perguntou em um tom empolgado, que em um primeiro momento pareceu até acusativo.

O homem mexia na panela com uma colher de pau e não pôde deixar escapar outro sorriso. Parecia confortável na presença dele também.

— Esta é a primeira vez que temos *esta* conversa — disse de forma tranquila. — Mas não é a primeira vez que conversamos. — Fez uma pausa e revirou mais uma vez o caldo fumegante. — E não me refiro a ontem à noite.

— Você me conhecia no seu tempo?

O outro riu e atirou levemente a cabeça para trás. Os olhos, porém, carregavam uma tristeza que conferiam um contraste àquele rosto endurecido por experiências sombrias. Ele inclinou a cabeça, ciente de que a resposta que daria não era a mais correta, mas provavelmente era a mais sensata.

— Podemos dizer que sim.

— Nos conhecíamos bem, não é verdade? — Isaac gostaria de saber o seu envolvimento com aquele homem solitário. Talvez pudesse ajudar de uma forma que não pôde da outra vez.

— O que pode afirmar sobre paradoxos, Isaac? — perguntou ele, tomando também um gole de café enquanto o cozido ficava pronto.

— Paradoxos temporais? — ele ecoou para dar tempo ao cérebro. — Paradoxos são complicados, mas, simplificando de forma grosseira, eu diria que é um resultado logicamente impossível de uma viagem no tempo.

— Você acredita neles?

— Como cientista, devo dizer que não posso afirmar que existam até confirmá-los. Mas... apenas por estar falando com você, apenas por este momento, eu penso que faço parte de um grande paradoxo. Estou certo?

— Talvez... — admitiu o outro. — Posso não ser a pessoa mais certa para confirmar sua teoria.

— O que veio fazer aqui, Corvo?

— Eu não menti ontem à noite — disse Corvo. — Quero acabar com essa doença tanto quanto você.

— Quantas vezes você já tentou? — Isaac estava curioso.

— Uma. E falhei.

— Então voltou ao passado para tentar matar Aidan antes de espalhar a doença — ele arriscou e, quando Corvo confirmou com a cabeça, ele prosseguiu. — Como conseguiu voltar?

— Com a sua cápsula do tempo. Achei que fosse óbvio para você.

— Interessante... — Isaac refletiu enquanto passava os dedos nos cabelos. Eles haviam crescido um pouco e estavam ressecados desde sua chegada. A areia do deserto, combinada com a falta de um produto para lavar havia transformado os fios em uma palha quebradiça. Coisas que pareciam luxo antigamente, mas que agora se mostravam tão essenciais. — Então temos duas delas no presente?

— Isso é um paradoxo — Corvo assentiu.

— Temos três na verdade — Isaac contou nos dedos. — A sua, a minha e a de Aidan. Isso se ele não veio do futuro também, aí teríamos uma quarta.

— Nós o matamos no futuro — disse Corvo de forma trivial. — Foi o vírus que não conseguimos reverter.

O cientista tremeu com a caneca metálica nas mãos. Deu o último gole no resto do líquido que já transitava entre o morno e o frio. Pensou em perguntar sobre a cápsula, mas não queria que o Corvo pensasse que sua intenção era fugir. Estava ali para achar a cura e de nada adiantaria voltar para o seu tempo com as mãos vazias. Não havia para onde voltar, nem para quem voltar. Observou as paredes castigadas da velha casa enquanto digería a conversa. Corvo pegou duas tigelas e serviu um pouco do seu caldo em cada uma delas. Esticou o braço e ofereceu uma ao cientista.

— O que tem nesse caldo? Se tiver carne, eu agradeço, mas não vou querer, porque...

— Você não come carne — Corvo entregou a sopa para ele. — Batata, cenoura e cogumelos. Sua preferida, não é?

Como sabe tanto sobre mim?

Isaac olhou para a estranha refeição matinal. O vapor embaçou as finas lentes dos seus óculos. Corvo tornou-se uma imagem distorcida que levava a colher da tigela até a boca. Deu uma colherada no caldo. Era mais espesso do que ele esperava e, quando enfiou a colher na boca, percebeu que era mais saboroso também. O silêncio se estabeleceu enquanto eles comiam, dando lugar apenas ao tilintar das colheres raspando no interior dos vasilhames.

— Você disse que essa é a primeira vez que volta — Isaac iniciou uma linha de raciocínio. — As coisas estão acontecendo da mesma forma?

— Mas é obvio que não — disse Corvo descartando a hipótese.

— Não para você, mas para as pessoas. Você causaria tudo o que aconteceu. Paradoxo, lembra? Como pode ter certeza de que é diferente agora?

Corvo interrompeu a colherada no meio do trajeto.

— Acredite em mim. *Eu sei*.

Aquele *eu sei* poderia ser traduzido como *não pergunte sobre coisas que não queira saber*. Mas Isaac estava extasiado com a conversa. Precisava saber se todas as teorias que tanto discutira com colegas no passado estavam certas e as respostas

estavam ali, além da panela de sopa. Ele não poderia se conformar com um “eu sei”. Em nome da ciência, não tinha o direito de se conformar.

— Quero mesmo acreditar em você — disse Isaac. — Mas preciso que me explique como pode saber tudo o que vai acontecer se o seu retorno mudou o curso dos fatos. Esta conversa nunca havia acontecido, assim como a reunião e todas aquelas coisas que você disse. Então como sabia de tudo isso?

O Corvo sorriu antes de enfiar a última colherada de caldo na boca e limpar com as costas da mão.

— O que é tão engraçado? — perguntou Isaac, soando mais curioso do que indignado.

— Eu tinha esquecido o quanto você é inteligente — Corvo largou a tigela sobre um balcão de madeira infestado de cupins, sentou-se em frente ao cientista e uniu as mãos. — Não me leve a mal, mas inteligência não é algo que se vê muito por aqui. Esperteza talvez, mas não inteligência.

Isaac empurrou os óculos que haviam deslizado sobre o nariz. Piscou duas vezes e largou a tigela, esperando a resposta da grande questão que havia lançado. Sentia que tinha a confiança do outro homem e que um precisava do outro. Lutavam pela mesma coisa. Corvo percorreu os olhos pelo chão empoeirado enquanto pensava no melhor conjunto de palavras para formular sua resposta.

— Se você voltasse para o passado, em posse de uma lista de eventos que ainda não haviam acontecido, sem saber se você era o causador daqueles eventos ou se ocorreriam de forma natural, interferiria no espaço-tempo?

A pergunta era inteligente e um tanto capciosa. Os olhos de Isaac se deslocavam com velocidade enquanto seu cérebro pensava, como o rolo de uma antiga máquina de escrever. Antes que pudesse responder, Corvo adicionou mais uma camada de dificuldade.

— E se você fosse orientado a olhar o evento seguinte somente após ocorrer o antecessor, mas o primeiro deles fosse uma coisa tão ruim que não pudesse esperar para ver os outros, mesmo que soubesse que é a coisa certa a fazer? O que você faria?

Como ele poderia prever um futuro de um tempo que não aconteceu? Será que uma versão de uma realidade alternativa o encontrara? Não... isso seria loucura.

— O que você faria, Isaac? — A pergunta o arrancou dos pensamentos.

— Eu não sei — disse o cientista mostrando a palma das mãos, pedindo calma. — Eu não sei... Se a vida de alguém dependesse disso, provavelmente eu olharia a lista inteira.

— Mas teria que conviver com a culpa caso algo desse errado.

Isaac então entendeu onde ele queria chegar. Corvo baixou o olhar, retirou a panela do fogo e começou a limpá-la. Atirou areia nas brasas quase extintas para

eliminar o fogo de vez. Ele faria qualquer coisa para não ficar parado. Era o seu jeito de lidar com a culpa.

— Sei que não sou a melhor pessoa para isso, mas prometo que guardarei segredo se quiser conversar — a voz saiu com mais confiança do que ele esperava. O que foi bom, pois o olhar do Corvo passou de uma tristeza profunda para um descontentamento latente.

— Agradeço sua preocupação, Isaac, mas não estamos aqui para isso — o homem de roupas negras caminhou até o carro, guardou os vasilhames no porta-malas e voltou segurando um livro grosso de capa dura. — Preciso que você descubra uma cura.

— O que você tem aí?

Corvo esticou o livro para ele. Isaac segurou-o e sentiu o peso de uma biblioteca inteira em um único volume.

— Aqui tem 523 formas de *não* se fazer a cura — disse o Corvo com pesar. — Espero que seja útil.

Isaac folheou algumas páginas do livro. Era a sua letra rabiscada às pressas na maioria das vezes, descrevendo experimentos com o vírus e relatos dos seus dias. Seus olhos percorriam as palavras com velocidade, acompanhados pela mão que virava freneticamente as páginas. Ele parecia procurar algo específico, mas na verdade estava apenas empolgado com o volume de informação que havia naquele livro.

— Você terá tempo para ler — garantiu o Corvo. — Agora precisamos partir.

Isaac anuiu e entrou no belo Mustang 1967 preto que repousava na garagem devastada da casa. Corvo fez o carro deslizar com cautela sobre as lascas de tijolo espalhadas pela grama.

— Eu quero te perguntar uma coisa — pediu Isaac.

— Diga.

— Eu morro no futuro?

O olhar triste do homem respondeu antes que sua boca se abrisse.

— Todos nós morremos no futuro. Todos.

Isaac saboreou o gosto amargo da resposta em silêncio por um momento, antes que outra pergunta descesse de sua mente para ganhar liberdade através da sua boca.

— Qual o próximo item da lista? — quis saber o cientista.

Corvo adotou um tom de seriedade sem tirar os olhos da estrada.

— Eu preciso ir falar com um amigo — disse ele de forma pragmática. — Mas, antes disso, precisamos te deixar no lugar mais seguro de todo o Pós-Guerra e, se eu estiver certo, evitar um motim.

Ethan

Agachado na beira do rio, Ethan encarava seu reflexo na água. Aquele rosto oval, com cabelos loiros fazendo curvas acima da testa e inquisitivos olhos cor de caramelo, encaravam de volta, fazendo *aquela pergunta*. Nas primeiras vezes, na sala dos espelhos em que Corvo o colocara, ele tinha evitado contato visual com a figura semelhante em sua frente. Talvez porque encará-la o obrigaria a lidar com aquela questão inconveniente, com aquela única pergunta que não havia deixado sua mente desde que se instalara como uma doença terminal determinada a abandonar seu corpo apenas depois de exauri-lo.

Quem é você?

Ele já não sabia se estava fazendo ou recebendo a pergunta, mas o efeito era o mesmo, independentemente das opções. Uma agonia crescente tomava conta de seu corpo, corroendo suas entranhas e fazendo sua cabeça doer. A ignorância era algo que nunca o havia incomodado. Ou será que havia? Seria por isso que estava prestes a se casar com alguém que dedicava a vida ao ensino? Sentiu falta de Olivia. Ela provavelmente o convidaria para se sentar a uma mesa na qual duas velas iluminariam um lápis e folhas brancas. Perguntaria sobre tudo o que ele sabia e organizaria as ideias, sem a preocupação de que elas conversassem, para só depois ligar os pontos.

Mas ela não estava mais lá.

Nunca mais estaria.

Seus punhos se fecharam, apertando a grama fresca e lamacenta da beira do rio. Já não sabia se a raiva que sentia era fomentada pelo desejo de vingança ou pelo fato de todos à sua volta saberem mais do que ele, mas parecia, naquele momento, que todo esse sentimento de frustração originado do seu coração descia pelos braços, sendo dissipado pelas pontas dos dedos fechados para seguir seu curso pelas águas tranquilas.

Algumas ondulações se formaram no rio, tornando sua imagem uma silhueta desfigurada a tremeluzir sobre a superfície cristalina. Ele encarou admirado suas mãos, virando os dedos para cima e analisando-os como se houvessem adquirido algum poder até então desconhecido. Só percebeu sua tolice quando a água sofreu novas ondulações que vinham mais adiante. Ergueu o olhar bem a tempo de ver uma pedrinha dar cinco breves beijos na face do rio antes de mergulhar para um

sono profundo. Da mesma direção, pouco depois, veio uma segunda pedra, mais pesada do que a primeira, mergulhando após três saltos longos e dois toques suaves nas águas. Um grupo de meninos fazia uma disputa no outro lado da margem.

Ethan observou a competição amigável e despreocupada. Deixou o peso do corpo incliná-lo para trás, até as nádegas se apoiarem nos calcanhares e as mãos repousarem sobre as coxas. O terceiro menino pegou uma pedra mais achatada com os dedos em formato de pinça, fez um rápido giro usando o braço como uma catapulta. Ela fez seis círculos alinhados na água e se atirou para as profundezas do rio. Mesmo não indo mais longe, o menino comemorou, fazendo-o entender que competiam para ver quem tocava mais vezes o rio antes de afundar. O menor deles fez a sua tentativa, conseguindo sete ondulações. Ele gritou com os punhos cerrados em comemoração, arrancando gargalhadas.

Ethan se permitiu sorrir, e percebeu que um bom tempo havia se passado desde que esboçara o seu último sorriso. Gostaria que Olivia estivesse ali para ver a felicidade daquelas crianças.

— Está na hora — surgiu uma voz atrás de si.

Ele girou o pescoço, mesmo que os ouvidos já tivessem identificado o dono daquela voz monossilábica. Oka se erguia tão alto quanto as árvores da floresta. Ethan não havia notado a sua presença, distraído com os meninos que agora fitavam o homem com certo receio. Ele pensou que, se naquela comunidade havia alguém para aplicar castigos às crianças, essa tarefa poderia ser muito bem realizada por Oka.

— Eu já vou.

Ethan observou-o sumir entre as árvores e voltou a atenção para os meninos que imitavam o estranho homem uns para os outros antes de seguir com seu jogo de pedras. Eles sorriram e o fizeram sorrir novamente, mostrando a capacidade que uma criança tem de despertar a felicidade mesmo no coração mais dolorido. Fez duas conchas com as mãos calejadas, coletou um pouco de água fresca no rio e a conduziu até o rosto, sentindo a pele revigorar e os músculos despertarem atrasados do sono. No caminho entre as árvores, um velho carregando dois baldes cheios de água passou por ele com passos largos e decididos. Um bastão passava por trás do pescoço, alinhado com os ombros em perfeito equilíbrio, sustentando ambos os baldes de forma estática.

Como ele consegue?

Antes que pudesse analisar melhor a figura à sua frente, percebeu o sol invadindo o espaço entre as árvores, indicando o final da trilha. Cruzou as duas últimas, que se erguiam como eternas sentinelas daquele lugar, e perdeu o fôlego com a vista que lhe foi proporcionada. A comunidade fora construída paralela a uma série de quedas d'água que culminavam em uma imensa cachoeira. As

construções imponentes feitas de rocha se estendiam por todo o penhasco, com seus telhados angulosos pintados em um vermelho vivo. Do lado em que ele estava ficavam as plantações, criações de animais e a área aberta onde homens e mulheres faziam movimentos sincronizados de luta em algum tipo estranho de ritual.

Os sons da floresta deram lugar aos da comunidade. O chilrear dos pássaros deu lugar aos gritos uníssonos dos guerreiros que golpeavam o ar; o farfalhar das árvores foi subvertido pelos longos caules de bambus embalados pelo vento; e o suave deslizar da água do rio foi engolido pelas cascatas que o conduziam até a cachoeira. Tanto na floresta quanto na comunidade havia uma atmosfera tranquila, como se a felicidade pudesse ser pulverizada através do vento. O ar puro invadiu os seus pulmões e ele seguiu em direção ao templo logo atrás do velho homem que completava o ciclo da sua tarefa.

Cruzou os vastos campos, contemplando a beleza existente em tudo que o cercava, enquanto ignorava os olhares inquisitivos direcionados a ele. Talvez nem desgostassem do forasteiro que havia ingressado em sua comunidade. Talvez fosse apenas curiosidade. Pois gostasse ele ou não, sua aparência destoava do restante. A maioria dos habitantes da Floresta Proibida tinha cabelos negros que emolduravam rostos pequenos com olhos levemente puxados a ponto de parecerem sonolentos. Passara apenas uma noite ali, mas fora o suficiente para gostar deles. Era um povo diferente de tudo que ele já havia presenciado, admirável, disciplinado e respeitoso.

Atravessou o caminho sobre a corredeira, feito de pedras redondas que se ressaltavam além da superfície do rio. Coordenava cada passo para que seus pés aterrissassem no centro dos círculos rochosos. Vacilou no meio do caminho e encarou novamente seu reflexo atrapalhado. Mais à frente, o velho já havia chegado à outra margem, como se pudesse enxergar pelos dedos dos pés. Oka aguardava ao lado do poço onde o homem despejou o conteúdo de ambos os baldes antes de girar novamente e partir para uma nova jornada em busca de mais água.

— Venha — disse ele. — Mestre Osho o aguarda.

Ethan contemplou a vista mais uma vez antes de entrar nos corredores envolvidos por madeira e pedra das imensas construções. As varandas eram feitas com tábuas de eucaliptos meticulosamente talhadas, que exalavam o doce cheiro da floresta. Erguiam-se alinhados até a altura da cintura de uma pessoa para sustentarem o corrimão do guarda-corpo que ficava na face da rocha, observando as águas agitadas mais abaixo. Acima delas, lamparinas pendiam adormecidas dos telhados suavemente curvados, feitos com telhas de barro. De lá, era possível ver o templo do mestre Osho no fim do arco formado pelo penhasco que acompanhava o rio e suas quedas sinuosas.

Ele seguiu Oka e seus passos decididos, enquanto observava dentro dos cômodos de pedra. Crianças sorridentes passaram por eles, correndo em direção ao

campo para se juntarem aos demais. Próximo à cozinha, o cheiro de peixe defumado misturado ao de temperos que ele desconhecia invadiu suas narinas. A boca se inundou em saliva e o estômago indicou que precisava repor as energias. Quase conseguiu sentir o gosto do exótico jantar da noite anterior, diferente, mas saboroso.

Apenas depois de falar com Osho, pensou ele, recriminando sua fome.

Cruzaram todo o penhasco rochoso, caminhando pela varanda contínua como se fosse uma construção única, para chegar à ponte que conduzia novamente até o outro lado da margem, no grande templo. O som imponente das águas da cachoeira obrigou-o a girar a cabeça para a direita enquanto atravessava a ponte. Agarrou-se na mureta de pedras e inclinou o corpo para tentar ver mais abaixo. Uma camada espessa de neblina formada por finas gotículas pairava no início da queda de água, impossibilitando a vista do que havia lá embaixo. Tudo o que ele conseguia enxergar era as pontas das árvores que seguiam o rio até um conjunto de montanhas no horizonte, do lado oposto de onde o sol começava a se erguer.

Imaginou-se caindo e recuou instintivamente. Oka soltou um pequeno riso em formato de ar pelas narinas e continuou seu caminho. No final da ponte, um guarda fazia a segurança do templo, com olhar sério direcionado ao horizonte, postura reta e uma grande espada amarrada na cintura. O templo era ainda mais bonito do que as construções, como se elas fossem um teste para o modelo de arquitetura que gostariam de alcançar. Feito na sua maioria de madeira, exibia diversos andares divididos pelos telhados pontudos, parecendo um conjunto de casas empilhadas da forma certa.

Na frente da porta, outro soldado aguardava. Ele deslizou a fina placa de madeira quando viu os dois, libertando um cheiro intenso de tinta. No primeiro cômodo, seis artistas trabalhavam em quadros que retratavam os costumes da comunidade, com traços intensos e precisos. Nenhum deles notou a presença dos dois, imerso em seus trabalhos de corpo e alma. O espaço era amplo, cercado com paredes finas que permitiam certa entrada de luz. As escadas conduziam ao próximo patamar, repetindo-se nos próximos andares como um grande caracol. O último deles não tinha parede e o vento circulava livre de um lado para outro. Na outra extremidade da sala, Mestre Osho observava o nascer do sol além da comunidade, parecendo um pai orgulhoso.

— Teve um bom descanso? — perguntou sem virar o corpo, com as mãos para trás, um punho segurando o outro.

— Como há tempos eu não tinha — confidenciou Ethan.

— Gosta deste lugar? — Osho se virou na direção dele.

Ethan girou a cabeça e perambulou pela comunidade com o olhar. O som da água correndo parecia mel em seus ouvidos.

— Muito. É tranquilo, pacífico.

— Refletiu sobre aquilo que procura?

— Sim — disse Ethan, decidido. — Ele roubou a minha paz. Eu quero vingança. Você disse que me ajudaria, que tinha treinado ele.

— Tem certeza de que é isso o que procura? — indagou Osho. — É isso o que seu coração deseja?

Ethan não respondeu.

— O homem que você procura estava tão atormentado quanto você me parece agora. Mas, às vezes, aquilo que um homem deseja não é o que ele precisa.

— Não posso fingir que nada aconteceu.

— Podemos treiná-lo para sua vingança — Osho deixou-o absorver as palavras. — Mas o que acontece depois?

Lá nos campos, Ethan viu as pessoas carregando cestos no meio das plantações. Seguindo com suas vidas, como se o mundo não as pudesse ferir. Passou a língua dentro da boca antes de proferir as palavras, já imaginando o gosto amargo que elas teriam.

— Eu perdi tudo o que eu tinha. Depois disso, posso dar um fim na minha vida.

— O que acha de dar um propósito a ela? — sugeriu Osho.

Ethan inclinou a cabeça com ar de dúvida e o ancião sorriu. Osho piscou com a mesma vagarosidade em que o sol se retira para deixar a lua brilhar. Enfiou a mão dentro da manga e retirou um objeto estranho, esticando-o para Ethan.

— Ele deixou isso para você.

Ethan uniu as mãos em formato de concha e acompanhou Osho depositar algo nelas. Era uma espécie de pastilha, como uma moeda de cobre, mas um pouco maior. Tomava espaço de metade da palma de sua mão, era lisa e tinha uma cor de grafite. Ele não entendeu o que aquilo poderia significar e conduziu o objeto para próximo de si, tentando entender do que se tratava. A mão estava a poucos centímetros de seu rosto quando um feixe de luz azul saiu do pequeno objeto, tocando seu queixo e percorrendo até sua testa. Ele deu um pequeno salto e recuou, deixando a moeda negra cair no chão.

— O que é isso? — perguntou aos dois, que pareciam tão surpresos quanto ele.

Antes que pudessem responder, uma luz começou a varrer o ambiente, transformando-o por completo. As paredes ficaram todas carbonizadas, e no chão surgiram buracos na madeira, fazendo Oka saltar para o lado. Além das paredes que já não existiam mais, os três observaram a comunidade completamente devastada. A grama, onde antes havia um grupo fazendo movimentos sincronizados, agora acomodava corpos lavados com sangue. As construções acima do penhasco, antes vistosas e imponentes, agora apresentavam um aspecto cadavérico com seus telhados desabados e suas estruturas de madeira carbonizadas.

até os ossos. Independentemente do lugar que olhassem, o resultado era um só: destruição.

— O que... é isso? — perguntou Ethan, parecendo rever as imagens da sua plantação queimada.

— *Isso é o futuro.*

Por trás de Osho surgiu uma figura encapuzada. Uma figura conhecida para ele, a mesma que havia surgido atrás do painel de vidro na sala dos espelhos. O Corvo. Ethan sentiu o coração acelerar, os dentes se esmagando uns contra os outros e as unhas se enfiando na carne tenra das palmas das mãos.

— Seu filho da puta!

Partiu para cima dele, estendendo as mãos até o pescoço do homem misterioso, mas, ao invés de tocá-lo, Ethan atravessou pelo corpo como se cada molécula fosse constituída de fumaça. Como o fantasma que era. Perdeu o equilíbrio e caiu no chão, fitando a estrutura destruída lá embaixo. Percebeu que sua mão se apoiava no vazio e começou a entender que tudo não passava de uma ilusão. Levantou-se envergonhado. Oka ainda procurava equilíbrio, apavorado com o que os olhos presenciavam, e Mestre Osho se mantinha impassível.

— *É por isso que você está aqui, Ethan. Para evitar essa destruição que está vendo.*

— Mentira! — rebateu Ethan. — Isso é uma ilusão! Você é uma ilusão.

Corvo começou a circular pela sala destruída, pisando sem olhar apenas onde o solo ainda existia.

— *Não confunda tecnologia com ilusão, Ethan. Tudo o que você está vendo ainda não aconteceu, mas vai acontecer. A menos que você faça algo a respeito.*

Ethan sentiu o vento agitar seus cabelos e já não sabia dizer o que era real e o que não era.

— O que você quer?

Corvo pareceu ignorar a pergunta, observando com tristeza a desolação que assolou a comunidade, parecendo ser totalmente real. Pelo menos para ele.

— *A Caverna dos Espíritos fica no ventre da montanha, no final da Floresta Proibida. O homem que vai até lá enfrenta seus piores medos e angústias, podendo presenciar coisas que o fazem duvidar da sua sanidade. Deixei algo para você, junto com as respostas que procura. Leve o dispositivo, ele o guiará.*

— O quê? — Ethan tentava absorver o fluxo intenso de informações.

Corvo virou-se para ele, exibindo uma espada semelhante à do guarda na lateral do corpo. Ethan abriu a boca para falar, mas as palavras se perderam no ar quando o dispositivo começou a sugar aquela realidade horrenda. A terra devastada se desvaneceu diante de seus olhos, como se um mundo inteiro coubesse dentro de um objeto menor que a palma da mão. Aos poucos a comunidade feliz e pacífica

recuperou o seu lugar, com cores vivas e radiantes. No último andar do templo, o sol já se apresentava, iluminando Oka e Osho trocando olhares preocupados.

— Vocês sabiam disso? — perguntou Ethan.

Eles sacudiram a cabeça com os olhares receosos, como se ele houvesse se tornado uma ameaça.

— Onde fica essa Caverna dos Espíritos?

Osho girou o corpo, caminhando em direção à sacada que dava vista para a cachoeira. Ethan pegou o dispositivo no chão e o acompanhou.

— A Caverna dos Espíritos não é apenas um lugar — começou o velho. — Mas uma provação. Todo homem prestes a se tornar um guerreiro parte sozinho em sua própria jornada até ela — apontou para o conjunto de montanhas que repousavam no horizonte.

— Onde começa o caminho até lá?

— Pela cachoeira — Osho apontou para a névoa densa que sobrevoava o topo da grande queda d'água.

— Tem alguma escadaria, alguma forma de descer?

Um sorriso terno desenhou-se nos lábios enrugados do ancião. Ethan engoliu em seco.

— Não precisa fazer isso. Fique aqui e treine o suficiente para vencer o seu oponente.

Ethan girou a moeda negra entre os dedos, avaliando o tamanho da queda da cachoeira e, se sobrevivesse a isso, da distância entre ela e a montanha. Seu corpo quis se encolher diante do desafio, mas ele se manteve firme.

— O que eu vou encontrar lá, Mestre Osho?

— O que se encontra em todas as jornadas. Respostas.

— Obrigado por me convidar para ficar, Mestre, mas aqui não é o meu lugar.

Ele girou nos calcanhares e desceu as escadas. Oka o seguiu, aparentemente perturbado com o que havia presenciado. Com movimentos rápidos, suas pernas o conduziram até a ponte. A nuvem de água gelada salpicava seu rosto. Ele subiu na murada da ponte, equilibrando-se no pilar de pedra. Encarou o precipício à sua frente e, mesmo não podendo ver o que o esperava lá embaixo, conseguia sentir o vazio além dos seus pés. Ou seria o vazio de sua alma?

— Espere! — gritou Oka. Entregou uma pequena faca para ele e completou com ar preocupado: — Poucos voltaram!

Ethan girou o queixo até o ombro, observando o homem que argumentava contra o seu salto. Pensou em Olívia, na casa dos seus pais e até em Barão.

— Está tudo bem — disse mais para si do que para Oka. — Já não há para onde voltar.

Fechou os olhos e soltou a pilastra, abrindo os braços, deixando o peso do corpo guiá-lo para frente. Os pés perderam o contato com a ponte e o seu corpo ficou suspenso no ar, mergulhando no desconhecido.

O Cavaleiro da Peste

— Seu acéfalo! — Aidan esbravejou em direção ao soldado. — Isso é lixo! Não é nem perto do que lhe mostrei!

O soldado fitava-o parado, segurando uma placa de fibra cheia de componentes. Não era possível ver a expressão dele, escondida embaixo do capacete. Não que isso importasse para o cientista, que lhe arrancou a peça das mãos.

— Eu preciso de um transmissor! Um transmissor! É tão difícil assim achar em uma cidade deserta deste tamanho?! — Ergueu a placa nas mãos. — E você me traz isso?!

O soldado esticou a mão, solicitando a peça de volta.

Vá embora, seu misólogo!

— Saia daqui! Eu me livro disso!

Girou nos calcanhares gesticulando bastante enquanto terminava de excomungar o soldado. Quando se virou novamente, ele não estava mais ali. Correu até sua mesa, onde um ferro de solda já soltava sua fumaça para informar que estava quente o suficiente, e começou a desmontar da placa os componentes de que ele precisava.

Sim! Isso deve servir!

Debaixo de uma pilha de anotações, ele puxou um pequeno transmissor feito manualmente. Era menor que a palma da sua mão. Colocou um dos transistores no lugar que faltava e soldou-o com um pouco de estanho. Quando girou o botão, uma luz vermelha se acendeu timidamente.

— Sim! — começou uma comemoração com os punhos cerrados, que logo foi abafada ao ouvir passos na entrada do laboratório.

Um homem com uniforme preto igual ao dos soldados, porém sem capacete, caminhava com passos largos e confiantes pelo laboratório. Tinha um rosto duro como se esculpido em pedra e um olhar extremamente mal encarado. Aidan nunca conseguiu ter a mínima empatia pelo *homem de confiança* que comandava a operação. Talvez porque os dois fossem parecidos em diversos aspectos.

— E então? Mais uma peça que não lhe servia? — questionou o homem, olhando de cima para baixo, carregado de arrogância. — Começo a pensar que você é que não sabe o que está fazendo.

O cientista ainda não havia encarado o militar nos olhos, mas essa última frase agrediu seu ego violentamente. Se tinha uma coisa que aquele homem maldito sabia fazer, era provocar. Levantou-se e ergueu o queixo na direção do babaca no comando.

— Não preciso repetir que só estamos aqui por causa de *mim*. Que essa operação só vai dar certo porque eu sei *exatamente* o que estou fazendo — apontou em direção ao peito para dar ênfase. — Eu já disse isso um milhão de vezes, mas parece que é difícil para você conceber, Walter. Se os seus homens pararem de trazer porcarias, talvez as coisas andem mais rápido.

O outro homem sequer mudou sua expressão. Aproximou-se ainda mais dele, passando pelas mesas móveis e estantes do laboratório. De costas, Aidan devolveu o pequeno transmissor para debaixo dos papéis.

— Então por que não devolve as várias peças que não lhe servem? — perguntou Walter, distraído com um tubo de vidro nas mãos.

Até que você não é tão burro quanto parece.

— Porque tudo é útil — respondeu sem hesitar. — Considere como um estoque de emergência.

— Hum... — devolveu o outro, largando o vidro na prateleira. — E como estão as máscaras, Aidan?

— Mesmo com o lixo que trouxeram, consegui finalizar uma. Estou trabalhando nas outras.

— Quero ver.

— Não a testei ainda!

— Não me interessa, eu quero vê-la.

O cientista se levantou a contragosto, caminhou até outra bancada e pegou o objeto ao qual Walter se referia. Levou-o até o militar, que o inspecionou com cuidado. Era uma máscara que envolvia todo o rosto, feita de couro preto, com um longo bico de pássaro. Os olhos eram dois círculos vítreos esverdeados. No geral, a máscara tinha um visual bem macabro, do mesmo modo como ele se lembrava na época da peste espanhola.

— O que muda desta para o capacete dos soldados?

— O capacete dos soldados apenas evita que sejam atacados. Já esse... — fechou a boca em um sorriso de escárnio. — Esse pode comandá-los.

— Igual ao que usamos no carro?

— Sim. Exatamente igual ao que seus homens perderam!

— Mostre-me — disse Walter, esticando a máscara na direção do cientista e olhando na direção da sala cercada por vidro. Dentro dela, uma das pessoas contaminadas vagava em círculos.

— Não tenho de provar nada para você — respondeu bravo.

— Você não tem certeza se vai funcionar, não é?

Aidan arrancou a máscara da mão do militar e caminhou com passos firmes até a entrada da pequena sala de vidro. Colocou-a segurando pelo bico e pela parte que cobria o topo da cabeça. Ela criava um contraste interessante com seu avental branco. Empurrou a barra metálica que servia como maçaneta, e a porta se abriu, dando acesso a uma pré-câmara. No final do pequeno corredor, outra porta o deixaria cara a cara com o infectado. Ele sabia que não havia necessidade de provar nada para aquele idiota, tampouco ficar na presença do infectado para lhe dar o comando. Mas aquilo era uma coisa que *precisava* fazer.

A cobaia lá dentro estava agora em um estado mais inerte. Por vezes ela despertava e ficava agitada, esmurrando o grosso vidro que a enclausurava. Aidan nem hesitou, pois não podia mostrar dúvida. Dois passos o deixaram a menos de três metros do infectado.

Vá para longe de mim.

A criatura ergueu os grandes olhos brancos, emitiu um grunhido e se afastou de forma trôpega, indo para o fundo do recinto. O cientista direcionou o olhar para Walter, que não parecia impressionado. Ergueu uma das mãos e o chamou para perto do vidro. O militar hesitou, mas acabou chegando mais perto. Parecia também não querer demonstrar medo e ficou bem próximo da grossa placa.

Mate aquele filho da puta arrogante.

O infectado girou a cabeça, procurando a sua vítima. Quando se deparou com Walter, correu desesperadamente na sua direção com a boca aberta em um grito de fúria. A dois passos do vidro a criatura saltou em um bote certo, que teria matado o homem se não fosse a barreira translúcida. Ele deu um passo para trás e protegeu o rosto com o braço esquerdo. Aidan saiu da sala rindo do susto do homem.

— Como isso é possível? — perguntou o militar, ainda se recuperando do susto.

Duvido que esse idiota entenda minimamente o conceito de ondas cerebrais.

Poderia explicar a Walter sobre os anos de suas pesquisas sobre pandemias e consciência coletiva, mas decidiu que simplesmente ele não merecia.

— Você não entenderia — limitou-se a dizer.

— Eu vou levar essa — disse Walter.

— Espere pelas outras.

— Tem alguém atacando nossos caminhões. Quase não conseguimos trazê-los até aqui. Não vamos mais esperar. Se a sua criatura não é capaz de lidar com ele,

mande a outra. Já vimos o que ela pode fazer.

— Eu cuido disso — respondeu Aidan com raiva.

— De qualquer modo, enviaremos um deles pela ponte com dois caminhões, para iniciar os ataques.

— Você sabe qual é o plano. Ele não vai gostar que mande só um.

— O plano é começar logo. Melhor que se comece por algum lugar. Que pensem o que quiserem — disse Walter. — Colocarei todos os homens à sua disposição para procurar o restante do que precisa. Termine logo.

— Você sabe que, se eu procurar, será muito mais rápido.

— Eu não discutirei isso com você, *cientista*. Diga o que precisa e os homens buscarão. Faça o seu trabalho, que eu faço o meu.

Seu boçal!

Walter girou o corpo e caminhou em direção à saída. Viu a porta da pequena cela improvisada em um dos banheiros.

— E quanto àquele ali, o que quer com ele?

— Quero testar uma variação do vírus — mentiu. — Preciso de uma cobaia viva.

— Ele está fedendo — Walter apontou para Aidan. — Mandarei alguém buscar o traje. Deixe tudo preparado.

O militar saiu da sala levando uma das máscaras de médico da peste junto consigo.

— Idiota! — gritou Aidan após a saída do homem. — Idiota, filho da puta!

Escondidas atrás da mesa, estavam as outras nove, todas prontas havia muito tempo. Seus últimos estudos, no novo mundo, estavam focados em algo muito mais avançado. Foi até a porta do banheiro que prendia o homem trazido por sua mais recente criação.

— Ei! Você!

O homem estava sentado no canto perto do sanitário, tinha roupas escuras, barba rala e cabelo bem curto. Dirigiu a Aidan um olhar rancoroso de um condenado, pois provavelmente tinha escutado a conversa inteira.

— Não se preocupe, não vou matá-lo — adiantou-se Aidan.

— Eu não sou surdo, nem idiota — rebateu o outro.

Outro que também não é tão burro.

— Se você ouviu tudo, deve ter percebido que sou tão prisioneiro quanto você — tentou soar eloquente.

— É... — concordou o homem. — Mas, no seu caso, eles *precisam* de você.

— E, no *seu caso*, eu preciso de você...

O homem que estava encolhido, sentado no chão e abraçado nos joelhos relaxou as pernas e dirigiu-lhe um olhar desconfiado pela pequena fresta da porta. Aidan

sentiu que avançara alguns metros no campo da confiança.

— Como se chama?

— Cisco...

O cientista ergueu as sobrancelhas com o esquisito nome, mas o outro não pareceu sequer envergonhado. Levantou-se e foi em direção à porta, a cabeça levemente torcida para o lado, indicando desconfiança.

— Para que você precisaria de mim?

— Para uma coisa muito importante — disse Aidan, com olhar confiante. — Você vai me ajudar a fugir lugar desse lugar.

Dante

Uh...

Soltou um suspiro preguiçoso.

Já é de manhã?

Levou a mão esquerda até o rosto e esfregou os olhos. O braço direito estava imobilizado. Piscou duas vezes para que a visão pudesse se adaptar à claridade do quarto. O teto era feito de gesso, com luzes escondidas dentro de nichos que contornavam os quatro cantos. As paredes exibiam um tom bordô. Acima da cama, um abajur pendia para fornecer uma parca iluminação que mantinha cumplicidade com o cheiro promíscuo que pairava por ali.

Ele girou o pescoço e se deparou com um amontoado de cabelos loiros originados da cabeça deitada sobre seu braço. Desceu o olhar para contemplar o corpo logo abaixo. Não se recordava de muita coisa.

Parece que me dei bem desta vez.

Ela girou para abraçá-lo, entrelaçando suas pernas e jogando um dos braços sobre o peito de Dante. O corpo era esbelto, e a pele quente e macia. Quando a moça terminou de se aninhar, revelou a presença de uma segunda mulher na cama. Estava deitada de bruços e tinha os cabelos ruivos como o fogo.

Provavelmente isso vai custar caro...

A ruiva se agitou com o movimento da primeira. Como se estivesse tendo um pesadelo, apertou os olhos fechados, moveu-se para o lado e abraçou a loira. Dante sorriu com os lábios fechados.

Seu braço direito começava a adormecer e, além disso, ele precisava sair logo daquele lugar.

Já é difícil lembrar o nome de uma...

Levou o braço esquerdo para buscar apoio na cama, quando tocou em algo igualmente macio à loira. Girou o rosto e se deparou com uma terceira mulher, negra como a noite. Provavelmente tinha o corpo mais bonito das três. Ela acordou com o toque de sua mão, abriu vagarosamente os olhos e sorriu quando o viu.

— Oi... — sussurrou ela.

— Oi — ele devolveu.

Por que você não volta a dormir?

A terceira mulher pegou sua mão, passou a cabeça por cima e o envolveu em um abraço, deitando seu rosto no peito dele, próximo ao da loira. Dante ficou ali, com os braços abertos, aninhando duas mulheres, fitando o teto de gesso.

Ed não vai acreditar nessa...

Enquanto decidia o que ia fazer, sua mente tentava reconstituir os fatos da última noite. A última coisa de que se lembrava claramente era ter entrado com Malcolm em uma casa de jogos chamada Las Vegas. Depois disso, tudo era um amontoado de imagens soltas que não se conectavam. Viu alguns homens lutando em um ringue, uma mulher fazendo um show de *strip-tease*, lembrava-se de comemorar por ter ganhado nas cartas e... da mulher ruiva. Ela o havia abordado após ter recebido um punhado de fichas.

Dante olhou para a mulher por sobre o ombro da loira. Seu rosto tinha algumas sardas e ligeiramente lhe trazia a recordação de Becca.

Pegaram bem no meu ponto fraco.

Não houve muito mais tempo para reflexões. A porta se abriu sem muita cerimônia e dois homens entraram no quarto. Mais luzes se acenderam e as três mulheres acordaram assustadas. O segundo homem observou a cena com as sobrelhas erguidas, impressionado.

— Uma noite e tanto, não?

Não é?

— Nada que eu não esteja acostumado — ele respondeu com um meio-sorriso.

O homem ergueu os cantos da boca, satisfeito com a resposta.

— Está bem... hora de pagar a conta. Você deve estar acostumado com isso também. Saiam, garotas!

As três mulheres se levantaram rapidamente, recolhendo suas roupas espalhadas pelo quarto. Vestiram-se de forma precária e caminharam em direção à porta.

— Tchau, Dante! — atirou-lhe um beijo a ruiva.

— Adeus, Dante! — piscou a loira.

— Venha-nos ver novamente! — pediu a negra em tom malicioso.

— Até mais, meninas! — respondeu ele, feliz por não ter de executar a difícil tarefa de recordar nomes. — Então... Quanto eu devo?

— Não é comigo que irá acertar — disse o homem. — Vista suas roupas.

Oh, merda...

Dante obedeceu porque ainda não tinha um plano de fuga. Não havia janelas e os dois homens bloqueavam a única porta existente. Cassino era gigante e ele não fazia ideia de onde estava Johnny. Curiosamente sua cabeça não doía, apesar de não se lembrar de nada.

Vamos sair daqui e vejo o que faço.

Vestiu-se o mais rápido que pôde e tentou ajeitar os cabelos com as mãos. Foi a primeira vez que havia passado uma noite no Cassino e perguntava-se por que nunca havia estado ali antes. Fora com certeza a melhor noite de sua vida.

Se não sair caro, com certeza eles terão um novo cliente.

Um dos homens já havia sumido, mas o outro ainda o aguardava à porta. Dante passou por ele, levando sua jaqueta de couro sobre o ombro. Caminhava confiante, mesmo sabendo que estava bem ferrado.

Quanto será que devo?

Atravessou o corredor cheio de portas. Atrás delas, alguns gemidos indicavam que haveria mais pessoas para cobrar. Saindo do prédio, viu um furgão. A porta traseira estava aberta e o homem que havia conversado com ele aguardava com as mãos para baixo. Segurava discretamente uma pistola e lhe dirigia um olhar atento.

Vamos ver... tento um soco e saio correndo...

Observou os dois lados da rua. Estavam praticamente desertos. O sol começava a se erguer no horizonte, já lançando seus raios para ofuscar um pouco as luzes de Cassino.

Mas para onde?

Dante se sentia desorientado. Não fazia ideia de onde estava. Suas chances de fugir eram mínimas. Talvez fosse melhor ir pagar sua dívida. Talvez...

Entrou no furgão e os homens fecharam a porta. Não conseguia ver nada. Os vidros haviam sido pintados pelo lado de fora. Também não havia janela alguma para a cabine principal. Sacudiu por algum tempo na traseira do furgão, dando um olhar de deboche para o seu algoz.

Por que não me matam de uma vez?

O veículo parou de repente. Ele ouviu alguns passos do lado de fora. Uma sombra se formou atrás da tinta das janelas traseiras e a porta se abriu. O homem o encarava com uma das mãos para trás.

— Pode descer.

Dante saiu da sua pequena prisão de metal e se deparou com uma mansão digna do homem mais importante de Cassino. Perdeu a conta de quantos guardas havia sobre o terraço.

É... terei de ouvir a proposta.

O homem que o levou até ali fez um sinal. Dante o seguiu para dentro da mansão. Cruzaram a entrada principal e acessaram alguns corredores até chegarem a uma fileira de portas de vidro que davam em salas pequenas, com apenas uma cama.

— Espere aí — ordenou o homem.

A porta fechou-se e Dante ficou ali, fitando a parede. Sentou-se na cama e aguardou. Sentia-se como um animal enjaulado. Escorou as costas no concreto frio,

fechou os olhos e começou a cantar.

— *Eu... sou o homem... na caixa!*

Com a boca, ele vocalizou o som da guitarra.

— *Enterrado... em minha merda!*

Usava as mãos como se estivesse tocando um instrumento imaginário.

— *Você não virá me salvar?* — sorriu. — *Salve-me!*

Acho que agora sei como as músicas são criadas.

Ia começar o refrão, mas um homem apareceu à porta. Esse não era monocromático como os demais. Era ele, só podia ser ele. Usava um traje de um tom de laranja vivo que combinava com a pele escura. Usava uma cartola da mesma cor da roupa. Do lado esquerdo do corpo, envolto em um coldre, um grande revólver descansava na altura da coxa. Quando os olhares se encontraram, ele sorriu.

Estou muito fodido.

A porta se abriu. O homem extravagante entrou com passos confiantes, apontando para Dante enquanto sacudia a mão.

— Dante, Dante... — avaliou-o por um momento. — Você deveria receber um prêmio pela noite mais aproveitada da história do Cassino. Bateu todos os recordes.

— Se não fosse para quebrar a banca, eu nem entrava — disse Dante, sorrindo para esconder o nervosismo.

Ambos riram.

— Sabe, Dante, gostei de você! Não vamos conversar aqui. Venha comigo — chamou-o com a mão.

Retornaram pelo corredor. Ele viu mais uma ou duas pessoas dentro das pequenas prisões. O vício é algo estranho, ele se apresenta como um amigo leal e você sabe que no final das contas ele vai apunhalá-lo pelas costas, mas mesmo assim o abraça afetosamente.

Espero que tenham aproveitado pelo menos. Eu aproveitei.

Passaram pela sala de estar, onde havia um urso gigante como tapete, e chagaram até uma bonita porta que conduzia ao escritório.

— Sente-se, por favor, caro Dante — pediu o homem excêntrico. — Acredito que saiba quem eu sou.

Meu carrasco?

— Você deve ser o homem que comanda tudo aqui. Aquele que chamam de O Apostador. Acertei?

— Absolutamente — o Apostador foi até uma mesa no canto da sala e pegou uma garrafa acompanhada de dois copos. — Uísque?

— Claro! — Dante se recostou confortavelmente na poltrona.

O dono do Cassino entregou-lhe um copo e ele bebeu sem hesitar. Logo após o gole, Dante olhou para o copo, impressionado.

— Isto é ótimo!

Foi o Apostador que lhe devolveu um olhar impressionado agora.

— Você é uma das poucas pessoas que não achou que seria envenenado pelo uísque.

Está brincando? Quem bebe o chá da Irene, bebe qualquer coisa.

— Acho que envenenamento não faz seu estilo — respondeu categoricamente, apontando para o revólver com as sobrancelhas.

O Apostador acompanhou seu olhar e riu. Atirou-se em sua poltrona e colocou ambos os pés sobre a mesa.

— Ah, Dante! Quanto mais tempo passamos juntos, mais gosto de você! Por que nunca veio a Cassino antes?

Talvez por que quem vem não volta mais?

— Estive ocupado, trabalhando.

— Poderia trabalhar para mim, se quisesse.

— Estou sempre disposto a receber ofertas — Dante sorriu.

É isso ou a morte.

— Receio que você esteja com poucas opções no momento... — advertiu o Apostador. — Você conseguiu ficar devendo, em uma noite, 254.827 fichas — deixou a quantia no ar. — É uma quantia espetacular.

Será que uma era filha dele?

— Sem querer questionar o seu pessoal... mas deve haver um engano. — Dante estava desconfortável. — Eu ganhei em uma das mesas de cartas e as garotas apareceram. Elas custam tanto assim?

O Apostador fechou os olhos levemente e cerrou os lábios, fazendo um movimento negativo com a cabeça.

— Não, não, não, meu caro Dante. Sua memória parece não estar lhe ajudando — ele puxou um pequeno caderno de anotações de dentro de uma das gavetas. — Vamos ver... você apostou nas máquinas, cartas, roletas e nos dados. Ganhou a primeira, mas depois perdeu as vinte e três rodadas seguintes. Apostou em algumas lutas em que... — ele olhou para Dante com a testa ligeiramente franzida e os dentes cerrados. — Não deu muita sorte. Parece que seu refúgio foi se atirar nas bebidas, quando distribuiu alegremente fichas para minhas meninas, obrigado, e fez amizade com muitas pessoas que nem conhecia, pagando doze rodadas para todos que estavam em Las Vegas — fez outra pausa, fechando o caderno. — Um coração generoso!

Putá. Que. Pariu.

— Me desculpe perguntar, mas tem certeza de que era eu? — teve de perguntar.
— Toda a história bate... até o coração generoso. Se há uma coisa que eu jamais faria, principalmente bêbado, seria pagar bebida para outras pessoas.

Sem se preocupar em responder, seu anfitrião apenas apertou um botão em cima da mesa, uma tela apareceu e algumas imagens começaram a ser exibidas. O ambiente era bem familiar a Dante. Tratava-se de Las Vegas. Ele estava lá, jogando nas mesas de roleta, comemorando a cada fim de jogada. Um garçom passara por eles com uma bandeja cheia de bebidas e ele pegara uma caneca de cerveja.

— Eu seria capaz de dizer que aquele é você — sugeriu o Apostador.

Dante não respondeu.

Tem alguma coisa errada...

A imagem mudou. Mostrava dois homens lutando em um pequeno círculo. Trocavam socos, chutes e agarrões. Ele estava do lado de fora, tentando prever os golpes e encenando-os com as mãos. Enfiara os dedos nos cabelos, deslizando até a nuca, quando o lutador para qual torcia fora derrubado com um potente golpe na lateral da cabeça.

Eu nunca aposto em lutas...

— Eu acho que aquele ali também é você — disse o Apostador.

As imagens eram incontestáveis, e sua mente trabalhava para tentar entender o que estava acontecendo. De repente, a verdade que até então era sinuosa e incerta, como a estrada que contorna uma montanha, acertou-o em cheio, com uma potência maior que a do motor de Johnny.

Malcolm... Aquele filho da puta.

“Você receberá instruções...”, dissera-lhe o Corvo.

“Venha! Passe uma noite comigo no Cassino! Eu pago tudo para você!”, convidara o ilusionista.

Agora vejo o quanto o seu mágico é bom.

— Então, meu caro Dante? Satisfeito?

— Contra fatos não há argumentos, não é mesmo? — ele deu um meio-sorriso.

— Acho que me faltou sorte.

— Sorte... — refletiu o outro, levantando o uísque. — Às vezes ela nos abandona.

Quase sempre, eu diria. Sorte é quase uma coisa que desconheço.

— Por acaso vocês não viram outro de mim andando por aí?

— O que disse? — o Apostador pareceu confuso.

— Esqueça. O uísque já deve estar fazendo efeito. Mas e agora?

O Apostador tirou os pés da mesa, puxou a poltrona para a frente e colocou os dois braços sobre a mesa, juntando as mãos.

— Eu tenho uma forma muito peculiar de cobrar dívidas, Dante — ergueu o dedo indicador direito, solicitando uma pausa. A mão esquerda desceu até as pernas e voltou carregando o revólver, que foi depositado sobre a mesa. — Algo chamado... roleta russa. Já ouviu falar?

Eu não acredito...

— Já.

— Geralmente eu faço uma série de perguntas e vou acrescentando uma bala em cada rodada — ele olhou para cima como se estivesse recordando das últimas vezes. — Eles mentem até levar o primeiro tiro, me ameaçam no terceiro, você sabe... essas coisas...

Não sei mesmo.

— Quando entendem que precisam falar a verdade, já estamos girando um tambor carregado com seis balas na cabeça — ele abriu os braços. — Então eu te pergunto: você quer passar por isso?

E alguém quer?

— Acho que não.

— É... eu também não — disse o Apostador. — Odiaria ter que atirar nas suas bolas — começou a rir.

Ele acompanhou a risada, apontou o copo de uísque para o dono do Cassino em um gesto descontraindo, mas na verdade estava quase se borrando de medo.

Está bem. Já me convenceu. Vamos para a parte ruim.

— Bem... — o Apostador deu um gole no seu uísque. — Já que você quer nos poupar desse grande incômodo, eu vou te propor um acordo.

Dante largou o uísque sobre a mesa, cruzou as pernas e escutou com atenção.

— Preciso que leve alguém para algum lugar no menor tempo possível, e nossa dívida estará paga. Você consegue?

Fora as mulheres, é o que faço de melhor.

— Não poderia achar alguém mais capacitado. Quem eu vou levar e para onde?

— Ela — apontou o Apostador em direção à porta.

Mesmo sem olhar, Dante já sabia de quem ele estava falando.

Putá que pariu. Então você não acabou com o Cassino conforme a profecia do Corvo?

Girou a cabeça e viu a mesma mulher esguia com quem tentara negociar. Aquela que enfiara uma faca no sofá entre suas pernas para ameaçá-lo. Aquela a qual ele enganara, entregando o caipira no lugar de Isaac. Ela estava de pé, com os braços cruzados, escorada no umbral da porta. Dirigiu-lhe um olhar de ódio e repulsa. Ele voltou sua atenção para o Apostador, inclinou a cabeça e soltou um pequeno assovio.

Posso escolher a roleta russa?

— Isso será bem interessante...

— Eu tenho certeza de que será — corroborou o outro.

— E para onde vamos? — quis saber.

— Seu carro gosta do deserto, Dante?

Mas é obvio que não. Está achando que tenho um jipe?

— Com combustível no tanque, ele gosta de qualquer lugar — sorriu de forma forçada.

— Fique tranquilo; para onde vão, há bastante combustível — ele estendeu o braço para apertarem as mãos.

Aí estão as instruções, maldito filho da puta!

Dante estava angustiado pela forma como fora manipulado, mas agora não adiantava ficar resmungando. Um homem precisava pagar as suas dívidas.

Às vezes, até a dos outros...

— Sabe, Apostador, eu gostei mesmo de você — revelou enquanto apertavam as mãos.

— Que bom. Algum motivo especial?

— Além do belo estabelecimento, você foi o primeiro homem que me cobrou uma dívida sem ameaçar o meu carro.

— Por que eu faria isso? É um belo carro — disse o outro.

Dante sorriu e caminhou em direção à porta, onde a maluca das facas o aguardava. A troca de olhares deixou nítido que nenhum dos dois desfrutaria da companhia do outro. Mas trabalho era trabalho.

Eu estou muito fodido.

Yohan

— Você viu aquelas coisas! Todos nós vimos! Escapamos por um milagre e quer nos prender aqui? — vociferou um dos irmãos de ferro. Era conhecido por Inútil.

Yohan não gostava dele.

— Inútil... Você *tem* que se acalmar... — pediu Alanna com parcimônia.

O operário estava inquieto e gesticulava bastante, tentando persuadir os outros. Aos poucos, várias vozes começavam a sair das bocas, antes fechadas, para criar um burburinho no salão principal da refinaria.

— Como posso me acalmar? Eu não vim para morrer aqui! — reclamou ele e apontou para Yohan. — Por que o mecânico não está no comando? Ele é que nos salvou ontem à noite.

Alanna olhou para Yohan com uma sobrancelha levantada e ele franziu a testa; não esperava que seu conceito entre os irmãos estivesse tão elevado. Inútil fitou-o com olhos inquisidores, acompanhado dos vários outros irmãos. Um silêncio se fez. Aquele mesmo de quando alguém sugere uma ideia tão boa que ninguém consegue tecer um argumento contrário e todos ficam ponderando o quão genial ela é.

Querem que eu seja o comandante?

Percebeu que bastava uma afirmativa para assumir o cargo deixado por Milles, agora de Alanna. A mulher com cabelos de fogo encarava-o com ferocidade de cima da plataforma e, mesmo sem mover os lábios, seus olhos falavam algo do tipo *estão esperando uma resposta, mecânico. Dê a eles a resposta certa*. Ainda conseguia se lembrar do cheiro dela e do toque daquele corpo macio se esfregando no seu.

— Então... o que vai dizer a eles, *mecânico*? — indagou Alanna, com um tom de deboche tão incrustado na última palavra quanto o piche se gruda na roupa.

Vários pares de sobrancelhas se ergueram, esperando uma resposta. O *sim* perambulou por sua boca e quase saiu, mas teve de engoli-lo. Era a coisa certa a se fazer.

— Não posso fazer isso. Ela é a pessoa certa.

Inútil revirou os olhos com a resposta.

— Então vamos todos morrer aqui.

Vários “*sim*” percorreram entre as outras fileiras de irmãos de ferro. Alanna definitivamente não queria aquela reunião, mas teve de atender ao grupo liderado

pelos operários, que exigiu explicações após o ataque. Para falar apenas uma vez, convocou todos os homens da Forja, deixando apenas um sentinela na direção do Deserto dos Mortos e outra na direção da Cidade Fantasma.

Ela desceu da plataforma que a deixava mais alta que sua pequena plateia, ajudando a encarar todos os irmãos de ferro, e caminhou até o operário. Segurou-o pelo colarinho do macacão e o encarou no fundo dos olhos.

— Nós não vamos morrer aqui, entendeu? Porque eu não vou deixar! — soltou o operário e começou a andar no meio do grupo. — E, enquanto eu estiver aqui, a Forja vai resistir! Porque não vim aqui para fugir como uma covarde e ser caçada por mercenários até a morte... — fez uma pausa. — Nem vocês!

Yohan assistia de perto da plataforma, prestando um auxílio moral à nova comandante com sua imposição física sem perceber.

— Nos dê a marca de que cumprimos o serviço e vamos embora! Não queremos receber nada! Só queremos nossa vida de volta! — gritou alguém no outro lado.

— É! — ecoaram vozes na multidão.

— Queremos a marca! — iniciou um deles, e logo todos estavam gritando.

— Queremos a marca! Queremos a marca!

— Calem a boca! — ela gritava no meio deles. Correu até a plataforma para poder ser vista. — Escutem, seus porcos imundos!

— Queremos a marca! — a multidão estava ensandecida, com os punhos cerrados dando pequenos socos para cima enquanto gritavam.

Alanna olhou para Yohan por um breve momento. Em seus olhos, uma onda de fúria ainda estava contida, como uma barragem prestes a arrebentar. Ela relutou em puxar o revólver, mas, após algumas tentativas frustradas de reaver a palavra, alguns tiros para cima pareciam bem promissores. Porém, antes que ela pudesse erguer a arma, algo inesperado aconteceu. A porta de ferro se abriu com violência para permitir a passagem de um dos sentinelas. O homem puxava e soltava o ar dos pulmões, em uma respiração entrecortada, com a velocidade dos tiros de uma metralhadora. Os gritos cessaram para dar lugar a olhares curiosos.

— Ele... — começou o soldado, sem conseguir concluir. — Ele...

— Ele o quê, soldado? — quis saber Alanna, preocupada.

O homem dirigiu o olhar para todos os presentes. Segurava os joelhos enquanto os pulmões bombeavam o ar.

— Ele... ele voltou!

— Quem? — perguntavam as vozes atônitas.

Yohan foi capaz de ouvir as mais diversas sugestões, entre as quais se destacavam Milles, Braço e até os nomes de alguns dos irmãos que foram fazer os testes.

— Ele — disse o sentinela, dando passagem para o homem que entrou com passos largos e confiantes.

Estava vestido com o mesmo uniforme negro dos soldados, coberto com uma capa que tinha um capuz, agora encolhido atrás da cabeça. Alanna sorriu e desceu da plataforma para abraçá-lo. Yohan ficou impressionado, mesmo sabendo recentemente que ele não havia morrido. Via a verdade se concretizando em sua frente e, se soubesse que não estava louco, poderia afirmar que era uma miragem produzida pelo deserto.

Entre a multidão, os irmãos mais antigos explicavam aos mais novos de quem se tratava. Era apenas o homem que criara toda a Forja, aquele o qual afirmaram ter morrido. Aquele cujo lugar Milles tentara usurpar sem nenhuma cerimônia. Estavam olhando para o Homem de Ferro.

— O que está acontecendo aqui? — ele perguntou em voz alta, em um tom imponente que acuou até os mais beligerantes.

Alanna poderia dizer, mas deixou que os causadores de problemas falassem com a mesma petulância que usaram para desafiá-la. Inútil, porém não perdeu a confiança. Sua entrada na Forja ocorreu após Milles ter assumido, então provavelmente não sabia ao certo com quem estava lidando.

— Queremos a marca para deixar este lugar! — disse com o queixo erguido. — Nos dê o que é nosso por direito e vamos embora!

Até agora não queriam nada de volta, pensou Yohan, perguntando-se se havia escutado bem. O Homem de Ferro sequer mudou a expressão para demonstrar surpresa ou desprezo.

— Como o chamam? — perguntou ao irmão de ferro.

— Inútil!

Ele sorriu. Poderia fazer piada com aquilo, mas pareceu optar pelo bom senso.

— Fala apenas por você ou está sendo o portador de um pensamento coletivo?

— Eu não sou o único que pensa assim — rebateu Inútil com o cenho franzido.

— E qual a sua função aqui na Forja?

— Sou operário.

O Homem de Ferro saboreou aquela informação enquanto pensava com o queixo apoiado em uma das mãos. Yohan acompanhava a situação com curiosidade. Alanna exibia um sorriso atrás da boca fechada, por baixo do cenho franzido. E, com todas as atenções voltadas para o criador da Forja, os irmãos de ferro mal notaram o outro homem que o acompanhava. Tinha ficado do lado de fora, aguardando. Era magro, tinha cabelos negros, usava uma barba e uma roupa que talvez um dia tivesse sido branca.

— Dê um passo à frente todo aquele que pensa igual ao nosso irmão Inútil — solicitou ao grande grupo, elevando a voz.

Quase todos avançaram em direção à plataforma, o que pareceu fazer a sala, antes ampla, ficar pequena. Uma poeira fina dançava no ar, ressecando as bocas às quais dava seu toque áspero, e as línguas saíam constantemente em uma tentativa de umedecer os lábios rachados.

São muitos para convencer a ficar.

Yohan estava certo de que haveria um motim. Por um momento, sentiu falta da sua chave grifo. O Homem de Ferro era sábio, mas seria mesmo capaz de fazê-los ficar? Pareciam muito determinados a ir embora. Mas, ao contrário do que pensava, ele não se sentiu intimidado ou sequer desafiado. Avançou um passo também na direção dos irmãos.

— De todos os que avançaram, levantem as mãos aqueles que não são soldados.

Aos poucos, as mãos foram subindo em direção às tubulações internas da fábrica. Pelo menos dois terços do grupo levantaram os braços. Olhares receosos se dirigiam a ele, tentando antecipar o que estava por vir.

— O que lhes causou esse pensamento? — exigiu saber.

Alanna girou o corpo para falar e, com um movimento de mão, ele pediu que aguardasse. Queria ouvir da boca dos homens. Um dos agricultores, cujo nome fugia a Yohan, deu um passo à frente. Segurando as mãos na frente da cintura, afastou o queixo do peito e começou a falar.

— Foram os demônios azuis, meu senhor. Eles nos atacaram à noite e quase entraram aqui. Se não fosse o tanque de guerra, você estaria caminhando sobre um cemitério.

— Quase escalaram os muros! — disse outro no meio deles. Pela roupa escura, era possível identificar o soldado.

— Não têm medo das balas! — disse um caçador.

— Nem do fogo! — gritou um do fundo da sala.

— Eles vieram direto do inferno! — completou Inútil.

Muitas cabeças balançavam em uma dança afirmativa. O Homem de Ferro fez uma pausa e os encarou, um a um. Tomou o tempo que precisou, caminhando de um lado para o outro.

— Aquilo não eram demônios — decretou. — Eram pessoas, como vocês e eu. Estão doentes. Muito doentes.

O grupo nada respondeu. Ele avançou na direção do mais próximo e fechou a mão rapidamente, dando um bote no ar, como se tentasse pegar um inseto que o incomodava havia bastante tempo. O homem arregalou os olhos e deu um pequeno salto para trás.

— Uma mordida. É tudo que precisa para que vocês se tornem um deles. Eu venho de um lugar onde esses filhos da puta tomaram conta de tudo. Porque lá não havia uma Forja para lutar pelas pessoas que precisavam. Então vocês podem até

fugir para suas casas, com medo. Mas eu já adianto: cada homem que cruzar aquele portão é um homem morto. Eu aumentei a recompensa por vocês lá fora para seis vezes o valor que era. Então, se os mortos não os matarem, os vivos matarão. E, acreditem em mim, eles são os piores.

Um burburinho de indignação se iniciou entre os irmãos que concordavam e discordavam com a mesma intensidade. Com as duas mãos erguidas, o Homem de Ferro solicitou silêncio, que até demorou um pouco, mas veio.

— Eu estive fora porque estava procurando o homem que pode nos ajudar a reverter a situação. — Esticou o braço para o que estava lá fora, chamando-o com os dedos. — Este aqui é Isaac. Um cientista brilhante que vai nos ajudar a desenvolver uma cura.

— Não existe cura? — perguntou alguém.

— Não. Ainda não — respondeu Isaac, falando pela primeira vez. — Precisamos de alguns deles para que eu possa fazer os testes.

— Que tipo de testes? — perguntou outro.

— Sobre os detalhes falaremos depois — interveio o Homem de Ferro. — Eu não darei a marca a ninguém. Que fujam por sua conta e risco. Mas, para os que ficarem, eu pagarei dez vezes o valor de um soldado, já no final do inverno.

— Mas isso é muito. De onde vai tirar tudo isso? — advertiu Inútil.

O Homem de Ferro limitou-se a sorrir.

— O Contador ainda está aqui? — perguntou a Alanna.

Ela assentiu e apontou para o meio deles, fazendo o homem baixo e atarracado surgir de onde estava.

— Nós temos essa quantia — falou quase com vergonha.

Satisfeito com a resposta, o criador da Forja se dirigiu ao restante do grupo.

— Se mantenham no lugar apenas aqueles covardes que arriscarão a vida lá fora sem levar nada. Os homens bravos e corajosos que defenderão as suas famílias aqui na Forja deem um passo para trás.

A multidão recuou. Se estavam obstinados ou intimidados, ele não saberia dizer, mas os malditos recuaram.

— Parabéns, homens. Agora todos vocês são soldados. Podem voltar às suas atividades — decretou e caminhou em direção à porta.

Alanna o acompanhou, chamando Yohan com um aceno da cabeça. Aos poucos os irmãos foram se dissipando, voltando satisfeitos ou relutantes para seus postos de trabalho. Aquela reunião ainda teria seus efeitos colaterais, mas, por ora, o problema estava controlado, como colocar um caneco de água no radiador furado de um caminhão.

— Você não acha que ainda tentarão fugir? — Alanna perguntou ao Homem de Ferro.

Eu pensei na mesma coisa.

Ele, que já parecia estar com a mente focada em outros assuntos, olhou para ela enquanto processava a pergunta e a resposta.

— Por dez vezes o valor de um soldado? Eu duvido muito. Querendo ou não, são todos mercenários. E um mercenário só pensa em uma coisa...

Alanna assentiu, pois fazia sentido. Muito sentido. Seguiram em direção ao prédio principal. O Homem de Ferro não precisava que lhe indicassem o caminho, conhecia a Forja como a palma de sua mão. No momento, uma mão empoeirada com uma fina camada de uma areia vermelha do deserto, trazida pela tempestade da noite passada. Entraram no prédio de comando, onde alguma janela parecia ter sido deixada aberta. Atravessaram o corredor, pisando sobre o tapete árido escarlate.

— O ataque foi tão ruim assim? — perguntou o Homem de Ferro enquanto tateava a mesa, como se os dedos lhe pudessem desencadear boas memórias. Sentou-se em sua cadeira, escorando-se para trás.

Alanna e o homem chamado Isaac tomaram uma cadeira para si, sentando-se do outro lado da mesa. Yohan ficou de pé. Sentia-se constrangido.

— Não. Só estão impressionados — respondeu ela. — Foi como você disse que seria.

Como você disse que seria?

— Você sabia desse ataque? — ele interrompeu, encarando o criador da Forja com um conjunto de rugas atravessando a testa como as fileiras de montanha no deserto. — Poderia ter avisado.

O Homem de Ferro estava com as mãos unidas sobre a mesa. Sem mover a cabeça, o seu olhar começou a escalar pelo mecânico para encontrar seus olhos.

— Eu fiz mais que isso. Mandeí você de volta para cá.

Yohan tentou processar o que ele queria dizer com essas palavras, enquanto Alanna já estava a quilômetros de distância na sua frente.

— E fez bem. Não teríamos conseguido sem o grandão aqui — ela deu um sorriso malicioso enquanto olhava para Yohan, e ele sentiu seu rosto queimar.

Fiapo...

— Haverá mais desses ataques — declarou o Homem de Ferro. — Infelizmente.

— Quando? — quis saber Yohan.

— Eu não sei. Por ora, apenas sei que acontecerão — ele fez uma pausa, refletindo enquanto olhava para as mãos que tamborilavam na mesa de madeira. — Ah! Deixe-me apresentá-los. Esse é o meu amigo, o cientista Isaac Mendes. Isaac... esses são Alanna e Yohan.

Yohan encarou o cientista. Parecia um homem tão assustado quanto Tomate. Mas ele gostava de agricultor e decidiu que também gostava do tal cientista. Fez

um aceno de cabeça que foi correspondido pelo outro, meio que sem graça, como que se sentindo um peixe no meio do deserto.

— Ele vai ficar aqui para tentar achar a cura. Mas tudo o que ele fizer deve ser mantido em sigilo para não gerar um certo... desconforto.

— Por que aqui? — perguntou Yohan.

— Porque é o lugar mais seguro perto deles no momento. Precisamos descobrir a cura logo. Estamos sem tempo.

— O que houve? — Alanna tinha a curiosidade afiada como uma lâmina recém-amolada.

O Homem de Ferro levou as mãos ao bolso e retirou um pequeno papel. Devia ter a largura de um dedo e estava enrolado como um minúsculo pergaminho. Ele o desenrolou com cuidado e encarou os três antes de ler o que estava escrito.

— *Mestre... Eu estraguei tudo. Tentei atacá-los e acabei libertando aquelas coisas. São centenas, talvez milhares. Achei que poderia fazer isso sozinho, mas não sei se posso. Deveria ter salvado o Cisco, um soldado da Forja que se tornou meu amigo. Ele foi capturado por um monstro que ele mesmo batizou de Wendigo. Eu nunca vi algo igual. Acabou com quase cinquenta homens em minutos, sem sofrer um arranhão. Não sei o que fazer. Me perdoe.*

— Quem escreveu esse bilhete? — perguntou Alanna.

— Mordecai — respondeu o Homem de Ferro. — Recebi ontem, no caminho para cá.

— Cisco está vivo? — quis saber Yohan.

— Não me lembro quem ele é, mas pode ser que sim.

— Mas, se é um monstro, por que não o matou? — Yohan coçou a nuca com a palma da mão.

— O que é Wendigo? — Alanna quis saber.

— Wendigo é um dos coletores — Yohan respondeu.

— O nosso eu sei o que é! — ela retorquiu e logo depois apontou para o bilhete — eu quero saber o que *esse* Wendigo é...

Isaac, que até então estava recluso em seus pensamentos, abriu a boca adotando uma expressão tão incrédula quanto sombria.

— Wendigo é uma lenda... — começou. — Do Canadá, se não me engano.

— O que é o Canadá? — perguntou Yohan com interesse.

Isaac dirigiu-lhe um olhar complacente, carregado de tristeza e saudade, talvez. Parecia falar de um velho amigo.

— Um lugar que não existe mais.

— O que diz essa lenda? — perguntou Alanna.

— O Wendigo era um homem que se alimentou de carne humana, foi possuído por antigos espíritos e virou algo... maligno — inclinou seu corpo para a frente,

colocando as mãos sobre a mesa, enquanto esfregava uma na outra. — A pele dele é dura como aço, não há bala que possa perfurar ou lâmina que possa cortar.

— Como matamos essa coisa, Isaac? — o Homem de Ferro perguntou.

— Se as lendas eram reais, apenas o fogo pode matar o Wendigo — Encarou os três, dando uma pausa para assimilarem. Diante dos rostos repletos de perplexidade, ele tentou amenizar. — Mas, claro, isso é apenas uma lenda! Nunca foi comprovada a existência desse monstro.

O Homem de Ferro apontou o bilhete na sua direção.

— Para mim, parece mais que comprovada. Fogo... bom saber... muito bom — deu dois tapinhas no ombro de Isaac, levantou-se, como se houvesse lembrado algo muito importante, e saiu em direção à porta.

Yohan caminhou a passos largos para alcançá-lo, tinha muitas perguntas, mas precisava ter uma certeza.

— Se Cisco e Fantasma estão vivos, eu quero ir ajudá-los. Fiapo também foi para lá — disse ao Homem de Ferro, que já segurava a maçaneta da grande porta para sair.

O criador da Forja pausou o movimento, raciocinando as palavras do mecânico. Seus lábios se comprimiram, como se ele estivesse saboreando o gosto amargo do que estava prestes a dizer.

— Eu receio que você terá de fazer muito mais do que isso, mecânico. *Muito mais.*

Meredith

Quem blefaria com uma arma apontada para o meio da cara?

Com a cabeça repousando sobre o braço, Meredith passara boa parte da viagem tentando alinhar os pensamentos. Estava encolhida junto à porta do comprido carro preto daquele homem irritante que não conseguia calar a boca. Pelo menos ela achava mais confortável que o furgão que Gunnar dirigia. Seu “novo parceiro” conduzia o carro de forma despreocupada, batendo uma das mãos no volante no ritmo da música.

Esse idiota com certeza blefaria...

As últimas informações haviam-na atravessado como lâminas afiadas, e ela já não sabia em quem poderia confiar. Parecia que todos mentiam, afinal. Teria apenas de descobrir quem mentia mais.

— Onde conseguiu este carro? — perguntou mal-humorada, sem qualquer cerimônia.

— Por aí... — disse o outro de forma evasiva.

— Por aí? Por aí onde? — insistiu.

— E que diferença faz? — ele quis saber, encarando-a nos olhos.

— Para mim, faz — ela respondeu.

Ele ergueu as sobrancelhas, agora com o olhar perdido sobre a vasta estrada que contornava as montanhas.

— Como dizem que o seu chefe fala? Ganhei em uma aposta?

— Aposta com quem?

— Com a morte — ele sorriu. — É a única aposta que faço.

— Por que alguém apostaria com a morte? — questionou Meredith, observando pela janela uma grande casa perdida entre as árvores. — Isso é ridículo! — disse de forma contundente, encarando-o.

Dante deu de ombros.

— Às vezes é preciso provar o gosto amargo do perigo para que se valorize o sabor da vida — tentou soar poético.

— Você inventou isso agora?

— Pode apostar.

— Quanta idiotice!

Ele fechou a cara. Girou o botão do rádio e desligou a música que vinha na carona a viagem inteira.

— Você fala isso, mas já provou o perigo real? Já sentiu que ia morrer? Já esteve em uma situação tão angustiante em que preferiu a morte? — Fez uma pausa, aguardando a resposta.

— Eu não tenho medo da morte.

— Claro que não. Dentro da redoma do Apostador, caçando gente bêbada e desesperada, que perigo pode correr?

— Não tem nada a ver com o Cassino — ela se defendeu.

— Ah, não? Então tem a ver com o quê?

— Eu sou pior do que a morte.

Dante sorriu ao volante e Meredith se permitiu um meio-sorriso.

— Considerando que estou vivo até hoje — concluiu ele —, eu também.

— Talvez a gente descubra quem é o melhor dos dois — ela provocou. — Pelo menos um de nós vai saber.

— Você já teve a sua chance — ele lhe recordou. — Não vai ter outra.

Ela desviou o olhar para a janela, afastando a mente do absurdo que eram aquelas palavras. A estrada começava a misturar o verde das fazendas com o amarelo do deserto. Observando uma das casas, sua mente viajou até sua infância; recordou-se de sua família. Principalmente de seu irmão.

Se ele está mesmo vivo, nada vai impedir que eu o encontre. Nada.

O sol já estava começando a se retirar no horizonte, fornecendo caridosamente seus últimos raios. Mais à frente, havia um antigo posto de combustível com o telhado inclinado, quase desabando sobre as estruturas enferrujadas, cortesia de uma das vigas que havia sucumbido perante a implacabilidade do tempo.

Dante conferiu o painel do carro.

— Precisamos abastecer.

— Aqui? — ela perguntou.

— Estou aceitando sugestões — ele rebateu. — Se você conhece algum lugar que tenha combustível enterrado naquela merda de deserto, a hora de falar é agora.

— Que seja, então.

O veículo perdeu velocidade, muito mais pelo peso do chassi do que pela ação dos freios. No posto, eles viram dois carros estacionados. Um deles jazia com os pneus cortados e vidros quebrados. O outro apresentava melhores condições e parecia ter sido estacionado ali havia pouco tempo. Dois homens armados aguardavam à porta do pequeno estabelecimento. Tinham olhares desconfiados e rostos pouco amistosos. Na bomba de combustível, outro estava sentado, com uma espingarda repousando no colo e uma lasca de madeira na boca.

Dante parou a alguns metros do posto. Desligou o motor e puxou a chave da ignição.

— Eu vou lá falar com eles.

Meredith não respondeu. Pelo vidro lateral, observou-o caminhar até o homem da bomba, coçando os cabelos da nuca com a mão direita. Falou alguma coisa. Os dois homens armados se olharam e voltaram sua atenção ao mercenário. Dante argumentou mais algumas palavras, apontando para o carro. O primeiro riu, acompanhado pelos outros dois, mais atrás, para logo depois fechar a expressão e balançar a cabeça negativamente.

Dante deu um sorriso forçado e levou uma das mãos na parte interna da jaqueta. Os três apontaram as armas para ele, temendo por uma reação. Ele ergueu o braço esquerdo solicitando calma e retirou duas moedas de cobre, entre o polegar e o indicador. O homem repetiu a negativa, cuspidando para o lado o resto da lasca que estava mastigando de um lado para outro da boca. Ele assentiu, conformado, e caminhou em direção ao carro. Abriu a porta e deixou o corpo desabar ao lado dela.

— O que aconteceu? — quis saber.

— Dez moedas de cobre para abastecer o carro — ele desabafou. — Isso aconteceu.

— Você não tem?

— Não tenho, mas não se trata disso — disse Dante. — Sempre custou uma moeda. Algum miserável ganancioso cobrava duas, no máximo.

— E quem é esse cara? — ela perguntou apontando para o homem sentado perto da bomba.

— Algum lacaio do Negociador, eu acho — disse Dante. — Parece que ele também tomou esse posto.

— Também?

— Colina do Leste já é dele, e sabem-se lá quais outros postos ele comprou.

— O que pretende fazer? — ela quis saber.

— Não teremos combustível para chegar até lá. Vamos até Trincheira ou roubar de alguém no caminho.

Ele colocou a chave na ignição para dar partida. Meredith tocou seu braço, parando o movimento. Ele olhou para a mão e depois para ela.

— Nós não vamos perder tempo indo até Trincheira.

— Por acaso você tem moedas de cobre escondidas por baixo do casaco?

— Quantos deles você viu?

— Fora os três? Tinha quatro dentro da loja.

— Sete... — ela disse o número, saboreando cada letra. — Espere aqui. Eu faço um sinal.

— Como assim *eu faço um sinal*? — ele perguntou, mas ela já havia saído.

Desceu do carro e caminhou em direção à loja de conveniências. Suas botas estalavam ao entrar em contato com o concreto do piso. O homem da bomba lhe

direcionou um olhar de curiosidade faminta, similar aos dois que estavam na porta. Fecharam a passagem ao vê-la se aproximar.

— O que você quer? — gritou o homem sentado com desconfiança.

— Aqui tem algum lugar que sirva de banheiro?

— Vá fazer no mato! Você e o seu namorado!

Meredith olhou na direção do carro. Dante estava desconfiado e apreensivo com a situação.

— Ah, mas ele não é meu namorado... — falou ela, caminhando com passos lentos na direção da bomba. — Na verdade eu o odeio e estou apenas esperando que ele durma para enterrar uma faca naquele maldito pescoço.

O homem ficou boquiaberto e avaliou-a de cima a baixo, cheio de malícia.

— Mas olhe só o que temos aqui... gostei de você.

— Talvez eu possa gostar de você... — disse ela piscando. — Se me deixar usar o banheiro.

Ele hesitou, trocou olhares com os dois que estavam na porta. Considerou os poucos riscos que uma mulher franzina desarmada poderia oferecer e acabou concordando.

— Está bem. No final do corredor. Você tem dois minutos, e o Fred vai te acompanhar.

— Tudo bem — ela devolveu.

Foi em direção à entrada do estabelecimento. Um dos homens abriu a placa de vidro para que ela pudesse passar. Quando ela cruzou a porta, viu que três homens estavam reunidos em volta de uma mesa. Fumavam e jogavam cartas. Os olhares foram da trinca de ases que um largava na mesa para a mulher que entrava naquele lugar. Parecia haver algum tempo desde a última vez que viram uma mulher, pois os três a observavam como um cão faminto observa um osso.

Vai ser muito fácil...

Viu um rifle escorado às costas de um deles, uma mochila com armas, uma escopeta e uma pistola enfiada na parte de trás da calça do outro. Fred a cutucou nas costas com o cano da metralhadora.

— O banheiro é ali.

Meredith sorriu com malícia para os cães famintos e se virou na direção do corredor. Um deles abriu tanto a boca que deixou cair o cigarro em cima das cartas, provocando risos nos outros dois.

Mas onde está o sétimo?

No banheiro, o som de água corrente respondeu suas perguntas. Quando ela levou a mão à maçaneta do banheiro feminino, sentiu algo tocar-lhe o início da espinha, na base da nuca.

— Não nesse. Naquele ali.

Ela assentiu e entrou no banheiro masculino. A falta de higiene de um mercenário era algo impressionante. O banheiro estava uma verdadeira porcaria. Fedia a mijo, tinha as paredes manchadas, azulejos quebrados e a porcelana dos sanitários já tinha migrado do branco para o amarelado. O sétimo homem apareceu de dentro de uma das repartições abotoando as calças. Quando a viu, parou o movimento abrindo um largo sorriso.

— Uau! — assoviou. — Parece que vamos nos divertir hoje...

Por um breve momento, Meredith pensou que, se fossem um casal normal, ela seria estuprada e Dante seria morto. Talvez isso já tenha acontecido com o outro. Mas esse não era o caso.

— Pode apostar que sim — disse ela, com o olhar indiferente.

Deu um passo, levou a mão direita por baixo do sobretudo e fez um giro preciso. A lâmina lambeu o pescoço de Fred, que pareceu não entender o que havia acontecido. A esquerda já havia pegado outra adaga, que foi lançada contra o homem que saía do banheiro, enterrando-se pouco abaixo do ombro. Ele olhou para o cabo da lâmina cravada em seu peito, com medo e admiração. Não teve reação que pudesse evitar a segunda lâmina de cortar a veia do seu pescoço, fazendo-o sangrar até a morte. Meredith segurou seu corpo para que não caísse de uma só vez e o conduziu até o chão.

Ela se virou para Fred, caído de joelhos com as duas mãos tentando conter o sangramento. Certificou-se de que o corte seria profundo o suficiente para evitar um grito que chamasse a atenção dos outros. Pegando mais duas de suas preciosas lâminas, recostou-se no umbral da porta e espiou pelo corredor. O som abafado da luta não havia chamado a atenção deles.

— Eu pago! Vamos ver o que tem aí... — disse um dos homens que estava sentado.

Ela avançou cautelosamente para reduzir o ruído das botas. Segurava as adagas em ambas as mãos. A primeira foi arremessada contra o que estava de costas, penetrando a carne macia que envolve a parte de trás do pescoço. Atirou a segunda contra o outro, tão letal quanto a primeira, perfurando-lhe o olho esquerdo. Ele levou as mãos ao rosto e urrou de dor, virando-se para pegar o rifle escorado.

O último que havia sobrado estava processando o que havia acontecido nos últimos cinco segundos. Tentou sacar a arma nas costas, mas Meredith foi mais rápida. Segurou a mão dele com a direita, cortando-lhe o pescoço com a esquerda. Quando o homem do rifle conseguiu pegar a arma, a pistola já estava apontada para sua cabeça.

— Grite — exigiu ela.

— Herman! — gritou ele, antes de receber uma bala no meio dos olhos.

Meredith pegou a escopeta, conferiu se tinha balas, engatilhou e girou nos calcanhares em direção à saída. O segundo guarda da porta, parceiro de Fred, surgiu na sua frente. A diferença entre os dois foi aquele milésimo de segundo em que o cérebro hesita antes de fazer alguma coisa drástica, como matar alguém. Ele teve isso. Ela não. A escopeta cuspiu violentamente seu disparo, jogando-o para trás. A metralhadora que ele segurava começou a disparar contra o teto, acionada pela contração involuntária dos dedos. A prova de sua eficiência foi que a loja não estava mais bagunçada do que quando ela entrou.

O homem que ficava na bomba havia se levantado para ver o que diabos estava acontecendo. Quando percebeu o massacre, mirou a espingarda na direção de Dante e deu um tiro. Com o nervosismo, atrapalhou-se com o ferrolho e, antes que pudesse preparar o segundo tiro, a escopeta jogou-o para trás. Ele bateu a cabeça e as costas no chão. O sangue começou a inundar a boca, vindo por um rasgo na traqueia. Ela surgiu na frente dele, observando-o morrer lá do alto.

— Que-quem é... você?

— Meu nome é Meredith. Mas pra você eu sou o anjo da morte, babaca!

Ela engatilhou a escopeta outra vez, ejetando o cartucho vazio para repor um cheio no lugar. Apontou o cano para a cabeça do homem, que estava inteira até o gatilho ser puxado. Depois disso, virou nada mais que uma massa gosmenta e avermelhada espalhada pelo concreto do posto. Ela olhou para Dante e fez um sinal.

Pegue todo o combustível que quiser, seu idiota.

Ele conduziu o carro até a bomba. Desceu, abriu a tampa do tanque, pegou a pistola de combustível e começou a abastecer, avaliando o capô furado enquanto olhava para aquele corpo disforme, que minutos atrás era um babaca mastigando uma lasca de madeira.

— Esse filho da puta atirou no meu carro!

— Ele não me parece arrependido — disse Meredith.

Dante se agachou ao lado do cadáver.

— Caralho! Você fez um belo estrago.

— Eu sou boa no que faço — disse ela, antes de entrar no carro.

Abasteceram, pegaram a mochila e todas as armas que encontraram por ali. Atrás do balcão havia uma caixa de isopor contendo alguns pedaços de carne mergulhados em grandes partículas de sal. Ao lado da carne, tinha um barril fechado com uma rolha. Quando ele a puxou e descobriu que era cerveja, sorriu satisfeito. Com o tanque cheio, voltaram para a estrada. Já estava escuro o suficiente para exigir a luz dos faróis. Dante entrou à esquerda, conduzindo o carro até o pé de uma montanha por um caminho sinuoso e desnivelado.

— Vamos parar por aqui e amanhã retomamos — disse ele, indo até o portamalas para pegar a caixa de isopor.

— Vamos seguir. Assim chegamos mais rápido.

— Você acabou de matar sete homens do Negociador. Acha que ele vai deixar barato?

— Mataremos todos que ele mandar.

— Mataremos, sim, mas amanhã. Quando der para enxergar alguma coisa. Um par de faróis na escuridão chama bastante atenção, não acha?

— Ah, sim! — rebateu ela. — Porque um carro preto no deserto é bem discreto.

— Estamos na estrada desde cedo. Relaxa. Vamos comer uma carne, beber uma cerveja e contar nossas histórias de assassinato — ele sorriu.

Dante fez uma fogueira modesta, com um punhado de galhos ressecados, atrás de uma grande pedra que não dava vista para a estrada. Espetou a carne como pôde em um galho mais grosso e a deixou assar. Serviu a cerveja em dois copos, entregando um para ela. A noite estava bonita, com um céu limpo e estrelado. Um vento gélido começava a percorrer entre as formações rochosas. Seria uma noite fria no deserto.

— Tenho algo para te perguntar depois do que vi hoje — ele disse. — Como sabia que o Mason não era o cientista?

Meredith tomou um gole da cerveja. Não era melhor que a de trincheira, mas ainda assim era muito boa.

— Eu vi o outro homem no bar. Parecia estar muito longe de casa.

— De fato ele estava... — Dante sorriu. — Por que não deixou seu parceiro me matar?

Ela o encarou com olhar impassível.

— Eu queria que você sofresse por ter traído seu chefe. A morte pareceu muito... inapropriada.

Dante refletiu as palavras, esvaziando o copo com dois grandes goles para enchê-lo novamente.

— Você tem sorte por trabalhar para o Apostador — disse Dante. — Ele parece ser um bom chefe.

Com o rosto emburrado, ela não respondeu. Bebeu sua cerveja e começou a amolar as adagas com uma pedra. Enquanto a carne assava, ele a observava com uma curiosidade genuína nas lâminas. Pediu para ver uma, mas ela não deixou. Tentou puxar conversa mais três vezes, mas ela não queria conversar. Já estava ficando irritada de tanta tagarelice.

A carne ficou pronta e fizeram uma bela refeição. Não era a mais macia que já comera, mas era carne, afinal. Apagaram a fogueira e Dante sugeriu que dormissem dentro do carro, para evitar o vento do deserto. Ele reclinou o banco do

motorista e se esticou com um dos braços atrás da cabeça. Não demorou a pegar no sono. Meredith ficou observando o céu por algum tempo. Girou o pescoço e viu aquele homem ali dormindo despreocupado, completamente imprevisível, como se soubesse de tudo o que aconteceria em sua vida o suficiente para temer apenas o necessário.

Ela puxou uma adaga silenciosamente de dentro do sobretudo e apontou para o pescoço dele, com a lâmina afiada a milímetros de distância da pele repleta de tocos de barba.

Eu poderia cortar o seu pescoço agora, aqui mesmo, e ir sozinha com seu carro. Você nem saberia o que havia acontecido...

Dante fez o som de um pigarro, abrindo o olho direito e flagrando-a com a faca estendida para o seu pescoço. Meredith não se moveu. Sem mexer um músculo, ele olhou para a própria cintura, fazendo com que ela acompanhasse o seu olhar. O braço estava escondido dentro da jaqueta, e com um movimento da mão ele fez revelar uma pistola apontada para ela. Meredith ficou surpresa, porque não havia percebido.

— Como eu disse, também sou bom no que faço — disse ele. — Além disso, Johnny não funciona sem mim. Não mais.

Ela recolheu a adaga.

— Só quero que saiba que, se eu desconfiar que você está me enganando de novo, eu não vou hesitar em enterrar a lâmina da minha adaga no seu pescoço.

Dante deu um bocejo.

— Blá, blá, blá, eu tenho raiva. Blá, blá, blá, eu vou te matar — debochou. — O mesmo vale para você, só que eu vou enfiar o Johnny inteiro na sua garganta. Está bom assim para você? Você me ameaçou e eu te ameacei. Podemos dormir agora?

Meredith não respondeu, virou o rosto na direção do vidro para contemplar o deserto. Apesar de Dante não levar a sério nada do que lhe é dito, o recado havia sido dado.

Nada vai ficar entre mim e meu irmão. Nem ninguém.

Mordecai

Siga seu coração... olha o estrago que eu fiz.

Do alto do prédio, ele observava a horda de infectados vagando pelas ruas desertas. Não conseguia sequer mensurar a quantidade. Mais e mais saíam da fenda que a sua pequena batalha com os soldados havia causado, como um corte preciso em uma veia principal do corpo. Agora ele não poderia sair dali sem matar aquelas criaturas. Do contrário, elas se espalhariam por toda a Cidade Fantasma e tudo o que ele tinha feito até então praticamente teria sido em vão.

Como vou matar tantos?

Era uma boa pergunta a se responder. Apesar de ficarem mais lentos durante o dia, eram numerosos. Qualquer ataque deveria ser bem pensado para que ele não sofresse tantos danos. Trabalhara arduamente durante dois dias, mas o número de baixas era pouco representativo. Sua melhor estratégia fora colocar fogo em um pequeno grupo. Os infectados grunhiam enquanto as chamas os derretiam até os ossos. Matara vários, talvez mais de cem. Mas agora não tinha mais combustível, nem nada que pudesse iniciar uma fogueira de forma rápida e eficaz.

E se eu atacá-los próximo de uma escada? Posso fugir por ela como fez Cisco na cafeteria.

Lembrou-se do amigo... será que ainda estaria vivo? Será que estaria a salvo? Sentia um peso em seu coração por tê-lo abandonado à própria sorte. Mas sabia que, se o tivesse acompanhado, provavelmente estaria morto. Sua intenção havia sido pura na essência, mas as consequências de seus atos cobravam seu alto preço agora.

Circulou pela beirada do terraço do prédio em que estava. Viu que no lado sul um pequeno grupo havia se separado da horda. Contou vinte e sete no total. As escadas laterais do prédio o conduziriam até eles. Desceu os degraus, observando todos os lados. Depois de atacar os caminhões, ninguém tinha voltado ali ainda, mas era questão de tempo. Todo o cuidado era pouco.

Quando pisou no chão, uma das espadas já estava em sua mão. Puxou a outra das costas, fez um giro com as duas e partiu para o ataque. Os três primeiros nem o viram chegar. Atacou pescoço e cabeça com golpes letais. A rua era larga e eles estavam espalhados, dando espaço para que se movimentasse. Decepo um braço, seguido de um corte no abdômen e uma estocada na cabeça de outro, enfiando a

lâmina por baixo do queixo. O pior momento foi quando seis deles o cercaram. Um chute com a sola do pé abriu caminho para que não ficasse encurralado.

Quando terminou, estava cansado. Seus músculos estavam tensos, sentia uma dor aguda no ombro direito e as pernas protestavam por um descanso. Limpou o sangue das lâminas com um pedaço de pano e subiu de volta no prédio. Sentia fome, mas principalmente sede. O sol era escaldante, refletindo seu calor no asfalto e no concreto. As criaturas vagavam sem rumo, com uma lentidão justificável. O menor contingente agora se aproximava da grande concentração de infectados, a maior que ele já vira. Ter eliminado aquele pequeno grupo, se considerasse a proporção ao total, era como alguém arrancar uma das penas de Diana no objetivo de matá-la.

Ele pegou uma pedra e começou a amolar as lâminas. Eram letais, mas precisavam estar afiadas. Olhou para os céus, procurando sua companheira. Esperava que ela retornasse à noite. Era metade da tarde e ele tinha muito que fazer. Abaixo, uma multidão se arrastava, grunhindo a cada passo.

— Rruuaaarr rruuarr ruurrr — arremedou as vozes, atirando a rocha que estava em suas mãos.

A pedra ganhou velocidade e bateu na cabeça de um deles, derrubando-o inconsciente no chão. Mordecai ergueu as pálpebras, tendo uma ideia. Desceu pela porta do terraço e vasculhou os apartamentos dos últimos andares por tudo o que fosse pesado o suficiente para atirar. De eletrodomésticos a jarros decorativos, de extintores a ferramentas, tudo o que pudesse ser levado até o terraço foi arremessado. Em minutos ele matou mais do que no dia anterior inteiro. A rua, que já exibia certo caos, ficou cheia de detritos e corpos esmagados.

Não sei se o mestre teria orgulho ou se me criticaria.

O sol estava começando a se pôr, quase tocando a linha do horizonte para se esconder atrás dos prédios mais longínquos da cidade. A brisa vinha do deserto, trazendo uma poeira arenosa que atritava contra a pele. Não teve sinal dos caminhões ou de qualquer soldado. Mordecai saiu do prédio onde estava e desceu três quarteirões por uma avenida que permitia boa visibilidade. Queria ficar perto o suficiente para espiar qualquer movimentação, mas longe o suficiente no caso de a horda vasculhar os prédios.

Todo cuidado é pouco.

Conseguiu um pouco de água na cisterna de um prédio. O cheiro não era dos mais agradáveis, mas a sede era maior. Ele fez uma fogueira no topo da construção onde passaria a noite, a mais alta que encontrou. Fez uma refeição medíocre, comendo um esquilo assado e bebendo a água que havia sido fervida. Em cada mordida na minúscula carne, ele se lembrava do sabor e da suculência do javali.

Escorado em um exaustor de alumínio, contemplou o silêncio e o céu estrelado. Perdido em seus pensamentos, ouviu um pio distante que lhe chamou a atenção. Com sua penugem branca destoando do breu da noite, Diana plainava de forma sublime com as asas abertas. Mordecai sorriu. Curiosamente, estando com ela, não se sentia só. E, toda vez que Diana partia para caçar ou levar uma mensagem, ele sentia um profundo vazio, como se parte do seu próprio coração houvesse ganhado asas.

Esticou o braço para que ela pousasse. Diana envolveu seu antebraço delicadamente com as garras, enquanto o fitava, piscando.

— Também senti sua falta — disse enquanto acariciava as penas da cabeça da coruja. — O que tem para mim?

Retirou o pequeno rolo de papel amarrado à pata do animal para ler o que estava escrito. Diferente dos últimos, esse apresentava uma mensagem mais extensa. Escrita com uma letra deformada, como se feita às pressas. Mordecai conduziu o braço até o exaustor para que Diana saísse, mas ela preferiu alçar um pequeno voo até a murada do terraço.

— Tudo bem então.

Sentou-se próximo ao fogo e começou a ler a mensagem.

“Mordecai... você não fez nada que não estivesse destinado a fazer. Essa guerra não é apenas sua. Não a enfrente sozinho. Estou enviando ajuda, agente firme que logo eles chegarão. Encontre-os na entrada oeste. Não nos falaremos por um tempo, mas no momento certo eu o encontrarei. Estou orgulhoso com seu trabalho. Ah... não confie em nenhum deles. Principalmente naquele que você mais gostar. E, principalmente, cuide da garota.”

Ele releu a mensagem e refletiu por um tempo.

— Teremos ajuda? — perguntou à coruja, como se o olhar esperto escondesse a resposta. — Será que são mais soldados da Forja? Meia dúzia de armas a nosso favor não seria ruim.

Diana emitiu um pio indecifrável; poderia estar concordando ou discordando, ele não saberia dizer.

— Estou cansado. Vou dormir e amanhã matamos mais uns antes de ir até a entrada oeste.

Apagou a fogueira com pequenas pisadelas nas brasas de gravetos. O ar tinha adquirido um aspecto mais gélido. Seria uma noite fria, e ele ficou feliz de achar um bom local para descansar. A alguns quarteirões dali, as criaturas grunhiam na escuridão da noite, começando a adquirir seu aspecto mais agressivo. Mordecai pegou as espadas e avançou em direção à porta que dava acesso ao quinto e último andar do prédio, quando ouviu o longínquo ronco vindo do início da larga avenida.

Eles voltaram.

O som do motor a combustão sobrepujava os grunhidos, trazendo uma sinfonia barulhenta que quebrava o silêncio da noite. Não foi à toa que ele havia escolhido aquele esconderijo. Esgueirou-se até a murada do terraço para espiar. O primeiro caminhão passou pelo prédio, com sua cabine de capô alongado, parecendo um grande nariz. A traseira foi iluminada pelo próximo do comboio e assim sucessivamente. Cinco ao todo.

Mordecai observou-os trafegarem até o final da avenida, onde o primeiro parou para a descida de mais daqueles soldados de capacete e roupas pretas. Das pontas das armas, longos flashes de luzes se estendiam contra os prédios ao redor. Ele estava contando mais de dez, quando viu algo que o fez perder as contas. A criatura desceu da parte traseira do caminhão. Grandes garras saindo das pontas dos longos braços, corpo alto e esguio.

Wendigo!

Não saberia explicar o motivo, mas sentia que o nome sugerido por Cisco fazia todo o sentido. Ele caminhava entre os soldados com passadas largas, acompanhadas do subir e descer da espinha. Mordecai perdeu-os de vista quando entraram na rua onde estava a maior parte dos infectados que ele havia matado, mas um grito da criatura bastou para que ele soubesse o tamanho do problema.

Em vez de começarem o ritual a que ele assistira no centro da cidade, o grupo se dispersou para fazer buscas nos prédios, deslocando-se em todas as direções. Wendigo desceu a avenida, vindo em sua direção, como se pudesse sentir seu cheiro pelo vento da noite. Talvez pudesse mesmo. Alguns soldados o seguiram, caminhando próximos do monstro com passos cautelosos.

Eles cruzaram a segunda rua e dobraram a esquina. Mordecai sentiu os músculos dos ombros retesados e doloridos. Estavam bem abaixo dele, na calçada. Se resolvessem entrar no prédio, talvez ele não escapasse. Como enfrentaria tantos soldados armados? Sem contar que bastava um grito de Wendigo para colocar toda a horda em seu encalço. Engoliu em seco, ainda sentindo o gosto vago, mas ainda existente, da carne de esquilo. Contornou a borda do prédio para acompanhar a movimentação.

Wendigo caminhou por boa parte da rua, passando por cima dos destroços e ficando fora do campo de visão do caminhão. Procurava algo, olhando atentamente para todos os lados. A iluminação ali não era das melhores, vindo distante de ambas as esquinas. Em relação aos soldados, ele era pelo menos uma cabeça mais alta. Os braços alongados, que de longe pareciam magros e esqueléticos. Na verdade eram esbeltos e musculosos, ostentando nas pontas dos dedos as garras letais. A pele tinha um tom acinzentado, um tanto diferente dos infectados. Quando ele olhou para o topo do prédio, quase como pressentindo que estava sendo vigiado, Mordecai recuou instintivamente, escondendo-se sobre a murada.

Por favor, não entre nesse prédio.

Diana ainda estava sentada na murada. Ele fez um sinal com o dedo indicador sobre os lábios pedindo silêncio. Quando espiou novamente a rua, ficou chocado com o que viu. Wendigo foi até a outra esquina, oposta de onde tinha vindo, avaliou se havia algo e decidiu retornar. Quando os homens viraram de costas para se reagruparem com o caminhão, a criatura ergueu a mão e partiu para o ataque. O primeiro nem soube o que aconteceu, apenas sentiu que seu coração não batia mais quando a garra do monstro o transpassou. Dos seis, mais três tiveram esse mesmo destino surpreendente, atacados de surpresa pela criatura com a qual sentiam tanta segurança.

Mas o que está acontecendo?

Perplexo, Mordecai assistiu a Wendigo eliminar os soldados que o acompanhavam. Segurou o segundo pela cabeça, rasgando com facilidade o seu pescoço. O terceiro teve uma morte instantânea quando a garra entrou pela sua nuca e saiu pela boca. O quarto soldado se atirou de costas contra a parede, em uma luta contra o pânico para engatilhar o rifle. O braço que conduzia a mão até o gatilho parou de responder quando lhe foram rompidos carne e tendões. Um segundo golpe letal lhe perfurou tripas e estômago, fazendo-o deslizar trêmulo e sem vida com as costas na parede.

Wendigo era uma máquina de matar.

Sobraram os dois que iam mais à frente. Sacaram suas metralhadoras, emitindo gritos abafados por baixo dos capacetes e puxando o gatilho. As armas de fogo começaram a cuspir balas contra a criatura, que se agachou em um movimento de esquiva e saltou sobre eles, atacando-os simultaneamente. Após acabar com os soldados em segundos, Wendigo emitiu um grito desesperado e voltou correndo para o caminhão, arrastando uma das suas vítimas pela perna.

Receberam-no com muito receio. Se havia algo que botava medo em Wendigo, colocaria medo em todos. A operação ocorreu de forma tensa e apressada. As carretas foram preenchidas com infectados, como da primeira vez. Os soldados embarcaram nos caminhões para voltar à base, mas a criatura se recusou. Um dos soldados falava com ela, como se fosse um ser humano racional. Ela apenas lhe deu as costas, encerrado o assunto.

O comboio foi embora, deixando Wendigo ali sozinho. Com um grito agudo reuniu um exército de soldados trôpegos em questão de minutos. Mordecai entendeu então o que estava acontecendo. Ele o caçaria e não queria soldados envolvidos. Parecia algo pessoal. Soube que não teria mais seu descanso quando observou os infectados se espalharem com um comando, invadindo os prédios mais próximos. Agora, um grupo muito maior do que na noite em que achara suas espadas.

Tenho que sair daqui!

Organizou suas coisas e partiu furtivamente para sua missão. Teria de chegar até a entrada oeste da cidade para encontrar pessoas que não conhecia, enquanto fugia de uma horda de infectados, liderada pelo próprio demônio que só tinha uma função em toda a sua vida miserável: matar.

Orfeu

— Eu quero ir também! — bradou Tomáz, dando um soco na mesa.
— Já conversamos e já decidimos! Você não vai! — devolveu Orfeu, rangendo os dentes.

— Você decidiu! Tudo tem que ser do seu jeito!

— É minha responsabilidade, Tomáz!

— E eles eram minha responsabilidade! Não posso deixar desse jeito!

Orfeu apoiou uma das mãos sobre a madeira. Além dos dois, Maria observava a discussão sentada em uma das cadeiras, à ponta da mesa. Quando os ânimos se elevaram, após o desjejum, Skye teve o tato de levar Miguel para dar uma volta na praia.

— Diego já enviou seis de seus melhores homens, Tomáz. Você fica!

— Se o vovô estivesse aqui, ele me deixaria ir!

— Mas ele não está, Tomáz! Ele morreu! Aceite isso e siga em frente!

Tomáz fulminou-o com o olhar, as sobrancelhas em um arco que contornava a testa, encontrando-se no topo do nariz. O machucado ainda estava lá, representado por um grande hematoma. As mãos fechadas tremiam sobre a mesa, com seus dedos se apertando contra as palmas das mãos. Abriu a boca para protestar, mas pensou melhor e decidiu não falar nada.

— Chega de conversa! Ajude a preparar as coisas para a celebração. Vá!

Seu filho cerrou os dentes enquanto se erguia empurrando os nós dos dedos contra a madeira.

— Mas que inferno! — esbravejou e saiu.

O rapaz saiu pela porta, com passos pesados golpeando o solo arenoso. Pela janela, Orfeu assistiu a ele seguir a trilha que levava à Pedra da Caveira. Deixou seu corpo cair sobre a cadeira e esticou as mãos sobre a mesa, onde os dedos tatearam um dos copos feitos de argila. Ele batia o pé no chão enquanto avaliava as linhas angulosas, em formato de triângulo, feitas com palito no pequeno vasilhame. Um pouco de café caiu dentro do copo como uma cachoeira feita de carvão líquido.

O olhar de Orfeu subiu lentamente, passando pelo bule e escalando o braço de pele clara, para chegar ao belo e amável rosto de Maria.

— Ele é muito teimoso! — defendeu-se.

— Eu sei — ela respondeu.

— Quer se arriscar por Soza e Rojo... e se acontecer algo a ele?

— Eu sei...

— Mas ele não me escuta, Maria! Parece que é surdo!

— Eu sei — ela fez uma pausa. — Ele é igualzinho a você.

Orfeu estava observando o café quando as palavras o atingiram de surpresa. Ela sorriu. Aquele sorriso que o desarmava todas as vezes, sem exceção. Ele ficou sem graça e baixou a cabeça, saboreando a verdade amarga que acabara de escutar. Maria fez a volta na mesa e envolveu-o com um abraço afetuoso, encostando o rosto no seu.

— Mas ele também é corajoso, tem um bom coração e se preocupa com os outros — beijou Orfeu no rosto. — Igualzinho ao pai.

Ele separou os lábios em um sorriso contido. Pousou seu grande braço sobre os dela, criando um contraste interessante. Quis ficar um tempo naquele abraço, mas havia muito a fazer. Retribuiu o beijo no rosto de Maria e se levantou da cadeira.

— Aonde vai agora? — ela quis saber.

— Vamos testar o... — tentou achar a palavra. — Negócio que a Skye inventou. Se funcionar, os homens do Diego também podem participar da celebração.

Maria recolheu os copos e pratos sobre a mesa, levando-os para a pia.

— Vocês já decidiram quem falará na celebração agora?

— Escolhi o José. Ele é sábio e todos o respeitam.

— Você não vai falar nada? — indagou Maria.

— Não... ainda não... — respondeu ele, com o olhar perdido no vazio.

— Sinto falta de seu pai — pensou saudosa em voz alta, colocando a mão no seu ombro para lhe dar algum conforto.

— Eu também — disse Orfeu. — Mas hoje ele estará conosco em espírito. Ele e todos os outros.

Despediu-se de Maria com um beijo e seguiu a trilha até a Montanha da Caveira. O sol estava nascendo e algumas pessoas já haviam começado a enfeitar as suas casas. Máscaras coloridas de caveira foram penduradas no lado de fora das paredes. Hidalgo, o velho artesão da comunidade, estava melhorando a cada vez que fazia uma nova máscara, com detalhes mais precisos e cores mais sólidas.

Acenou para Rita e Carlos, na pequena casa amarela mais acima no morro, e começou a subir a encosta que levava à entrada da montanha. Segurou-se nas rochas lamelares para sustentar o peso do corpo enquanto os pés tateavam com cuidado o barranco íngreme. Seria mais seguro contornar a escadaria de pedra para acessá-la do outro lado, mas ele não queria perder tempo. Não hoje.

Não posso falhar. Pelo meu pai.

A entrada do túnel de pedra era ampla, três vezes a altura de um homem. No exterior, onde o vento trazido pelo mar soprava a maresia contra a rocha maciça, o túnel era seco. Mas no ventre da montanha havia uma umidade insistente que se manifestava por um gotejar caindo constantemente do teto. *Estalactites*, como dizia Skye tirando o nome de algum dos seus livros.

Diego o aguardava, observando, admirado, para o dispositivo que piscava uma fraca luz vermelha. Recebeu Orfeu com um sorriso amistoso de satisfação.

— Como ela consegue fazer essas coisas? — perguntou apontando para a pequena caixa plástica presa na rocha.

— Eu não sei — admitiu Orfeu. — Ela tem lá aqueles livros que lê o dia inteiro. Acho que é de lá que vêm as ideias.

— Eu posso ler todos os livros do mundo, que não vou conseguir ter essas ideias — disse Diego.

— Nem eu, Diego. Nem eu. — Bateu nas costas do comandante da guarda.

— Ela é incrível, Orfeu.

— Ela é minha filha, Diego — disse de forma contundente. — Tem alguém lá?

— Tem, sim — respondeu ele, meio sem graça. — Ramirez está testando passar pela entrada de todas as formas, mas a luz sempre acende.

— Então funciona?

— Já é o segundo dia e não falhou nenhuma vez — ele abriu os braços para concluir o raciocínio. — Então acredito que funciona.

— Acha necessário deixar mais alguém ao longo do túnel? — questionou Orfeu, preocupado.

— Acho que um na entrada e outro na saída para cuidar da luz já será o suficiente.

Orfeu olhou para a descida do caminho, na direção do mar, e contemplou os moradores da comunidade fazendo os preparativos para a celebração.

— Tem certeza, Diego?

— Claro, Orfeu! Qual é?! Qual a última vez que alguém tentou atacar a montanha? Eu sei que está preocupado, mas já temos gente procurando por eles. Além do mais, os homens querem participar da celebração. Todos têm alguém de quem querem se lembrar.

Orfeu cruzou os braços e franziu a testa enquanto pensava. Admirou as ondas do mar lançando-se incansavelmente contra o pico rochoso. No céu, algumas nuvens transitavam em direção ao norte, enquanto as gaivotas plainavam até a parte sul da montanha. Diego aguardava pacientemente sua resposta. Era um bom homem.

— Está certo. Mas eu quero dois homens na entrada, um homem aqui e outro cuidando da saída do túnel submerso. E deixe tudo pronto para uma emergência.

— Quem passaria pelo túnel submerso? Acho que nem os nossos conhecem aquela passagem, Orfeu.

— Vamos garantir.

— Como quiser... — Diego aquiesceu. — Como foi com Tomáz?

— Ah, você sabe como é o Tomáz... — Orfeu coçou a nuca com os dedos. — Ele queria estar junto.

— Vai ser melhor assim.

— Eu sei — Orfeu fez uma pausa. — Ele é teimoso, mas vai entender.

Diego acenou com a cabeça e partiu pelo corredor rochoso para dar a notícia aos homens. Orfeu o seguiu. Queria ver o dispositivo que Skye havia colocado. Um fio escuro percorria rente à parede, por toda a extensão da caverna. Ele ligava o sensor à luz, como sua filha havia explicado. Maria Izabel reclamou dizendo que não funcionaria e que a segurança da montanha não poderia ficar sob a responsabilidade de um “treco”. Os demais apoiaram a ideia.

Algumas pequenas tochas iluminavam o trajeto. Sempre que passava por ali, Orfeu deixava sua mão grande e calejada deslizar pelas paredes ásperas do túnel da montanha. Sentia que estava agradecendo, de certo modo, por tudo o que ela lhe provia: segurança, água e alimento.

Um lar.

Antes da metade do túnel, ele se deparou com a parede dos antepassados. Deixou os dedos tocarem as pinturas feitas na rocha. Bem ao centro, estava uma grande caveira, pintada com tinta branca e preta. Orfeu reconheceu os traços que ele mesmo havia feito. Encostou a palma na figura e fechou os olhos.

Pai...

Sentiu uma dor latente no peito. Não achava que sentiria tanta saudade. Na palma da mão, o toque frio da rocha veio para lhe dar algum conforto. Ele agradeceu em silêncio à virgem de Guadalupe e partiu em direção à entrada da caverna. Seguiu pelo corredor, guiado pela luz das tochas, até que conseguiu ver a claridade do sol invadir parte do túnel. No final do fio, havia uma caixa de plástico com um pequeno visor translúcido que piscou silenciosamente quando detectou sua presença. Ele se agachou para analisar aquilo, achando muito genial.

Como ela consegue essas coisas?

Definida essa questão, era hora de organizar as outras coisas para a celebração que os antigos chamavam de *Dia de los muertos*. As tarefas haviam sido bem divididas: Diego e seus homens ajudariam a organizar as casas dos que tinham maior necessidade; Maria Izabel ficou encarregada de levar as crianças para coletar frutas e flores nas imediações da floresta abrigada nos braços da montanha; Mercedes passaria nas casas para orientar a decoração e montagem dos altares com frutas, jarros e as imagens feitas com grafite dos entes queridos; José conduziria a

celebração principal para que depois todos fossem para suas casas comemorar com os espíritos de seus antepassados. No momento, deveria estar ensinando aos músicos as canções que tanto gostava de tocar no violão.

A tarde passou letárgica e arrastada. A ansiedade tornava tudo mais demorado, parecendo se agarrar nas pernas do tempo para que não andasse tão depressa. Todos trabalharam bem e, antes que o sol pudesse se esconder além do horizonte, já estava tudo organizado. Espalharam velas pelas trilhas, soleiras das janelas e varandas das casas de madeira. Todas sobre pequenos pires de argila, para evitar o início de um incêndio como previra Izabel, sempre carregada de pessimismo. Orfeu, Maria e Miguel estavam na mesa, fazendo uma leve refeição antes da celebração.

— Eu fiz isso para o vovô! — disse Miguel, erguendo uma pequena figura de argila seca que pretendia ser uma lhama.

— Nossa, Miguel! Ele vai adorar! — disse Maria de forma amável. — Que animal é esse?

— É uma lhama.

— Uma lhama? — perguntou Orfeu. — O que é uma lhama? E como você sabe o que é uma lhama?

— A Skye me mostrou no livro dela! É um cavalo de pescoço comprido.

Maria passou o pequeno animal de argila para Orfeu, que estudou os traços. Apesar de ter sido feito por uma criança, estava muito bonito. Ele deu atenção especial no pescoço e cabeça do animal, que estavam bons a ponto de fazer qualquer um ignorar duas pernas mais curtas que as outras. Estava pintado com vermelho, lilás e amarelo.

— Você gostou, papai? — perguntou Miguel, espontâneo.

— Se eu gostei? — devolveu a pergunta. — Eu vou é pegar isso para mim! — puxou a lhama em direção ao peito.

— Não! — Miguel correu até ele para recuperar seu artefato, segurando-o carinhosamente entre as mãos depois de pegar. — Esse é do vovô! Eu faço um para você.

O garoto correu animado em direção ao altar para colocar o seu presente, seguindo a trilha de velas sobre os móveis da casa. Os dois ficaram sozinhos à mesa.

— Onde estão Skye e Tomáz? — perguntou Orfeu.

— Tomáz não voltou para casa o dia todo e Skye disse que ia até o laboratório — disse Maria.

Orfeu bebeu um pouco de café enquanto refletia.

— Sinto falta de quando estavam todos aqui, brincando em volta da mesa: Tomáz desenhando alguma caveira, Skye desmontando alguma coisa e Miguel

ainda no colo — lembrou saudoso.

Maria massageou-lhe os ombros.

— O tempo passa rápido. Daqui a pouco eles vão encontrar alguém com quem queiram compartilhar suas vidas e ficaremos só você, Miguel e eu.

— Não. Isso não vai acontecer — disse ele contundente. — Não quero ninguém de cortejo com a nossa filha.

— Você sabe que Diego gosta dela, não sabe?

— Não sei do que está falando... — fez-se de desentendido.

Maria sorriu.

— Não queremos qualquer uma com o Tomáz, também — corrigiu Maria.

— Não foi o que quis dizer, Maria. É diferente e você sabe disso.

Maria deu-lhe um afetuoso beijo no rosto.

— Tudo bem, seu mandão. Agora vá se arrumar para a celebração. Leve Miguel junto.

Orfeu banhou o filho que protestava, afirmando estar limpo. Trocou sua roupa e deixou-o apresentável. Ele saiu correndo quando viu que Skye havia chegado, pedindo que ela pintasse seu rosto igual a uma caveira. Orfeu aproveitou para cuidar de si. Aparou a barba com uma tesoura, cortando os pelos rebeldes que insistiam em se separar dos demais. Tomou um banho e trocou de roupa. Maria e Skye ficaram prontas pouco tempo depois, o que foi uma surpresa para ele.

Juntos, eles saíram de casa e se uniram à procissão de pessoas que seguia a trilha de velas até o local da celebração. Lá as cordas dos violões já vibravam, para dar à noite uma melodia animada. Aos poucos, a grande pedra que ficava no pé da montanha, acima da comunidade, conhecida como Pedra da Caveira, foi ficando cheia de pessoas. Alguns dançavam sorrindo, cheios de felicidade pela oportunidade única de estarem próximos às pessoas amadas que partiram.

Sobre uma mesa havia tortilhas feitas de milho que eram degustadas conforme a celebração avançava. José tocava com Ernesto e Rovaris a música que seu próprio pai cantava e que nunca faltava na celebração. Não demorou até que o povo ali presente cantasse em uma única voz. O refrão era a parte que reunia maior número de vozes que se elevaram, exaltadas, para acompanhar os cantores. Quando José terminou a música, acompanhando em um amplo grito de felicidade, deixou seu violão sobre o altar central e se posicionou para falar algumas palavras.

— Hoje é uma noite de alegria — começou. — Uma noite de celebração. É a oportunidade de honrarmos nossos antepassados, de estarmos com eles mais uma vez. Uma noite para nos lembrarmos de onde viemos e para onde iremos um dia, após cumprirmos nossa jornada aqui nesta vida e partirmos para junto da nossa família. Enquanto existir amor, a memória deles será mantida. Enquanto eles

estiverem aqui — tocou na cabeça — e aqui — apontou para o coração com o dedo indicador —, jamais serão esquecidos. A gente nunca se esquece da família.

Gritos de comemoração acompanharam os copos de tequila que foram erguidos em direção ao céu. José ergueu o dele também, bebeu todo o conteúdo em um único gole e deixou o copo virado sobre a mesa.

— Agora vamos comemorar! — gritou enquanto pegava seu violão para dar sequência na cantoria.

Orfeu localizou Tomáz mais afastado do grupo e se juntou ao seu filho. Uma troca de olhares com Maria foi o suficiente para que ela entendesse. Caminhou entre seu povo, cumprimentando a todos por quem passava. Tomáz admirava as ondas lá na beira da praia, com um olhar perdido e distante, segurando um pequeno copo de tequila. Quando notou que seu pai vinha ao seu encontro, virou o copo em direção à garganta, limpou a boca com as costas da mão e seguiu encarando o horizonte escuro.

— José falou bem — disse Orfeu, tentando quebrar a barreira erguida pelo filho.

— É... — ele disse olhando para o copo que girava entre os dedos. — Falou, sim.

— Um dia será você, Tomáz. Você quem vai falar na celebração. Você quem cuidará desse povo. Mas precisa estar vivo para isso. Tem mais gente além de Rojo e Soza que precisa de você.

— Eu nem consegui cuidar deles — disse de forma pensativa olhando para a comunidade que dançava e cantava. — Como vou cuidar de toda essa gente?

— Quando seu avô se foi, eu também tinha dúvidas, Tomáz. Mas no momento certo você estará pronto. Eu sei disso.

Um som de tiro ecoou, contornando a montanha e sobrepujando os violões. Depois um segundo. E um terceiro.

— Fique aqui! — ordenou ao filho e saiu correndo.

Onde está Diego?

Diego e seus homens já haviam entrado em estado de alerta e corrido em direção à entrada da caverna, mais ao norte da Pedra da Caveira. Armaram-se com lanças e as duas pistolas que foram separadas. Contando com Diego e Orfeu, sete homens corriam pela trilha de pedra. Logo um oitavo se juntou ao grupo, para o seu desespero.

— Volte e cuide dos outros, Tomáz!

— Eu quero ajudar!

— Eu diss...

Um tiro certeiro atravessou a cabeça de Quintero, um dos homens de Diego que ia mais à frente. Ele desabou no chão, causando pânico nos demais. Procuraram

refúgio se jogando na parte mais baixa da trilha. Orfeu, com um movimento de braço, colocou Tomáz atrás de si, recostando-se na parede de rocha.

— O que foi isso?! — gritou um dos homens. — Alguém tá vendo alguma coisa?

— Veio de cima da trilha, lá da entrada — disse Diego, agachado atrás de uma grande rocha. — Orfeu, vocês estão bem?

— Sim!

— Consegue ver alguma coisa?

Orfeu se esgueirou até onde a trilha fazia uma pequena curva. Esticou a lança além da esquina e uma bala passou raspando na madeira. Seu filho estava logo atrás dele, tenso, segurando também sua lança.

— Tem alguém lá! Não sei quantos — gritou para Diego. — Tomáz, preciso que vá cuidar da nossa gente. Leve-os até o refúgio no meio da floresta. Avisaremos quando estiver tudo limpo.

— Mas, meu pai...

Orfeu segurou o ombro de seu filho e encarou-o fundo nos olhos.

— Vá, Tomáz!

O rapaz acenou com a cabeça e correu de volta pela trilha, até a Pedra da Caveira.

— Diego! Preciso de cobertura.

Diego se esgueirou até ele e chamou um dos homens com a mão.

— Ramirez, você atira nele e nós vamos correndo para pegar esse desgraçado.

Ramirez fez um sinal positivo, encostou a lateral do corpo na rocha e aguardou um sinal. Diego fez contato visual com os outros homens para que todos avançassem contra o invasor.

— Agora!

Tudo aconteceu mais rápido do que Orfeu pôde perceber. Ramirez se virou além da rocha que o protegia e começou a atirar contra a entrada da caverna, enquanto os outros cinco corriam para contornar a encosta de pedra. Mais três tiros vieram lá de cima antes de a arma do invasor emitir um clique seco. Um deles derrubou Ramirez, o segundo derrubou o que estava à frente de Diego, e o terceiro acertou o próprio Diego na altura do ombro.

— Diego!

— Vão, vão! Acabaram as balas do desgraçado.

Orfeu e os outros conseguiram contornar a rampa de pedras e subiram em direção à entrada. Lá, um vulto iluminado parcialmente pelo fogo que queimava na tocha os aguardava, paciente.

Eu vou pegar esse desgraçado!

Os homens de Diego, revoltados e embriagados por uma mistura de tequila e adrenalina, correram na sua frente para atacar o invasor misterioso. O primeiro tentou estocar a lança na barriga dele, que foi desviada com um movimento de mão para que a outra lhe desse um soco certeiro. O segundo atacou batendo com a lança em um arco de cima para baixo no pescoço do intruso. O golpe foi potente o suficiente para partir a madeira, mas não o suficiente para causar dano algum ao invasor, que agarrou o homem pela camisa e o atirou de cima da encosta, próximo de onde estava Diego.

Precisamos de mais armas.

— Quem é você e o que quer? — gritou Orfeu contra o homem.

Sem mencionar qualquer palavra, a figura misteriosa caminhou em sua direção. Orfeu fechou o punho e o golpeou na altura do queixo. Sentiu sua mão latejando e viu que quase não havia afetado seu oponente. O intruso, com seu rosto coberto pela escuridão, desferiu-lhe um tapa com as costas da mão esquerda e um soco com a direita, fazendo Orfeu cair próximo da entrada da caverna. Ele sentiu suas costas baterem no chão quando se deparou, desnorteadado, com o homem que Diego pusera para cuidar do sensor. Iluminado pelo fogo da tocha, ele jazia com o rosto em um tom de púrpura causado pelo sufocamento, segurando uma garrafa de tequila pela metade.

O agressor veio em sua direção e Orfeu não conseguiu pensar em outra coisa para fazer. Pegou a garrafa do sentinela mórbido e atirou-a contra o invasor. Ela se espatifou, espalhando tequila por todo o corpo do homem, que partiu para o ataque. Orfeu recuperou-se e correu em direção à tocha, que era seu último recurso. Antes que as chamas tocassem o invasor, ele viu quem era o homem que estava ali matando seu povo e não conseguiu conter a pergunta.

— Rojo?!

Com olhar inexpressivo e sem dar resposta, Rojo ergueu o punho fechado. O braço foi atrás do corpo para pegar impulso, mas, antes que cumprisse a trajetória, as chamas beijaram a tequila em seu corpo, incendiando-o por completo. Ele cambaleou para trás envolto em chamas e correu de volta pelo túnel de pedra. Orfeu pensou em ir atrás, mas sabia que isso não adiantaria. Ficou observando a luz do sensor. Segundos depois, ela acendeu.

Alan

— Eu gostei do moço — disse Joe.

Alan não falou nada. Conduzia a carroça vagarosa pela estrada, que saltava eventualmente, a cada pequena pedra que uma das rodas encontrava pelo caminho. Os dois corpos balançavam para a frente e para trás no ritmo do veículo de madeira.

— Ele é labioso. Se entende com as palavras. — Joe puxou seu saco de fumo com a palha seca de milho e uma caixa de fósforos.

— Você vai fumar de novo, pai? — reclamou Alan, que não gostava da fumaça pungente do cigarro.

— Ué? Que é que tem?

Joe pegou um pouco de fumo do saco, colocou-o na palha de milho e o enrolou calmamente. Levou o cigarro em construção com as duas mãos aos lábios enrugados e passou a língua em um dos lados das palhas. Com os dedos trêmulos, colocou o cigarro na boca e o acendeu com um dos palitos de fósforos para logo dar uma baforada de fumaça cinzenta. Apesar de ser algo simples, levou uma eternidade para Alan, que reclamava em silêncio do vício do pai.

Lá vamos nós de novo.

— Walter gostou do rapaz... — Joe jogou as palavras ao vento.

— O Walter é um fofoqueiro, pai. Gosta de qualquer um que lhe dê conversa.

Joe levou o cigarro até a boca, puxou o ar e viu a ponta incandescer na sua direção. Exalou a nuvem de fumo e fungou.

— Gerald disse que eu ia gostar do pastor. Disse que Monroe disse que ele era bom.

Alan fitava a estrada com o rosto levemente de lado para tentar escapar da fumaça. O cavalo caminhava com passos firmes e bem marcados, com as suas ancas se movendo em um ritmo constante. O dia estava bonito e ensolarado. O sol se exibia quase no centro do céu, indicando que estava próximo da hora do almoço.

Que calor infernal!

— Eu quero ver o que Dorothy vai dizer quando eu falar que Irina estava lá. Padre Joseph que se cuide com esse pastor — fez uma pausa para outra tragada. — Ela também gostou do pastor. Walter me disse.

Alan encarou o pai e voltou sua atenção para a estrada.

— Você não gostou do moço? — veio finalmente a pergunta que ele estava esperando.

— Como posso gostar, pai? Ele falou que vamos todos morrer!

— Ele não disse bem isso — defendeu Joe.

— Ah, ele disse exatamente isso, pai — disse Alan. Limpou a garganta para imitar a voz melodiosa do pastor. — Voltem para suas casas e rezem bastante pedindo perdão, pois o primeiro selo foi aberto.

— Ah, isso é morrer, é? — perguntou Joe, inocente.

— O livro do apocalipse é o livro do fim dos tempos, pai.

— Eu não sei o que é esse *palipto*, não. Mas eu gostei do jeito que o moço fala. Alan revirou os olhos embaixo da testa franzida e do cabelo escuro.

— Será que fumar cigarro de palha é pecado? — perguntou Joe, reflexivo.

— O tanto que você fuma, com certeza é.

Joe olhou para o cigarro preso na ponta dos dedos, por um breve período, e o atirou na estrada, como se fosse matá-lo agora, depois de tanto tempo. Alan o observou com olhos de admiração.

— Por que fez isso, pai?

— Se o pastor está certo, já está quase na hora e eu quero ir para um lugar bom.

— Você não acha que Deus vai ignorar todos os cigarros que você fumou até agora, acha?

Perdido em um olhar de tristeza, Joe ponderou a pergunta afiada como um machado pronto para cortar lenha.

— Nem se eu disser que me arrependi?

Alan deu de ombros, com as sobrancelhas em arco sobre a expressão carrancuda.

Espero que não seja simples assim. Tem gente que deve pagar pelo que fez.

A carroça fez a curva e entrou na trilha de grama da fazenda. Na frente da casa, uma mulher jovem de alguma das fazendas vizinhas estendia as roupas no varal. Estava de costas e tinha cabelos loiros, claros e ondulados. Alan, por um momento, apenas um pequeno momento, pôde jurar que estava vendo Olivia de costas e sentiu seu corpo todo se retesar.

Passaram pela figueira e encostaram a carroça do lado da grande casa. Alan conduziu Rob até o estábulo enquanto via sua mãe aparecer na porta com ar de curiosidade.

— Como foi a missa? — perguntou a Joe sem maiores delongas.

— É culto, mulher. Lá eles chamam de culto.

— Que seja, Joe. O nome não importa — ela retrucou. — Como foi?

— Eu gostei. O Alan não gostou.

— Você não gostou? — perguntou ela ao filho, que já se aproximava.

— Ele fala do apocalipse, mãe. Como vou gostar?

Dorothy abriu a boca em espanto, fazendo o sinal da cruz para se proteger.

— Mas o pai disse que vai parar de fumar, então serviu para alguma coisa.

— É verdade, Joe?

O velho abriu os braços e inclinou a cabeça para o lado.

— Eu quero ir para um lugar bom quando chegar a hora.

Dorothy dirigiu-lhe um olhar desconfiado.

— Então pode me entregar o fumo — pediu estendendo a mão na direção dele.

Joe deu um meio-passo para trás e escondeu o bolso na frente do peito com a mão.

— Deixa que eu mesmo vou guardar. Você perde as coisas.

— Guardar? Eu vou jogar isso fora se você não vai mais fumar — a mão seguia estendida.

— Esqueça isso, mulher! O que tem para comer? Estou com muita fome — ele desconversou entrando na casa, guiado pelo cheiro da carne que cozinhava no fogo.

Dorothy piscou para Alan, que sorriu. Ambos sabiam que a promessa duraria até o final do almoço apenas. Talvez até antes. Separar Joe do cigarro era como separar um padre da igreja. Ela caminhou alguns passos em direção ao varal, chamando seu filho com um aceno de mão. Alan revirou os olhos e foi a contragosto.

— Alan, essa é Lila, filha da Helena — apontou para a jovem. Logo depois mudou o tom de voz para algo mais malicioso, até mesmo para uma senhora. — Lila... esse é o Alan.

— Oi, Alan — disse ela timidamente.

Quando chegou perto, percebeu que ela era mais bonita do que ele imaginava. Tinha o rosto suave, a boca pequena e os olhos claros. Os cabelos pendiam-lhe do topo da cabeça como o curso sinuoso de um rio. Ele sentiu seu coração aquecer.

— É... oi.

Ela sorriu de boca fechada e olhou os pés. Parecia uma boa moça. Novamente Lila lhe direcionou um olhar e Alan deixou escapar um sorriso, para logo depois se odiar por isso.

Que idiota!

— Agora que estão devidamente apresentados, vamos comer alguma coisa — interrompeu Dorothy, vindo ao socorro do filho. — A tarde será longa, e uma saca sem grãos não consegue parar de pé.

Foram todos para a cozinha. Dorothy agitava a colher dentro das panelas de ferro que borbulhavam e emitiam um vapor cheiroso. Sem que fosse necessário pedir, Lila organizou os pratos e talheres na mesa, enquanto os homens foram lavar os rostos na pia. Quando Alan voltou, viu que Joe enrolava outro cigarro nas mãos

por um tempo mais prolongado que o normal. Parecia estar decidindo para onde iria após esta vida.

— Desistiu, pai?

O velho Joe foi pego de surpresa. Ergueu a cabeça na direção do filho e lhe apontou com o dedo da mão esquerda.

— Estou começando a concordar com você, filho. — Fez uma pausa. — Também não gostei daquele moço. Fim dos tempos? Onde já se viu!

Ele levou o cigarro até a boca, mas os dedos trêmulos pausaram no trajeto quando ouviu a voz vinda do fogão a lenha.

— Jonathan! Nós já vamos almoçar. Se você der uma tragada nesse cigarro, eu vou te mostrar o fim dos tempos.

Joe uniu os lábios em um pequeno beijo e colocou o cigarro na orelha. Dorothy riu, cutucando Lila com o cotovelo. A moça sorriu para ela e depois para Alan, que baixou o olhar repentinamente. Ele sentiu um rato percorrendo o seu estômago.

O que está acontecendo comigo?

Sentaram-se os quatro à mesa para saborear a refeição. Havia carne, batatas, cenouras e macarrão feito por sua mãe. Dorothy sugeriu uma oração, eles deram-se as mãos e Alan estremeceu ao tocar a pele delicada de Lila. Joe e Dorothy já estavam de olhos fechados e não perceberam a troca de olhares entre ele e a moça.

— Senhor... — ela começou. — Abençoe sempre esta família e nos coloque no caminho da retidão e da serventia. Abençoe nosso alimento, nossa casa, nossos bichos e não deixe que o pecado e o mal jamais entrem nesta casa. Que o nosso filho Alan ache uma moça direita com quem se possa casar...

— Mãe!

— ...Amém! — ela completou. — Que foi? Eu já estava no final!

O almoço foi saboroso, nada fora do normal. Lila ajudou com os pratos, prestativa e sorridente. Joe saiu para repousar à sombra da figueira e Alan o acompanhou. Sentaram-se os dois sobre a grossa e nodosa raiz. Em uma flor próxima, algumas abelhas coletavam o pólen para transformá-lo em mel.

— Boa moça essa filha da dona Helena — refletiu Joe.

— Você parece a mãe falando — ele disse.

— A idade pode até não me deixar enxergar muito, filho. Mas eu vi que você gostou da moça.

Alan sentiu o rosto incendiar. Abriu a boca para protestar, mas seu pai não lhe deu tempo. Puxou o fumo do bolso enquanto concluía o raciocínio.

— Não precisa falar nada, filho. Só desta vez não espere tanto tempo, até ver outro rapaz chegar e roubar ela de você.

Ele sentiu a ponta das sobrancelhas pesando em direção ao topo do nariz. As palavras eram duras e sem qualquer compaixão, mas eram verdadeiras. Seu pai

preparava o fumo como se houvesse comentado sobre o tempo ou qualquer coisa sem importância.

— Eu sei cuidar de mim, pai! — respondeu irritado.

Deixou Joe na companhia da figueira e saiu pisoteando a grama macia no caminho até o celeiro. Deu comida e água a Rob, escovou-lhe os pelos e afagou o animal.

— Por que eles insistem que preciso ficar com alguém, Rob?

Pela porta da casa, Lila saiu segurando um jarro de limonada, indo ao encontro de seu pai. Ela pareceu perdida quando não viu Alan, girou o corpo procurando-o e, quando os olhares se encontraram, ela deixou escapar um sorriso. Ele ficou completamente hipnotizado por um breve momento. O cavalo soltou o ar entre os lábios fechados, pisoteou o chão com o casco da pata dianteira e fez um maneio com a cabeça. Alan empurrou ele para dentro da cocheira.

— Você também está contra mim?

Foi em direção ao campo para ocupar a cabeça. A plantação de milho crescia alta atrás da casa, com suas folhas verdes e onduladas pendendo dos caules compridos. O milho já estava quase pronto para ser colhido e seria o suficiente para abastecê-los e ainda trocar o restante por algumas moedas de cobre no Armazém. Talvez comprar um carro para que pudesse levar seus pais de forma mais confortável para a igreja do que com a velha carroça.

Cuidou da plantação, fez mais lenha, arrumou a cerca das galinhas e o cocho dos porcos, tudo para ficar longe de Lila, mesmo que inconscientemente. A tarde passou rápida, com ele se escondendo atrás de tarefas. Quando já não havia mais o que fazer, ocupou o tempo restante treinando sua pontaria em uma lata com a espingarda de chumbinho. O sol já se estava pondo no horizonte quando ele retornou até a casa, completamente sujo de suas tarefas.

— Aí está ele! — disse Joe.

— Onde estava? Lila foi embora há pouco e não o achamos para que vocês dois se despedissem — Dorothy fez uma pausa, avaliando-o de cima a baixo. — Bom que ela não o viu assim.

— Que diferença faz a forma que ela me vê, mãe?

— Não é porque lida com porcos que você tem de cheirar como um. Que garota vai querer você assim?

— Estou farto disso! — bradou ele. — Eu não quero ficar com ninguém! Coloquem isso na cabeça de vocês!

— Mas, Alan...

— Mas nada, mãe! Em nome do Senhor, você pode parar de me apresentar cada mulher solteira que você conhece como se eu fosse uma criança?!

Dorothy levou as mãos ao rosto e começou a chorar. Joe foi ao seu socorro e a envolveu com um abraço protetor, encarando seu filho de volta.

— Não fale assim com a sua mãe!

— Eu falo como quiser! Estou cansado de ser tratado como se não pudesse cuidar de mim — decretou antes de subir as escadas.

Subindo os degraus, ele ouviu o choro lamurioso da mãe, acompanhado das palavras de consolo do pai. A madeira dos degraus rangia sob seus passos como se também reclamasse. O banho foi revigorante, mas não diminuiu seu ímpeto nem a raiva que estava sentindo. Colocou uma roupa confortável e se atirou na cama, deitado sobre os braços cruzados.

Não espere até outro rapaz roubar ela de você!

O pior de tudo era que seu pai estava certo. Talvez, se tivesse tomado uma atitude no momento certo...

Agora jamais saberei.

Das escadas, ele ouviu alguns murmúrios. Joe queria conversar, mas Dorothy insistia que não aborrecesse o filho. Conversariam pela manhã. Alan achou uma excelente ideia e fechou os olhos para descansar um pouco.



— Eu pego vocês, seus moleques! — veio o grito distante, quase inaudível.

Alan abriu os olhos lentamente e se deparou com o breu além dos vidros da janela. Já havia escurecido. Sentiu o gosto da bile na boca e coçou as pálpebras com as palmas das mãos. Piscou duas vezes para ajustar a nitidez da visão.

— Não venham mais aqui, seus desgraçados!

Mas o que tá acontecendo?

Alan caminhou até a janela, de onde conseguia ver seu pai segurando a carabina apontada para a plantação. Uma brisa mansa chacoalhava as folhas sob a luz fraca de uma lua minguante.

— O que tá acontecendo, pai? Já é noite, e o senhor tem que dormir.

Joe demorou para localizá-lo na janela. Procurou pela voz ao redor da casa escura, com a arma encostada na barriga. Segurava-a firme com as duas mãos, soltando uma delas apenas quando precisava bater a cinza do cigarro.

— Aqui em cima, pai!

Joe ergueu o olhar e conseguiu enxergá-lo abanando as mãos.

— Eu ouvi um tiro vindo da fazenda do Walter — apontou além da figueira. — Os moleques estão por aqui e eles não vão mexer com nossas coisas.

— Não teve tiro nenhum, pai. Vem dormir!

Apenas acabou de falar e algo chamou sua atenção. No final da plantação, no lado oposto da casa, em direção à fazenda vizinha, viu uma movimentação entre os

caules de milho.

— Pai... vem pra casa, pai — pediu com receio.

Joe esbravejava com a carabina na mão.

— Eles vão ver só! Vão aprender a não brincar aqui nas nossas terras!

A movimentação no milharal ganhou velocidade, vindo direto na direção de Joe. Alan conseguia enxergar o rastro que vinha descendo em direção à casa. Pela velocidade, poderia ser um coioote, mas, pelo tamanho, com certeza era algo maior.

— Pai! É algum animal! Corre para dentro de casa!

O velho pareceu ficar tenso. Girou o corpo esguio de 67 anos e deu o primeiro passo em direção à varanda, quando a fileira de milhos se abriu para a passagem daquilo que Alan não seria capaz de descrever em um primeiro momento.

O que é isso?!

Parecia uma mulher, tinha cabelos compridos, mas com o tom de pele escuro. Era ágil, esguia e voraz. Saltou contra o seu pai, derrubando-o no chão.

— Pai!

Alan saiu correndo do quarto para descer as escadas. Esperava chegar a tempo de socorrer Joe.

— O que está acontecendo? — perguntou Dorothy, de pijama à porta do quarto.

— Fica no quarto, Mãe! Fica no quarto e tranca a porta! — gritou Alan, descendo as escadas mais rápido que um coice de cavalo.

Ao passar pela cozinha, pegou uma das facas que havia sobre o balcão, pois não sabia com o que estava prestes a lidar. Saiu da casa pisando na grama com os pés descalços. Correu o máximo que pôde. Não escutava qualquer som produzido pelo seu pai.

Por favor! Por favor!

A cada passo, ele via mais da parte de trás da casa. Estava quase virando a esquina...

Quase lá!

Sentiu o peso de algo voando em cima dele. Seu corpo foi projetado para trás, fazendo-o bater as costas no chão. A luz do lampião pendurado no canto da varanda não era suficiente para iluminar toda a criatura que o atacava, mas tinha o tamanho de uma mulher. As mãos dele seguravam seu peito enquanto os dentes avançavam contra o pescoço. Alan segurou-a com o cotovelo no peito enquanto tateava pela faca. Mas a lâmina havia-se perdido na queda.

Maldição!

O instinto de sobrevivência o fez se lembrar do tronco no qual fizera lenha mais cedo. Com o joelho, ele atirou a criatura para trás, ficou de pé rapidamente e correu até o estábulo rezando para ser mais rápido do que aquela coisa. Ouviu passos pesados e um grunhido demoníaco atrás de si, espetou alguma pedra no pé e a

amaldiçoou também. Enxergou o tronco com o machado cravado e esticou a mão para alcançar o cabo em riste. O demônio estava a dois passos. Fechou os dedos em volta da madeira lisa e puxou com força para arrancar a cabeça do machado do tronco. Fez um giro rápido e a lâmina acertou em cheio as costelas da mulher-demônio, que gritou de dor, caindo no chão.

— Morra, sua desgraçada!

Removeu o machado com dificuldade para enterrá-lo mais algumas vezes no pescoço daquela aberração. Quando não havia mais vida naquela carcaça escura, ele se lembrou do seu pai. Carregou o machado ensanguentado pendendo ao lado do corpo e chegou até a frente do celeiro. Seu pai estava se levantando com as mãos apoiadas no chão.

Graças a Deus!

Mas havia alguma coisa errada... alguma coisa terrivelmente errada. Joe estava tendo espasmos pelo corpo todo, mexendo as costas e os ombros de forma irregular. Quando soltou um grunhido baixo, o coração de Alan ficou apertado. Escondeu-se na lateral do celeiro e esperou para ver o que acontecia. Seu pai deu alguns passos trôpegos na direção dele e Rob relinchou, parecendo sentir aquela presença agourenta.

Por favor, pai. Fica aí.

Joe passou da esquina da casa caminhando de forma cautelosa, um passo depois do outro. A cabeça estava erguida como se farejasse o sangue da criatura que Alan havia matado, o sangue que banhava a lâmina do machado. A luz do lampião tocava Joe pelas costas, mas Alan conseguia ver, através da escuridão, que os olhos do seu pai haviam perdido completamente a cor, entregando-se a um branco aquoso como o leite. Aquilo não era mais seu pai. Não mais.

Seus olhos ficaram marejados e a respiração entrecortada. Segurou firme o cabo do machado, preparando um ataque. Mais alguns passos da criatura que já fora seu pai um dia e ele poderia enterrar a lâmina na cabeça, como fizera com a outra.

— Alan! Jonathan! — veio a voz cálida da porta da casa.

Eu falei para ficar em casa, mãe!

Joe se virou na direção da esposa, emitiu um grito grotesco e partiu para o ataque. A doce senhora ficou paralisada enquanto via seu marido correndo até ela de forma estranha. Alan saiu de trás do celeiro gritando para tentar chamar a atenção, mas foi em vão. Seu pai, ou o que havia sido ele, estava obstinado a transformar sua mãe na mesma coisa. Ele segurou o machado com as duas mãos e o arremessou. A lâmina passou próxima, mas ele já havia saltado contra Dorothy.

Alan correu até a carabina na frente da varanda, chorando e ouvindo os gritos desesperados de sua mãe. Dobrou a esquina da casa empunhando a arma, viu Joe agachado e não pensou duas vezes.

Me desculpa, pai.

Chorando, atirou contra o próprio pai. O disparo atravessou as costelas do velho, fazendo-o desabar para o lado com o impacto.

— Mãe!

Deu um passo, mas algo o impediu de avançar. Sua mãe estava inerte no chão, parecia ferida.

— Mãe! — chamou novamente.

Os grunhidos e o som da grama sendo pisoteada, a cada passo apressado, haviam cessado. O vento da noite seguia seu trajeto normalmente como se nada daquilo lhe dissesse respeito. Alan observava a sua mãe caída com um olhar de súplica. Rezava em sua mente para que Deus a poupasse.

Não posso perder você também.

Um grunhido.

Não!

Um espasmo no braço direito.

— Por favor!

Sua visão estava turva por causa das lágrimas. Ele a observou tendo a mesma reação que seu pai, tornando-se aquela mesma monstruosidade que acabara de matar. Empurrou a alavanca da carabina e a apontou para o corpo caído. Não teve coragem de atirar. Dorothy se levantava lentamente. Todo aquele seu olhar doce e amável havia dado lugar a uma órbita esbranquiçada e vazia. Alan chorou como criança, apontando a arma para a mãe. Ela gritou em desafio e correu em sua direção, como se todos os problemas que tinha na coluna houvessem sido curados.

Ele ergueu a mira da carabina, alinhando os três pontos para se encontrarem na direção do peito de Dorothy. Ela crescia de tamanho na ponta da mira, como se desafiasse sua coragem. Alan sentia que seu coração ia explodir de tanta dor. Havia brigado com ela mais cedo e jamais poderia pedir desculpas.

— Me desculpa, mãe!

Puxou o gatilho. O tiro saiu estrondoso, jogando a mulher para trás. Ela caiu no chão agonizando enquanto fitava o filho sem vestígio algum de vida nos olhos. Alan encarou de volta, com uma mistura de dor e revolta.

Mas o que é isso?

Não houve tempo para lamentações. O milharal acusou a presença de mais daquelas coisas. Talvez duas ou três. Ele poderia não sobreviver a um novo ataque. Correu até o celeiro, soltou Rob e montou mesmo sem sela. Bateu com os calcanhares na anca do cavalo, que ganhou velocidade na escuridão da noite. Deu uma última olhada para trás antes de ganhar a estrada e viu novas criaturas surgindo de dentro da plantação, com a pele tão negra quanto a da primeira. Mas

não seria essa imagem que o marcaria por toda a sua vida, e sim a dos corpos de seus pais, aqueles que ele tanto amava e tivera de matar com as próprias mãos.

Ethan

De longe, do alto da colina e além da lavoura de milho, ele era capaz de ver a casa dos seus pais. Sobre ela, as nuvens relaxavam deitadas no céu sem qualquer compromisso. Na varanda, com os braços cruzados sobre o parapeito de madeira, uma mulher de cabelos loiros olhava de volta. Ele sorriu e desceu o barranco íngreme para atravessar a vasta plantação. Separou os dois primeiros caules abrindo os braços, como se estivesse nadando. Sentiu o toque sedoso das folhas deslizando em sua pele e continuou avançando.

Ethan...

A voz de Olívia não havia cruzado pelos seus ouvidos, mas ecoava de forma insistente dentro da sua cabeça, tranquila e serena, como das vezes que o chamava para jantar. A casa sumiu de vista quando ele adentrou na plantação verde e alta, que se agitava apenas quando era perturbada pelo vento. Uma nuvem grossa era sua única guia, despontando no manto azul-celeste. Ele continuou pelo terreno lamacento e já havia cruzado mais de metade do caminho quando aquela voz sombria ressoou em seus ouvidos.

— *Você pode ignorar a minha oferta quantas vezes quiser, mas vai acabar aceitando.*

Ethan ergueu as orelhas tentando identificar a origem do som. Sentia a presença angustiante daquela figura. Os pelos da nuca se arrepiaram e seu estômago começou a dar voltas, a boca salivou ao mesmo tempo que a garganta ficou seca. O vento aumentou, soprando a nuvem solitária para longe e reunindo nuvens negras carregadas de alguma força umbrosa da natureza.

— Quem é você!?

— *Não lhe parece óbvio?* — a voz era pausada, com um timbre grave e lamurioso. — *Eu sou a coisa mais velha e inevitável que existe. Eu sou a morte.*

Uma lufada de ar trouxe uma cortina negra que veio cobrindo tudo, como partículas de cinza sopradas de uma fogueira. Tudo o que era tocado morria instantaneamente. Ethan viu a névoa da morte crescer sobre a plantação e avançar em direção à casa. Seu coração disparou e suas pernas pisotearam a lama em uma corrida desesperada.

— Olivia!!! Olivia!!!!

— *Corra o quanto quiser, Ethan. Ninguém vence uma corrida contra a morte.*

As folhas do milho chicoteavam seu rosto como se houvessem assumido alguma personalidade sádica. O caminho fechado foi se iluminando, com um pequeno filete de luz indicando a saída do túnel. Ele saltou para fora do milharal a tempo de ver a fumaça negra consumindo a casa dos seus pais, transformando sua amada em um vulto nebuloso.

— Não! — o grito irrompeu dos pulmões enquanto ele caía de joelhos.

A fumaça envolveu Ethan, tragando-o para a escuridão. Ele não via nada, não ouvia nada, não sentia nada, era como se a felicidade não existisse mais. Seu coração batia sem ânimo dentro do peito, apenas para mantê-lo vivo. E quando a névoa macabra da morte passou por ele, sobraram apenas destroços, sem nenhum vestígio de uma boa lembrança. Na varanda das ruínas que se tornara a casa de seus pais, aquela figura usando manto negro segurava a gadanha com dedos cadavéricos. A lavoura de milho havia se tornado um terreno seco e desolado, um tapete carbonizado de pequenos caules.

— *Olhe ao seu redor, não há mais pelo que lutar. Você quer vingança ao homem que fez isso, não quer?*

Ethan não respondeu.

— *Eu sei que quer* — continuou a morte com sua voz crepitante —, *eu posso dá-la a você. Posso fazer isso acontecer.*

Para sua própria surpresa, ele hesitou. Não muito, mas o suficiente para considerar aceitar a proposta. Talvez só não o tenha feito de imediato pelo que havia sentido dentro daquela névoa amaldiçoada. Algo no seu íntimo, como uma voz, um lampejo de luz, dizia não ser a coisa certa a fazer. Ele reuniu toda a seriedade que estava ao seu alcance e encarou de volta.

— Eu não quero nada que venha de você.

A morte saboreou suas palavras e, se não fosse o manto a esconder a sua face, provavelmente lhe mostraria o sorriso de escárnio.

— *Não quer ainda...* — ela bateu o cabo da gadanha na madeira queimada e o solo sob os pés de Ethan se tornou uma areia movediça, tragando-o lentamente. — *...Mas vai querer.*

Sua respiração se tornou rápida e desesperada, como se os pulmões tentassem acumular oxigênio para a eternidade, mas ele tentou não transparecer o desespero. Não daria aquele gosto a ela. A lama atingiu o pescoço e ele não se moveu. Quando o solo o engoliu, o líquido espesso invadiu suas narinas e laringe, preenchendo o pulmão com algo que não era para estar lá. O corpo clamou por oxigênio, mas ele não pôde nem responder de forma negativa. Apenas sucumbiu.

Os pulmões encontraram um fiapo de ar e começaram a reestabelecer o sistema. O coração voltou a bombear o sangue cheio de vida e adrenalina. A tosse foi uma medida de emergência que o corpo tomou para expelir a água que havia absorvido.

Ele repetiu algumas vezes, até que o peito doesse afirmando que já era o suficiente. Apoiou as mãos nas pedras arredondadas e empurrou o corpo na direção oposta do solo. O som intenso da cachoeira berrava em seus ouvidos, situando-o onde estava. Ele se sentou na beirada do rio e avaliou a queda. Não sabia como havia sobrevivido.

Nem a antiga figueira de Joe e Dothy era tão alta quanto aquela cachoeira. Por um momento, pensou nos pais de Alan e fez uma pequena prece, desejando que os três ficassem bem. Enfiou a mão no bolso e retirou o pequeno dispositivo circular que havia ganhado. Estava encharcado, mas mesmo assim piscava uma luz azul na direção do conjunto de montanhas. Ele se levantou com dificuldade, seu corpo ainda tentava se restabelecer da queda, e os músculos das pernas fraquejavam ao tentar mantê-lo de pé. Achou uma pedra lamelar para se sentar, deixando cada célula descansar enquanto torcia suas roupas para tirar a água. O dispositivo ao seu lado emitia sua luz de forma frenética, gritando a plenos pulmões que ele não poderia perder tempo.

— Está bem. Já estou indo — disse de volta.

Vestiu as roupas úmidas, enterrou os dedos nos cabelos, deu um longo suspiro e partiu em busca da sua jornada, com a única certeza de que não tinha mais certeza sobre nada.



Chutou uma pedra que se sobressaía em relação às demais. O sol já começava a terminar sua jornada sobre a floresta, mas, fora a margem do rio, quase não havia contraste entre claro e escuro. A copa das árvores criava um verdadeiro escudo contra os raios solares. Nem era necessário o vento para trazer o frescor, bem diferente da atmosfera seca e poeirenta do deserto e melhor ainda do que o ar da fazenda a que ele estava acostumado. Suas roupas ainda estavam úmidas, deixando a sensação de que sua pele murchava igual à de uma ameixa seca. O estômago berrou em protesto, inconformado com as poucas frutas que lhe haviam sido oferecidas. Ele achou que desmaiaria se não se alimentasse melhor e decidiu parar.

Encontrou um espaço confortável cercado pela raiz grossa e nodosa de uma árvore, quase um abrigo fornecido de bom grado pela floresta. Pegou um galho comprido e o apontou com a faca para formar uma lança. Retirou os calçados, ergueu as calças até os joelhos e adentrou no rio para pescar o jantar. Experimentou a deliciosa sensação das águas geladas percorrendo entre os dedos enquanto o conjunto de pedras polidas massageava seus pés. Estreitou a visão, transformando seus olhos em um radar para peixes.

A água era cristalina e a tarefa não exigiu muito trabalho. Os peixes seguiam o fluxo do rio, passando aos montes. Ethan esticou o braço, calculou o ponto futuro

da presa e atirou a lança. Quando a puxou, revelando a metade que estava submersa, trouxe na ponta um grande salmão que se contorcia com vigor. Resistiu ao impulso de se virar para o lado e mostrar o peixe para o seu pai, como nos tempos de criança. Com o alimento garantido, ele se preocupou em gerar o fogo.

Saiu em busca de galhos e reuniu a quantia de lascas de bétulas que considerou necessária para uma fogueira decente. Reuniu os gravetos, empilhando uns sobre os outros em formato de triângulo. Coletou os restos de um ninho abandonado e os acomodou em uma casca grossa para iniciar o fogo. Usou o atrito de dois palitos para gerar calor e soprou várias vezes para transformar em uma pequena chama que se espalhou na palha seca do ninho. Como se fosse um portador do fogo, ele depositou as chamas no ventre da fogueira, que logo estalava contra a noite.

Fez dois pequenos espetos e colocou o peixe para assar, enquanto escutava a cachoeira incansável ao longe. Quanto será que havia caminhado? Lembrou-se do dispositivo em seu bolso. Seguiu a luz piscante por um momento desde sua queda, até ver que ele acompanhava o leito do rio. Tirou a palma fechada do bolso quase seco e abriu depois de virar o pulso para cima. O vermelho do fogo foi contrastado pelo azul intenso que saía da pequena moeda. Quando ela reconheceu o rosto de Ethan, o homem surgiu de novo. Desta vez sentado sobre o tronco ao seu lado.

— *Então você pulou* — disse o Corvo, reconhecendo o fato.

Ele controlou o impulso de avançar sobre o misterioso homem, ciente de que novamente seu ataque seria em vão. Em vez disso, atirou uma pedra na direção do Corvo e a viu passar por ele para mergulhar em um único salto dentro da água. Os garotos certamente zombariam dele.

— *Eu sabia que pularia* — Corvo completou. Tinha o rosto escondido pelo capuz, mas parecia tão real que Ethan quis tentar puxar para revelar quem era o homem que havia destruído sua vida.

— Como...? — As palavras não escoaram por sua boca por que não estavam organizadas em sua mente, como um amontoado de pessoas tentando sair pela mesma porta ao mesmo tempo. Corvo esperou de forma paciente que ele se pronunciasse. — Se você não está aqui, como sabe o que fiz ou o que vou dizer?

— *Esse é um dispositivo holográfico de inteligência artificial, sincronizado com o meu perfil para dar as respostas que eu daria pessoalmente* — ele disse. — *Resumindo: eu não estou aqui, mas é como se estivesse.*

— Por que você não me deixa em paz?

— *O ser humano não sabe viver em paz, ele procura o caos como uma mariposa busca a luz. Existe muita coisa que você não sabe, mas precisa saber.*

Ethan esticou o braço e girou o espeto. Um lado do peixe já começava a crepitar, apresentando pequenos traços negros em que a extremidade da carne ardera diante do calor. Inevitável não se lembrar de Olivia.

— O que você quer de mim? Por que não me conta logo e vai embora de uma vez?

— *Não posso antecipar informações. É... complicado.*

— Por quê?

— *Eu já fiz isso e apenas piorei as coisas.*

— Existe um meio de piorar? — disse Ethan com amargura.

— *Existe* — respondeu o Corvo secamente.

— Estou tentando imaginar um mundo que seja ainda pior.

— *Está sendo egoísta.*

— Vá se ferrar!

O Corvo se ergueu do tronco e, mesmo sendo um fantasma da tecnologia, fez Ethan se encolher do outro lado da fogueira.

— *Imagine viver em um mundo sem abrigo. Sem confiança. Sem comida. O que aconteceu com sua plantação? Eu vi acontecer com todas as fazendas que tinham uma mísera espiga de milho. O que aconteceu com sua esposa? Aconteceu com milhares de mulheres. A diferença é que todas elas foram estupradas e torturadas antes disso. Você não faz ideia do que é piorar.*

Sem perceber, Ethan estava chorando. As lágrimas desciam em uma torrente e ele esfregou os olhos com o dorso das mãos. Cerrou os dentes e sibilou as palavras.

— Só porque o seu mundo foi destruído, não quer dizer que precisava destruir o meu.

Corvo retomou o controle e se sentou novamente.

— *Seu mundo estava prestes a ser destruído. Você pode não me entender agora, mas eu o salvei. Quero fazer um acordo com você: escute o que tenho para te contar e lhe darei a oportunidade de ficarmos cara a cara. O que acha?*

— Vai me falar sobre o meu pai?

— *Vou te contar sobre tudo.*

Ethan o encarou com um olhar odioso.

— Está bem. Mas eu prometo que, quando nos encontrarmos, eu vou te matar. Não importa o que aconteça. Eu vou te matar.

Corvo ponderou a promessa.

— *É justo* — disse por fim.

Ethan fez um *hum* de satisfação, pegou um dos espetos e começou a morder a carne rosada e tenra do salmão.

— Então está bem. Pode começar.

— *Em 2045, houve a terceira guerra mundial, conhecida como a Grande Guerra* — ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, já havia escutado histórias sobre a guerra que devastara quase toda a humanidade. Corvo seguiu. — *Eles criaram um vírus altamente contagioso, que acabou com quase todas as pessoas.*

113 anos se passaram até que o vírus fosse lançado de novo pelo mesmo homem, mas dessa vez ele devasta todo o Pós-Guerra. Não sobra nada nem ninguém.

Ethan ergueu a cabeça com o cenho franzido. Não saberia dizer se era pela carne quente do peixe ou pela ideia circulando em sua mente.

— Pelo mesmo homem? Como ele sobreviveu por tanto tempo?

— *Ele é um viajante do tempo. Um cientista. Seu nome é Aidan.*

— Você não conseguiu detê-lo?

— *Ninguém conseguiu.*

— Então voltou para o passado... — Ethan falava as palavras pausadamente como se testasse peça por peça do quebra-cabeça para ver se encaixava.

— *Exato.*

— Mas não conseguiu pegá-lo?

— *Até este presente momento não. Mas vamos conseguir.*

— Vamos?

— *Não estou sozinho desta vez.*

— Então por que precisa de mim?

Corvo uniu as mãos, apoiando os cotovelos nos joelhos, e se inclinou para a frente.

— *Já ouviu falar do livro do apocalipse, Ethan?*

— Na bíblia? Uma vez.

— *Conhece os quatro cavaleiros?*

— Peste, Guerra, Fome e Morte. Sim, eu conheço sobre os cavaleiros.

— *Aidan é o Cavaleiro da Peste.*

— Um homem? — quando Corvo confirmou com a cabeça, ele seguiu. — E quanto aos outros três? — ele perguntou com interesse renovado.

Corvo emitiu um pequeno riso.

— *Venha até o próximo ponto e falaremos sobre isso.*

— Próximo ponto?

— *Programei o dispositivo para acionar em locais específicos. Quero garantir que chegue até a caverna. Quanto mais caminhar, mais saberá. Não perca o dispositivo.*

Ethan não respondeu, apenas direcionou um olhar frustrado para o fantasma encapuzado.

— *Cuide para não queimar o peixe e durma com um olho aberto. Há coisas que você nem imagina por aqui.*

Em um piscar de olhos, o tronco onde ele estava ficou vazio. Ethan ficou cercado pelo silêncio, o som da cachoeira e o crepitar da fogueira. Seguiu comendo o salmão. O estômago digeriria o peixe enquanto a mente digeriria a conversa. Não desistiria enquanto não descobrisse algo sobre seu pai. O sono começou a envolver

seu corpo, como em uma dança sedutora. Ele escorou a cabeça na árvore, mas logo deu um sobressalto, dominado pela adrenalina injetada pelos seus ouvidos. Do ventre da floresta veio um longo uivo. Seus olhos percorreram as árvores escuras e ele ficou atento a cada folha que o cercava. Solto um suspiro cansado. Aquela seria uma longa noite.

Dante

Essa mulher vai me matar, mas é de tédio...

A viagem tinha chegado a um momento angustiante. Depois de matar os homens do Negociador no posto, uma tremenda idiotice, na opinião dele, os dois tinham de cuidar da estrada e se esconder sempre que viam qualquer movimentação. Isso retardou muito a viagem, custando algumas horas do dia para evitarem as equipes que os estavam caçando. Para ajudar, a maluca insistia que ele a deixasse matar todos que viessem atrás deles, como se fosse um tanque de guerra de quarenta e oito quilos.

Bem que eu poderia encorajá-la, mas, se ela morrer, eu terei problemas... Já quase não há para onde ir.

— Por que você se envolve nessas coisas? — perguntou Meredith, com a cabeça escorada na janela e olhar perdido no deserto.

Dante chegou a ficar boquiaberto. Depois de uma reflexão que parecia ter durado dias e de evitar as perguntas dele, ela finalmente resolveu iniciar uma conversa. Como gostava de conversar, resolveu não debochar de volta; já tinha se provado inútil.

— A que tipo de coisas você se refere?

Mulheres, bebidas, jogos, dívidas ou tudo junto?

— A isto que estamos fazendo — disse ela. — Em Trincheira.

Tudo junto.

— Digamos que eu faça mais dívidas do que possa pagar — respondeu ele enquanto desviava Johnny de uma pedra e conferia no retrovisor se havia sinal de algum veículo.

— Mas poderia apenas não se envolver se quisesse — ela sugeriu, encarando-o com um olhar de curiosidade.

E perder toda a diversão?

Dante queria explicar, tudo fazia sentido para ele. Estava bem ali. Mas formular a frase que explicaria a ela o porquê se mostrou uma tarefa mais difícil do que ele esperava. Ponderou a pergunta enquanto esfregava os polegares no volante.

— Eu acho que gosto da estrada — tentou sintetizar tudo de forma mais prática.

Meredith repousou a cabeça sobre o braço direito, apoiado na janela. Era início da tarde e eles já haviam cruzado boa parte do chamado Deserto dos Mortos. O sol

castigava a estrada e a areia emanava ondas de calor que distorciam a imagem mais além. Um pequeno lagarto correu para a beirada, tentando fugir das rodas do carro.

— Eu entendo você — ela disse. — Mas não acho que você *acaba* se metendo nessas coisas; você *quer* se meter nessas coisas. Gosta de fazer parte das coisas que acontecem.

Uau... reflexiva para uma assassina.

— Você acha? — perguntou Dante, olhando a moça com o canto dos olhos. — Gostaria de saber como você me entende, então.

— Você é o que você é — refletiu Meredith. — Não escolhi ser o que sou, mas não penso que poderia ser outra coisa.

Realmente é difícil te imaginar colhendo espigas de milho ou ordenhando uma vaca.

— Pois eu poderia ser outra coisa — decretou Dante.

Meredith cruzou os braços e deslocou seu olhar das areias para o mercenário ao volante do Dodge Challenger e ergueu uma das sobrancelhas, aguardando a resposta.

E não, não seria o seu namorado.

— Gostei do que o Apostador fez com aquela cidade. Eu poderia fazer o mesmo. Ou melhor.

Meredith soltou o ar com a boca depois de sua última frase. Aparentemente não lhe dava muito crédito.

Acho que uma caminhada no deserto lhe faria bem.

— Você não consegue nem pagar suas dívidas e quer cuidar de algo do tamanho de Cassino? — a pergunta veio em tom de desafio. — Que piada!

— Parece que somos dois fracassados justamente naquilo que nos consideramos bons — ele riu.

Meredith fulminou-o com os olhos abaixo das sobrancelhas arqueadas. Deixá-la com raiva era como dar partida em Johnny; a diferença era que ela parecia ter mais pontos de ignição.

Não pense que eu não reparei que seu chefe te mandou para bem longe, no meio do nada e sem o grandão junto. Você deve ter feito uma merda muito maior que a minha.

— Por que veio sozinha desta vez?

A assassina do Cassino apenas virou o rosto em direção à janela novamente, indicando que a conversa havia cessado.

Foi bom enquanto durou...

No horizonte, grandes picos rochosos despontavam na direção do céu. Um vento vindo do sul agitava as partículas de areia que plainavam com certa perícia no meio da brisa. Os arbustos secos ostentavam seus pequenos galhos amarelados sem

folhas. De vez em quando, um cacto surgia próximo da estrada. Dante acelerou Johnny, sentindo o vento arenoso passar por seu rosto e ressecar sua boca. A sensação era muito boa.

Chegaram mais próximo das montanhas e algo lhe chamou a atenção: havia um tubo que parecia um grande cigarro de pé, preso entre as montanhas e exalando sua fumaça para o céu, como se tragado pela areia do deserto. A cena o divertiu. Ele riu. Ela o encarou. Ele engoliu o sorriso e condenou-a em silêncio.

— O que é aquilo? — perguntou ela, curiosa.

— Lá, minha cara, é de onde vem todo o combustível do Pós-Guerra. Seja bem-vinda à Forja.

— Hum... — disse ela com certo desdém.

— Faz anos que eles não veem uma mulher — disse Dante com malícia. — Será bem interessante.

— Eu mato quem tocar um dedo em mim.

E lá vamos nós de novo...

— Você precisa dizer isso para eles, não para mim — reclamou Dante.

— Que seja.

Cada giro do motor transmitido para as rodas deixava-os mais perto das montanhas, dos seus destinos e de Dante se livrar daquela mulher irritante. Algo surgiu no retrovisor. Era um veículo que vinha no horizonte, mas parecia ganhar velocidade.

— Se segura — disse para ela.

Dante pisou fundo no acelerador, fazendo o potente motor do Dodge gritar de volta, aceitando o desafio. Seus mais de trezentos cavalos faziam com que o carro deslizesse pelo vento como uma faca corta a água. Mais atrás, na estrada, o veículo acompanhava a toda a velocidade, como se não houvesse preocupação alguma em fundir o motor.

Você não vai conseguir me pegar.

No painel, o ponteiro do conta-giros começou a recuar. Johnny perdeu potência e desacelerou bruscamente, como uma presa que sente o nervosismo lhe atingir as pernas durante a fuga de um predador.

Ah, qual é?! Você nunca me deixou na mão!

— O que aconteceu?! — perguntou Meredith. — Por que você está parando?

— Não é uma opção minha, tá legal? Acho que o Johnny só precisa descansar um pouco.

— Justo agora?! — Ela começou a tatear suas facas por baixo da roupa.

O Dodge escuro deslizava sobre a estrada de areia, embalado muito mais pela energia acumulada do que pelo torque do motor. Dante acelerava, mas o carro simplesmente não queria responder. Suas chances de se esconderem em alguma

pequena caverna para despistar o veículo diminuía a cada metro. A assassina do Cassino parecia se concentrar para a batalha. Se as armas estivessem ali, com certeza ela já estaria descarregando toda a munição no carro desconhecido.

Merda! Merda!

A montanha foi se materializando de forma sólida diante dos olhos dos viajantes já cansados. Havia um desfiladeiro que aparentemente levava direto para a Forja. Ele começava grande, mas afunilava à medida que avançavam. Um grande muro feito de blocos de rocha maciça unida com um betume negro impedia qualquer pessoa de ir além.

— Se não nos deixarem entrar, estamos fodidos — disse Dante, contornando a curva de rocha.

Meredith inclinou o corpo na direção do painel para admirar através do parabrisa a imponência da construção feita no sopé da montanha, com seus altos tubos metálicos. Pararam em frente ao grande muro com um portão de duas folhas. Sobre ele havia alguns soldados de sentinela, que lhes apontaram armas, gritando para que ficassem parados.

Que outra opção nós temos, idiota?

— Abram o portão! — gritou ele pela janela, buzinando várias vezes.

Dante observou pelo retrovisor. O veículo crescia no horizonte, uma silhueta escura que vinha do sol poente. Era um carro grande, muito maior que Johnny. Nada de o portão se mover. Os homens do Negociador já estavam fazendo a curva para contornar o bico de rocha.

— Abra o porta-malas, eu vou pegar uma arma — ela ordenou.

O veículo estava a pouco mais de 200 metros.

— Eles vão abrir o portão. Se começarmos um tiroteio, todo mundo vai comer bala.

200 metros.

— Não conte com isso! — bradou ela. — Abra o maldito porta-malas.

— Eles vão abrir o portão.

150 metros.

— Então me dê a sua maldita arma!

Com o braço direito, Dante puxou a pistola do lado esquerdo do corpo e apontou para o rosto da assassina.

— Pelo menos uma vez nessa sua vida desgraçada tenha um pouco de fé nas pessoas.

O sol ainda demoraria para desaparecer no horizonte, fornecendo luminosidade suficiente para eles conseguirem enxergar o grande jipe a quase 100 metros, vindo com velocidade. Nos muros, mais e mais pessoas começaram a chegar com olhares curiosos. Silhuetas receosas que não colaboravam em nada para abrir o portão. Até

que um homem esguio surgiu sobre os portões e fez um sinal na direção deles. Os soldados ergueram as armas e começaram a disparar. Dante fechou os olhos instintivamente, mas não ouviu nenhum som de bala ricochetear ou perfurar a carcaça metálica do seu companheiro. Mais atrás, os homens do Negociador deram meia-volta, afastados pelos disparos. Uma fresta surgiu entre as folhas metálicas, permitindo enxergar um pouco mais do que era a Forja. Ele suspirou aliviado, deixando relaxar os ombros que se haviam retesado.

Essa foi por muito pouco.

— Eu não te disse? — provocou.

Meredith ainda o encarava com raiva no olhar quando ele recolheu a pistola.

— Esse seu otimismo ainda vai te matar um dia — decretou.

É, pode até ser, mas até lá eu só quero me livrar de você logo.

— Não sendo você ou seu chefe, parece bom para mim.

Ela sacudiu a cabeça e Dante conduziu Johnny através do portão. Uma comitiva de recepção fortemente armada os aguardava no interior dos muros. Havia mais de 30 olhares curiosos que passeavam entre ele, o carro e a garota. Muito mais nos dois últimos, como ele pôde perceber.

Eu nem me atreveria se fosse vocês. Nem com um nem com o outro.

Rompendo a multidão, surgiu a figura esguia que ele vira em cima dos muros. Seu coração quase parou quando viu que não era um homem, mas, sim, uma mulher. Cabelos avermelhados como o cobre, um rosto severo sem deixar de ter os traços suaves de uma dama. Trazia sardas nas bochechas, o que lhe dava uma jovialidade encantadora. Por um momento ele pensou que estava tendo uma miragem de Becca.

Se Becca fosse uma comandante fodona de um bando de mercenários no deserto, com certeza seria ela.

Ele desceu do carro. Havia alguns burburinhos entre os homens ali presentes, que vestiam roupas variando entre o vermelho, preto, laranja e verde. Logo atrás da mulher surgiu outro homem. Era enorme. Tinha barba grande, vestia um macacão azul que ficava ligeiramente apertado nos braços imensos e musculosos. O peito era largo, tanto quanto as costas. Era pelo menos um terço mais alto que a mulher.

E se o destino quisesse se colocar entre eu e minha Becca comandante do deserto, com certeza seria esse cara.

Dante reuniu toda a humildade que desconhecia para quebrar o silêncio estranho. De pé entre a porta aberta e o chassi do carro, ele falou para a mulher:

— Acho que devemos um obrigado.

As vozes se calaram. Os olhares dos homens se dirigiram até ela, aguardando uma resposta e denunciando quem estava no comando. Mais além, alguns latões de

metal começavam a ser incendiados para que as fogueiras quebrassem o frio e a escuridão do deserto.

— Agradecimentos são desnecessários — disse Alanna. — O que estão transportando?

— Ah... nada que possa interessar. Nem vale a pena se incomodar.

— Abra o porta-malas. Agora — a comandante disse com uma determinação que refletiu nos demais. Alguns soldados trocaram o peso do corpo e deslizaram os indicadores até os gatilhos das armas.

Putá que pariu.

Dante obedeceu. Ela ficou ao seu lado e deu uma observada nas várias armas empilhadas no interior do veículo. Encarou-o com ar sarcástico.

— Olha que sorte a de vocês. Parece que isso me interessa. E muito.

— Não pode levar nossas armas! — bradou Meredith.

— Suas armas? — a comandante riu. — Gastamos algumas balas salvando o couro de vocês. Se não está contente, pegue “suas armas”, volte para o deserto e veja quanto tempo você dura.

Dante sentiu a temperatura subir e tentou afastar o combustível, que era Meredith, do fogo que era a outra.

— Não que eu não ache justo. Na verdade, eu considero bem justo. Mas vocês parecem já ter armas o suficiente por aqui, não? — Dante sugeriu, e ela respondeu com o olhar. — Metade, quem sabe? Dois terços?

A comandante o fitou com as sobrancelhas formando uma linha horizontal acima dos olhos. Depois se dirigiu a um de seus homens.

— Deixe uma para cada um. Leve o resto para o arsenal — deu um olhar azedo para Meredith e outro para ele. — Quanto a vocês, peguem um pouco de água, comida e sigam.

A gente não vai nem bater um papo?

— Acredite quando eu digo que ninguém quer terminar esta “missão” tanto quanto eu, mas...

— Mas o quê? — perguntou ela impaciente.

Dante seguiu o olhar fulminante dela e viu que a comandante da Forja o direcionava para Meredith.

Parece que a fêmea alfa está se sentindo ameaçada.

— Mas... — disse ele com paciência. — Aconteceu alguma coisa com o meu carro. Se não houvéssemos chegado aqui, provavelmente estaríamos mortos agora. Preciso consertá-lo.

Os olhares se voltaram na direção da mulher, que pensou rapidamente em uma decisão enquanto o vento do deserto balançava seus cabelos curtos. O grupo de curiosos havia aumentado um pouco mais, já passava de cinquenta pessoas.

Quantos mercenários devem ter aqui, no total?

— Está bem — disse ela. — Vocês dois venham comigo e Yohan vai consertar o seu carro. Assim que ele terminar, vocês vão embora. O resto de vocês pode voltar ao que estavam fazendo. Acabou o espetáculo.

O homem gigante que a acompanhava caminhou na direção de Johnny. Dante retesou o corpo sem saber o motivo.

Olha o tamanho dessas mãos. Vai amassar Johnny só de tocar nele.

— Você por acaso sabe lidar com carros?

Yohan devolveu-lhe um olhar perplexo, franzindo a testa.

— Está brincando? — perguntou a comandante. — Você não vai encontrar melhor mecânico do que ele.

Quantos devem ter aqui no meio do deserto?

— Aqui na Forja?

Ela encarou o grandão com uma admiração velada, que Dante já havia visto outras vezes, e deu um pequeno sorriso com os lábios fechados.

— Em todo o Pós-Guerra.

Yohan

Ele não havia gostado da garota. Era uma coisinha magra e emburrada que abria a boca apenas para reclamar. Estava decidindo se havia gostado do homem de jaqueta de couro. Ele tinha um ar descontraído, mas meio debochado. Não parecia ser uma pessoa confiável. Mas o carro...

Olha esse motor!

Incrédulo, Yohan deixava seus dedos percorrerem o metal ainda quente do bellissimo motor longitudinal de oito cilindros distribuídos em “V”. Desde que chegara à Forja, era a coisa mais bela que já havia visto, depois de Alanna. Com a chave de boca apertou os últimos parafusos da tampa de válvulas, ajoelhado sobre uma pilha de trapos em frente ao carro.

— Ele é magnífico, não é verdade? — veio uma voz da entrada da oficina.

O mecânico girou a cabeça e se deparou com o dono do veículo caminhando com seu jeito descolado. Abriu a boca para responder, mas as palavras do outro continuavam vindo até ele como se disparadas pelo cano de uma metralhadora.

— Olha... Não que eu duvide do seu conhecimento, e não que eu confie também, mas você sabe o que está fazendo? — Ele parou de caminhar e apoiou o peso do corpo sobre uma perna para logo voltar a cuspir palavras. — Tem certeza de que vai conseguir achar o problema? Porque eu entendo bastante de mecânica e acho que sei o que pode estar acontecendo. Talvez se...

Yohan se levantou para ficar de frente com o homem da jaqueta de couro. Estava inclinado a decidir que não gostava dele, mas o carro era um argumento muito favorável. Quando ficou de pé, seu queixo passava da altura da cabeça do outro, que pareceu perder as palavras dentro da boca, como se estivesse mastigando um grande pedaço de batata quente direto da panela do velho Bill.

— Quero dizer... se me deixar chegar nele, talvez eu consiga...

— Está pronto — anunciou ao dono do carro.

— ...resolver... o quê? — ele estava incrédulo.

— O seu carro estava com duas velas estragadas, alguma coisa rompeu os cabos. Eu troquei todas elas por precaução. Também consertei o vazamento na bomba de combustível, em uma das mangueiras de água e troquei o óleo — encarou-o, censurando seu descaso. — ...que estava mais para uma graxa.

O homem não conseguiu achar as palavras de seu estoque infundável.

— Alguma coisa que não entendeu?

Ele piscou algumas vezes e balançou negativamente a cabeça.

— Eu entendi tudo, melhor mecânico do Pós-Guerra — ele respondeu, dando uma pequena piscadela.

— Acho inteligente você levar baterias de reserva, mas essas que estão no porta-malas não servem nele... como é seu nome mesmo? — perguntou Yohan, buscando um pano para tirar o excesso de fuligem das mãos.

— Dante — disse ele indo em direção à porta do motorista. — Ah, as baterias... são algum tipo maluco de profecia. Elas servem para você... Yohan?

— Pode ficar com elas. Já tenho praticamente tudo o que preciso — apontou para seu estoque de peças.

— Uau... a comandante não mentiu. Quantos carros você atende aqui?

— Até que não são muitos, mas estragam toda hora. Os desgraçados mal conseguem caminhar, quanto mais dirigir.

Dante avaliou a estante de peças, impressionado.

— Cuida de tudo sozinho?

A pergunta fez com que ele imediatamente se lembrasse de Fiapo e foi impossível não deixar transparecer sua tristeza.

— Eu tinha um ajudante, mas ele... — Yohan girou as mãos no ar tentando achar a palavra. — Acabou indo embora.

Dante pareceu perdido nos pensamentos por algum momento.

— Eu sei como é não poder contar com os outros — disse com uma pequena centelha de empatia. — Já posso ligar?

— Pode.

Dante colocou a chave na ignição e a girou. O motor de partida deslizou sua engrenagem na direção da cremalheira, fazendo o motor ganhar vida na escuridão do deserto. Ao ouvir o ronco limpo do V8, ele deu um sorriso de satisfação.

— Ficou ótimo! — riu acelerando o motor, que reagia à pressão exercida nos pedais.

Yohan ficou satisfeito com o seu trabalho, apesar de simples, se comparado aos pequenos milagres que fazia com as peças todos os dias. Dante desligou o carro e acariciou suavemente o volante, como se estivesse vendo um amigo voltar à vida.

— Você já esteve lá? — ele perguntou, como se voltasse de um transe, olhando para o horizonte escuro além dos muros.

— Estive uma vez — disse Yohan de forma filosófica, encarando as montanhas com um braço apoiado na coluna de metal que sustentava o telhado da oficina mecânica.

Dante saiu do carro para se juntar a ele.

— E o que tem lá? — perguntou com certa curiosidade.

Em sua cabeça, algumas imagens retornavam. A cidade em ruínas, com seus carros carbonizados e ruas repletas de escombros.

— Destruição...

Lembrava-se do peso da chave grifo golpeando aquelas criaturas horrendas. Seus golpes potentes esfacelando os crânios e fraturando ossos.

— Morte... — completou, com o olhar perdido na noite do deserto. — Por que estão indo para lá?

— Ela tem que buscar alguma coisa — disse Dante.

— O que é? — perguntou Yohan, curioso.

— Eu não sei — confessou Dante. — Pouco conversamos. Ela é muito chata, você não faz ideia...

Se Yohan pudesse ficar desconfiado pelo tom destituído de qualquer seriedade do homem, acreditava pelo pouco que havia conhecido da mulher pequena e amarga.

— Onde ela está agora?

— Como vou saber? — perguntou Dante. — Estava comigo e a comandante, mas pediu para usar o banheiro. Deve estar amolando as adagas, ou matando alguém, para variar um pouco. Talvez tomando um banho.

Os dois ficaram observando as torres de extração de petróleo trabalhando mais ao longe. O vento começava a se intensificar, carregando uma fina poeira consigo.

— Qual é a da comandante? — perguntou ele de braços cruzados.

— Como assim? — Yohan ergueu as orelhas.

— Ah! Não pense que eu não sei o que está rolando entre vocês... — Dante mudou a voz e semicerrou os olhos para imitar Alanna. — *Ele é o melhor mecânico do Pós-Guerra. Yohan, meu gostosão...*

O mecânico então fez uma coisa que havia muito tempo não fazia, soltou uma gargalhada. Dante sorriu de forma mais modesta, já acostumado com as próprias piadas.

— Você me lembra o Comediante.

— Ele era seu amigo? — perguntou Dante.

— Não sei dizer — revelou Yohan. — Tenho poucos amigos aqui.

O sorriso de Dante desapareceu, dando lugar a uma expressão de reflexão. Começou a desenhar com o pé na areia além da entrada da oficina.

— Poucos são melhor que nada, não é?

O mecânico começou a contar mentalmente quantos amigos havia perdido. Sentia falta de Fiapo, muita falta. Com tudo o que havia acontecido, queria acreditar que ele, Cisco e Fantasma estavam vivos, mas, mesmo com o bilhete misterioso para lhe dar alguma esperança, tudo indicava o contrário. Eles não teriam como sobreviver a todo aquele contingente de infectados. Aquilo deveria ser

apenas uma pequena fração de tudo o que a cidade abrigava. Quem mais era seu amigo na Forja? Tomate. Talvez Mosquito, o que já era uma dúvida, por tê-lo delatado para Milles. Seus poucos amigos estavam se tornando nada.

— Não se você não puder ajudá-los.

O mecânico baixou a cabeça.

— Uau! — disse Dante. — Esta conversa tomou um rumo melancólico que eu não esperava. O que o pessoal faz para se divertir aqui?

— Atrás da fábrica tem um lugar onde jogam cartas.

— Pôquer? — perguntou Dante, com o rosto iluminado.

— Não. Truco.

Dante franziu o cenho.

— O que é truco?

— Eu não sei ao certo, não gosto de jogos. Mas lembro que Cisco falou que o ás de espadas é a carta mais forte, e o quatro é uma merda. É tudo o que sei.

— O ás de espadas é sempre a carta mais forte — corroborou Dante. — Está aí. Preciso conhecer esse jogo.

O homem de jaqueta de couro saiu caminhando da oficina, em direção à refinaria de petróleo.

— Ah! — disse depois de caminhar alguns passos. — A comandante quer falar com você!

— Quando?

— Assim que o carro ficar pronto. Eu vim trazer o recado, mas vi o Johnny funcionando e me emocionei — ele abriu os braços e deu de ombros. Piscou um dos olhos e apontou para ele. — Não deixa ela esperando.

O que será que ela quer?

Organizou as ferramentas e partiu em direção ao prédio principal. Entrou pela porta de madeira e viu que na sala ao final do corredor Alanna rabiscava alguma coisa sentada na cadeira do Homem de Ferro. Avançou percorrendo os olhos pelas salas adjacentes, todas vazias. Quando chegou perto, ela ergueu o olhar para identificar quem era e seguiu escrevendo.

— Consertou o carro?

— Sim — respondeu.

— Ótimo. Quero que eles saiam o quanto antes.

— Por quê?

Alanna o encarou com a testa franzida, como se a pergunta fosse um insulto.

— Eu não gostei da garota. Você *gostou*?

— Não — respondeu ele.

Yohan ficou em silêncio, observando a mesa de madeira que ela usava para escrever. Alanna estava imersa, fosse lá no que estivesse fazendo. De repente ela se

deu conta de que ele ainda estava ali.

— O que você quer? — disse de maneira seca.

Yohan ficou confuso.

— O que *você* quer? — ele devolveu.

Alanna parou o movimento da caneta no meio da palavra, largou-a sobre a folha de papel e ergueu a cabeça para encará-lo.

— Você está ficando louco, mecânico? — ela abriu os braços com os cotovelos apoiados sobre a mesa. — Acha que, só porque aquilo aconteceu, você pode vir a hora que quiser com qualquer desculpa? Acha que eu vou me deitar sobre a mesa de novo?

— O que deu em você? — bradou Yohan.

— O que deu em você?! — vociferou ela. — Acha que eu não sei que quer partir com eles? Acha que eu não vi a forma com que olhou para o carro? Para eles?

— Você viu o bilhete! Fiapo, Cisco e Fantasma ainda devem estar lá!

Ela esmurrou a mesa com os punhos fechados.

— Você nem sabe se estão vivos!

— Eu sei que estão!

— Seu idiota! Você já esteve lá! Sabe o que tem na cidade! Viu o que fizeram aqui! — disse ela apontando para os portões. — Eles não viveriam! Ninguém sobreviveria! Seria um massacre!

— Então por que vai deixar Dante e a garota irem até a cidade? E só com uma arma para cada um?

— Eles não são problema meu — disse ela com ar de seriedade.

— Você não se importa com eles, com Fiapo, Cisco ou Fantasma — ele acusou apontando o dedo.

— Eu não vou arriscar a vida de um soldado para salvar estranhos ou ir atrás de uma possibilidade remota.

— Pois eu vou, goste você ou não — disse Yohan, dando-lhe as costas.

Ele estava na metade do corredor quando a ouviu gritar.

— Espere, *mecânico*!

O homem de quase dois metros se virou vagarosamente. Suas unhas estavam sendo pressionadas contra a palma das mãos. Ela saiu de trás da mesa e caminhou até ele. Yohan sentiu o cheiro de Alanna e seu corpo se encheu de um novo vigor.

— Já vi que não vou te convencer a mudar de ideia — ela passou por ele e seguiu em direção à saída. — Ache os dois visitantes e venha comigo.

— Aonde vamos? — perguntou Yohan.

— Falar com o cientista — disse a comandante sem lhe direcionar o olhar. — Ele precisa que traga algo de lá.

— O quê?

— Ainda não sei, mas é o que vamos descobrir.

— Por que quer os dois juntos nessa conversa?

Alanna parou o movimento de abrir a porta e falou com o olhar perdido pela fresta.

— Por dois motivos: primeiro, porque você sabe o que acontece com uma mulher aqui na Forja e eu não quero ser responsável por isso e, segundo, porque quero garantir que eles tragam o que o cientista precisa, caso você morra lá.

Isaac

A comitiva entrou em sua sala fazendo barulho desde as escadas. Isaac estava concentrado na leitura dos seus manuscritos, submerso em relatórios deprimentes sobre testes fracassados. Uma voz dura e severa, a qual soube ser de Alanna, o salvou de saborear sua nonagésima quinta futura falha.

— Isaac.

Ele fechou o caderno, soltando um longo suspiro. Agradecia de forma inconsciente uma pausa daquele poço de angústia.

— Sim? — disse antes de se virar.

Girou nos pés e ficou paralisado. Imaginava que haveria mais pessoas pela sinfonia dos pés batendo nos degraus de concreto, apenas não esperava *aquelas* pessoas. Além da comandante da Forja e do mecânico que a acompanhava como um guarda-costas intimidador, estavam também Dante, o mercenário, e seu amigo, se pudesse considerar assim, e a dona do par de olhos azul-safira mais bonitos que ele já vira. Ele ergueu a mão para cumprimentar e viu, em um relance, Dante tecer uma negativa sutil com o queixo. Entendeu a mensagem por trás do sinal.

— O trem do suicídio está partindo para a Cidade Fantasma. Tem algo que eles possam trazer para te ajudar?

As palavras saíram da boca de Alanna, mas pareceram se perder na atmosfera lúgubre do laboratório. Se chegaram ao seu ouvido, ele nem percebeu, hipnotizado naquele mar cristalino. Era uma mulher excêntrica, de fato. Usava um sobretudo que descia até o tornozelo, cobrindo todo o corpo esguio em uma proporção primorosa. Os cabelos desciam em uma cascata tranquila por um dos lados da cabeça até quase tocar os ombros, em contraste com o outro, em que a navalha havia trabalhado. De braços cruzados, ela o encarava de volta, mas era difícil distinguir se estava apenas se sentindo desconfortável ou se queria matá-lo. O coração de Isaac bateu mais forte.

— Isaac? — chamou Alanna, interrompendo seu devaneio juvenil.

— Ah, sim. Desculpem-me — esticou as mãos na direção dos visitantes. — Sou Isaac Mendes. É um prazer.

— Sou Dante — disse o outro, piscando um dos olhos enquanto apertava sua mão e, percebendo seu embaraço, antecipou-se em apresentar sua acompanhante.

— E, como sei que essa moça não vai revelar seu nome de boa vontade, quero te apresentar: Meredith.

— Meredith... — as palavras fluíram através de seus lábios como se isso ajudasse a contemplar aquela figura peculiar.

Ela permaneceu com os braços cruzados e o nariz empinado. Lançou um olhar de desdém para a mão dele e depois o encarou novamente. Isaac recolheu a mão. Era bom em entender sinais.

— Yohan. Alanna — fez um aceno para os dois. — Em que posso ajudar?

— Caso não tenha escutado da primeira vez — disse Alanna, mais seca que o vento do deserto —, você precisa de algo da Cidade Fantasma?

— Bem... — ele cruzou os braços e avaliou as prateleiras cheias de coisas. O que poderia ter lá que não tinha ali? *Uma cobaia*. — Preciso de um deles. De preferência vivo. Fora isso, qualquer coisa relacionada à doença ajuda.

— Qualquer coisa relacionada com a doença? — disse Dante. — Isso pode ser qualquer coisa, não estamos levando um caminhão. Poderia ser mais específico?

— Oh, sim. Está bem — sua mente trabalhou na resposta. — Estão vendo essas coisas sobre a bancada? Esses materiais de laboratório? Vidros, seringas, pistolas, maletas com emblemas esquisitos, tudo o que contiver algum tipo de líquido dentro pode ser útil.

— Onde encontramos esse tipo de coisa? — quis saber Yohan.

Isaac deu de ombros.

— Basicamente em hospitais, laboratórios, centros de controle de doenças, bases militares... — Isaac percebeu que a última palavra despertou o interesse da mulher. — Se eu souber aonde vão especificamente, fica mais fácil.

— Por que não vem com a gente? — sibilou Meredith, para a surpresa de todos.

Dante sorriu, Yohan ergueu as sobrancelhas e Alanna franziu o cenho. Isaac teve um acesso de tosse.

— Porque ele tem muito trabalho por aqui — respondeu Alanna.

— Eu não vejo *muito trabalho por aqui* — rebateu Meredith.

— Porque talvez você não tenha noção de como *aqui* funciona. Se tivesse, não abusaria da minha hospitalidade.

Yohan e Dante deram um passo para trás, ambos prevendo que haveria uma luta e que precisaria de espaço para isso.

— Eu não sobreviveria lá fora — disse Isaac, tentando colocar panos quentes no assunto. — Não fui feito para isso.

— Não precisa se explicar, Isaac — Alanna o repreendeu e encarou os visitantes. — Eles já sabem o que você precisa e já estão de partida. Os três — completou com um olhar furioso para Yohan.

Meredith soltou um *humpf* e subiu as escadas com os punhos cerrados. Alanna acompanhou-a com um ar de quem diz *vamos resolver isso lá fora*. Yohan seguiu a comandante prevendo que teria de apartar uma briga. Dante não moveu um músculo até ficar a sós com o cientista.

— Como você veio parar aqui? — perguntou ele, avaliando o laboratório subterrâneo.

— Uma fortaleza isolada no deserto mais próxima o possível de uma cidade infectada com mercenários à disposição para buscar o que eu quiser estudar? — Isaac abriu os braços, com uma das sobrancelhas gritando a obviedade. — Como você veio parar aqui?

— Um mercenário à disposição para buscar o que você quer estudar? — agora Dante abriu os braços, usando do seu inconfundível ar debochado.

Isaac riu. Foram poucos dias, mas sentiu falta de Dante. Era esperto como poucos, mesmo os do seu tempo.

— Por que não quis revelar que nos conhecemos?

Dante caminhou até a mesa e pegou uma proveta graduada, como se o seu corpo não suportasse ficar estático durante uma conversa. Ou sua curiosidade.

— Você se lembra daquele pessoal que estava atrás de você?

— Não me lembro dos nomes, mas sim.

— Ela trabalha para o Apostador. É a assassina dele. Mata por diversão — Dante fez uma pausa e guardou a proveta na pequena armação de ferro. — Mas ela gosta de cerveja, então acho que você ainda tem chance.

— O quê? — disse Isaac, digerindo a informação. — Eu... não! Que isso? Apenas achei o corte de cabelo diferente.

Dante debochou, imitando sua voz.

— *Apenas achei o corte de cabelo diferente* — ele abriu os braços. — Ah, qual é, Isaac? Para cima de mim? Nós dois sabemos que se trata de um belo espécime, não é assim que vocês chamam? Mas eu te garanto que essa mulher é encrenca. Por que acha que a comandante não gosta dela? Mulher sente cheiro de problema.

— Mas o que você faz junto dela? Não ia dar carona para alguém? Um homem, se não me engano. Como ele se chamava?

— Malcolm — disse Dante com ar de frustração. — E sim, eu também achei que se tratava apenas de uma carona. Pelo visto, subestimei aquele filho da puta. Agora estou aqui, prestes a entrar na cidade infectada.

Isaac adotou um semblante sério.

— Não vá, Dante. Eu vi o que aquelas coisas fazem. Alanna está certa, é suicídio. Podem levar quantas armas vocês quiserem.

Dante estava de costas folheando o caderno. Isaac poderia ter ido até lá e escondido as informações, mas achou que seria importante ver tudo o que já havia

sido tentado.

— O Chacal me quer morto. Graças à nossa assassina, o Negociador me quer morto. E, se eu não completar esse trabalho, o Apostador também vai me querer morto. Qualquer lugar que eu for é suicídio.

— Para cima de mim? — Isaac rebateu. — Essa sua vontade de se envolver com tudo ainda vai matá-lo um dia, Dante.

Dante olhou por cima do ombro e voltou a atenção aos manuscritos.

— É, pode até ser. Mas qual a graça de viver sem emoção?

— Viver? — sugeriu Isaac.

— Aí é sobreviver — corrigiu Dante. — O que é isso, Doc?

Isaac soltou o ar pelas narinas.

— Um caderno de experiências que escrevi no futuro. Com vários testes em relação à doença.

— No futuro? — O rosto de Dante se iluminou. — Você já leu todo?

— Estou trabalhando nisso desde que cheguei, mas ainda não.

— Sabe se algum deu certo?

— O Corvo disse que são 523 testes que falharam, então...

— O mesmo cara que me disse que era só uma carona — observou Dante. — Não acredite em tudo o que ele fala, Doc. Ele lhe diz uma coisa dizendo outra coisa. É pior do que uma mulher.

Isaac coçou o queixo, considerando que a afirmação fazia bastante sentido.

— Enquanto pesquisa sobre a doença, veja se tem algo sobre eu e uma mulher chamada Becca.

— Isso não é um diário, Dante.

— Não custa olhar, está bem? Pode ser uma nota singela, eu não me importo.

Alguns passos ecoaram na escada. O som abafado indicava uma pessoa de porte avantajado. A sombra do tamanho de um tanque de guerra se formou na parede oposta e diminuiu conforme a figura de Yohan foi aparecendo.

— Vocês conversam bastante para duas pessoas que não se conhecem — disse o mecânico.

— Só queria aprender um pouco sobre o combustível, e Isaac sobre como conquistar mulheres difíceis — disse Dante. — Esse cara aí pode te ajudar, Isaac.

— É mesmo? — perguntou o cientista ao ver que o rosto mecânico enrubesceu.

— Está na hora. Se não partirmos agora, as mulheres difíceis vão se matar — Yohan decretou e subiu as escadas.

Dante esticou a mão para o amigo cientista. Isaac apertou a mão confiante dele, encarando-o diretamente nos olhos.

— Não deixe eles te morderem, Dante. E, principalmente, não morra.

O mercenário sorriu.

— Se é para fazer promessas que não podemos cumprir, então trate de achar uma cura, Doc.

— Eu prometo. Vou conseguir — disse Isaac, mais para si do que para ele.

O mercenário subiu as escadas em direção à sua jornada de levar algo para algum lugar. Isaac se virou para o caderno sobre a mesa. Encheu os pulmões de ar e soltou vagarosamente para buscar a concentração de que precisava. Era hora de partir em busca da cura. A sua própria jornada.

Preciso conseguir.

O Cavaleiro da Peste

Havia um grande silêncio na sala enquanto o rádio estabelecia contato. Aidan estava de braços cruzados, achando aquilo tudo uma perda de tempo. Em volta da mesa metálica estava ele, Walter e mais dois homens, dos quais um operava o aparelho com uma imperícia que chegava a ser irritante.

O outro botão, seu idiota!

No início, ele mesmo operava o rádio. Até ensinara aos homens de Walter. Porém andavam tão desconfiados ultimamente, que nem isso ele podia fazer mais. Tudo indicava que, se pudessem absorver seu conhecimento dentro de um tubo para depois matá-lo, com certeza o fariam. O soldado deixava o nervosismo escapar pela ponta dos dedos. Apertava aleatoriamente na máquina na esperança de que funcionasse.

— Aperte o botão vermelho e sintonize a frequência, seu imbecil! — esbravejou Aidan, sem conseguir conter a raiva.

O homem não gostou, mas também não reclamou. Apertou o botão vermelho e ajustou a frequência girando o pequeno disco com o dedo médio. Duas voltas foram o suficiente para escutar a voz do outro lado.

— ...cuta? Câmbio.

Walter exibiu uma expressão de alívio junto de seus homens. Aidan revirou os olhos.

— *Central para posto de comando 6. Alguém na escuta? Câmbio.*

O soldado apertou o botão que liberava a emissão do áudio.

— Aqui é o posto de comando 6 para central. Estamos na escuta. Câmbio.

Houve uma pequena pausa do outro lado, até que do alto-falante do rádio saiu aquela voz grave, implacável e de poucas palavras.

— *Como estão as coisas, Walter?*

O militar hesitou. Engoliu em seco antes de falar e Aidan não saberia dizer se foi para limpar a garganta ou para se livrar do nervosismo. Talvez os dois.

— Estamos indo bem, Senhor — disse com a voz trêmula. — Já começamos os ataques.

— Bom... — refletiu o dono da voz. — *Os homens entenderam o que precisam fazer? Como funciona o aparelho do cientista?*

— É uma máscara — respondeu Walter. — Uma máscara que os comanda. Eu vi com os meus próprios olhos.

— *Quantos caminhões foram enviados?*

— O suficiente para parecer o próprio apocalipse, senhor.

Ora, ora... parece que Walter está com medo de falar a verdade ao chefe.

O homem do outro lado da linha pareceu também perceber o tom evasivo da resposta.

— *Quantos, Walter?*

— A quantia que combinamos — disse ele, mais rápido do que uma combustão espontânea.

— *Walter... escute com bastante atenção* — disse a voz do outro lado, com uma raiva ainda contida. — *A próxima coisa que vai falar será um número, ou terei que ordenar a um dos homens que coloque a arma na sua testa e puxe o gatilho. Espero que tenha entendido, então vou repetir a minha pergunta bem devagar: quantos caminhões foram enviados?*

Walter começava a suar por debaixo da camisa escura. Buscou aprovação no olhar dos seus imediatos, mas estavam todos com tanto medo quanto ele. Não encarou Aidan, porque não queria demonstrar-lhe fraqueza. Respirou fundo e chegou próximo ao microfone para dar a resposta que seu chefe tanto queria ouvir.

— Vinte.

Mentira. É uma grande mentira, seu idiota de merda!

Aidan pensou em desmascará-lo ali mesmo. Mas o medo de Walter poderia ser bom para suas ambições. Talvez aquilo gerasse a situação que ele tanto queria.

— *Você está aí, Doutor Hayes?*

— Estou — respondeu Aidan calmamente.

— *Como avalia o resultado de suas máscaras?* — perguntou a voz grave. — *Ficaram de seu agrado?*

Pôde notar uma tensão crescente em Walter, que o encarou com olhar de súplica por trás daquele muro de arrogância e prepotência. Aidan abriu um meio-sorriso, apenas para deixar claro ao outro que estava em suas mãos.

Eu poderia acabar com você agora se eu quisesse. Mas tenho algo muito melhor, seu idiota.

— Não tive do melhor material. A cidade é precária, como você bem sabe... — encarou Walter diretamente no fundo dos olhos antes de completar. O homem se encolheu como se estivesse prestes a levar o tiro bem no meio da testa. Prendeu a respiração, e dentro da sala tudo pareceu parar no tempo por alguns segundos, como se o destino do mundo dependesse das próximas palavras de Aidan. — Mas

ficaram dentro de um padrão aceitável. Considerando que a fumaça tem elementos alucinógenos, eles verão demônios saídos do próprio inferno. Vai dar tudo certo.

Walter soltou a respiração, acompanhado de seus homens. Seu olhar trazia uma mensagem de agradecimento velado a Aidan, mesmo que o homem jamais fosse admitir.

— *Bom. Muito bom* — respondeu a voz. — *E quanto à sua nova experiência, teve alguma evolução?*

— O teste foi muito positivo. Eliminou mais de vinte homens armados e não sofreu nenhum arranhão. Preciso apenas ajustar alguns parâmetros de controle para garantir alcance e estará pronto para ser usada.

— *Ótimo, Doutor Hayes. Você nunca me desaponta. Walter...* — o comandante deu um salto na cadeira quando ouviu seu nome ser chamado. — *Na próxima vez que eu lhe fizer uma pergunta, é esse tipo de resposta que eu quero escutar: precisa e satisfatória.*

— Sim... — Walter buscou apoio no olhar de Aidan, mas só encontrou desprezo. — Sim, senhor.

— *Logo eu já devo receber notícias, então* — ele pensou alto, do outro lado da linha.

Os quatro aguardaram calados, pela falta de algo inteligente para falar ou mesmo para não o interromper em seus pensamentos.

— *Como está o desenvolvimento da cura, Doutor Hayes?* — perguntou ele de repente, pensando nos próximos passos do seu plano.

Cura? Não há cura, seu idiota. Nunca houve uma cura. Não se pode voltar atrás com isso. O que queria que eu dissesse preso atrás de uma grade e com uma arma apontada para a cara?

Mas promessas devem ser cumpridas, e todo bom cientista estava sempre prestes a descobrir algo. Usou aquilo que o diferenciava de toda a corja de energúmenos que havia sobrado naquele mundo decrépito: a linguagem científica.

— Estou estudando uma nova variação do antídoto que parece reagir de forma proeminente às células do vírus, mas é claro que, para me certificar do nível de interação molecular, eu necessito de um hospedeiro saudável no qual possa fazer uma inserção amostral do que preciso comprovar.

Houve uma pequena pausa na sala. Por parte do dono da voz, que precisava processar o que havia escutado, e por parte de Walter e seus homens, para desfazerem a expressão estúpida de quem não havia entendido uma palavra sequer.

— *Você tem tudo que precisa?* — perguntou o homem do outro lado da linha.

— Tenho — mentiu Aidan. — Minha nova criação trouxe um homem vivo em que posso fazer minha experiência.

— *Quero que me reporte os resultados imediatamente após obtê-los.*

— Faça questão de lhe dizer pessoalmente.

— Ótimo — disse a voz rouca pelo alto-falante antes de encerrar a ligação.

Os três homens trocaram olhares entre si para depois encarar o cientista. Walter era orgulhoso demais para agradecer-lhe por ter salvado sua pele. O fim da transmissão pareceu ter acionado algum botão naquele homem que o devolvera para sua habitual arrogância.

— Temos de despachar todos os cavaleiros da peste e temos de fazer isso agora!

— bradou contra o cientista.

Aidan se levantou apoiando as mãos na mesa, encarando os três de volta e apontando o dedo para o rádio comunicador.

— As máscaras ainda não estão prontas, Walter. Você sabe disso!

Walter arqueou as sobrancelhas em uma expressão de fúria.

— Não me interessa se não estão prontas! — ele deu um soco na mesa. — Coloque o mesmo que tem nos capacetes dos soldados! Não precisam comandar, desde que as coisas não os ataquem!

Aidan se inclinou mais ainda na direção do militar.

— Você vai mandar nove idiotas fantasiados com máscaras de pássaros sozinhos? Que chegada triunfal você prevê para eles, Walter?

O homem limpou o suor da testa enquanto sua mente buscava alguma alternativa. Se ele seguisse adiante, colocaria em prática um plano pífio, bem distante do planejado. Mas, se não seguisse adiante com a ideia, o homem do outro lado da linha descobriria e esse seria o fim dele. Walter espalmou as duas mãos sobre a mesa e tentou soar coerente, mesmo que fosse difícil para ele.

— Eu vi o que o seu vírus faz, cientista. Do que aquelas coisas são capazes. Nosso homem já chegou até as cidades. Na verdade, não seria preciso mandar mais nenhum caminhão. Além disso, já temos mais cinco deles cheios daqueles filhos da puta, e eu não vou mandar mais um soldado para o centro da cidade. Chega de perder meus homens.

— Com cinco caminhões você não domina o continente.

— Mas, para um começo, será mais que o suficiente. As criaturas não são importantes para o plano; os cavaleiros são. Sabe o que vai acontecer se não os enviarmos.

Se você não enviar os cavaleiros.

— Está bem, *Walter*. Acho que consigo fazer as máscaras funcionarem. Só preciso de um tempo — disse Aidan, levantando-se e caminhando em direção à porta.

— Quanto tempo? — perguntou ele, com uma dose de esperança e duas de impaciência.

O cientista parou o movimento da mão sobre a maçaneta de alumínio.

— Menos de um dia. Eu o mantenho informado, *Walter* — abriu a porta. —
Prepare os caminhões e, por favor... deixe-me trabalhar.

Mordecai

Ele estava fora da Cidade Fantasma, mas mesmo assim tudo se resumia a ruínas, cinzas e caos. Os prédios eram menores dos que estava acostumado, mas não menos decrepitos. Em qualquer uma das paredes havia pelo menos uma marca que adentrava a camada lisa de concreto para expor as vigas e tijolos em seu interior.

Onde estou?

Uma larga avenida cruzava a cidade, como muitas em que ele havia trafegado enquanto caçava infectados. O ar carregava uma poeira espessa, cujo gosto se podia sentir ao tentar umedecer os lábios secos com a língua, acompanhada de um cheiro pungente de sangue e morte.

O sol estava prestes a se recolher no horizonte, mas parecia insistir em ficar, como se quisesse certificar-se uma última vez que havia cumprido suas tarefas antes de deixar seu posto de trabalho. Logo a noite chegaria e ele não tinha sequer um refúgio. Esticou um dos braços para trás procurando o cabo da espada. Felizmente sentiu o toque da empunhadura com seus detalhes meticulosamente cunhados. Retirou uma e depois a outra, deslizando as lâminas entre si para garantir a afiação.

— Olá? — gritou contra as ruínas.

Decidiu sair da avenida e acessar uma das ruas adjacentes para afunilar o ataque caso fosse encurralado. Um vento gélido percorreu seu rosto, sacudindo os cabelos que começavam a apresentar um aspecto sujo e emaranhado. Sua visão buscou os céus com a esperança de ver uma ave branca majestosa, com um pio que reconfortava seus ouvidos.

— Olá?!

Entrou em uma viela. Tudo estava quieto demais, como nas noites em que o silêncio era tamanho que lhe permitia escutar o próprio coração. Nessas noites, porém, as nuvens se agrupavam de tal modo que atiravam raios contra a cidade, parecendo brigar para ver quem dominaria o céu. A viela estava escurecendo, causando um incômodo para a visão que tentava adaptar-se à escassez de luz.

— Alguém aí? — A sensação de que seria o único ser humano no mundo esmagava-lhe o coração.

Um rato saiu silenciosamente de uma lata caída, roendo algo em suas mãos pequeninas.

— Viu alguém por aí, amiguinho?

O pequeno roedor fugiu com a sua aproximação, fazendo-o se sentir um monstro. Mordecai acompanhou sua fuga alucinada, com suas patinhas golpeando o chão duro com velocidade. Ele dobrou a esquina e sumiu de vista, passando por cima de uma bota que apontava com o bico para as nuvens. De dentro da bota saía uma perna que sumia atrás da parede.

Será alguém morto?

Mordecai encostou seu corpo na parede à sua direita para tentar melhorar o ângulo de visão. Agora já era possível ver os joelhos da pessoa que estava caída. Ele avançou mais alguns passos sem tirar os olhos daquele corpo. Em um salto, a bota subiu e aterrissou novamente contra a rua feita de pedras quadradas. Ele parou seu movimento esperando pelo pior, mas, diante da inércia do corpo, decidiu prosseguir.

Apertou os dedos em volta do cabo da espada e percorreu com velocidade o trajeto até a esquina. Quanto mais chegava perto, mais do corpo podia ver. No meio do pequeno trecho ele notou outro espasmo na perna, mas dessa vez não parou um músculo. Ao dobrar a viela para entrar na rua maior, ele viu dois infectados mais adiante, vagando de forma trôpega entre os prédios.

Estão fora da Cidade Fantasma também!

No chão, perto dele, um homem agonizava com várias mordidas no peito e pescoço. Olhou para Mordecai com o último fio de vida sendo-lhe arrancado lentamente. Seus olhos suplicavam por misericórdia, sem saber que não havia a quem pedir isso. As pupilas foram ficando esbranquiçadas enquanto a cabeça ia repousando sobre o leito rochoso e as pálpebras caindo para se abrirem apenas após a transformação.

Ele preparou a espada porque já sabia o que viria, mas não queria matar um homem, pelo menos não enquanto ainda era... *humano*. Apontou a lâmina para o rosto do moribundo, que abriu os olhos alvos e inexpressivos, emitindo um grunhido e avançando a cabeça na tentativa de se levantar. O metal se enterrou na cabeça do infectado, proporcionando-lhe a menor agonia possível.

Eu jamais quero virar uma dessas coisas. Me mataria antes que isso acontecesse.

Os outros dois que vagavam mais além se viraram na direção dele com guinchos agudos de desafio. Era como se, ao matar um, mesmo que silenciosamente, algo despertasse nos outros, como se fossem uma única consciência. Correram na sua direção com um furor crescente, fazendo-o recuar pela viela. Chegando à avenida, ele se escondeu atrás da parede e esperou que eles surgissem. Fez um giro com a espada e preparou o ataque. Os infectados passaram correndo. O primeiro recebeu

um golpe limpo no pescoço, separando o corpo da cabeça. O segundo se virou a tempo de sofrer uma estocada abaixo do queixo, em direção aos olhos.

Bastou o corpo colidir no chão, emitindo um baque seco, para ele escutar outro grito trazido pelo vento, mais distante na avenida. Uma fumaça verde começou a se dissipar pelas ruas, avançando entre os escombros e entranhas dos prédios. O sol não fornecia mais sua luminosidade, ou calor, entregando aquela cidade desconhecida à escuridão e ao frio da noite. Mordecai viu uma silhueta surgir acima de um dos prédios, com roupas tão escuras quanto as que ele usava.

Wendigo!

Pensou que se tratava do monstro que o perseguia havia algum tempo, mas era algo diferente. O rosto era deformado e dele pendia uma ponta como o bico de um pássaro. O desconhecido esticou o braço, estendendo a mão sobre a avenida e emitindo um brilho verde luminescente da palma na sua direção. Mordecai fez um giro para analisar ao redor. Dos becos e vielas começaram surgir pilhas de infectados, vindos de todos os lados, caminhando por entre a fumaça verde.

Qualquer um pode controlá-los agora?

Em segundos uma horda o cercava. Mordecai observou a figura desconhecida em cima do prédio, que movimentava o braço lentamente em um arco na sua direção. Cada pequeno movimento que ele fazia resultava em um passo trôpego dos infectados, resignados sob as ordens de seu novo mestre. Ele girou as duas espadas e olhou em direção à viela, procurando afunilar o ataque como em sua fuga na Cidade Fantasma.

O vento da noite espalhava a fumaça verde pelas ruas. A figura no topo do prédio fez um movimento apertando os dedos sobre a palma da mão e o ataque aconteceu. Os infectados, que avançavam passo a passo, subitamente, começaram a correr, como um cão raivoso que é liberado da sua coleira.

Mordecai viu a horda se transformar em uma onda de gritos e fúria. Fugiu pela viela antes que os primeiros o alcançassem. Ouviu atrás dele gritos e grunhidos mais intensos que o normal. Corria segurando as espadas. Sua fuga seria mais ágil se as houvesse guardado, porém o confronto seria inevitável e o tempo de sacá-las poderia ser decisivo para sobreviver.

Dobrou a esquina e passou pelo primeiro infectado que havia matado silenciosamente. Talvez, se o tivesse evitado, não estaria fugindo agora. Mas como evitar algo cujo propósito da sua existência era justamente matar? A fumaça o cercou, se tornando mais densa como uma névoa pútrida e pestilenta. Ele puxou o manto para cobrir boca e nariz.

A rua à sua frente logo acabaria na parede de um prédio. Se tivesse sorte, o caminho da direita o conduziria para algum lugar que pudesse seguir. Levou o queixo até próximo do ombro esquerdo para ter uma ideia de quantos o

perseguiam. A rua estava tomada. Dezenas deles surgiam da viela. Ele esbarrou na parede do prédio e teve de optar pelo caminho da direita quando viu que, da esquerda, mais deles vinham da avenida.

Girou o corpo para onde o instinto lhe indicava e deu de cara com outra parede. Era um beco, um maldito beco. Sem tempo para voltar ou se lamentar, ele guardou uma das espadas enquanto avançava em direção à parede de tijolo. Teria de escalar. Foi difícil acertar a sua arma dentro da bainha que trazia às costas. Quando ele conseguiu, viu que os infectados já haviam surgido no início do beco, completamente envolvidos pela neblina densa esverdeada.

E agora?

Estavam a menos de trinta metros dele. Mordecai percebeu que não escalaria a tempo de fugir e puxou a espada novamente. Fechou os olhos para buscar concentração. Ouviu os grunhidos, o atrito dos pés das criaturas contra o asfalto e o sopro do vento da noite. Acima dele, sobrepujando todos os outros sons, veio o grito agudo que ele tanto conhecia. Mordecai abriu os olhos a tempo de vê-lo aterrissar entre ele e seus perseguidores. Wendigo caiu flexionando os joelhos para amortecer o impacto da sua queda. Mordecai recuou um passo, sentindo a parede fria apoiar suas costas. Na sua frente, uma cortina de fumaça o impediu de ver mais além.

A criatura ficou de pé e bradou contra a horda, que parou instantaneamente. Virou-se na direção dele, abrindo os dedos para exhibir suas garras afiadas. Parecia ainda maior do que da última vez que Mordecai o havia visto. Veio na sua direção com passos decididos. A fumaça invadiu sua boca e narinas, causando uma sensação de ardência.

— Vamos ver do que é capaz! — disse o garoto na direção do monstro, em meio à tosse, enquanto brandia suas espadas.

Wendigo esticou o braço para desferir um ataque letal. Mordecai copiou o movimento. Pretendia decepar o braço da criatura em um único golpe. Ambos atacaram e, quando garra e lâmina colidiram, Mordecai teve o pior destino. Viu a espada se partindo diante de seus olhos. Quis preparar o ataque com a outra, mas não foi rápido o suficiente. Wendigo atacou com o braço esquerdo, enterrando as garras afiadas em seu estômago, quebrando costelas e perfurando seu coração.

— Nãããããooooooooo!

Mordecai acordou em um pulo, sentado sobre o colchão surrado em que adormecera. Estava no mesmo porão em que havia se escondido poucas horas atrás. Tateou o corpo com as mãos, procurando qualquer ferimento. Seus sonhos eram confusos, mas sempre muito reais. Abraçou os joelhos para refletir o que acabara de vivenciar.

Será mesmo que não é possível matá-lo?

Conferiu suas espadas, tirando-as das capas que as protegiam. Forçou a ponta da lâmina contra o chão e a espada fez uma leve curva, mostrando toda sua flexibilidade e resistência. Não poderia se partir tão facilmente. Ele teve dúvidas quanto a isso.

Que figura será aquela que vi acima dos prédios?

Sabia que essa resposta o perturbaria por algum tempo. Viu que ela também era capaz de comandar as criaturas azuladas, além daquela fumaça verde.

O que era aquilo?

Seu sonho havia-lhe dito muito, mas ao mesmo tempo não havia explicado nada. Suas intenções de enfrentar Wendigo haviam ganhado uma nova perspectiva. Talvez pudesse ser mesmo um erro ele enfrentar sozinho aquela criatura, sem saber o que ela era e do que era capaz. Pensou no medo que Cisco deveria ter sentido, assistindo a seus amigos morrerem bem diante dos seus olhos. Puxou do bolso o bilhete que seu mestre lhe enviara. Leu em voz alta a parte que mais o havia marcado.

— Estou enviando ajuda, aguento firme...

Será que já chegaram?

Se a cidade não fosse tão grande e ele não houvesse libertado os infectados, já teria chegado à entrada. Estava a não mais que uma hora de lá. Esperava poder chegar a tempo. Escolheria um lugar que fornecesse uma visão privilegiada e aguardaria o reforço.

Se é que já não estão aqui... se é que já não estão mortos...

Um grito agudo percorreu pelas ruas desoladas, indicando que a Cidade Fantasma não era nada acolhedora. Mas para Mordecai representava algo mais pessoal. Aquele grito indicava que lá fora aquela criatura mortal ainda estava à sua procura.

Orfeu

A atmosfera estava pesada na sala de reuniões do conselho. A troca de olhares era carregada de agonia e desprovida de empatia.

— Tem de ser feito, Orfeu! Goste você ou não! — bradou Izabel.

— Você tem a mínima ideia do que está pedindo, Izabel? — perguntou Orfeu soprando as palavras entre os dentes, que pareciam prestes a trincar.

— Essa decisão não deve caber a você — ela retrucou, beligerante, tentando incitar os demais. — Vocês não acham?

Houve um silêncio respeitoso entre os outros membros do conselho. Orfeu apertava os punhos fechados sobre a mesa, tentando se controlar para não esmurrar a cara de Maria Izabel. José abriu a boca para falar, mas, quando Orfeu o encarou, ele pareceu perder a vontade. Maria Izabel, porém, não se sentia intimidada.

— Eu sei por que vocês não querem falar! Estão com medo! Mas Diego não tem medo. Não é verdade, Diego? — ela perguntou para o banco vazio. Esperou pela resposta que jamais viria e colocou a mão em formato de concha em volta da orelha. — O quê? Fale mais alto, Diego! Ah, ele não pode... porque não está aqui! Está quase morto por causa da invenção dela.

Orfeu ergueu as mãos e deu um soco tão forte na mesa de madeira que José observou o local para ver se não havia amassado a placa maciça. Ele se ergueu do banco, mirando Izabel no fundo dos olhos. Ela manteve uma expressão indiferente, tentando não demonstrar que estava apavorada.

— Já basta! — vociferou contra ela. — Eu não vou ficar aqui ouvindo você insultar minha filha!

Izabel levou a mão até o peito e abriu a grande boca, insinuando surpresa.

— Insultar? Me desculpe se eu fiquei nervosa porque alguém invadiu a Montanha da Caveira, depois de tantos anos, e matou seis dos nossos — fez uma pausa. — Seis homens bons! — deixou as palavras reverberarem pelas paredes de rocha sólida. — Acho que devo estar exagerando, não é mesmo?

Orfeu não aguentou a provocação. Queria enfiar aquelas palavras a soco pela garganta de Izabel. Seu olhar pairava sobre a mulher, como uma águia observa um rato antes de descer em um voo rasante.

— Mandar Skye embora não vai trazer os homens de volta, Izabel — disse José, tentando apaziguar a situação.

— Não — concordou ela. — Mas vai evitar que a “tecnologia” dela mate mais gente.

— Skye. Não. Matou. Ninguém — repetiu Orfeu pausadamente, como uma represa prestes a se romper.

— Mas eles morreram por causa dela, Orfeu. Goste você ou não — Izabel virou o corpo na direção de Mercedes. — Fala para ele, Mercedes!

O silêncio dominou a sala e três pares de olhos se dirigiram para a curandeira, que até então estava mais reservada que José, carregando uma tristeza contagiante no olhar. Ela segurava as mãos sobre a mesa e baixou o olhar, como se fosse despedaçar se encarasse Orfeu.

— Estão todos com medo.

— Não! Isso não, Mercedes. A outra coisa — instigou Izabel.

Mercedes franziu o cenho, mas logo entendeu onde ela queria chegar.

— Izabel está certa. Alguns falaram comigo. Eles sentem medo dela, Orfeu. Você sabe. Por ela ser... diferente.

Orfeu encarou a outra antes de falar com a curandeira, ciente de que ela estava sob a influência daquela mulher pestilenta.

— Não, Mercedes, eu não sei. Como assim, diferente?

Mercedes pareceu engasgar com as palavras na boca.

— Bem... é... ela...

— Skye não pertence a este lugar e você sabe disso — bradou Izabel.

— Você está com elas? — ele perguntou a José.

— O quê? — devolveu o velho, enquanto buscava tempo para processar uma resposta.

— Você concorda com elas, José? — ele repetiu com ênfase. — Sim ou não?

— Eu creio que não seja tão simples...

— Então é melhor simplificar bem rápido — ele advertiu.

— Ou então vai fazer o quê, Orfeu? — perguntou Izabel. — Vai esmurrar todos que não concordarem com você?

— Ela é minha filha — determinou Orfeu. — E fim de conversa.

Ele já estava quase deixando a sala quando Izabel sibilou entre os dentes ciente do efeito de suas palavras.

— Se o seu pai estivesse aqui, saberia a coisa certa a fazer.

Orfeu apoiou a mão na parede, mas se recusou a virar o rosto. Girou a cabeça apenas o suficiente para suas palavras chegarem até ela.

— Se quiser se consultar com ele, eu providencio um encontro.

Ele deixou as palavras no ar e saiu da sala. Maria Izabel o chamava de volta, mas ele simplesmente ignorou. Sabia que poderia não acabar bem se continuasse

ali. Quando virou no corredor de pedras, pôde ouvi-la iniciando um discurso com os outros dois. Não descansaria até que acontecesse algo a Skye.

Terão que passar por cima do meu cadáver.

Caminhou de forma cansada, com a cabeça baixa e olhar fixo no túnel. Parou diante da parede repleta de caveiras coloridas, iluminada por velas e duas tochas que queimavam desprovidas de pressa. No centro, a caveira feita em homenagem ao seu pai se destacava entre as demais, fazendo jus ao grande homem que ele havia sido. Orfeu levou a mão até ela, tocou a parede fria e fechou os olhos.

Meu pai, gostaria que estivesse aqui comigo...

Mais à frente, ele viu a escultura da virgem de Guadalupe. Parecia sorrir para Orfeu, enrolada no manto e coberta com uma aura divina. Ele se ajoelhou, baixou a cabeça e fechou as mãos em forma de oração.

— Minha santa. Me perdoe porque eu falhei. Falhei com minha gente. Deixei que morressem. Peço o teu perdão e o teu auxílio — ergueu os olhos na direção da virgem. — Mas, acima de tudo, não deixe que isso aconteça de novo. Me ajude a cuidar dessa gente.

Colocou uma mão sobre a imagem de gesso da santa e uma no coração. Onde deveria sentir o toque frio, sentiu sua mão aquecendo. Seu peito também esquentou. Ele olhou para a imagem, sentindo uma paz de espírito que parecia não caber em si. Lembrou-se do pai e começou a chorar.

— Obrigado — disse a ela depois de algum tempo.

Ele se levantou e seus joelhos agradeceram. Bateu com a mão nas calças para tirar a poeira e caminhou até a casa de Diego para ver como estava. Os poucos que cruzaram seu caminho recebiam-no com uma expressão fechada, angustiada. Ele sabia que a culpa poderia até não ser sua, mas a responsabilidade era.

Havia um dos sentinelas de Diego à frente da casa. Era Vasquez. Um homem sério e leal. Não gostava de falar muito, mas era um bom observador.

— Olá, Orfeu.

— Como ele está?

— Vai ficar bem. Mercedes já retirou a bala. Parece que não atingiu nada grave. Orfeu sacudiu a cabeça, satisfeito.

— Quero falar com ele.

— Sua filha esteve aqui — disse Vasquez.

— Quando?

— Não mais de uma hora.

— Sabe o que falaram?

Vasquez deu de ombros.

— Não. Mas acredito que ela veio se desculpar. Estava chorando.

— Obrigado, Vasquez.

O homem fez um aceno positivo com a cabeça e deu passagem para ele. Orfeu cruzou a porta. Um cheiro de vinagre pairava no ar. Tudo estava meticulosamente organizado, uma das marcas registradas de Mercedes. Da entrada, Orfeu conseguia ver a porta aberta do quarto de Diego, e, através dela, parte da cama onde estava o comandante da guarda.

— Diego?

Um grunhido cansado veio antes da resposta.

— Estou aqui, meu amigo.

Ele ingressou no quarto e o cheiro de vinagre se intensificou. Diego estava na cama, com um lençol branco tapando-o até a cintura. No ombro direito, uma faixa envolvia o local onde a bala se enterrara. O hematoma roxo havia se espalhado, cobrindo boa parte do ombro, pescoço e braço. Orfeu olhou boquiaberto e sua expressão denunciou seu pensamento.

— Está feio, não é? — perguntou Diego com dificuldade.

Orfeu se sentou na cama, ao lado dos pés do comandante da guarda.

— A culpa foi minha, Diego...

Ele abriu um meio-sorriso, contido atrás de uma expressão de dor.

— Ela é igual a você.

— Quem?

— Skye — disse Diego. — Ela também veio aqui se desculpar. Disse que foi culpa dela e que vai inventar alguma coisa para avisar todos quando alguém nos atacar de novo. Eu vou repetir a você o que disse a ela: esse é meu papel aqui. Meu e dos meus homens. Se tivermos que morrer para proteger essa gente, que assim seja.

— Não diga uma coisa dessas, Diego.

— É verdade, Orfeu. — Ele fez força com o braço esquerdo para se sentar na cama. Quando Orfeu foi ajudá-lo, Diego lhe mostrou a mão direita, pedindo que esperasse. Apoiou-se no braço e conseguiu trazer as pernas em direção à cabeceira da cama, recostando o corpo. — Pense comigo: quantos homens costumavam ficar de guarda ali? Dez? Talvez mais? Por causa de Skye, havia menos da metade.

Orfeu ponderou o raciocínio de Diego, tentando achar o lado bom de toda a situação. Antes que pudesse emitir sua opinião, Diego completou.

— Uma pena o sensor não ter funcionado...

Orfeu, que estava com a cabeça baixa, ergueu o rosto abruptamente.

— Ele estava funcionando. Eu vi com meus próprios olhos quando Rojo passou por ele. A luz vermelha se acendeu. Será que seu homem não estava distraído?

Diego coçou a cabeça enquanto pensava.

— Era Munhoz que estava na entrada da caverna de guarda. Distração não era algo que combinava com ele.

— Mas ele estava com uma garrafa de tequila. Acho que queria aproveitar a celebração do seu próprio jeito, então...

Ambos refletiram por alguns segundos, quando Diego, de cenho franzido, encarou Orfeu nos olhos.

— Isso não faz sentido.

— O que não faz sentido?

— Me disseram que você tocou fogo nele, não foi?

— Sim.

— Ele se queimou muito?

— Parecia uma tocha humana. Onde quer chegar, Diego?

— O túnel é longo, até a floresta... — disse Diego, explicando sua linha de raciocínio. — Quanto um homem consegue correr enquanto está em chamas?

Orfeu abaixou a cabeça, deslizou os dedos pela barba e arqueou as sobrancelhas.

— Digo... Não deveríamos tê-lo encontrado pelo túnel ou na saída da floresta? — Diego questionou.

— Eu não tinha pensado nisso. Vou pedir para os homens fazerem uma busca. E você trate de se recuperar — disse Orfeu, levantando-se da cama.

— Como foi a reunião do conselho?

— Melhor não falarmos disso — disse Orfeu, e se virou em direção à porta.

— Orfeu...

Ele estava quase saindo e parou o movimento, virando apenas parte do rosto na direção do comandante enfermo.

— Diga a Skye que não foi culpa dela.

— Eu direi.

Orfeu deixou a casa e pediu a Vasquez que enviasse homens até a floresta para procurarem pelo corpo de Rojo. Da varanda, ele podia avistar a sua própria casa. Seguiu pela trilha de areia, contemplando o mar que atirava serenamente suas ondas, como se nada do que acontecera na noite passada pudesse abalar seu estado de espírito. Viu os homens atirando redes de pesca com seus pequenos barcos de madeira. Na areia da praia, as crianças corriam e brincavam, alienadas àquele evento desagradável. Seu filho Miguel estava entre elas.

Entrou em sua casa e sentiu o delicioso cheiro de carne temperada, diferente do odor de vinagre que se havia apropriado como uma névoa da morada de Diego. Sua mulher estava preparando o almoço e, apesar de ele ter-se sentado à mesa sem fazer barulho, ela notou sua presença.

— Está tudo bem?

Orfeu apoiou os cotovelos e levou as duas mãos à cabeça, esfregando os cabelos.

— Diego vai sobreviver. Onde estão Tomáz e Skye?

— Tomás foi com os outros ajudar a cavar as covas. E Skye você já sabe onde está.

Orfeu não respondeu nada. Pegou uma das canecas de barro e ficou a girá-la entre as mãos. Maria estranhou o silêncio. Deixou as panelas fazerem o seu trabalho e foi até Orfeu para massagear seus ombros.

— Foi Izabel, não foi?

Orfeu deu um suspiro cansado.

— Ela não vai desistir até que eu faça algo com Skye.

Maria o abraçou e encostou o queixo sobre seu ombro direito.

— Mas por quê?

— Ela diz que Skye não pertence a este lugar. Que é diferente. Que suas invenções vão matar mais gente e um monte de bobagens.

— Mas isso não é verdade — protestou Maria de forma calma.

— Eu sei disso. Você sabe disso. Mas eu tenho medo de que essas coisas cheguem até os ouvidos dela. Não sei o que ela vai pensar quando souber a verdade.

— Que verdade seria essa, pai? — veio uma voz conhecida da porta.

Orfeu fechou os olhos e Maria se virou, assustada, para sua filha.

— Que verdade, pai? — ela insistiu. Mas, desta vez, de forma mais firme e decidida.

Maria e Orfeu entreolharam-se e sua esposa fez um sinal positivo com a cabeça.

— Senta aqui, filha — disse Orfeu, puxando uma cadeira. — Temos muito que conversar.

Alan

Espiou por trás da árvore a grande casa de madeira do simpático Theodore e da amarga Ruth. Para quem buscava uma definição de contraste, aquele casal era perfeito. As portas estavam abertas e o machado jazia cravado no tronco usado para fazer lenha.

— Acho que nem tiveram a chance de se defender — cochichou para si.

Puxou a carabina das costas e conferiu a munição. Ele ainda tinha mais três disparos. Teria de usá-los com sabedoria. Secou o suor da testa com a manga da camisa. Sentiu um inseto voar próximo de sua orelha e o afastou com as mãos. Em um varal feito de uma corda grossa, havia duas blusas e uma calça penduradas. Logo abaixo das roupas, um cesto de palha trançada acomodava o restante.

O sol estava na metade da sua jornada diária. Seus olhos cansados se esforçavam para se adaptar à claridade, mas não sem lacrimejarem. A adrenalina começara a abandonar seu corpo que já ansiava por um pouco de repouso. Tudo estava quieto demais. Alan abriu a boca para chamar alguém, mas preferiu esperar.

Com certeza deve ter alguma daquelas coisas por aqui...

Retrocedeu alguns passos até onde Rob mastigava vigorosamente a grama alta do lado de uma árvore. Alan acariciou o pescoço do animal, grato por ter salvado a sua vida. Ergueu uma das patas, conferindo as condições dos cascos. As ferraduras eram recentes e estavam firmes.

— Bom garoto. Bom garoto — disse enquanto batia carinhosamente no lombo de Rob. — Prometo que vamos pela estrada a partir de agora. Espera só eu ver se tem alguém por aqui.

Amarrou a corda que prendia o freio de Rob em um galho mais baixo e puxou para garantir que estava firme. Deu um passo na direção da casa e seu pé congelou no ar, enquanto seus olhos percorriam o solo e os pensamentos percorriam os céus.

E se eu não voltar? E se alguma daquelas coisas me atacar?

Retornou até o cavalo, que seguia, indiferente, colocando alguma comida no estômago. Desamarrou a corda do galho e deu apenas uma volta, deixando-a solta para o caso de ele precisar fugir.

— Por favor, não me abandone. Só me restou você...

Dizer aquilo doeu mais do que ele esperava. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas e esfregou com as costas das mãos. Precisava seguir adiante.

Esgueirou-se até a árvore que havia lhe dado cobertura e observou mais uma vez. No horizonte além da casa, era possível ver a cidade. Seus muros altos pareciam se estender acima das copas das árvores e muito mais se comparados às lavouras de abóboras, milho e batatas. Não conseguia ver nenhuma movimentação, de pessoas ou das coisas que mataram seus pais. Engatilhou a carabina e partiu em direção à casa de madeira.

Saiu da proteção da floresta e pisou na grama fofa. O vento balançava os galhos, fazendo-os roçar suas folhas em um farfalhar que era reconfortante para os seus ouvidos outrora, mas apreensivo no momento. Pisou em um graveto que se partiu emitindo um estalido seco. Uma ponta arranhou a sola do seu pé descalço e ele gemeu involuntariamente. Olhou ao redor, girando de um lado a outro do corpo com a carabina apontada.

Nada.

Lançou a outra perna à frente e seguiu em direção à porta da casa. A terra se acomodava sob seus pés, como se quisesse ajudá-lo na árdua tarefa de não fazer barulho. Achou um par de botas do lado da entrada e calçou-as enquanto espiava ao redor. Os pés de Theodore eram maiores que os seus, mas o calçado evitaria que se machucasse novamente.

Ingressou na residência com cautela redobrada. Os raios de sol entravam pela janela, estendendo-se sobre a mesa na sala de jantar. Seu estômago pareceu ter identificado onde estava, emitiu um ronco e fez sua barriga vibrar. Bastou Alan pensar em comida para sua boca começar a salivar. Com a arma à sua frente, ele deu passos cautelosos até a cozinha.

O segundo ambiente já não exibia a mesma tranquilidade do primeiro. Exalava o odor forte de morte e o chão estava coberto por cacos de vidro. Sobre a pia, a louça espalhada estava coberta com um líquido rubro e viscoso.

Sangue!

O balcão lhe impossibilitava uma melhor visão. Alan percebeu que havia alguma coisa errada ali. Esticou o pescoço e apontou a carabina. Chegou mais perto e conseguiu ver um corpo caído. Estava debruçado em uma poça de sangue. Seu coração acelerou e a arma em suas mãos pareceu pesar uma tonelada.

Quando firmou o pé no último passo antes do balcão, a sola da bota esmagou uma porção de cacos, causando a mesma sinfonia de quem mastiga lentamente um biscoito. Alan apertou os dentes uns contra os outros, prendeu a respiração e olhou para o assoalho. Ergueu a visão de volta para o corpo caído, que seguia inerte. Apurou os ouvidos e avaliou o som ao seu redor. Tudo permaneceu em silêncio e ele enfim soltou a respiração.

Estou ficando louco.

Fez a volta no balcão para ver quem era. O grande corpo de Theodore estava esparramado no chão como uma enorme saca de espigas de milho. Tinha uma mancha azulada no pescoço e nos braços gordos. Não havia mais nada da conhecida amabilidade de Theodore. Alan cutucou as costas largas do cadáver.

— Se inventar de me assustar, eu enfio chumbo na sua cabeça.

Confirmando que ele nunca mais se levantaria por vontade própria, inspecionou a origem do sangue. Três fendas retilíneas e profundas haviam se formado na carne tenra, gerando a torrente de sangue que coloria a madeira do assoalho. Ao lado do corpo havia uma faca, com a lâmina lambuzada até a metade. Baseado na própria experiência, Alan podia supor o que havia acontecido.

Passado o susto que o corpo lhe causara, ele buscou por comida. Encontrou ovos e um pouco de aveia. Sobre o armário havia pão e manteiga. Alan deixou a carabina escorada e procurou uma faca em uma das gavetas para saciar a fome. Cortou uma fatia grossa e besuntou-a com manteiga. Duas mastigadas foram o suficiente para empurrar o pão até o estômago com a própria saliva. Na terceira fatia ele embuchou e precisou recorrer a um copo de água.

Suspirou aliviado, da fome e do engasgo. Ouviu o relincho atravessar a janela e seus olhos se arregalaram. Pegou a arma e correu para fora. Rob estava agitado. Alguém tentava se aproximar para roubar seu cavalo, mas um tronco lhe impossibilitava definir quem era.

Era só o que me faltava, alguém roubar meu cavalo.

Apontou a carabina enquanto se aproximava com passos largos. Ouviu uma voz feminina tentando apaziguar o animal para poder ser aproximado. Rob soltava pequenos relinchos e sapateava no solo à sua volta.

— Calma... calma, garoto! — sussurrou a voz suave e delicada.

— Tire as mãos do meu cavalo! — gritou com a arma apontada.

A garota ao longe ficou paralisada com seu grito. Quando os olhares se cruzaram, ele quase não acreditou. Era Lila. Porém a emoção de poder encontrá-la teve a curta duração do grito de um porco. O barulho causado por eles despertou algumas daquelas coisas, que correram entre as árvores emitindo seus grunhidos.

O primeiro surgiu de dentro da floresta mais densa, a não mais que cinquenta passos. Era um homem, mas estava desfigurado. Havia recebido uma mordida em uma das bochechas, e o ferimento espalhou uma infecção pelo resto da face, dando-lhe um tom azulado e roubando qualquer vestígio de humanidade dos olhos. Encarou Lila como um cão de caça encara uma perdiz.

— Mas o que são essas coisas?! — perguntou ela apavorada.

— Lila! — disse Alan. — Vamos embora!

Alan correu até seu cavalo para tirá-lo da sua amarra psicológica. O homem-monstro deu um urro e partiu para cima dela. Alan mirou a carabina e disparou

duas vezes. A primeira bala passou zunindo por ele para se enterrar em alguma árvore, mas a segunda se aninhou no peito da aberração, rasgando a carne, quebrando os ossos da costela e o derrubando na grama.

Rob ficou agitado e por pouco não fugiu com o susto. Alan montou nele e estendeu a mão pra Lila.

— Vamos!

De ambos os lados era possível ouvir os passos apressados e grunhidos furiosos.

— Tem mais vindo! — ela gritou, procurando os agressores.

Alan puxou as rédeas de Rob para colocá-lo na direção da estrada. Percebeu três às suas costas e mais dois vindo de encontro a Lila. Eram rápidos e estavam perto. Ergueu a carabina na direção da garota e apertou o gatilho. A munição percorreu o cano longo com velocidade, atirou-se no vazio, passou sobre Lila e se enterrou na cabeça de um deles. Ele passou a alça da arma sobre a cabeça, bateu com os calcanhares na barriga de Rob e avançou em direção a ela com o braço esticado.

— Vem! — gritou.

Precisava colocá-la em cima do cavalo e fugir dali o mais rápido possível. Inclinou o corpo para abaixar ainda mais o braço. Lila correu ao lado deles, segurando o braço de Alan com ambas as mãos. Ele a ergueu o suficiente para que apoiasse um dos calcanhares sobre as ancas de Rob, que já começava a galopar.

Sobre o ombro, ele conseguiu ver que ganhavam distância dos três perseguidores. Lila ainda tentava se equilibrar, fazendo força na perna sobre o cavalo. Sua outra perna não tocava o chão para poder lhe dar impulso.

— Alan!

Foi o grito que ele escutou antes de ver um vulto azul se atirar contra a garota, arrancando-a de seus braços. Puxou as rédeas com força, fazendo Rob parar. Quando virou a cabeça para entender o que havia acontecido, viu Lila aos berros sendo atacada por uma daquelas monstruosidades. Ela se debatia enquanto os dentes do homem-monstro se enterravam em seu pescoço, ombro e braços.

Lila...

Alan se sentiu impotente. Quis puxar as rédeas de Rob, mas algo o impedia. Os outros três passaram direto pela garota e o homem-monstro para avançarem na sua direção. O cavalo tomou a atitude que seu dono não foi capaz de tomar, girou na direção da estrada e galopou para fugir dos agressores. Derrotado, ele viu a criatura morder o pescoço de Lila com a mesma facilidade com que ele havia mordiscado o pão de trigo. Ela ficou deitada durante um tempo até que começou a ter os mesmos espasmos. Alan virou a cabeça para não olhar; seu pai e sua mãe já haviam sido o suficiente.

O cavalo estava apontado para a cidade, pisoteando o chão com força. Alan escutava os gritos e grunhidos das criaturas cada vez mais ao longe. A estrada de

terra se estendia como um grande tapete, cercada por árvores e plantações. Mais à frente, ele viu outro grupo daquelas coisas vindo na sua direção. Abaixou-se e golpeou Rob com os calcanhares.

Se eles me derrubarem, estou morto.

Rob, porém, parecia ansioso por viver. O cavalo passou por eles como um relâmpago caindo em um campo. Ambos tentaram persegui-lo, mas não tinham a mesma velocidade.

— Deixamos eles pra trás, garoto! — disse Alan, dando pequenos tapas no pescoço do cavalo.

Fizeram uma curva suave, que melhorou a visão do horizonte. Logo a frente, a menos de meio quilômetro de cavalgada, a cidade se erguia imponente com altos muros. Seu coração se encheu de esperança, por não mais que o tempo de um tiro, quando viu o que havia entre eles e os portões. Um aglomerado das criaturas vagava perdido pela passagem de terra.

Alan engoliu em seco e fez uma pequena prece. Os gritos longínquos dos seus perseguidores pareceram atingir o grupo antes de Alan e Rob. A maioria ergueu a cabeça, captando algo no ar, para logo se arquear contra os dois, com brados de desafio. A distância até o portão pareceu aumentar consideravelmente.

Ele pensou em puxar a rédea para voltar à fazenda, mas o cavalo demonstrou tremenda obstinação em viver. Baixou a cabeça e partiu como uma flecha na direção dos infectados. Alan não teve escolha a não ser segurar-se firme em Rob enquanto seguia sua prece com os olhos fechados.

Sentiu um baque transmitido pelo corpo do equino quando atropelou a primeira das criaturas. Algo passou pelo seu pé, quase o puxou para baixo. Alan deu um coice involuntário que acertou o rosto do mais próximo. Ele abriu seus olhos e se deparou com três caídos e mais de cinco perseguindo a ele e o cavalo, em uma corrida repleta de gritos e grunhidos desesperados.

Achei que não fôssemos conseguir...

Quando foi verificar a distância que ainda precisava ser percorrida até os portões da cidade, quase perdeu as esperanças. Havia mais criaturas se colocando entre eles e o restante da estrada. Eram em torno de vinte pessoas-monstros, com roupas em bom estado. Algumas apresentavam uma ou outra marca de sangue, mas eram minoria. As manchas azuladas se espalhavam parcialmente pelos corpos doentios, como uma fruta que vai apodrecendo aos poucos.

Alan sentiu a respiração ofegante, mas a coragem que lhe faltava emanava do cavalo, como se lhe dissesse: *estamos juntos nessa, não vá desistir agora, pois eu também quero viver!* Ele segurou as rédeas com firmeza e fechou as pernas em volta do lombo largo do seu parceiro.

— Yah! — gritou para Rob, que pareceu se sentir revigorado com a confiança de seu cavaleiro.

O ataque do grupo veio concentrado, como um cardume de piranhas atacando uma vaca no rio. Alan puxou as rédeas e Rob galopou em direção às árvores para cruzar por eles em um arco. Estavam a menos de cinco passos do grupo quando os primeiros se lançaram em um ataque desesperado. Um se atirou com violência contra as ancas de Rob, mas seus dentes cruzaram o vazio para se chocarem em um dos grossos troncos de árvore.

Nós vamos conseguir!

Com seu peito, o cavalo derrubou alguns, esmagando-os com suas patas musculosas que transmitiam todo peso do animal. A retaguarda do ataque foi quem conseguiu chegar mais perto deles. Alan teve de rechaçá-los com pedaladas certas. Três toques com os calcanhares foram o suficiente para comunicar ao companheiro que precisavam acelerar o passo.

Ele reconheceu dona Greca, a velha fofoqueira que se sentava na primeira fila da igreja, agora ali, transformada em um demônio azulado, jogar-se contra as pernas do cavalo. Rob bateu com uma perna na outra, inclinou-se para o lado e Alan rezou para que não caíssem. Sua prece instantânea pareceu funcionar e Rob retomou o equilíbrio, cruzando os grandes portões da cidade, que os recebeu, fria e silenciosa, sem nenhuma cerimônia. Até a pessoa com o menor senso de observação poderia identificar a destruição causada recentemente pelo medo e pânico. Ele procurou uma rua na qual pudessem despistar o pequeno grupo e recuperar o fôlego para pensar em que fariam depois.

Enxergou uma viela. Ela levava até a grande praça atrás do conjunto de prédios. Indicou o caminho a Rob, que cavalgou com o vigor que ainda restava, como se cada fibra de seus músculos fosse feita de aço. Alan olhava constantemente para trás, tentando identificar onde estava o grupo de monstros.

O vento soprou contra eles, trazendo o cheiro de morte e doença. Alan teve um mau pressentimento que se confirmou quando ouviu mais grunhidos vindo além dos prédios. Tentou puxar as rédeas de Rob, mas o beco pareceu diminuir, afunilando ainda mais. Quando finalmente conseguiram sair da viela, Alan estava diante de pelo menos um terço da cidade, baseado na quantidade de pessoas que ele via durante os festivais. Porém todas estavam transformadas naqueles demônios cheios de manchas azuis-escuras. Seu coração disparou e a saliva que engoliu não foi o suficiente para molhar a garganta.

Puxou forte as rédeas de Rob. O cavalo se assustou e ergueu as duas patas dianteiras, emitindo um relincho desesperançoso e derrubando Alan no chão.

— Rob! — gritou ele ao ver o cavalo avançando para o miolo da horda.

Tentou acompanhar a trajetória do amigo, mas foi frustrado pelos primeiros que tentavam pegá-lo. Lembrou-se da viela e retornou por ela. Correu com uma das mãos deslizando pelo cimento áspero. Olhava para trás, na esperança de ver o animal fugindo.

Sua esperança, que já era pequena, foi diminuindo a cada metro avançado. Faltava um terço do delgado corredor quando o grupo que o perseguia antes chegou. Começaram a correr pela via estreita, esbarrando nas paredes e gritando uns com os outros.

Alan freou e girou nos calcanhares. Sabia que não teria chance com aquelas criaturas. Arrepiava-se só de pensar. Outra onda estava chegando com força vinda da praça. Paralisado no meio da viela, com duas ondas de demônios vindo em sua direção prestes a colidir, Alan fez a única coisa em que conseguiu pensar. Uma oração.

O Senhor é meu pastor e nada me faltará...

Com as mãos junto ao peito, tentou com que a própria voz em sua cabeça fosse mais forte que o ruído das criaturas, que estavam a menos de vinte passos. Espiou por entre as pálpebras para ver se Deus o havia agraciado.

Eles estavam a menos de dez passos agora. Alan pensou em seus pais no momento derradeiro. Ouviu a madeira emitir um grito abafado quando a porta à sua frente se abriu, revelando uma figura muito excêntrica.

Tinha rosto sério, mas delicado. Usava botas abaixo de uma calça bem colada e uma blusa respingada com sangue. As mãos, vestidas com luvas, seguravam duas pistolas de calibre .50. O cabelo roxo cortado em moicano era o que mais se destacava. Ela ergueu as armas para ambos os lados e, com a perícia de um mercenário, atirou de forma letal nas criaturas.

As linhas de frente começaram a ser eliminadas. As pistolas cuspiam tiros sem parar. Quando a segunda fileira vinha para o ataque, ela o puxou para dentro do prédio, trancando a porta com uma grande estante.

— Obrigado — agradeceu ele, ainda sem fôlego.

— Não me agradeça ainda — disse ela. A estante começou a ser empurrada violentamente pela porta. Ela avançou pelo prédio sem muita cerimônia. — Vamos.

Alan sentiu um aperto no peito por causa de Rob, pois sabia que provavelmente ele não ia sobreviver. Não restava mais ninguém, apenas aquela mulher que acabara de salvá-lo. Uma completa desconhecida.

— Quem é você? — perguntou de forma inocente — Por que me salvou?

Ela seguiu caminhando, mas lhe dirigiu um olhar severo, avaliando-o rapidamente com sua pergunta.

— Cada um de nós que cai é um deles que se levanta. — Ela ergueu a perna para passar por cima de uma cadeira caída. — E você tem essa bela espingarda aí nas

costas. Acredito que saiba atirar.

— Sei, sim.

— Então será útil para mim.

— E qual é seu nome?

— Deixei meu nome para trás há muito tempo, mas você pode me chamar de Fox.

Ethan

Ethan lançou um olhar cansado até o horizonte. Sua mente perambulava em ambos os lados da floresta, procurando algum lugar em que pudesse descansar. Os pés já sentiam qualquer pedrinha, galho ou desnível no terreno. Parecia que até pisar em uma folha seca doía. À sua esquerda, o rio seguia seu curso com vigor, percorrendo o trajeto que ele mesmo havia forjado. Ou será que a natureza havia preparado o caminho?

Os uivos do lobo se intensificaram durante a noite, parecendo cada vez mais próximos. Por um momento, ele achou que o animal estivesse logo abaixo da árvore, rosnando para que ele descesse e o encarasse pessoalmente. Ethan deu um salto, acordou com frio e percebeu que a fogueira mal havia queimado. Observou as chamas por um tempo, lutando contra a atmosfera fria que se formava às margens do rio, como se o calor da fogueira fosse insignificante diante a imensidão da água.

Eu sei como se sente.

Seu olhar se fixou no fogo enquanto a mente viajava para um passado remoto e aconchegante. Os ouvidos captaram o fluxo inabalável da água, que serpenteava entre as pedras arredondadas ao longo do tempo. E foi mergulhado nas boas lembranças que ele conseguiu descansar um pouco...

Agora, caminhando a favor da luz do sol, ele percebeu o quanto seu descanso havia sido mera impressão.

Uma voz doce e melodiosa cantarolou além dos troncos grossos; parecia feliz.

— Olivia? — Estreitou os olhos procurando no ventre da floresta à sua direita.

Sacudiu a cabeça e voltou a atenção para a montanha além de onde o rio fazia uma de suas várias curvas. Um relincho cortou o som do rio sem pedir licença. E, após anos de parceria, durou o tempo suficiente para ele saber que não era de qualquer cavalo.

— Barão! — aguçou os ouvidos esperando escutar novamente.

O sol lançou raios mais intensos para uma clareira logo após uma elevação de terra. Ethan sacou a faca da cintura. Caminhou receoso, observando na direção das árvores. Deu um passo em falso e se apoiou no tronco mais próximo, sentindo a casca áspera na palma das mãos. Subiu a pequena colina e, conforme foi chegando ao topo, uma casa de madeira foi surgindo diante de seus olhos.

Oh, meu Deus, que isso seja verdade.

Era belíssima, ainda mais bonita que a casa dos seus pais. Na varanda, uma mulher batia os tapetes, de vestido florido e cabelos loiros. Na frente da casa, um cavalo baio pastava com seu pelo bem escovado. Alguns pássaros voaram acima dele em direção da grande figueira ao lado do casebre. Ethan caiu de joelhos, deixando as lágrimas virem por vontade própria. A mulher girou para estender o tapete e os olhares se encontraram.

— Ethan? — a voz era real. Tão real quanto seus pulmões pedindo ar após o mergulho nas águas geladas. Ou era isso, ou tinha morrido.

Se isso é morrer, talvez não seja tão ruim assim.

— Olivia?

— Ethan! — ela gritou antes de vir correndo ao seu encontro.

Ele abriu os braços e acolheu-a, apertando firme enquanto girava no ar. O calor do corpo, o cheiro de flores, os cabelos macios. Estava tudo ali, ao toque de suas mãos.

— Eu senti tanta saudade.

— Eu também — ela disse em um soluço abafado. — Que bom que voltou para mim. Venha! Acabei de fazer um bolo de milho. O seu favorito!

Ele estava feliz demais para protestar. Era a primeira vez que o coração respirava aliviado em dias. Deixou-se conduzir até a varanda. Barão deu um relincho quando passaram e voltou a comer o pasto verdejante. O interior da casa era ainda mais bonito que o exterior. Na sala, havia uma mesa de centro feita de um grande tronco de madeira, cercada por dois sofás.

— Sente aqui! Vou fazer um café para você comer com o bolo!

Ethan balançou a cabeça e ela partiu sorridente em direção à cozinha. Da janela, ele conseguiu ver um pedaço da cachoeira e da névoa que a cercava.

— Então... O que você faz aqui?

Do outro cômodo veio um som apressado da chaleira sendo preenchida com água. O cheiro do café atravessou suas narinas.

— Estava te esperando. O homem de capa disse que você viria — ela esticou o pescoço fazendo a cabeça aparecer no umbral da porta. — Já faz dias que estamos aqui.

— Você e Barão?

— Sim! Por que não dá um oi? Ele vai gostar de ver você.

Ethan cruzou a porta da varanda e desceu os degraus de madeira, que nem rangeram sob seu peso. Estava mais magro, sabia disso. Viu seu cavalo e foi impossível não abrir um sorriso. Barão pisoteava a grama fofa e fazia um meneio com a cabeça. Ethan acariciou seu pescoço, ainda enxergando tudo em um borrão translúcido.

— Como está, parceiro?

Barão soltou um pequeno relincho.

— Estou vendo que anda comendo bastante. Está gordo como um porco — deu dois pequenos tapas na barriga do cavalo e sorriu. — Você tem água aí?

Conferiu o pequeno cocho, feito de um tronco partido no meio, e percebeu que estava seco. Procurou ao redor da casa e achou um poço. Pegou o balde do lado do cocho e foi buscar água. Colocou a alça no gancho e o deixou descer até ouvir o som da água se espalhando no fundo. Puxou a corda para trazê-lo de volta. Quando segurou o balde, encarou a água cristalina, vendo o seu reflexo. A pergunta surgiu de forma automática na sua cabeça.

Quem é você? O que você quer?

Aquilo o fez despertar. Ethan passou a mão pelos cabelos. Deixou o balde cair, despejando a água na grama, e voltou para a casa. Olivia o aguardava sentada no sofá. Sobre a mesa de centro estava uma bandeja com vários pedaços de bolo, acompanhada de um bule cheio de café. O cheiro tranquilizava sua mente como a nicotina fazia com um fumante. Unido ao sorriso dela, o efeito parecia potencializado.

— Viu? Eu disse que ele ia gostar de te ver!

— Olivia...

— Você viu a plantação lá atrás? Tem um pomar aqui! As maçãs são tão saborosas!

— Olivia...

— Espera só até eu fazer o jantar! Vou fazer o seu prato favorito! Tem...

— Olivia! — gritou mais alto do que gostaria.

Ela se encolheu atrás da bandeja de bolo.

— Eu não vou ficar.

— O quê? — ela uniu o centro das sobrancelhas próximo à linha central da testa. Os olhos ficaram marejados e ela correu para abraçá-lo. — Por quê?

Os corpos se uniram. Sentiu os cabelos louros acariciarem sua bochecha. Ela cheirava a flores. Passou os braços em volta do pescoço macio de Olivia e acomodou a cabeça dela em seu ombro.

— Por quê? — ele deixou as lágrimas virem em uma torrente contínua, como duas cachoeiras gêmeas. Tensionou a musculatura dos braços, pressionando o fino pescoço. — Porque você morreu. Não é real. Nada disso é.

Fechou os braços como um poderoso alicate e sentiu-a debater-se dentro de seu abraço. Olivia tentava suplicar, mas conseguiu emitir apenas sons abafados, quase sem voz. Usou os braços para golpear as costas dele por um tempo. O corpo esguio dela lutou em vão por ar, até que amoleceu em seus braços.

— Me desculpa — implorou com a voz trêmula para o corpo sem vida.

Inspirou o perfume uma última vez, fechou os olhos e deixou-a deslizar até o chão de madeira. Puxou a faca do cinto e partiu na direção do cavalo. Barão estava agitado, sapateando e relinchando arisco. Era esperto o suficiente para entender o que estava prestes a acontecer.

— Calma, garoto, vai ser rápido — pediu, esticando o braço para acalmar o cavalo.

— *Ora, ora... Veja só quem está acordando para a vida* — o timbre da voz era inconfundível, mas ver sair da boca de Olivia, levitando a ponto de tocar apenas as pontas dos pés na varanda, com os olhos quase saltando das órbitas e a cabeça tingida por um púrpura suave, assombrou seu coração. E naquele momento ele pensou que talvez assombraria pelo resto de seus dias. — *Estou orgulhosa de você.*

— Olivia morreu! Você não é real! Nada disso é real!

— *Você tem certeza? Pois ele me parece bem real* — disse a morte vestida de Olívia, apontando além dele, na direção de Barão.

Antes que Ethan pudesse se virar, um conjunto de dentes afiados se fechou em volta do seu braço, atravessando a carne e fazendo o sangue vir à tona. Ele foi derrubado no chão e se deparou com o cavalo fechando a mandíbula com força. Apertou o cabo da faca e golpeou a cabeça dele tantas vezes que o sangue espirrou em seus olhos, escondendo a floresta atrás de uma cortina escarlate. O animal desabou ao seu lado. Ethan limpou os olhos com as costas da mão e percebeu o lobo caído sem vida. Era enorme, quase maior que ele se considerasse a cauda. Chutou a terra até mover o corpo para longe do animal.

Filho da puta!

Sentado na grama, ele avaliou a casa. Estava decrepita e fedia à morte. Às tábuas pareciam prestes a se desfazer, assim como o solo que a cercava, seco e infértil. Ethan foi até a janela e espiou o interior. Dezenas de esqueletos humanos estavam dispostos em uma macabra pilha de ossos. Aquele lugar era mais do que uma ilusão, era uma armadilha.

Ethan correu de volta ao rio. O sol já havia passado sobre ele e começava a se recolher atrás da montanha. Procurou um lugar para fazer uma fogueira e nem se questionou sobre quanto tempo havia passado naquela armadilha. Já sabia que aquele lugar não era normal. Foi depois de caçar uma lebre com muita dificuldade e colocá-la para assar, que ele apareceu.

— *Dia difícil?* — perguntou Corvo observando o seu braço ensanguentado.

— Essa floresta parece que nunca vai acabar — reclamou Ethan.

— *Paciência nunca foi uma virtude sua, não é?*

— Disse quealaria sobre os cavaleiros, quealaria sobre meu pai — deixou as palavras pairando acima das chamas.

O fogo permitiu que vislumbraresse um sorriso dentro do capuz. Corvo uniu as mãos e se inclinou para a frente.

— *Nada é tão poderoso quanto a fé. A humanidade precisa ter esperança, precisa acreditar. Os cavaleiros representam o fim dos tempos, como era previsto na bíblia há muitos anos.*

— Você os viu? — perguntou Ethan, encolhido de costas para a raiz, abraçado nas pernas.

— *Ah, pode ter certeza de que eu vi.*

— Como eles são?

— *Homens normais, assim como o Aidan* — Corvo respondeu com ar de desdém. — *Talvez nem saibam o símbolo que se tornaram.*

A carne da lebre começou a crepitar no calor das chamas e Ethan girou o espeto.

— Eu não entendi.

Corvo fez uma pausa e montou sua linha de raciocínio.

— *Quando eu lia sobre os cavaleiros do apocalipse, achei que seria algo mais...* — catou a palavra no vento da noite — *...celestial. Que os céus se abrissem, trombetas soariam e quatro cavaleiros desceriam das nuvens montados em seus cavalos para espalhar o caos e a destruição e reivindicar a alma dos ímpios.* — Deu um sorriso com a boca fechada e balançou a cabeça de forma negativa. — *Que grande bobagem.*

— Então não existem os cavaleiros?

— *Ah, com certeza eles existem, mas não dessa forma fantasiosa como se acredita. A resposta é bem mais simples e óbvia. Não precisa de uma intervenção divina para que o mundo acabe. Pessoas destroem pessoas.*

Ethan estava girando o fino graveto quando as palavras o atingiram. Congelou o movimento, parando o pequeno mamífero espetado no ar.

— Está me dizendo que os cavaleiros são mesmo pessoas normais? — Ethan usou um tom carregado de ceticismo.

— *Também não acreditaria se não visse com meus próprios olhos* — Corvo tinha uma voz calma e contemplativa, que contrastava às vezes com seu senso de urgência. — *Em 2158, logo após a peste ter se espalhado, muitas cidades ergueram muros para se proteger. Ninguém saía e ninguém entrava. Mas um homem começou a recrutar mercenários para acabar com os infectados. Ele era bom em matar, e melhor ainda em despertar isso nos homens que liderava.*

— Mas isso não era bom?

— *No início, pensávamos que sim. Até que começaram a cobrar pelos serviços, para matar os infectados da área, e a primeira cidade que não quis pagar foi devastada até o último homem. A coisa foi ficando maior. Quando uma guerra*

explode, não há espaço para omissão. O Pós-Guerra se dividiu; ou você estava com esse homem, ou estava contra ele.

— Qual lado você escolheu? — perguntou Ethan, imerso na narrativa.

— *Eu liderei a oposição* — Corvo provou a lembrança amarga. — *Foi um banho de sangue. Ele acabou se tornando o Cavaleiro da Guerra.*

— O que fazia esse homem antes de ser o cavaleiro da guerra?

— *Ele era um mecânico. Seu nome era Yohan.*

Ethan não conhecia aquele nome. Saboreou a carne da lebre enquanto pensava na quantia de sangue que havia nas mãos de um simples mecânico.

Como pode um mecânico levar uma guerra a tantas pessoas?

A carne da lebre era macia e saborosa. Pensou em oferecer um pouco àquele estranho homem do futuro, mas se lembrou de que era apenas um fantasma. Uma ilusão.

— *Depois veio a fome* — continuou Corvo. — *Havia um mercador, que viu uma oportunidade para ficar rico. Ele concentrou o que sobrou da comida em uma única cidade e cobrava três vezes o valor de uma vaca para uma espiga de milho. Montou uma fortaleza e brincou com a vida das pessoas, por puro egoísmo.*

— Também era uma pessoa comum — observou Ethan.

— *Sim. Um simples mercador, chamado Dante.*

— Dante?! Aquele Dante que estava comigo?

— *Você não vai achar outro Dante por aí.*

Ethan se encolheu ainda mais atrás da fogueira. Não era difícil imaginar Dante cobrando alto por uma espiga de milho. Afinal ele tinha entregado Ethan, e até mesmo o homem que o acompanhava, pela sua liberdade. Um maldito egoísta. Baixou a cabeça para não deixar Corvo ver sua cara frustrada de idiota. Em algum canto inocente da sua imaginação, havia considerado a possibilidade de ser amigo de Dante. Talvez antes tivesse motivos para perdoar o mercenário. Agora, porém, talvez não houvesse mais.

Que grande idiota eu fui.

Mordeu a carne da lebre com raiva. Deu uma conferida rápida no fantasma do outro lado da fogueira. Ele também refletia sobre alguma coisa; dentro do capuz havia um olhar perdido na direção do fogo. Ficaram em silêncio por algum tempo. Ethan sabia que faltava um cavaleiro, mas aparentemente estava com tanto receio de perguntar quanto o outro de responder.

Será que o Cavaleiro da Morte pode ser um simples fazendeiro?

— E quanto ao Cavaleiro da Morte? — sua voz vacilou.

Além da fogueira, o outro homem esfregava as mãos, como se já esperasse pela pergunta a que tanto queria responder.

— *Quer mesmo saber a resposta? Às vezes a ignorância é uma bênção.*

Ethan roeu os restos de carne do graveto previamente descascado e deu de ombros. Seu coração acelerou, mas ele não quis transparecer.

— Eu já vim até aqui, não é mesmo?

Corvo fez um aceno positivo com a cabeça.

— *Então o espero na caverna amanhã. Cuide dessa ferida ou vai infeccionar.*

— O quê...?

O tronco estava vazio. Ele pegou o dispositivo e apontou contra o rosto, mas nada aconteceu. As luzes se apagaram, como se tivesse entrado em um sono profundo, deixando Ethan sozinho na imensidão da floresta.

— Filho da puta! — resmungou para a escuridão.

Pelo menos as coisas faziam um pouco mais de sentido agora. Estaria o pai dele morto? Pensou em Dante e na raiva que sentia de si, por ter pena do mercenário. E finalmente removeu a história do simples mecânico que se tornara o Cavaleiro da Guerra.

As vezes ignorância é uma benção.

Lavou o braço no rio e o envolveu em uma tira de pano que arrancou da camisa. Encolheu-se abaixo da raiz e tentou descansar. Precisava dormir um pouco, se a cabeça deixasse. Algo em seu coração dizia que a maior das descobertas ainda estava por vir.

Meredith

– Mas que merda de lugar é esse?! — disse ela quando cruzaram o portão da Cidade Fantasma e deixaram o interior do Dodge Challenger.

O jipe da Forja parou ao lado e o grande mecânico desceu junto a dois soldados para avaliarem a cidade poeirenta e cheia de destroços. A entrada havia sido fechada uma vez, com carcaças de veículos e blocos de concreto que formavam uma armadura sólida em grossos vergalhões de ferro.

— Seu chefe gosta mesmo de você — disse Dante, do outro lado do carro. — Espero não ter muitos desses destroços pelo caminho — completou olhando com carinho para o seu carro.

— Bem, aqui estamos. Agora basta achar um lugar parecido com o que o cientista sugeriu. Vocês sabem onde precisam ir? — o tom mecânico era quase acusativo.

— Não — respondeu ela secamente. — Mas sei que o que procuro está em algum lugar dessa cidade.

— O que pode ter de tão interessante aqui? — perguntou um dos soldados, curioso.

— Para você? — Meredith o encarou. — Talvez uma morte bem lenta.

Ele arregalou os olhos e encarou o mecânico, que apenas riu.

— Não dê ouvidos. Ela é assim mesmo — disse Dante. — Imagine eu, que estou com essa preciosidade encantadora no carro há alguns dias...

Os soldados deixaram escapar um esboço de sorriso, que se desfez quando Meredith os encarou com as sobrancelhas arqueadas.

Esperem só até vocês dormirem, vou passar o fio da minha adaga em cada uma dessas gargantas idiotas!

— Yohan, o seu mapa não diz nada interessante? — perguntou Dante ao mecânico.

Yohan enfiou metade do corpo para dentro do jipe e voltou logo depois com um papel quadrado, estendendo-o sobre o capô do veículo. Os outros três se reuniram em volta dele para observar o mapa. Meredith não quis se juntar ao grupo de idiotas. Já sabia muito bem onde precisava ir.

“Há uma base de estudos científicos na cidade. Eu não sei onde fica, mas é lá que você precisa chegar”, dissera-lhe o Apostador, depois que ela aceitou o

trabalho. E completou: “*Você consegue. Basta não confiar em estranhos dessa vez*”.

Meredith deu alguns passos e farejou a cidade. O vento carregava consigo uma mistura de morte, desespero e crueldade. Ela se afastou um pouco deles, mas ainda era possível escutar a pequena reunião lá no jipe.

— Ao que tudo indica, estamos aqui — disse o mecânico — e podemos começar por essa área. Tem um hospital aqui — completou apontando para a parte sul da cidade —, se não for. Temos pelo menos mais três deles pela cidade. Aqui, aqui e aqui. — Percorreu os dedos pelas áreas norte, oeste e no centro.

— Eles não ficam muito longe, não vai ser tão difícil achar — desdenhou Dante.

— Não se engane — Yohan o censurou. — Cada passo que você dá dentro dessa cidade é como cavar uma pá de terra da própria cova.

— Uau... que profundo! — debochou Dante, sorrindo e dando um pequeno tapa no ombro do mecânico.

— Além do mais, já está anoitecendo — observou um dos soldados. — Ouvi histórias de quem veio aqui à noite e elas não são boas.

— Isso considerando os que voltaram — tremeu o outro, conferindo a cidade ao redor.

— Vocês já terminaram? — perguntou ela, virando-se para o pequeno grupo de moloides.

Os quatro trocaram olhares.

— Eu não disse? — Dante sorriu.

Os soldados embarcaram no jipe e Dante se dirigiu até o seu amado carro. O mecânico o chamou antes que pudesse entrar.

— Dante!

— Fala.

— Não sabemos o que vamos encontrar — parou após a frase e pensou por alguns breves segundos. — Na verdade, sabemos, mas não sabemos *quando* vamos encontrar. Vocês não precisam ir conosco, mas acho que teremos mais chances juntos.

— Eu sei onde precisamos ir, mas não é no seu maldito hospital — disse ela, voltando para o carro. — Se vocês me seguirem, vão achar o que precisam muito mais rápido.

— Só tem um problema: eu não confio em você — ele cuspiu as palavras de sua boca escondida na barba.

Meredith fulminou-o com o olhar. Ele devolveu a mesma indolência.

— Farei questão de justificar isso — ela respondeu.

Após entrar no Dodge Challenger, eles seguiram viagem. Dante conduzia o maldito carro com um zelo desnecessário. Não foram raras as vezes em que ela

levou as mãos na adaga e considerou a ideia de matar todos eles. Mas preferiu esperar e não correr riscos. Teria o seu momento.

Avançavam com dificuldade devido às inúmeras barreiras colocadas nas ruas. Algumas delas, formadas por estacas de madeiras cruzadas, apresentavam indícios de um sangue seco, já coagulado. Ela, o mecânico e seu indesejável parceiro desceram do carro para analisar.

— Alguém esteve aqui — disse ela.

— Sim — confirmou Yohan. — Deve ter sido feito pelos irmãos da Forja que realizaram os testes aqui na cidade.

— O que tentavam matar?

— Infectados.

— Infectados?

Para isso que o Apostador quer a cura. Há uma doença. Mas onde?

— Pessoas doentes — ele explicou.

— Por que não as curam, ao invés de matar? — perguntou Dante.

— Porque não há cura, talvez — sugeriu Yohan, afastando-se deles.

— Porque matar é muito mais fácil — respondeu Meredith.

— Vamos nos lembrar disso se você for contaminada — falou Dante em um tom malicioso.

— Já matei gente muito pior que vocês! — disse ela em tom de desafio. — Mas talvez queiram tentar a sorte — puxou a adaga por baixo do sobretudo.

Yohan estava abaixado, analisando uma pilha de resíduos carbonizados do que fora uma grande fogueira. Ou não havia escutado a provocação, ou fingiu que não havia escutado. Dante deu um passo na direção dela, mostrando estar pouco intimidado com sua bravata, e baixou o tom de voz para lhe sussurrar a resposta.

— O grandão ali parece ser um homem honrado. Ele provavelmente lutaria com você em uma briga limpa, mano a mano. Mas eu não sobrevivi tanto tempo sendo o tipo de homem que procura uma luta limpa. Então reze para que, se alguém aqui perder a paciência com você, o que não é muito difícil, que seja ele — apontou para Yohan com a cabeça e puxou sua pistola da cintura. — Porque, se for eu, você não vai nem saber de onde veio a bala. Quando nos encontrarmos com essas coisas, posso acabar errando o tiro e acertar a sua cabeça raspada. E, se eu estiver com uma metralhadora, posso acabar errando todas as balas do pente.

Ergueu as sobrancelhas de forma arrogante para concluir sua ameaça, achando que a intimidaria.

Quem esse babaca pensa que é?

Meredith deu um passo em direção a ele, ficando tão próxima que era possível contar quantos fios ele tinha naquela barba rala que mais parecia uma sujeira na

cara. Ela estava ciente de que todo aquele discurso era uma forma de ele manter o muro o qual usava para esconder o medo que sentia do mundo.

— Quando aquelas coisas chegarem, nós veremos quem voa mais rápido — ela retrucou. — A sua bala ou uma pedra no vidro do seu carro. Eu juro que vou mirar na sua cabeça, mas acho que também posso acabar errando.

Dante olhou apreensivo para o carro e depois sorriu para ela.

— Parece que sabe como colocar medo no coração das pessoas. Faria o mesmo com você, caso tivesse um.

— Podemos ir ou vocês querem ficar a sós para resolverem seus problemas? — interveio Yohan, impaciente, dando fim à discussão.

— Ela não aguentaria... — disse Dante com seu sorriso arrogante.

— Idiota.

Embarcaram nos carros e seguiram desbravando a parte sul da Cidade Fantasma, com seus prédios altos e decrepitos. O sol estava quase se escondendo quando acharam o primeiro hospital, um prédio que só não era branco porque o tempo tratou de tingi-lo com fuligem e alguns pontos de mofo. A construção ainda apresentava boas condições. O mecânico e um dos soldados entraram para revistar o lugar enquanto os outros vigiavam as ruas. Levaram menos de uma hora para trazerem as notícias.

— Está vazio — disse um.

— Não há nada aqui — completou Yohan.

— Então vamos para o próximo — disse Dante.

— Não vão encontrar nada nos hospitais — disse Meredith.

— Tem certeza que do que está falando? — perguntou Yohan.

— Você tem alguma dúvida? — ela rebateu.

— Então por que não abre a boca e fala onde temos de ir?

— Não me lembro de ter solicitado a companhia de vocês. Podem voltar para sua comunidade feliz no deserto, se quiserem.

Yohan não respondeu. Fez um sinal para os seus homens e embarcaram no carro. Olhou para o céu antes de entrarem no veículo. A noite começava a dominar a cidade, entregando todas as coisas à escuridão. Um vento assoviava com intensidade, revirando os papéis jogados no chão e sacudindo uma placa próxima.

— Não vamos a lugar algum, agora. Talvez até chova durante a noite — ele observou. — Podem ir, se quiserem. Nós vamos voltar para a entrada da cidade e procurar um lugar para passar a noite.

— Por que vão andar para trás? — retrucou Meredith.

— Para ficar perto da saída — Yohan soprou a resposta entre os dentes cerrados.

— Nem você pode lidar com eles. Aceite isso.

— Nós vamos em frente — disse ela, encarando Dante com uma ordem incisiva.

Ele se segurou para não rir na cara dela, o que a fez sentir um calor crescente.

— Eles têm armas, combustível e comida — fez uma breve pausa. — Se quiser, vá caminhando.

Dante ligou o carro e seguiu o jipe da Forja, percorrendo de forma mais direta o caminho feito anteriormente. Localizaram um prédio mais ao norte da entrada, onde fora uma grande garagem em alguma fatia do tempo. Ainda era possível enxergar alguma coisa quando conseguiram reunir madeira o suficiente para uma fogueira. Com receio da chuva, Yohan e seus homens fizeram fogo dentro da garagem, que tinha o teto bem distante do chão.

Após se instalarem, os soldados foram em busca de algo em que pudessem dormir. Conseguiram colchões carcomidos por traças, mas que atenderiam muito bem por uma noite. Yohan disse que ficaria próximo à fogueira, após cobrir o turno como sentinela, e Dante disse que dormiria dentro do carro.

Que novidade!

Ela não conseguia entender como alguém poderia ter desenvolvido um amor tão doentio por um carro. Yohan havia espetado algumas batatas para assar na modesta fogueira. Meredith sentou-se ao lado dele em silêncio, refletindo sobre o que faria a seguir.

— Você come uma delas? — ele perguntou com uma dúvida que dispensou cortesias.

— Tanto faz — ela respondeu.

— E Dante?

— Pergunte a ele.

Yohan estava cutucando os pedaços de madeira para que pegassem fogo, quando parou o movimento.

— Por que você age assim com todos à sua volta?

A pergunta chegou de surpresa, não por ser inconveniente, mas por ser de fato inesperada. Ela ficou em silêncio com as pernas encolhidas, envolvidas pelos braços. O mecânico respeitou o seu silêncio, tirando suas próprias conclusões.

Depois de um tempo no fogo, as batatas começaram a exalar um cheiro delicioso, reunindo, como por magia, os outros três. Todos comeram com a voracidade de um pedinte. Um dos soldados, que ela descobriu ser chamado de Míope, queimou a boca ao dar uma mordida grande demais, provocando risos em todos enquanto jogava o pedaço de batata de uma bochecha para a outra.

Após o jantar, a escuridão caiu ainda mais pesada sobre a cidade. Dentro do prédio, foram acesas algumas fogueiras que os ajudavam a vigiar o perímetro. Dante buscou o canto mais escuro para descansar. Os faróis de seu carro iluminaram a garagem durante a manobra e logo se apagaram. Ele se recostou no banco e sumiu de sua vista.

Meredith ficou um tempo ao lado do mecânico, observando as chamas crepitarem durante sua dança tímida. Ficou fitando-as por tempo o suficiente para que sua mente a enviasse de volta para a fazenda de seus pais. *Seu irmão*. Ela chacoalhou a cabeça para afastar os pensamentos e resolveu caminhar sob a luz do luar. Yohan a observou levantar-se, mas não falou nada, apenas acenou para ela. Não parecia ser tão irritante, afinal.

Talvez eu poupe você.

Empurrou sua mão contra o chão e se colocou de pé. Próximos da fogueira, os dois soldados dormiam sobre os colchões, abraçados em suas armas. Ela caminhou na direção da saída, cruzando as pequenas fogueiras, tocando as paredes com as mãos, como fazia nos túneis de Cassino. Não precisava da luz do fogo, a escuridão era sua companheira. Seus olhos se adaptaram rapidamente e pôde ver o carro ainda mais negro. Dante estava logo ao lado, um vulto caminhando de volta para o sono. Provavelmente tinha acordado para mijar em alguma das paredes.

Você não é diferente dos pedintes de Cassino.

Mas tinha alguma coisa errada. Ele parecia mais baixo e mais esguio. Sem perceber, sua mão já estava tocando o metal frio das adagas. O vulto sentiu sua presença e girou o pescoço cobertos pelo cabelo longo na sua direção. Em cada uma das mãos, ele carregava longas lâminas escuras.

— Quem é você?! — ela exigiu saber.

Meredith sentiu seu corpo entrar em estado de alerta. As mãos se fecharam em volta das adagas, um quinto menores que as espadas do estranho. Ainda em silêncio, ele veio correndo, erguendo uma das espadas.

— Dante! — ela gritou antes de aparar o ataque.

Na escuridão, as duas lâminas se beijaram como dois amantes, emitindo um tilintar seco que ecoou pela sala. Logo após o primeiro golpe veio o segundo, destinado a separar sua cabeça do corpo. Ela se abaixou e a espada passou rasante, com ferocidade. Contra-atacou a perna do estranho, que recuou um passo enquanto descia com sua outra arma em um golpe diagonal. Meredith jogou o corpo para trás e a lâmina quase lambeu seu rosto da testa até o queixo. Usou seu pé esquerdo para empurrá-lo e aproveitou o impulso, mantendo-se afastada.

O desgraçado é rápido!

— Yohan!

Ela se recompôs e puxou duas adagas do sobretudo, atirando-as na direção do invasor. Ele desviou a primeira com uma espada e a segunda com a outra, montando uma defesa com as lâminas cruzadas na frente do corpo em formato de “x”. Ela aproveitou o ataque para se lançar contra o desconhecido, tentando uma punhalada.

O estranho aparou o ataque, trazendo-a para perto de si. Meredith encarou aquele rosto inexpressivo de olhos completamente negros. Parecia um demônio. Era como se ele não tivesse alma, ou mesmo como se não fosse humano. Confusa sobre o que estava enfrentando, ela quase não viu a espada vindo por baixo para estocá-la. Fez um giro rápido e acabou caindo no chão.

— Dante! — gritou com mais força.

O estranho não a esperou recuperar o fôlego, golpeando-a com força. Uma das mãos de Meredith mantinha seu corpo erguido enquanto a outra aparava a espada com a adaga. Antes que ele erguesse a outra lâmina para dar o golpe que encerraria a luta, alguns projéteis começaram a ser cuspidos da metralhadora de Yohan, acertando as armações de ferro e ecoando o som metálico pelo prédio. Calculando sua desvantagem, o estranho pareceu optar por sair correndo.

— Mate-o! — gritou Meredith.

Yohan moveu seu enorme corpo para tentar pegar o fugitivo, mas ele era muito mais ágil. Já havia sumido na escuridão. O mecânico chegou até ela, ofereceu-lhe a mão para que ela pudesse se levantar, mas Meredith recusou.

— Se não queria matá-lo, poderia ter deixado para mim — ela protestou.

— Temos que levá-los vivo para o Doutor Isaac.

— Não podia ser outro?

— Sozinho assim? Quando acha que teremos outra oportunidade?

Ela se levantou e sacudiu a poeira da roupa.

— Na próxima, deixa que eu o mato.

Dante deu um bocejo saindo de dentro do carro.

— O que aconteceu? Qual é o motivo dos tiros?

Meredith endureceu a mandíbula.

— Aconteceu que eu tive que salvar a sua vida, mas deveria tê-lo deixado morrer! Seu idiota inútil!

Ela seguiu em direção à noite escura da cidade. Ainda queria caminhar um pouco e não tinha medo de enfrentar aquelas coisas.

— O que houve? — escutou Dante perguntar ao outro enquanto ela saía.

— Aquelas coisas chegaram até nós. Não estamos mais sozinhos — foi a última coisa que ela ouviu Yohan responder.

Deixe que venham...

O Cavaleiro da Peste

— Você entendeu ou terei que explicar de novo?

O homem que era seu prisioneiro fez que sim com a cabeça, mas seu olhar denunciava uma desconfiança latente.

— Então me diga o que entendeu — exigiu saber.

— Que você precisa de ajuda para abrir a porta de vidro.

— Mas isso é óbvio! — esbravejou Aidan. — Mas como vamos fazer isso?

Cisco dirigiu-lhe um olhar de desânimo.

Eu vou tirá-lo daqui e você me agradece desse jeito? Inútil!

Aidan devolveu-lhe o mesmo olhar. O prisioneiro, emburrado, deixou os ombros caírem e seguiu com sua pífia explicação.

— Temos que acionar os painéis ao mesmo tempo.

— Com digital e retina.

— Tudo bem, eu entendi — disse o homem que se chamava Cisco. — E depois?

— Como assim, *e depois*?

Cisco arqueou a sobrancelha.

— Quem garante que você não vai jogar uma dessas coisas contra mim assim que estiver livre? — disse ele, apontando com a cabeça na direção do infectado.

Aidan atritou os dentes uns contra os outros, puxou o ar pelas narinas e o soltou de uma só vez.

— Olhe aqui, *soldado*, eu não dou a mínima para essa gente, muito menos para você. Espero que todos se matem. Nosso trato é este: você me ajuda a escapar e não morre agora. Lá fora você estará por sua conta. Você quer ou não?

— Tudo bem... — respondeu, com o queixo erguido, ainda incrédulo com o plano. — O que vai fazer com o Wendigo?

— Wendigo?

— O monstro! — Cisco cruzou os braços, adotando um tom petulante, ainda mais para um prisioneiro.

— Ele está lá fora agora, caçando seu amigo irritante. Se quiser, pode enfrentá-lo. Quem sabe ele não o mata dessa vez? — falou com escárnio.

— Eu não sou idiota — rebateu. — Sei muito bem que tem dois deles, ouvi o homem falando.

Aidan se admirou com a sagacidade do soldado e, sem perceber, adotou um tom emburrado.

— Isso não é da sua conta. Aceita o nosso trato ou não? — Já estava começando a perder o resíduo de paciência que ainda tinha.

— Está bem, eu vou — disse Cisco. — Mas quero uma daquelas máscaras, ou nem adianta eu sair daqui.

Aidan hesitou enquanto sua mente trabalhava em uma alternativa. Não demorou muito para que soubesse exatamente o que fazer. Colocou no rosto a expressão mais conformada que conseguiu.

— Fechado.

Deu as costas ao prisioneiro e foi até sua mesa; Walter não demoraria a chegar para lhe cobrar soluções desesperadas. Conferiu a hora no relógio digital da parede, baixou a cabeça e começou a trabalhar em uma das máscaras. Removeu a placa que ficava na parte interna, na altura do bico.

Eu vou dar-lhe uma máscara, seu energúmeno. Uma máscara e milhares de amigos.

Abriu a gaveta da mesa metálica e retirou um caderno. Folheou suas anotações procurando por uma específica. Achou a folha e colocou-a sobre a mesa. Com uma pequena chave de fenda, começou a regular o transmissor com um giro leve.

E você vai levar todos eles até aquele seu amigo inconveniente!

Reinstalou a placa na máscara e colocou-a sobre o rosto. Apontou o longo bico negro para o cativado de vidro onde a criatura adoentada perambulava. Ela sentiu a presença da máscara mais rápido que uma reação química e lançou suas mãos contra o vidro, para tentar cruzá-lo. O sinal poderia não ser forte para chamar todos, talvez pudesse não funcionar muito bem em certas condições, mas seria o suficiente para atrair os mais próximos.

Aidan sorriu, satisfeito, e tirou a máscara, colocando-a atrás das demais.

— Ei! Vem vindo alguém! — gritou o prisioneiro da janela do seu covil.

O cientista conferiu o aparelho em seu bolso e distribuiu as nove máscaras sobre o tampo metálico. Todas com seus bicos apontando meticulosamente na sua direção. Aguardou de pé, enquanto Walter e um de seus homens caminhavam com passos apressados e decididos, que ecoavam pelo laboratório.

— Diga-me que você terminou — exigiu Walter.

— Diferentemente de algumas pessoas, eu não trabalho com mentiras.

Walter entendeu a indireta, franziu o cenho e deixou seu olhar passear sobre as máscaras.

— Estão funcionando?

— É óbvio que estão. Permita-me demonstrar — disse Aidan, pegando a primeira delas, na ponta da mesa, e levando-a até o rosto.

Com um movimento brusco, Walter arrancou a máscara da mão do cientista.

— Desta vez, eu mesmo vou testar.

As sobrancelhas de Aidan traçaram uma linha horizontal sobre os olhos, demonstrando o desprezo que sentia por aquele homem arrogante.

— Faça como quiser — enfiou as mãos no bolso e deu um passo na direção do habitáculo de vidro do infectado.

Walter colocou a máscara, salivando pelo poder como um cão diante de um prato de comida. Caminhou com aquela face bicuda na direção do vidro, mas nada aconteceu. Aidan tentou não rir enquanto imaginava o cérebro do homem fritando ao tentar enviar comandos ao infectado de forma medíocre.

— Essa porcaria não funciona! — reclamou, atirando a máscara nos pés do cientista.

Aidan olhou para sua brilhante invenção e de volta para Walter.

— Você não pode me culpar pela sua falta de massa encefálica.

— O quê? — perguntou Walter, com uma expressão que denunciava sua ignorância.

— Você é burro, Walter! — pegou a máscara do chão. — O vidro bloqueia o sinal, seu idiota!

Novamente Aidan foi levar a máscara ao rosto e teve-a arrancada pelo militar.

— Atire nele se algo der errado — disse Walter ao soldado que o acompanhava.

O homem obedeceu e ergueu o rifle que repousava ao lado da cintura, apontando diretamente para a cabeça do cientista. Walter pareceu se sentir mais seguro com isso, encaixou a máscara no rosto e entrou no pequeno corredor de vidro que dava acesso à sala. Aidan girou os olhos até o canto da cabeça para observar o soldado de esguelha.

A atenção do homem que empunhava a arma oscilava entre ele e seu comandante, que já havia chegado à porta da cela vítrea do infectado. Fora os grunhidos da criatura, o silêncio pairava pelo laboratório, demonstrando o quanto eles estavam tensos. Walter, com a máscara, dando cada passo com uma cautela que beirava a covardia; o soldado, com a situação, segurando a arma com braços trêmulos, como se ela estivesse pegando fogo; e Aidan com aquele maldito cano metálico apontado para sua cabeça, temendo que o homem se desesperasse e puxasse o gatilho por impulso.

— Tire essa coisa da minha cara! — gritou Aidan, enfiando as mãos nos bolsos.

O soldado não obedeceu, afastando-se mais um passo e segurando ainda mais firme no cano da arma.

Walter havia entrado na cela do infectado, olhando para ele através dos olhos de vidro, verdes e redondos. A criatura farejava algo no ar, mas não se movia, influenciada pelo efeito da máscara. Aidan localizou o botão do aparelho transmissor no bolso com seu dedo polegar e se preparou para ter a sua liberdade.

Espero que esteja preparado para conhecer o poder da máscara, Walter.

Aidan apertou o botão. Seu dispositivo cortou o efeito da máscara e o infectado reagiu tão rapidamente quanto o aparelho, curvando-se na direção de Walter e gritando em sinal de desafio.

— O que está acontecendo? — gritou a voz abafada por debaixo da máscara.

— O que está acontecendo com ele?! — bradou o soldado, querendo também saber.

— Eu não faço ideia — Aidan deu de ombros. — Ele está com a máscara. A criatura vai fazer o que ele ordenar.

O soldado virou o rosto na direção de seu comandante novamente, no exato momento em que o infectado pulava com suas garras para cima dele, mordendo-o na altura do ombro. Walter foi jogado para trás, emitindo um grito abafado repleto de desespero.

— Não está obedecendo! Faça alguma coisa! — o soldado estocou a ponta do rifle contra o cientista. — Faça alguma coisa!

Aidan deu um passo na direção dele e foi barrado pelo cano do rifle. Dentro da cela de vidro, Walter gritava enquanto o infectado devorava seu pescoço.

— O que vai fazer? Fale logo!

— Tenho de pegar uma máscara, seu imbecil!

O soldado deu mais um passo para trás e teve seu pescoço envolvido por um abraço. Uma das mãos segurava um bisturi, que lambeu a garganta dele de uma orelha a outra, abrindo um sulco ensanguentado na carne macia.

O subordinado de Walter desabou para revelar a pessoa que o ajudaria a sair dali. Seu cativo e, curiosamente, talvez a única pessoa em que ele poderia confiar em toda aquela instalação.

— Achei que esperaria ele me matar! — reclamou Aidan.

— A ideia não me pareceu ruim, por um momento — rebateu Cisco de forma sarcástica, retirando o rifle do soldado.

— O que pretende fazer com isso?

Cisco olhou para o rifle e depois para ele.

— Lá fora eu estou por minha conta, você mesmo disse.

Aidan pegou a máscara destinada ao prisioneiro, como se tivesse escolhido ao acaso, e esticou o braço para entregá-la.

— Se atirar em mim, você nunca sairá daqui. Além de mim, ninguém tem interesse pela sua vida.

— Já terei muitos deles para matar — disse Cisco, adotando um tom de prudência. — Não vou desperdiçar balas. Só ali já temos dois — completou, olhando para o vidro.

Ele havia se esquecido de Walter por alguns breves segundos. Quando direcionou o olhar para dentro da sala, percebeu que o homem que tanto desprezava já havia se transformado no resultado da doença que Aidan havia desenvolvido e trazido consigo da Espanha, diretamente do século XIV.

O vírus está sofrendo mutação rapidamente. A transformação é praticamente instantânea.

Ele pegou uma das máscaras, colocou-a sobre o rosto e entregou a de Cisco, conforme havia prometido. Seu companheiro de fuga fez o mesmo.

— Vamos sair daqui.

O soldado à sua frente acenou com a cabeça, fazendo o longo bico ir para cima e para baixo. Segurou o homem caído pelas axilas e o arrastou em direção à entrada do laboratório. Aidan se virou para Walter e seu novo amigo, abrindo a porta que os prendia. Sem esforço algum, bastou pensar para fazer com que Walter saísse dali.

— Você não parece tão convencido agora — saboreou o doce gosto da vitória, diante daquele rosto inexpressivo.

Walter emitiu um pequeno grunhido de volta, como se já não houvesse cordas vocais no interior de sua laringe.

— Vamos, Walter, não temos muito tempo!

Walter avançou na direção do painel. Seus olhos começavam a perder a vivacidade, o que talvez pudesse prejudicar o escaneamento da retina. Aidan colocou a palma da mão do militar sobre o painel, retirou a máscara dele e conduziu seu rosto até o escâner. Uma luz verde brilhou sobre a porta e com um estalido ela se abriu.

— Vá logo! Os soldados não demorarão — gritou para Cisco. — Espere! — exigiu, fazendo-o parar com o soldado abatido nos braços. — Não ouse me deixar aqui.

O prisioneiro recém-libertado não respondeu. Apenas firmou as pernas e conduziu o corpo do soldado pelo corredor de acesso ao laboratório; logo que ele passou pela primeira porta, ela se fechou. Atravessou o corredor e cruzou a segunda porta. Aidan temeu, por um momento, que ele atendesse ao instinto de sair correndo, mas observou pelo vidro que seu parceiro de fuga ainda possuía alguma honra. Pelo menos ele.

Após a batalha de Cisco para colocar a mão do homem morto no painel e apontar os olhos dele para o escâner, a porta se abriu e Aidan saiu de seu cárcere

científico, com Walter e o outro infectado. Cisco o esperava do lado de fora, empunhando o rifle.

— E agora? — ele perguntou, por trás da máscara bicuda.

— Agora vem a parte mais divertida — disse Aidan.

Ouviram passos apressados nos corredores. O cientista sabia que dois infectados não bastavam para sair daquele lugar, mas com dois ele faria muitos outros. Retirou de um dos bolsos uma pequena esfera metálica.

— O que é isso? — perguntou Cisco.

— Espere e verá.

Esperem, pensou enquanto olhava para Walter e o outro, ao perceber que haviam sido provocados pelo som do eco dos passos, que aumentara consideravelmente.

Parecia um grupo grande de soldados. Aidan puxou Cisco, buscando refúgio na parede que fazia esquina com o extenso corredor. Esperou até que o som das pisadas ecoasse em sua própria cabeça, apertou o botão da esfera e atirou-a na direção dos soldados. Um estouro abafado veio junto com alguns gritos de surpresa, até que uma fumaça verde começou a chegar ao fim do corredor, onde estavam o cientista, o prisioneiro e ambas as criaturas.

Matem.

Os dois mergulharam no meio da fumaça, voando em direção aos inimigos. Gritos de susto soaram, trazidos diretamente dos corações aterrorizados, seguidos de alguns tiros disparados a esmo. Levou menos de dois minutos para que o corredor mergulhasse no silêncio.

— Deu certo? — perguntou Cisco.

— Venha ver — disse Aidan, espiando além da parede.

A fumaça começava a se dissipar e as criaturas, que eram apenas duas, já passavam de dez. Um pequeno exército que ele poderia comandar apenas com o pensamento.

Aidan avançou pela instalação, eliminando soldados e aumentando seu exército. Espalhou fumaça por vários corredores, e os soldados que surgiam para um confronto se deparavam com homens que conheciam bem, saltando do interior da fumaça para atacá-los, com dentes à mostra e sem nenhum vestígio de humanidade nos olhos. Quando via soldados usando os capacetes que criara, ele tomava distância e usava seu dispositivo, fazendo as criaturas agirem sem qualquer comando, movidas apenas pelo puro instinto assassino que lhes percorria as veias, para logo depois retomar o controle.

Por baixo da máscara, Aidan sorria satisfeito.

Ninguém mais me controlará. Nunca mais.

Cisco seguia seus passos calmos e tranquilos. Poderia tê-lo matado ali, mas sabia que ele levaria uma horda para onde quer que fosse e esperava muito que

retornasse para o lugar onde mataram o último grupo enviado. Aquele homem teria maior serventia vivo, não havia dúvidas.

Após os últimos homens se tornarem parte de seu exército, Aidan apontou para a grande porta no começo do hangar.

— Ali está o que procura.

Cisco direcionou o grande bico para a porta, encarou o cientista novamente e apontou o rifle para ele.

— O que pensa que está fazendo?

— Não posso deixar que saia com essas coisas para matar mais pessoas.

— Não vê que eu sou o único que pode controlá-los?

— Agora eu também posso. — Cisco apontou para a máscara negra que cobria seu rosto. A mão voltou a segurar a arma, pronta para o disparo.

— Espere! — gritou Aidan. — Existe uma cura para isso e só eu posso criá-la. Só eu posso salvar essas pessoas.

Cisco hesitou tempo suficiente para que a pequena bomba de fumaça explodisse abaixo de si, formando uma cortina verde densa. Ele já havia dado a ordem ao seu pequeno exército para avançar contra o seu prisioneiro e se atirou no chão para evitar as balas que passaram voando sobre seu corpo.

— Merda! — gritou o outro, além da fumaça, aparentemente sem entender por que os infectados avançavam em sua direção. Recuou até a porta e fugiu para a escuridão da noite da cidade enquanto o rifle disparava balas de forma desesperada.

Aidan se esgueirou para baixo de uma das mesas e esperou até as coisas se acalmarem. Após confirmar a fuga de Cisco, foi até a sala de Walter. Precisava enviar um recado.

— Posto de comando 6 para central. Estão na escuta? Câmbio.

Aguardou até que o outro lado respondesse.

— *Aqui é a central, posto de comando 6. Estamos na escuta. Câmbio.*

— Coloque ele na linha.

Aidan aguardou pacientemente. Já havia esperado tanto por aquele momento que um pouco a mais não faria diferença.

— *Walter?* — veio a voz do homem. — *Espero que tenha entrado em contato para me trazer boas notícias.*

— Receio que o Walter não tenha mais a habilidade de falar.

— *Dr. Hayes?* — Ele parecia surpreso. — *O que aconteceu com ele?*

— O mesmo que aconteceu com toda a base: se tornaram soldados leais.

— *O que você fez?*

— Estou assumindo o controle das operações, *senhor.*

— *Se você colocar um pé para fora dessa base, Dr. Hayes, Salazar vai te caçar, não importa para onde corra. A escolha é sua.*

Ele apertou o botão e se aproximou do microfone.

— Pois tente a sorte.

Aidan foi até a outra sala para pegar as chaves de algum dos caminhões. Quando cruzou a porta, deparou-se com o seu protótipo ultrapassado de cão metálico. Estava desativado e sem uma das placas laterais, o que fazia aparecer todo o seu exoesqueleto.

— O que esse filho da puta fez com você? — perguntou ao cão inerte, enquanto o acionava. — Vamos fazer um trato. Eu vou deixá-lo ligado e você cuida das coisas aqui para mim. Mate qualquer um que cruzar o seu caminho, mas deixe o Salazar para mim.

Configurou a rota do seu cão de guerra e o robô emitiu um bipe de confirmação antes de iniciar a patrulha, deixando a sala do comandante. Aidan encontrou as chaves e colocou-as no bolso.

Retornou até uma das salas da instalação, onde fazia algumas de suas experiências. Havia alguns cilindros largos que se estendiam do chão até o teto, a parte traseira era de metal, e a frontal, de vidro. Dentro de um deles, um monstro imenso repousava em um sono profundo, imerso em um líquido viscoso de cor alaranjada. Os tubos ao lado apresentavam réplicas ainda em formação.

Wendigo... gostei do nome.

Teclou alguns comandos no painel e o tubo começou a ser esvaziado lentamente. Aidan admirou a sua criação, sabendo o quão letal ela podia ser.

— Chega de ser o segundo. Hora de colocar todos sob o nosso comando — disse, tocando o vidro com as mãos. — Walter colocou alguém em nosso lugar, um idiota que nem faz ideia de como a máscara funciona. Mas, com a sua ajuda, nós vamos pegá-la de volta. Na verdade, vamos pegar tudo o que é nosso por direito.

Ele digitou alguns códigos no painel ao lado e a criatura foi ativada, emitindo luzes amarelas nos olhos. Mas essa era diferente da primeira. Com um comando ele fez com que peito, pernas e braços se abrissem no meio, como grandes portinholas, permitindo que Aidan entrasse. Walter e os outros jamais imaginariam que se tratava de uma armadura. O teste havia ocorrido remotamente e havia sido um sucesso, mostrando que o metal era à prova de balas. Agora ele poderia usá-la para espalhar o terror nos quatro cantos daquele mundo devastado.

Aidan saiu da sala de Walter vestindo sua armadura, sabendo que agora seria indestrutível. Minutos mais tarde, usando um dos caminhões, o cientista e sua criação deixaram a instalação, partindo em direção às cidades. Era o momento de mostrar a todos a sua genialidade. De mostrar o poder da verdadeira máscara da peste.

Dante

O dia veio trazendo consigo uma névoa densa que recaía sobre a cidade. Os homens da Forja estavam cansados, devido à noite tensa que passaram alertas, procurando murmúrios na escuridão.

Enquanto se espreguiçava ao lado do seu estimado Johnny, Dante observou por um momento os integrantes de sua expedição àquela cidade perdida: uma assassina amargurada, um mecânico sisudo e dois soldados assustados.

Como é que eu me meto nessas?

— O que acha que tem lá? — perguntou um dos soldados, apontando para o centro da cidade.

Um bando de coisas que querem nos matar?

— O nosso objetivo — disse de forma sucinta. — Vamos conseguir. — Bateu no ombro do soldado na tentativa de lhe passar confiança.

Recolheram o pequeno acampamento. Um dos soldados queria levar os colchonetes, mas Yohan censurou dizendo que não passariam mais uma única noite ali. Ambos assentiram sem reclamar. Dante teve de admitir que o grandão impunha respeito.

Meredith atirou seu corpo no banco do carona e esperou, impaciente, que todos estivessem prontos para a partida. Dante pensou em perguntar por que ela estava daquele jeito, embora soubesse, mas preferiu ficar em silêncio. Após os homens da Forja recolherem suas coisas, o que não demorou muito, Dante entrou no carro, colocou a chave na ignição e se preparou para dar partida.

— Que demora — disse ela.

— Se você disser onde precisamos ir ou o que precisamos encontrar, será muito mais rápido.

Meredith ficou calada por um momento. Como se estivesse procurando algo valioso demais para compartilhar com os outros.

Então foda-se. Morra procurando o que o seu chefe quer.

Dante sorriu enquanto girava a chave.

— Então vamos lá.

O Dodge Challenger deslizou suas rodas pelo asfalto castigado da Cidade Fantasma, seguindo o jipe da Forja. Contornaram os prédios decadentes, buscando

uma rota que levasse até o centro. Uma que não estivesse abarrotada de barreiras de concreto ou de carros empilhados. Dante se sentia em um labirinto.

Guiado por alguém que eu não conheço, buscando algo que não sei o que é em um lugar em que eu não gostaria de estar.

Yohan dobrou na estrada, entrando em uma grande avenida que se estendia até o norte da cidade. Dante desviava de rochas pontiagudas salpicadas pelas ruas e de tudo o que oferecesse perigo aos pneus do carro. Observou Meredith, emburrada, de braços cruzados no banco ao lado.

— Você está aqui porque quer ou é um castigo?

Silêncio.

— Não esperava isso, não é mesmo?

Ela permaneceu calada.

— Meu palpite é que você fez algo muito errado e está pagando por isso — ele sugeriu.

Meredith virou o rosto em direção à janela. Dante sentiu o desconforto da jovem assassina, ganhando confiança para continuar.

Eu sei que não queria estar aqui.

— Você se arrepende do que fez?

— Sempre fala tanta bobagem assim ou é só quando respira? — disse ela, com as sobrancelhas arqueadas.

Só quando respiro.

Dante sorriu ao volante. Pensou em responder, mas viu que ela indicava com o dedo em riste a estrada mais adiante. Quando girou a cabeça, deparou-se com o jipe parado.

Mais barreiras?

Dante desceu do carro quando viu que o mecânico também havia deixado o jipe. Ele observava algo além da esquina com um ar de preocupação.

— O que está acontecendo? — perguntou Dante.

— Quietos — respondeu o outro.

Dante ergueu a cabeça. Havia um amontoado daquelas pessoas supostamente doentes, espalhadas entre os prédios. Mais que poderia encontrar.

— Temos alguma opção? — perguntou Dante.

— Podemos voltar e pegar a outra avenida, ir até leste e depois subir — disse Yohan. — Caso não haja essas coisas por lá também.

— O que é bem provável...

— O que é bem provável — repetiu o mecânico.

— Qual a sua ideia? Sair no braço com todos eles? Atropelar?

— Se formos rápidos o bastante, atropelaremos alguns e o restante não conseguirá acompanhar.

Uma buzina veio do Dodge Challenger preto, cortesia da impaciência da assassina azeda e irritante.

— Mas que merda é essa?! — gritou Yohan.

Dante fez sinal com os braços para que ela parasse. Quando a buzina cessou, era tarde demais.

A menos de um quarteirão de distância, um homem cambaleante com a pele manchada pelo azul-escuro e a boca coberta de sangue ergueu as orelhas na direção do som e emitiu um pequeno grunhido. Começou a se mover com mais vigor, despertando a atenção dos outros à sua volta. Sons ininteligíveis eram proferidos do grupo que acelerava o passo na direção deles.

Dante correu até o carro, sentou-se no banco e deu a partida.

— O que aconteceu? — perguntou Meredith.

Aconteceu que você fodeu tudo, sua filha da puta.

Ele engatou a ré, apoiou o braço na escora do banco e girou o corpo para poder ver o que havia atrás.

— É um grupo grande. Não sabiam de nós até você fazer o favor de avisar.

— Para onde vamos?

Fugir? Correr?

— Buscar outro caminho.

— Não há outro caminho.

— Não dá para ir por esse caminho.

— Volte lá e vamos acabar com eles.

— Fique à vontade para pular do carro.

Dante havia andado uma quadra de ré, quando parou.

— Por que parou agora?

Ele não respondeu. Olhava fixo além do para-brisa, o que a fez acompanhar seu olhar. Os três homens da Forja estavam em cima do jipe cercados por mais de vinte daquelas coisas, que empurravam o carro e esticavam seus braços na tentativa de derrubar ao menos um deles para a refeição. A primeira fila já estava quase servindo de apoio para a segunda. Dante engatou a primeira marcha e avançou na direção deles.

— O que está fazendo? O erro foi deles, deixe que se fodam!

Ele não quis responder, apesar de ter a resposta na ponta da língua.

É bom saber que podemos contar com você.

Enquanto avançava, ligou o rádio, tentando achar a música certa, intercalando entre os botões de avançar e reproduzir.

— Essa não... essa também não...

— Você vai ouvir música? — Meredith franziu a testa.

— Eu não. Eles vão! — os alto-falantes atravessaram os grunhidos da Cidade Fantasma com um ataque violento das baquetas nos pratos, seguido de um riff vibrante de guitarra. — Ah! Aqui está!

Dante aumentou o volume no máximo e acelerou.

— Escute com atenção! — disse em um tom acima do normal, quase gritando para que suas palavras chegassem até ela. — Acho que essa música foi feita para eles!

Rock n' Roll – Led Zeppelin

Os infectados voltaram sua atenção, intrigados, para o Dogde Challenger que mais parecia uma caixa de som com rodas.

Começaram a perseguir Johnny, correndo trôpegos e cambaleantes. Dante engatou a ré novamente e manteve a distância. Viu por cima do pequeno grupo que Yohan e os outros soldados conseguiram entrar no jipe. Pretendia manter assim até que o outro veículo passasse por eles e tomasse uma distância segura. Dante acompanhava a música.

— ...um longo e solitário, solitário, solitário, solitário, solitário tempo. Faz mesmo...

— Eu não queria atrapalhar seu plano brilhante, mas tem mais vindo de trás! — disse Meredith, com a cabeça virada e o queixo quase encostando no ombro esquerdo.

Dante deu uma espiada pelo retrovisor. Um grupo maior que o primeiro, quase o dobro, virava a esquina correndo em direção a eles. Ele não sabia se esse grupo corria mais ou se ele tinha essa impressão por estarem indo de encontro a eles. Baixou o som do carro para não chamar mais.

Merda! Quanto tempo até ela abrir a boca?

— Depoia a idiota sou eu, que buzino — disse Meredith de braços cruzados.

Uma idiotice não anula a outra.

Logo à frente, o jipe da Forja surgiu em alta velocidade, passando por cima de alguns do primeiro grupo e arrastando boa parte do segundo. Dante pisou mais fundo no acelerador, puxou o freio de mão e girou o volante. O carro deslizou sobre as rodas de trás e mudou sua direção fazendo uma meia-lua sobre o asfalto. Após a manobra, Dante sorriu para Meredith, convencido pelo que havia feito. Tudo o que recebeu de volta foi uma cara que dizia: *babaca*.

— Você se lembra do caminho?

— Essa merda é um labirinto. Mas os caras da Forja conhecem isso aqui. É só seguir eles.

Entraram na segunda quadra. Deram de cara com uma barreira. Serpentearam entre os prédios, foram barrados por um bloqueio na rua à frente e entraram na próxima esquina. A confiança de Dante diminuiu quando viu as luzes de freio do jipe. Além dele, blocos de concreto fechavam as ruas.

Mas que merda!

Pelo retrovisor ele percebeu que os malditos estavam quase os alcançando, pelo menos os mais velozes do grupo. Yohan desceu do jipe com um rifle. No banco ao seu lado, viu a assassina puxar as adagas. Ele desceu do carro.

— Ô, ô, ô — esticou as mãos em direção ao mecânico. — Se usar isso, o som vai atrair mais ainda.

— Falou o cara que ligou o rádio — retrucou Yohan.

— De nada por salvar o cu de vocês, aliás.

Meredith desceu do carro e se posicionou no meio da rua. Dante contou dez deles vindo além da outra esquina e talvez o triplo vindo lá atrás. A assassina esticou os braços segurando suas adagas. O vento soprava seu sobretudo e os cabelos que pendiam apenas em um lado da cabeça.

— Você não vai ajudar? — perguntou Yohan.

Como ela me ajudaria? Como ela queria ajudar vocês, minutos atrás?

Dante se lembrou do que ela havia feito no posto do Negociador. A graciosidade de seus movimentos, misturada com um jeito impiedoso e mortal.

— Somos nós que precisamos de ajuda. Acredite em mim — bateu no ombro do mecânico. — Assista e confira.

Um pio rasgou os céus. Dante voltou a atenção para a cobertura dos prédios e viu uma ave, branca como uma nuvem, pairando sobre a rua. As criaturas já haviam passado da metade da esquina.

Estavam a trinta passos de Meredith, quando um homem de roupas negras saltou sobre eles, atacando o grupo com duas espadas retas. Cada golpe arrancava um braço, perna ou cabeça. Meredith ficou paralisada observando o estranho trucidar os moribundos com extrema facilidade.

Mas que porra é essa?!

A assassina deixou os ombros caírem em sinal de frustração. O homem mais à frente fez um giro, decepou uma perna, estocou contra o penúltimo e cortou a cabeça do último, unindo as lâminas em forma de tesoura.

Agora eu quero ver.

O estranho limpou as espadas, colocou-as na bainha e se virou na direção dela.

— Você aposta em quem? — Dante perguntou a Yohan.

O homem de roupas negras encarou a assassina, fez uma expressão de puro pavor e saiu correndo por uma das ruas laterais. Meredith não perdeu tempo e foi ao seu encalço.

— Na mulher — respondeu Yohan. — Com certeza, nela.

Mordecai

O que foi que eu fiz? Estou aqui para ajudar!

Correu desesperadamente. Bastou mergulhar no fundo daqueles olhos azuis para saber que não seria um bom momento para conversar. A boca apertada em uma linha horizontal havia confirmado suas suspeitas. Era magro para um homem, mas parecia ter uma raiva infernal. Saltou um bloco de concreto e viu uma viela na próxima rua.

E se não tiver saída?

Precisava de um ambiente fechado. Estava acostumado com a escuridão e poderia ter uma vantagem. Bastou parar por um segundo para que uma adaga cruzasse por ele, raspando sua orelha e estilhaçando o vidro mais à frente. Colocou suas pernas em movimento antes que fosse o próximo alvo.

O que devo dizer a ele para que acredite em mim?

Viu Diana passar voando. A coruja branca se dirigia para o pátio de um supermercado. Ele já havia estado lá em busca de suprimentos. Havia um estacionamento subterrâneo onde poderia se esconder do seu perseguidor até explicar que só queria ajudar. Cruzou a avenida, saltou entre dois carros e correu ao máximo que pôde. A porta estava aberta e ele conseguiu entrar antes que outra lâmina aterrissasse em suas costas.

Fora o feixe de luz que cruzava a entrada, o ambiente estava escuro. Um cheiro nauseante percorria as prateleiras e invadia as narinas sem pedir licença. Ele correu até um canto e se escondeu. Espiou a silhueta entrar de forma cautelosa, segurando duas pequenas adagas. Se esgueirou até a segunda fileira.

— Eu não quero seu mal! — Disse em voz alta.

O outro caminhava entre as prateleiras centrais, riscando a ponta da lâmina contra o ferro.

— Não foi o que pareceu ontem à noite — disse com uma voz doce, carregada de ressentimentos.

A lâmina passou voando sobre ele, chocando-se contra a parede. Ouviu passos apressados vindo do outro corredor e fugiu em direção ao estacionamento. Passou pela porta de vidro, desceu a rampa e chegou ao subsolo.

Sua visão se adaptou bem à escuridão. O estacionamento era um lugar amplo, sustentado por uma dezena de pilares quadrados. Mordecai se recostou em um deles, fechou os olhos e acalmou sua respiração.

— Acha que só você consegue se dar bem no escuro? — indagou seu perseguidor imergindo nas sombras. — Saia daí.

— Eu não quero te machucar!

— Duvido que isso aconteça.

— Estou aqui para ajudar vocês!

— Duvido muito que isso seja verdade.

Mordecai conseguia ouvir os passos sutis do outro. Pé após pé.

— São da Forja, não são? Também estão atrás da cura?!

Houve um silêncio repentino.

— Eu não sou da Forja.

— Então o que faz aqui?

— Procuro algo específico — disse o outro —, mas me fale mais dessa cura.

O quê?

— Eu sei onde pode estar.

— Agora você me deu um motivo para não te matar. Saia daí.

Seu perseguidor parou entre duas pilastras. Mordecai deixou seu refúgio para encará-lo no meio do breu. Tinha um pressentimento, como algo sussurrando em seu ouvido, que já poderia conversar. Porém decidiu que não era sábio guardar as espadas e se revelou ainda segurando suas lâminas.

— Solta as espadas — o outro pediu.

— Solta as adagas — ele devolveu.

— Eu não vou soltar.

— Eu também não.

Um silêncio perturbador pairou no ar. Ele não sabia o que fazer para manter o respeito do outro sem o desafiar. Ergueu uma das espadas e a colocou na bainha. Quando soltou a empunhadura, viu o outro fazer um movimento com as mãos e atirar uma adaga em sua direção. Dessa vez a lâmina foi mais rápida que o seu reflexo, passou do lado do seu rosto para se enterrar no de um infectado que vinha sorrateiramente nas sombras.

Mordecai girou o corpo e puxou sua espada novamente. Havia mais deles ali, todos em silêncio, esgueirando-se pela escuridão.

Por que não estão fazendo barulho?

Caminhou para perto do outro. Estavam cercados.

— Seus amigos?

— Não sou um cara de muitos amigos.

O primeiro voou em direção a eles, recebendo um corte limpo na vertical. O restante atacou em um grito sedento, vindo por todos os lados. Mordecai ficava mais habilidoso com a espada cada vez que matava, seus golpes eram ágeis e letais. Seu companheiro também era bom, mesmo com as lâminas curtas que tirava da roupa.

Imagina o que pode fazer com duas espadas.

Quando o último caiu, um grito agudo e conhecido veio do fundo do estacionamento. Mordecai sabia exatamente do que se tratava. Recordou-se do seu sonho e pôde sentir as garras da criatura rasgando sua barriga e tripas, para esmagar seus ossos com a mão.

— Temos que sair daqui agora! — disse ao outro.

— Eu cuido dele.

Mordecai pegou-o pelo braço e recebeu de volta um par de sobrancelhas arqueadas e uma fileira de dentes escondida pela boca contorcida. Se a raiva pudesse ser desenhada, certamente teria aquela face.

— Ele matou mais de trinta homens armados. Temos que sair daqui.

— Me solta! — ele gritou, puxando o braço.

Wendigo já havia cruzado mais da metade da distância entre eles. Seu grito havia reunido mais infectados, agora sem o objetivo de serem discretos. Mordecai puxou as espadas da bainha e se posicionou do lado do soldado.

— O que está fazendo?

— Eu não vou te deixar aqui para morrer.

Viu que o outro torceu levemente o pescoço, conformado com a resposta.

— Idiota.

Ambos seguravam suas lâminas, esperando pelo grupo inimigo que parecia só aumentar. Wendigo urrou e os infectados partiram para o ataque. O estacionamento ficou iluminado quando um carro entrou a toda velocidade, com seus faróis rompendo a escuridão como um relâmpago em uma noite chuvosa. Avançou sobre as criaturas, jogando para os lados quem encontrava pelo caminho. Quando estava quase chegando, o motorista fez uma manobra e o carro deslizou sobre as rodas traseiras, parando ao lado deles. A porta do carona se abriu e um homem com jaqueta de couro e um penteado lambido encarou os dois.

— Entra aí!

O soldado das adagas fez um sinal com a cabeça e Mordecai pulou para o banco de trás. Ele entrou e nem foi necessário que a porta se fechasse para que os pneus comesçassem a cantar. O carro deslizou pelo concreto liso do estacionamento, alinhou-se diante das fileiras de pilares e parou, iluminando o grupo de criaturas que estava chegando até eles.

— Tem outra saída? — perguntou o motorista, roncando o motor do carro como um animal acuado.

— Só a que você entrou — Mordecai respondeu.

— Então se segurem! — ele advertiu.

Ligou o rádio do carro e os alto-falantes cuspiram o som estridente de guitarras pelos corredores escuros do estacionamento.

— Idiota! Vai atrair mais deles — reclamou o outro.

— Eu sei! Mas não existe fuga sem rock, bebê!

Ele engatou outra marcha e pisou fundo no acelerador. As rodas giravam sem sair do lugar, erguendo rastros de fumaça e o cheiro forte da borracha. Os infectados estavam logo à frente, cegos com a luminosidade agredindo seus olhos esbranquiçados. O motor do carro aumentava o seu ronco, mas não saía do lugar.

— Vai logo! — gritou o homem no banco do carona.

— Calma. Eu sei o que estou fazendo — disse o motorista, confiante. — Observe e aprenda.

O primeiro deles saltou contra o veículo. O condutor soltou o freio e o carro acelerou tão depressa que os três colaram as costas nos bancos. A criatura passou voando pela lateral. Ele fez uma manobra e desviou do grupo que vinha de frente, entrando no meio de duas pilastras por pouco mais que um fio de cabelo.

Como ele consegue fazer isso?

Wendigo se colocou entre eles e a saída. O motorista puxou o freio de mão e fez uma curva brusca para a esquerda, derrubando três com a traseira do carro. Um conseguiu se agarrar à janela; o homem ao lado do condutor abriu o vidro e enfiou a adaga na garganta dele. Wendigo gritou em fúria, frustrado com a fuga, e começou uma corrida em paralelo ao carro, a dois corredores de distância.

— Puta que pariu! — gritou o motorista. — Que porra é essa?

— É o Wendigo — respondeu Mordecai.

— E que porra é essa? — ele devolveu.

Ele acelerou o carro para chegar até o final do estacionamento antes da criatura. A saída estava à direita. Era possível ver pelos raios do sol entrando com dificuldade pela rampa de acesso. Se não fosse rápido o suficiente, a grande criatura poderia rasgar a lataria do carro com a mesma facilidade que as espadas faziam com os infectados.

— Ele vai acabar com o seu carro — disse o outro, olhando para a criatura correndo além das pilastras.

— Não vai.

— Pode ter certeza de que vai.

O motorista não respondeu. Trocou a marcha e o carro voou feito uma bala. As pilastras passavam com velocidade e Mordecai teve medo de baterem contra uma

delas quando fossem fazer a curva. Estavam quase no final do estacionamento quando o motorista girou o volante e, em uma troca ágil de pedais, colocou o carro de lado para a parede e de frente para a saída. Wendigo saltou com seus olhos amarelos, garras à frente do corpo e grandes dentes saindo da boca. O carro iniciou a subida da rampa e Mordecai assistiu, pelo para-brisas traseiro, a Wendigo voando contra a parede.

— Ele não vai — disse o motorista para o companheiro ao seu lado.

Mordecai viu pelo retrovisor que, apesar de não ter gostado da provocação, o homem das adagas suspirava aliviado. Um jipe aguardava do lado de fora com uma figura barbuda esperando ao volante. Mordecai sabia quem era aquele homem.

Yohan, o mecânico.

Da rua onde Mordecai havia matado o pequeno grupo antes de ser perseguido, surgiram mais. E, considerando o grito do mestre dos infectados, essa seria uma pequena soma diante de todos que deveriam surgir.

— Ô do cabelo — disse o motorista, encarando-o pelo retrovisor. — Eu sou Dante e essa é a Meredith, a louca das facas que te mata enquanto você dorme.

O carro começou a se distanciar do mercado.

— Você é mulher? — perguntou Mordecai, surpreso.

Ela franziu a testa.

— O que você acha? — disse em um tom acusativo.

— Desculpe. É por causa do cabelo curto.

— E você é mulher por acaso? — ela perguntou, virando-se para a janela.

Ele ficou calado e sentiu o rosto arder. Dante riu do seu pequeno constrangimento.

— Já vi que vocês gostaram um do outro. Não esquentar que ela é assim mesmo. Conhece a cidade?

— Como a palma da minha mão.

— Então tira a gente daqui — disse ele satisfeito. — Sabe de algum lugar seguro?

Mordecai assentiu.

— Eu conheço um lugar.

Wendigo saiu do subsolo do mercado a passos largos, uma corrida marcada pela fúria. O jipe da Forja parecia ser mais lento do que o carro onde estavam. O mecânico tentou arrancar, mas não foi rápido o suficiente. O monstro saltou contra eles, estourando o pneu traseiro com suas garras, fazendo o jipe perder o controle e bater em uma mureta. Os ocupantes saltaram antes que a criatura aterrissasse sobre o teto, retalhando o metal como se fosse feito de isopor.

Mordecai teve um mau pressentimento quando os viu correndo desesperados na direção do carro de Dante. Seu salvador deu ré para encurtar a distância, tinha mais

peessoas para salvar. A mulher chamada Meredith desceu do carro e puxou o banco para que eles entrassem. O primeiro a chegar foi o maior, trazendo consigo uma chave imensa, uma arma e uma mochila. O segundo foi um homem usando grossas lentes e uma metralhadora. O terceiro hesitou em sair do jipe e agora corria contra o tempo em uma fuga alucinada. Wendigo abriu o teto reforçado do grande veículo como uma lata de sardinhas, deu um urro agudo e o perseguiu.

Ele não vai conseguir.

Bastou o homem de óculos entrar no carro para que Meredith embarcasse, fechasse a porta.

— Vai. — disse ao motorista.

— Como assim, vai? — reclamou o homem usando óculos.

Dante o ignorou. Engatou a marcha e os pneus berraram em contato com o asfalto, colocando o carro em movimento. O terceiro homem estava na metade do caminho quando perdeu toda a esperança ao ver o carro partir. Através do para-brisas, Mordecai assistiu a ele se virar, atirar em vão contra a criatura e ter o seu corpo atravessado pelas poderosas garras do monstro. Engoliu em seco, sentindo o golpe em sua própria barriga. Pois, apesar de os sonhos se mostrarem confusos, dessa vez ele tinha uma certeza. Era ele quem Wendigo queria.

— Cabelo? — veio a voz de Dante, por cima das lamentações do homem de óculos, tirando-o de seus devaneios. — Lembra aquele lugar seguro? Não se sinta pressionado, mas estamos em suas mãos.

Alan

Fox caminhava com passos confiantes, as duas pistolas prateadas repousavam nas laterais do corpo. No pescoço, uma fina fita negra servia como um colar.

Parece a coleira de um maldito cão, pensou Alan.

Dentro do prédio em que entraram, havia um alçapão que ligava à rede subterrânea de eletricidade. Alan caminhava pensativo, segurando a carabina pela bandoleira.

— Só sobrou você? — perguntou a ela.

Fox o encarou por cima do ombro com o canto dos olhos.

— Quanto otimismo, hein?

Ele não respondeu.

Fizeram a curva no longo corredor. Era úmido e cheio de dutos metálicos responsáveis por conduzir os cabos. Alan avaliou a mulher à sua frente. Ela tinha um quadril largo e uma fina cintura, como uma pera perfeita. No topo da cabeça, o cabelo descia em um rastro lilás até a nuca, centralizado no meio do crânio raspado que repetia a mesma cor.

— Sua família está aqui? — perguntou Alan.

— Minha família ficou para trás há muito tempo.

— Eles morreram? — ele fez uma pausa e, sem que percebesse, as lágrimas começaram a umedecer suas bochechas. — Eu lamento por você. Sei como é, eu tinha família e tive que...

Fox parou de forma abrupta, interrompendo seu discurso lamurioso, e o agarrou pela camisa na altura do peito, empurrando-o contra os conduítes metálicos quadrados. Os tubos atingiram violentamente suas costas. Ficou olhando apavorado para a mulher que o encarava com seus olhos negros por trás do antebraço que apertava seu pescoço.

— Escute aqui: eu não tenho tempo para ficar ouvindo lamentações. Dois dos meus melhores homens acabam de morrer para tentar salvar um idiota que achava que entrar na igreja ia salvá-lo. Eu quase morri tentando voltar e só salvei você porque escutei seu cavalo e achei que poderia ser útil. Eu não estou nem aí para os seus sentimentos, tenho pelo menos mais uma centena de pessoas tão apavoradas quanto você, doidas para chorar por uma mãe ou um filho. Teve que matar um conhecido? Ótimo! Isso mostra que você tem bolas. Então sugiro que use elas para

nos ajudar em vez de chorar. Você me entendeu? — ela deu dois tapinhas no rosto de Alan e seguiu pelo caminho.

— Sim... — ele respondeu.

Alan limpou as lágrimas com as mangas da camisa e seguiu calado. Chegaram até uma porta metálica. Ela cerrou o punho e deu três batidas com os nós dos dedos.

— Quem está aí? — perguntou uma voz do outro lado.

— Sou eu. Tudo limpo, pode abrir.

Alan escutou o som do metal deslizando e a passagem se abriu. Um homem corpulento segurando um rifle apareceu atrás dela, sorriu para a mulher e franziu o cenho para ele. Seguiram por um corredor curto que aumentou para uma galeria ampla, usada como uma base improvisada repleta de homens armados fazendo a guarda.

Estavam em um patamar elevado, como uma espécie de plataforma. Descendo as escadas, havia um amontoado de pessoas assustadas encolhidas próximas de pequenas fogueiras. Grandes luminárias que pendiam do teto forneciam uma iluminação modesta, dando um aspecto lúgubre que combinava com o semblante do grupo.

— Dominic já voltou? — ela perguntou ao grandalhão.

— Ainda não.

— Merda! — ela jogou as palavras ao vento. Olhou para Alan como se por um momento tivesse esquecido que ele estava ali. — Você pode deixar sua espingarda com o armeiro e veja se acha alguém conhecido para se lamentar.

Alan segurou a alça da carabina e recuou um passo.

— Não vou largar a carabina do meu pai.

Fox dirigiu-lhe um olhar inexpressivo que demonstrava sua completa falta de paciência. Avançou na direção dele, sem tirar os olhos dos seus.

— Essa merda está carregada?

— Não.

— Você quer ficar aqui ou prefere voltar pra lá? — Indicou a porta com o dedo.

Alan olhou para o chão.

— Eu quero ficar.

— Então entrega a porra da arma pro armeiro — sibilou as palavras.

Alan acenou com a cabeça.

— Onde ele fica?

Ela e o guarda corpulento apontaram além dele. Havia um homem careca na frente de uma mesa repleta de armas, limpando uma metralhadora com um pano. Ele atravessou a galeria e retirou a carabina para entregar.

— Ela te deu uma dura, não foi? — disse o armeiro em tom zombeteiro.

Alan apenas ergueu a ponta das sobrancelhas.

— Não esquentá — disse o armeiro. — Esse é o jeito dela de dizer que gosta das pessoas.

— Jeito estranho de gostar — refletiu Alan. — Cuida dela para mim, por favor. Era do meu pai.

— Não vai sair daqui — sorriu o armeiro.

Alan passou por mais dois homens e desceu as escadas. Abaixo da plataforma, o caos estava estabelecido. Crianças choravam e algumas pessoas rezavam. Ele passou por um homem deitado e por uma mulher que segurava o filho com firmeza. As pessoas o encaravam, mas ele não conhecia nenhuma. Percebeu que não fora o único que havia perdido alguém importante.

— Quer um cobertor, meu jovem? — disse uma voz atrás dele.

— Noah? — ele reconheceu o mercador da Cidade Sem Nome.

— Alan! É você! — Noah abriu os braços. — Quer dizer... eu sabia que era você! Que bom que está a salvo! Seu pai...

Noah deixou as palavras no ar quando entendeu o que havia acontecido, mas viu que era tarde demais. Alan balançou a cabeça com os olhos baixos. O mercador colocou a mão em seu ombro, tentando lhe dar algum conforto.

— Lamento, Alan. Isso que está acontecendo é... lastimável.

— Ele disse que isso ia acontecer — disse Alan.

— Quem?

— Thomas, o pastor. Meu pai e eu fomos ouvir sua palavra. Ele disse que o apocalipse iniciaria logo.

Um homem, até então encolhido, pareceu ter um súbito interesse pelo assunto. Seu olhar perdido no solo feito de cascalho voltou a ganhar vida e ele girou a cabeça na direção dos dois.

— Você também escutou a palavra do profeta?

— Sim — disse Alan.

— Pois eu o vi, com esses olhos que a terra ainda há de comer — ele começou a se levantar. — Surgiu do meio da fumaça verde. Num instante não havia nada, no outro... ele estava ali. Vindo do próprio inferno — esticou uma das mãos na direção deles e Noah se encolheu. O homem tinha os olhos arregalados, mergulhados na mais pura loucura. Começou a elevar a voz. — Controlava os demônios conforme sua vontade! Eles faziam o que ele mandava. Bestas infernais!

A intensidade das palavras que saíam da boca do homem atraiu mais olhares e ouvidos curiosos. Não demorou até que um círculo se formasse ao redor dos três.

— Estou dizendo a vocês! O mal está recaindo sobre nós. Orem. Peçam misericórdia a Deus, pois o profeta estava certo! O primeiro selo foi aberto!

Murmúrios se espalharam entre os que estavam escutando, até que o círculo se abriu e Fox surgiu junto a dois de seus homens.

— O que está acontecendo aqui?

O homem se encolheu, mas manteve a determinação nas palavras.

— É o Cavaleiro da Peste! Como está na bíblia! Ele veio para espalhar a doença dos ímpios! Quer sugar nossa essência! Nos deixar moribundos!

Seu discurso era carregado de gestos, acompanhado por uma paixão nos olhos. Era incontestável que homem acreditava em cada palavra que saía de sua boca.

— Isso é uma grande bobagem! — retrucou Fox.

— Você o viu também! — o homem a acusou. — Eu sei que viu! Diga para eles!

A essa altura da conversa, quase todas as pessoas abrigadas no velho túnel de trem estavam reunidas em volta deles. Não sem motivos, os rostos assustados denunciavam que eles haviam trilhado o mesmo destino de Alan, perdendo as pessoas que amavam do dia para a noite. O círculo se fechou novamente e a atenção agora estava em Fox, que caminhava determinada para o centro, encarando cada um dos olhares.

— Eu vou dizer a vocês o que eu vi. Eu vi um bando de gente doente e um idiota usando uma máscara — ela puxou uma das pistolas prateadas e o círculo todo deu um passo para trás. — E minha única prece é que eu encontre aquele covarde de novo e possa enfiar uma bala no meio dos olhos dele. Depois cuidaremos dos infectados com a doença.

— Vão matá-los? — veio a pergunta do meio da multidão.

— Se nos atacarem, sim.

— Mas são nossa família! — retrucou alguém.

— Não podem matar eles! — bradou outra voz.

A multidão irrompeu em interjeições acaloradas que concordavam com a última afirmação. Centenas de pessoas falavam ao mesmo tempo, causando um ruído angustiante. Fox puxou a segunda pistola do coldre e apontou para todos os lados, girando lentamente enquanto os encarava. Ela tinha uma loucura no olhar, tão transparente quanto uma taça de cristal.

— Eu lamento informar, mas quem está lá fora morreu! Se estão com pena, podem se juntar a eles. Ninguém aqui é prisioneiro. Basta pedir para sair, que o Frank vai abrir a porta e vocês estarão livres. Simples assim. — Ela guardou as pistolas e caminhou na direção do homem que começou o tumulto, fitando-o com a raiva estampada na face. — Agora, quem quer ficar protegido aqui embaixo vai calar a porra da boca e parar de falar essas merdas sobre Cavaleiro da Peste. Já temos problemas o suficiente para perder tempo com asneiras religiosas.

Não houve sequer um comentário. Alan poderia dizer que as pessoas nem piscaram. Antes de sair do círculo, que abriu uma passagem amedrontada para ela,

Fox dirigiu sua atenção para o novato no abrigo.

— Você sabe atirar com aquela coisa?

— Sei — ele respondeu.

— Bem?

— Bem.

Ela sorriu sem mostrar os dentes.

— Então venha comigo. Pode ser que seja mais útil de boca fechada e com uma arma na mão.

Alan olhou apavorado para Noah, que apenas deu de ombros como quem diz: *Vá. Que escolha você tem?* Ele engoliu em seco e seguiu a mulher e seus dois capangas truculentos até a plataforma.

Entraram em uma antiga sala de operações. Havia painéis de comando, mas nenhum funcionava e alguns até estavam quebrados. No centro, uma mesa metálica era coberta por um mapa, preso nas pontas por pesos feitos de metal. Além dos dois, mais dois homens estavam junto. Frank e outro tão corpulento quanto ele.

— Vamos seguir — ela ordenou aos homens. — Continue, Igor.

— Dominic estava aqui na última vez que nos falamos — Igor apontou no mapa. — Ele disse que tinha reunido um grande grupo em uma fábrica. Algumas delas surtaram, teve um tiroteio, tentaram fugir e as coisas entraram. Num piscar de olhos quase todo mundo queria morder. Ele fugiu com os homens, mas perdeu Roger e Jack no caminho. Quando falei com ele, estava acuado, preso em um banheiro a noroeste da igreja. — Apontou outro lugar no mapa. — Bem aqui.

Fox deu um soco na mesa com as duas mãos fechadas.

— Merda! Por que esses filhos da puta não podem simplesmente ficar quietos e esperar?! Olha o que quase aconteceu aqui!

Alan abaixou as orelhas como um cachorro repreendido por puxar as roupas do varal. Fox ponderou as possibilidades em sua cabeça, até que finalmente se decidiu.

— Temos que chegar até o Chacal.

— Com toda essa gente? — disse Frank. — Precisamos de pelo menos uns dois caminhões.

— Não vamos levar ninguém — disse Fox. — Vamos buscar poder de fogo.

— E abandonar eles aqui? — perguntou Frank.

— Nossa missão não é salvar pessoas, é matar aquele mascarado de merda.

— Nossa missão é exatamente salvar pessoas — retrucou Igor. — Ninguém sabia daquele cara.

— Exatamente, Igor. Ele comanda aquelas coisas. Se ele morrer teremos alguma chance. Acha que vão conseguir sair daqui com dois caminhões? Mesmo? Aquelas coisas vão se agarrar como um bando de ratos e em minutos todo mundo que

estiver dentro vai virar comida... — disse ela com convicção. — E o exército deles se multiplica. Não, muito obrigada.

— Não temos comida para muito tempo — disse Frank. — E, se a gente sumir, sabe o que vai acontecer aqui.

— Não vou só em busca de armas — disse Fox. — A Fortaleza de Vidro tem muros altos, espaço e comida para muita gente.

— E tem o Chacal — lembrou Igor. — Duvido que ele vá aceitar esse bando de gente esfomeada.

— Vou pedir com jeito — disse Fox, dando uma piscadela.

— Sozinha? — perguntou Frank.

— Vou levar o senhor confusão comigo — deu um tapa nas costas de Alan. — Ficarei bem.

— Mas por que eu? — Alan abriu a boca pela primeira vez.

— Você disse que atira bem, não o quero aqui causando confusão e, se morrer... bem, pelo menos não é um dos meus. — Fox foi determinante.

Alan engoliu em seco as palavras ásperas da mulher.

— Tá bem. Qual vai ser então? — perguntou Frank.

— Espere a poeira baixar, busque os caminhões e leve essa gente até o Chacal. Mas nos dê pelo menos dois dias de vantagem.

— E quanto ao Dominic?

Fox apoiou os braços na mesa, apertou os lábios e baixou a cabeça.

— Está à própria sorte — disse sem encarar seus homens. — Vamos — tocou o braço de Alan.

— Ah! Fox... — chamou Frank, puxando um bilhete do bolso. — Ele mandou isso para você, chegou logo que saiu.

Ela pegou o bilhete, leu e agradeceu com um aceno positivo. Deixaram o refúgio para serpentearem novamente pelos corredores úmidos cheios de tubos. A carabina de Alan fora devolvida, acompanhada de um punhado de munição e uma pistola. Ele segurava a bandoleira e digeriria a conversa que acabara de escutar, enquanto a mulher desfilava logo à sua frente, inabalável, como se houvessem tratado sobre os resultados da última colheita ou como seu cavalo corre mais do que o do vizinho.

Não vamos sobreviver.

— O que pretende fazer? — ele perguntou.

— Tem um carro a três quarteirões da saída. Vamos chegar a ele e dirigir até o Chacal.

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

Fox não respondeu. Desviou de um balde ao lado de um tubo caído. Alan fez o mesmo e continuou falando.

— Quero dizer... a cidade está infestada, pelo que você disse; teremos que passar por vários deles. Eu quase não consegui. E se o carro não tiver combustível o suficiente? Tem mais duas cidades entre essa e a Fortaleza de Vidro; acha que estão seguras?

Fox parou. Alan se encolheu. Ela o fulminou com o olhar.

— Pode até não parecer uma boa ideia, mas caso você não tenha notado estamos com poucas alternativas e esperar aqui não vai tornar as coisas melhores. Não temos armas, não temos soldados e não temos comida. Só um amontoado de gente apavorada e com fome, que vai começar a se matar quando descobrir que estão servindo o último saco de batata. Você e eu somos o que resta de esperança para eles. Não me desaponte.

Enquanto Fox dava mais um de seus discursos cheios de razão, Alan observava, hipnotizado, a beleza exótica daquela mulher. Ela era dura como o nó do tronco de uma figueira, mas tinha feições delicadas e a boca bem desenhada. Sua cintura se agitava ao caminhar de um jeito felino e seus olhos brilhavam como as estrelas.

— Ei! — ela o trouxe para a realidade. — Você estava me ouvindo?

Alan chacoalhou a cabeça.

— Está bem. Vamos fazer isso.

Subiram pela escada no final do corredor. Ao pisar no último degrau, ele sentiu o calor do sol que se derramava sobre o prédio lá fora. O ar ficou mais fresco, nada semelhante ao que ele respirava na fazenda, mas muito melhor do que a atmosfera abafada dos túneis. Sair daquele buraco era realmente um alívio.

Fox cruzou o cômodo destruído e espiou pela fresta da porta. Alan segurava a carabina. Conferiu a munição e destravou a arma. Ela o encarou e ele acenou positivamente. Os dois deixaram o esconderijo e ganharam as ruas desertas. O sol brilhava alto no céu e quase não havia aquelas coisas asquerosas perambulando entre os prédios.

— Onde eles estão? — perguntou Alan em um sussurro.

— Escondidos, talvez. Não gostam do sol. Nem do sol, nem do fogo.

— É o que dizia o bilhete?

— O que dizia o bilhete, senhor curiosidade, é que existe coisa pior do que esses desgraçados manchados de azul e que se cruzar nosso caminho é para tocar fogo no rabo dele.

— Por quê?

Fox o encarou com uma das sobrancelhas levantadas.

— Por que sente muito calor? Como é que eu vou saber?!

— Por isso que nos atacaram à noite — ele refletiu.

Entre a saída do abrigo subterrâneo e o carro, não tiveram maiores problemas. Cruzaram com três deles. Fox fez sinal para que não atirassem, retirou uma lâmina

do cinto e os eliminou com um golpe na nuca. Entraram no veículo e saíram pelas ruas até chegarem a um dos portões. O número de infectados que viram no caminho poderia ser contado nos dedos.

— Esses filhos da puta fizeram a festa ontem à noite. Agora se escondem feito uns covardes.

A estrada até a Fortaleza de Vidro parecia livre. O carro era veloz e Alan gostou da sensação do vento agitando seus cabelos. Iniciaram uma leve e longa subida que contornava um morro.

— Por que vai deixar o Dominic para trás?

Fox não o encarou dessa vez. Apenas apertou mais as mãos ao redor do volante e deu um longo suspiro.

— Se eu deixasse, iriam atrás dele. Em vez de um, eu perderia vários homens e ganharia vários inimigos — houve um silêncio no carro e ela seguiu. — Às vezes, quando se está no comando, você precisa fazer escolhas e lidar com as consequências delas. Nem sempre são boas. Já teve que fazer alguma escolha difícil?

Alan baixou a cabeça e se lembrou da sua mãe se contorcendo no chão, da sua prece desesperada e de ele tendo de atirar na pessoa mais amável que já vira em sua vida. Precisou se conter para não chorar.

— Já, sim.

— Então você me entende.

O carro chegou à parte mais elevada da estrada e Fox enfiou o pé no freio. Alan, que estava reflexivo e melancólico, deu um salto e tentou acompanhar o raciocínio da mercenária de cabelo roxo.

— O que está acontecendo?

Ela pegou um binóculo e desceu do carro.

— Vem comigo.

Correram até uma grande pedra e espiaram a estrada mais adiante. O ponto a que haviam chegado permitia boa visibilidade. Uma horda imensa de infectados marchava atrás de um caminhão, na direção das cidades antes da Fortaleza. Nem se dedicaram a contar, mas seguramente o número passava de mil.

— Eram os que estavam na cidade? — ele perguntou.

— Pelo caminhão... é, sim.

— O que acha que estão fazendo?

— Acho que estão fazendo o que eu faria: criar um exército para acabar com a Fortaleza de Vidro.

A multidão dos demônios azulados caminhava resignada. O caminhão os conduzia da mesma forma que um farol guia os barcos. O problema era para onde o farol estava apontando.

— Se os caminhões não chegarem lá antes deles, aquelas pessoas não terão abrigo.

Fox sorriu e olhou para ele.

— Se *nós* não chegarmos lá antes deles, não terá abrigo para onde ir. Não terá mais nada.

Orfeu

Com um pé apoiado na rocha e os braços cruzados sobre o joelho, Orfeu observava o trabalho dos pescadores enquanto colocava as ideias no lugar. O pequeno barco feito de madeira era flexível e resistente. Ele encarou a primeira remessa de ondas, sacudiu duas vezes, em uma delas deu a impressão de que emborcaria e atiraria os cinco homens nas águas, mas conseguiu atravessar e seguir seu rumo. O mar havia acordado de mau humor naquela manhã.

O sol ainda não tinha aparecido. Estava dormindo atrás das montanhas e lançava apenas alguns raios para anunciar sua breve chegada. Espiava como uma criança curiosa equilibrando-se nas pontas dos dedos para ver o que tem sobre a mesa. Na extensão de areia da praia, não havia ninguém além dos pescadores em nenhum dos lados que contornava as encostas rochosas. A Montanha da Caveira ainda acordaria.

Orfeu esfregou os olhos. Seus ouvidos saborearam o som do mar agitado e o grasnado de alguma gaivota que planava em busca de peixes. As narinas inalaram o cheiro salgado do oceano. Massageou o ombro e trocou o apoio do pé.

— Noite difícil? — A voz era conhecida e até acolhedora, considerando o momento que ele estava enfrentando.

— Bom dia, José — disse Orfeu mantendo o olhar no barco. — Difícil dormir quando a cabeça não para de pensar.

José ficou ao lado dele, acompanhando o trabalho dos pescadores.

— Os últimos dias te deram muito o que pensar, não é verdade?

Orfeu não respondeu de imediato. Baixou o olhar para a praia e subiu até o barco novamente.

— Meu filho me odeia... minha filha me odeia... — admitiu Orfeu. — Só falta Miguel agora. Tudo o que fiz foi para proteger eles, foi pensando neles.

— Filhos... — refletiu José. — Não acho que eles te odeiem. Só estão chateados. Nunca ficou bravo com seu pai?

Orfeu deu um sorriso e olhou para o céu. As nuvens vagavam preguiçosas, empurradas relutantes pelo vento.

— Mais vezes do que consigo contar.

— Isso não quer dizer que não o amava. O peixe não gosta menos do mar por causa de uma tempestade.

Orfeu aquiesceu. Demorou seu olhar pelas rochas enquanto a mente abraçava as lembranças como um filho que retorna para casa após uma longa viagem.

— Sinto falta dele. Esse é o tipo de coisa que ele sabia resolver sem perder uma noite de sono.

José sorriu sem mostrar a fileira incompleta de dentes.

— Eu acompanhei seu pai minha vida inteira, filho. E posso te dizer uma coisa: você está errado.

Pela primeira vez naquela manhã, Orfeu olhou para o homem. Tinha um aspecto velho, mas não o que remetia a algo castigado pelo tempo, e sim aquele que o referenciava, que acolhia a passagem dos anos como um bom amigo. José usava uma camisa verde-escura, uma bermuda azul e calçava chinelos simples. A barba branca combinava com o cabelo. Contornava sua boca, subia pelas bochechas e se conectava às suíças na frente da orelha. O velho devolveu-lhe um olhar afetuoso. Conseguiu captar a dúvida no rosto de Orfeu, como já esperava que a afirmação causaria do mesmo modo que um pescador experiente atira a rede no mar e sabe que haverá peixes quando puxar.

— Orlando sempre foi um homem forte e decidido. Ele tinha o dom de juntar as pessoas, de fazer elas se sentirem seguras. Quando montamos a comunidade, lá no início, foi difícil. O mundo acabava de se levantar da pior guerra que tivemos na história. Ninguém confiava em ninguém. E não pense que as pessoas decidiram se juntar a nós porque oferecíamos a certeza de um prato de comida quente ou uma cama para dormir despreocupado à noite. Vinham porque acreditavam no seu pai, acreditavam que ele faria o que era certo, custasse o que custasse. Elas sabiam, mesmo sem perceber, que estavam seguindo um homem com propósito. Isso é mais do que a maioria pode esperar em tempos como esse.

Orfeu sentiu orgulho de seu pai. Muito mais que havia sentido em muito tempo. Mas, ao mesmo tempo, uma tristeza grande tomou conta do seu coração. Um sentimento melancólico de dúvida, de existir a mínima possibilidade de não ser tão bom. De não saber aonde ir. De estar perdido. José também já esperava despertar esse sentimento e não esperou muito para concluir o discurso que havia começado.

— Mas...

— Mas?

Ele sorriu.

— Quando seu pai assumiu a liderança da comunidade, já não eram apenas duas famílias lutando para sobreviver, havia mais que mera sobrevivência ali. As pessoas dependiam dele, *esperavam* dele. Então seu pai se deparou com o maior desafio que um homem na posição dele pode enfrentar.

— O quê? — perguntou Orfeu com uma curiosidade genuína.

— A necessidade de fazer escolhas.

A resposta foi tão impressionante quanto inesperada para ele. Coçou a barba que recobria o queixo enquanto refletia sobre aquilo.

— Meu pai sempre foi bom em fazer escolhas.

José riu daquilo, olhou para o chão e chutou uma pedra. Na praia, dois dos pescadores traziam pequenas tarrafas para pescar na beira do mar. As gaivotas faziam círculos em cima deles e um dos cachorros fazia círculos embaixo delas. Todos buscavam apenas uma oportunidade de conseguir aquilo que queriam.

— O que faz um homem fazer as escolhas certas é fazer muitas escolhas erradas — disse o conselheiro. — Não importa o quanto você acerte, alguém vai discordar e haverá consequências. Você terá que estar preparado para ambas as coisas.

— Você já viu isso acontecer com meu pai? — Sua pergunta soou mais curiosa que acusativa. Orfeu ficou satisfeito com isso, pois era exatamente o que queria transmitir.

— Mais vezes do que consigo contar — o velho riu. — Uma vez, quando morávamos mais ao sul do continente, perto de alguma cidade cujo nome não tem mais importância, seu pai e eu procurávamos por suprimentos: comida, remédios, tudo que tornasse nossa vida mais fácil ou mais longa. Você sabe do que estou falando.

Orfeu balançou a cabeça.

— Chegamos a uma cidade pequena. Parecia estar abandonada. Passamos o dia vasculhando as casas em busca de coisas de valor. Na volta, seu pai sentiu que tinha algo errado. Aquele instinto, aquela coisa estranha que se sente. Você sabe que tem algo fora do lugar, mesmo não querendo admitir.

— O que era?

— Tinha alguém nos seguindo — José apertou as têmporas como se a memória precisasse de um estímulo. — Um homem, sorrateiro entre as árvores.

— O que vocês fizeram?

— Montamos uma emboscada e pegamos ele. Pegamos aquele maldito desgraçado. Era um homem franzino, digno de piedade. Pediu comida, disse que estava faminto — Uma tristeza se instalou sobre a face do homem. Acessar aquelas lembranças havia lhe custado algo. — Eu dizia para o seu pai colocar uma bala na cabeça dele, não me parecia confiável. Não se confia em alguém que espreita à sua volta. Um homem de verdade mostra a sua face e revela suas reais intenções.

— Meu pai matou ele?

— Não — disse José. — Tirou um pouco de comida da sacola, entregou ao homem e disse que caminhasse em outra direção. Mas aquele homem fazia parte de um grupo maior — os olhos dele se estreitaram. — Eles encontraram nossa comunidade e nos atacaram durante a noite. Não tinham mais número que nós, mas

tinham o elemento-surpresa. Acabamos com eles, mas perdemos quatro dos nossos.

Orfeu comprimiu os lábios. Ele fez mais que lamentar, apropriou-se da derrota do seu pai.

— Se ele tivesse matado o homem, teria poupado quatro vidas.

Como um maestro conduzindo uma orquestra, José sorriu diante da resposta.

— Por muito tempo eu pensei do mesmo modo que você. Mas será mesmo?

— É o que eu acho.

— Naquela noite, redobramos a guarda no caso de o homem aparecer. Foi o que evitou sucumbirmos ao ataque. Se o tivéssemos matado, não estaríamos alertas e possivelmente não estaríamos conversando agora.

Na beira da praia, o barco havia retornado após deixar a rede em águas profundas. Agora bastava esperar que o mar fizesse sua parte. Orfeu ponderava a dúvida que as palavras de José haviam lhe colocado na cabeça.

— Estaríamos com mais sentinelas naquela noite se eu não tivesse instalado o dispositivo da Skye.

— Assim como poderia não ter morrido ninguém, poderiam ter morrido mais pessoas também — disse José. — Nem sempre um resultado ruim é fruto de uma escolha ruim. Nunca vamos saber como teria sido da outra forma. Então não se torture por isso.

Ele bateu com a mão em formato de concha no ombro esquerdo de Orfeu.

— Vou fazer minha caminhada.

Orfeu concordou com um aceno de cabeça que dizia muito mais que *está bem*. Ele se permitiu admirar a vastidão do oceano por mais alguns minutos antes de começar as atividades do dia. Caminhou na direção da entrada rochosa da montanha, cumprimentando no caminho os que faziam parte da metade da comunidade que não o culpava pelas mortes dos soldados.

Entrou na caverna e um ar úmido passou por ele após percorrer as galerias. Orfeu foi até a parede dos antepassados e colocou a mão sobre a pintura da caveira que representava Orlando. Fechou os olhos e rezou.

Pai. Preciso de respostas. Não sei o que fazer.

— Essa parede ficou mais bonita desde a última vez que a vi — disse uma voz atrás dele.

Orfeu se virou em um susto e se deparou com um homem de capuz negro observando-o do outro lado do corredor. Conferiu se havia algum soldado próximo, direcionando um olhar preocupado para cada uma das saídas.

— Eu não matei ninguém, se é o que quer saber — o intruso disse.

— Quem é você e por que está aqui? — Orfeu perguntou em tom acusativo.

— Você sabe quem eu sou e porque estou aqui — disse o estranho. — O tempo bagunçou a sua cabeça, Orfeu?

Orfeu gelou. Seu coração acelerou a ponto de parecer que as veias se romperiam com o fluxo crescente de sangue. Ficou preocupado, mas a postura do homem era repleta de serenidade.

— O que você *quer*? — insistiu Orfeu.

— Precisamos conversar.

— Não temos nada para conversar.

— Temos muito para conversar.

A penumbra da caverna era uma aliada do homem. Ele parecia confortável nas sombras como um filhote no ninho. Ambos não moveram um músculo sequer e Orfeu entendeu que ele não iria embora enquanto não conversassem.

— Está bem. Mas não aqui. Venha.

Ele chamou com uma mão e o intruso o seguiu. Se ele se recordava do que o estranho queria, estava enterrado bem fundo em algum canto de sua mente. Mas o homem parecia trazer uma pá e estava à disposição para desenterrar tais pensamentos, e ele não gostava nada disso.

Espero que não tenha vindo cheio de expectativas.

Pensou rapidamente onde poderiam conversar sem serem perturbados. A galeria de pedra teria sentinelas em qualquer um dos lados. Conversar com um intruso encapuzado seria, no mínimo, algo suspeito. O local mais próximo e seguro que havia para isso era a própria sala de reuniões. Não havia motivo para qualquer um dos membros do conselho aparecer ali, mesmo assim ele fez uma prece silenciosa à virgem para que isso não acontecesse.

— Aqui.

Entraram no amplo nicho de pedra. Orfeu sentou em um banco à ponta da mesa e indicou o do lado oposto para o intruso. Ficou perto da porta no caso de precisar fugir. Estava desarmado, era verdade, mas era mais forte do que o homem, caso a *conversa* saísse do controle.

— Não lembro o seu nome — disse Orfeu com honestidade.

— Não lembra ou não quer lembrar?

— Isso não faz diferença após tanto tempo, não acha?

O homem juntou as mãos e apoiou os braços sobre a mesa de madeira, apoiando o queixo nos polegares.

— Corvo.

— Pode começar a falar, *Corvo* — disse Orfeu. — Mas seja breve. Tenho muito a fazer.

— Eu vim buscar a garota — disse Corvo em um tom impenetrável.

Só por cima do meu cadáver.

Antes mesmo que Orfeu articulasse os lábios para emitir sua negativa, ele completou.

— Além disso, preciso de um lugar seguro para algumas pessoas.

Aquilo despertou a curiosidade de Orfeu, que não abandonou a postura desconfiada, mas ficou mais interessado em conversar mesmo sabendo que não poderia oferecer aquilo que o homem queria.

— Fale mais.

— Fizemos um acordo quando eu o trouxe para essa montanha. Eu disse que voltaria por três coisas. Você se recorda ou isso também sumiu dentro da sua mente?

Não havia sumido, de fato, apenas estava escondido em algum recanto sombrio de sua mente. E, por mais fundo que Orfeu tivesse enterrado o assunto, lá estava a pá cavando avidamente. Já havia emitido aquele mesmo baque abafado que põe um sorriso no rosto de um homem procurando um tesouro.

— Eu me recordo bem — admitiu Orfeu. — A garota, refúgio e algo que era seu.

— Por ora, só preciso dos dois primeiros. O terceiro não serei eu que virei buscar — Corvo fez uma breve pausa e encarou Orfeu atrás do negro do capuz. — Sei que na época você só concordou porque achava que eu nunca voltaria, mas fizemos um acordo. Você me *deu* a sua *palavra*.

Aquela última frase doeu ao passar pelos ouvidos de Orfeu, como se um grande inseto se houvesse instalado ali. Provavelmente ecoaria por muito tempo em sua cabeça.

— Tire o capuz — pediu ele ao intruso.

Corvo puxou o tecido que lhe cobria a cabeça para revelar um homem endurecido pelo tempo. Uma face esculpida em rocha maciça que o fazia ser facilmente confundido com um filho da montanha. Os cabelos com pontos acinzentados conferiam-lhe um aspecto castigado pela passagem dos anos, com cada fio representando uma experiência ruim.

— Foram tempos difíceis para você.

— Serão tempos difíceis para todos nós — Corvo rebateu. — Vai honrar o acordo?

Trazer mais pessoas para cá? As que tem aqui já quase não me respeitam.

Orfeu resistiu à tentação de mandar o Corvo enfiar o trato no rabo. Quando ele o trouxera ali, havia muito tempo, a Montanha da Caveira se mostrara o refúgio perfeito para toda a sua comunidade. Mas, principalmente depois dos últimos acontecimentos, ele não poderia trazer mais sabe-se lá quantas pessoas para o seu povoado. Seria o caos.

— Por que isso? Por que agora?

O olhar do homem não o havia deixado um segundo sequer e Orfeu sentiu que estava atravessando seus olhos para ler seus pensamentos, ou pior, sua própria alma. Parecia que, quanto mais Corvo o encarava, mais poderia ler o que estava pensando. Orfeu estremeceu.

— Eu vejo que não vou escapar de lhe contar a história toda, mas pode ser que você não goste de ouvir.

— Tente.

— Eu não pertenço a este tempo — declarou o homem com a naturalidade de quem conta sobre uma caçada.

Orfeu estreitou os olhos.

— Como assim, não pertence a este tempo?

— Eu venho do futuro, Orfeu.

— Isso é impossível.

— Acredite. É bem possível. Tão possível quanto eu entrar aqui sem que ninguém me tenha visto. Tão possível quanto parecer que estou em dois lugares ao mesmo tempo. Eu sei de coisas, tenho meus truques.

Se antes a desconfiança não havia abandonado o comandante da Montanha da Caveira, agora então estava ali de braços cruzados e batendo um dos pés no chão como uma mãe que aguarda o filho para dar um castigo.

— Suponhamos que isso seja possível. Como fez e por quê?

Corvo adotou um tom sombrio.

— No meu tempo, uma peste assolou todo o continente. Mas não era uma peste qualquer, transformava os homens em animais. Uma mordida e você se tornava um deles. Eu nunca tinha visto nada parecido. Começou como uma chuva repentina no final de tarde e se tornou em uma tempestade já ao anoitecer. De um dia para o outro, havia milhares deles. Um dos nossos descobriu essa montanha e criamos uma resistência.

— Aqui?

— Bem aqui.

Orfeu de repente deixou os olhos passearem pelas paredes, como se elas pudessem contar sua própria versão dos fatos.

— O que aconteceu?

— A doença saiu do controle. O continente todo sucumbiu. De repente, tínhamos tantas pessoas que ainda não estavam infectadas quanto dedos nas mãos. A montanha foi invadida. Nossa resistência ruiu. Em um ato de desespero, Isaac me mandou para o passado, para tentar matar o homem que começou isso tudo.

— Quem é Isaac?

— Um cientista, um dos melhores amigos que tive.

Orfeu tentava acompanhar a história em sua cabeça com interesse renovado. Corvo seguiu seu relato, não só como se quisesse contar o restante, mas parecia que precisava disso. Sua voz indicava que ele *precisava* conversar com alguém.

— Tudo o que fiz foi tentando evitar isso — ele disse no mesmo tom que um homem usa para começar a confissão a um padre.

— Funcionou?

Ele ergueu as sobrancelhas mudando sua expressão pela primeira vez durante a conversa. A culpa estava cravando a sua própria marca naquele homem.

— Depois que vocês vieram para cá, nós montamos um grupo em uma cidade a leste das montanhas, no meio do deserto. Montamos uma resistência. Se desse certo, poderia se tornar uma comunidade. A cidade era segura e tinha recursos: eletricidade, comida, captação de água. Era perfeita. Deixei-os em segurança e parti em busca do homem que havia começado tudo isso. Precisava evitar o que no meu tempo eles chamaram de apocalipse. Busquei por todo o continente, procurei em cada cidade, olhei em cada buraco.

— Mas não achou ele — deduziu Orfeu.

— Pior que isso — revelou Corvo. — Ele achou a resistência.

Orfeu arregalou os olhos, entendendo perfeitamente a gravidade daquele fato.

— Quantas pessoas vocês perderam?

— Todas.

— Mas de quantas pessoas estamos falando?

— Quando saí de lá havia, pelo menos, umas dez mil.

Orfeu sentiu pena dele por um momento, mas não poderia ignorar o fato de que ele queria trazer essa mesma desgraça para a sua comunidade.

— O que aconteceu depois?

— Montamos outra resistência nas montanhas. Batizamos de Forja. Nosso objetivo era conter um possível ataque ao continente, no caso de acontecer. E ele aconteceu, como era previsto.

— Conseguiram conter?

— Apenas parte dos infectados. Existe algum grupo de pessoas ruins que se infiltrou lá e está espalhando os infectados pelo continente, começando tudo de novo. Precisamos salvar o máximo que pudermos.

— Então você não mudou nada? — Orfeu estava intrigado.

— Pior que isso — disse Corvo com um ar derrotado —, eu antecipei. Os ataques deveriam começar só daqui a cinco anos. Se não tivermos sucesso, em menos de três meses eles já se terão espalhado por todo o continente.

Orfeu levou as duas mãos até a nuca.

— Onde está Christina nessa história toda? Está nessa Forja?

— Sua irmã comanda os homens ao sul. Já estão no meio do furacão combatendo as criaturas. Ela vai ficar bem, sabe se virar.

Orfeu ficou aliviado de saber que ela não estava morta. Sua mente avaliava tudo o que havia escutado e quais opções ele tinha. Impossível não se lembrar da história e das palavras de José.

Um homem de verdade revela sua face e mostra suas reais intenções.

Foi o que Corvo tinha feito. Mas algo lhe dizia que não era tudo, que essa era uma meia-verdade ou mesmo uma falsa verdade.

— Sua história é incrível e muito bem contada — disse Orfeu. — Mas, mesmo que eu acredite nela, não posso deixar que traga essa ruína para a nossa comunidade. Já temos nossos próprios problemas, não vou abraçar mais.

— Eu já sabia que você se recusaria. Mas eles voltarão. E, por mais que pense que estão preparados, não estarão. Me prometa que não levarão Skye.

— Se sabia que eu me recusaria, por que perdeu seu tempo vindo até aqui para me contar tudo isso?

— Para te dar uma escolha.

— Isso é uma ameaça? — perguntou Orfeu.

— É um aviso — respondeu Corvo, paciente. — Posso oferecer segurança.

— Por que se preocuparia com a minha vida?

— Porque você era outro bom amigo que tive. Não confiaria Skye a mais ninguém — Corvo levou a mão dentro da capa e puxou um pequeno livreto com capa avermelhada. — Entregue isto para ela, então. É tudo o que te peço.

Ele atirou o caderno rodopiando pela mesa, que teve seu movimento interrompido pela mão de Orfeu. Havia um nome na capa e tudo ficou claro para ele como o mar nos seus melhores dias.

— Ela é filha dele? — perguntou Orfeu.

— Sim — respondeu o Corvo.

— Ele sabe?

— O pai dela ficou no futuro. O homem que está no presente não tem uma filha.

— Por que precisa dela então? Ela está segura aqui.

— Não sei ainda. Mas tenho motivos para acreditar que ela é a chave para muitas coisas.

— Sabe que não vou entregá-la a você — disse Orfeu em um tom determinado.

— Você vai — decretou Corvo. — Só não sabe disso ainda.

O homem de capuz se levantou do banco. A escuridão da caverna o transformava em uma silhueta maldita, um vulto negro macabro. Caminhou até ele e levou a mão dentro da capa. Orfeu esperava que ela saísse de lá com uma faca ou uma arma e preparou cada músculo do seu corpo para contra-atacar. O homem não demonstrava qualquer sentimento parecido com raiva ou frustração. Transparecia

apenas uma certeza, uma fé cega de que fazia o que era preciso fazer. Tirou a mão de dentro da túnica negra, que segurava um pedaço de papel.

— Mande-a para cá quando for o momento.

Empurrou o papel com dois dedos até ele. Orfeu pensou em protestar, mas ouviu uma voz vindo do corredor. Seu coração gelou e ele torceu para que a pessoa não entrasse ali. Para que ela estivesse indo até a parede da caveira rezar por um antepassado assim como ele fazia com seu pai. Seus olhos não desgrudaram da entrada da sala e se arregalaram quando a figura de Izabel apareceu, tão inesperada quanto um furacão em um dia ensolarado.

— O que você faz aqui... sozinho?

Orfeu ficou boquiaberto, parecendo um idiota. Olhou para onde segundos atrás um homem de capa lhe contava uma história absurda sobre peste e futuro, mas não havia mais nenhum vestígio dele. Poderia cogitar que estava ficando louco se sua mão não segurasse o caderno e a outra um pedaço de papel.

Como ele fez isso?

Não era de admirar que ele passara pelos guardas sem ser notado. Izabel ainda esperava uma resposta, com aquela cara inquisidora. O olhar de Orfeu transitou do bilhete para a mulher e ele deu a resposta mais sincera que poderia dar.

— Escolhas.

Yohan

Apesar de o Dodge Challenger ter feito todo o esforço, eles estavam ofegantes. Nenhuma palavra foi dita durante a fuga. O novato do grupo, um garoto chamado Mordecai, que vestia roupas negras e carregava duas espadas afiadas como a mente de Trapaça, indicou a Dante um caminho livre de bloqueios, como se ele mesmo tivesse colocado cada pedra da cidade.

Certamente morreríamos, pensou Yohan, enquanto serpenteavam pelos prédios como o petróleo nos dutos da refinaria.

Chegaram a um estabelecimento que um dia fora um grande centro comercial. Acima do prédio, havia pelo menos meia dúzia de andares destinados ao estacionamento. Até atingirem a cobertura, onde o sol deixava seus raios descansarem, precisaram contar com os faróis do carro de Dante, que ficara apertado para cinco pessoas e algumas armas.

O veículo parou próximo à beirada da cobertura. Eles desceram e deram alguns passos, um para cada lado. Mordecai foi até a murada e avaliou as ruas abaixo; Dante caminhava em volta do carro, procurando algum dano que poderia ter escapado; Meredith analisava os prédios à volta, na esperança de conseguir enxergar o seu objetivo tão sigiloso; e Yohan não parava de pensar que talvez jamais pegaria seu jipe novamente.

Era um bom jipe.

Míope tinha o olhar perdido no concreto do terraço, os punhos e dentes cerrados. Conteve-se o quanto conseguiu, mas parecia dominado pelo próprio demônio. Com passos rápidos e decididos, ele caminhou até o motorista do grupo. Dante, que parecia já ter nascido dotado de malícia, previu o que estava para acontecer, sacou sua pistola da cintura e apontou para ele.

— Eu espero que você esteja vindo apertar a minha mão por ter salvado sua vida — disse Dante, enquanto encarava o soldado.

— Seu filho da puta! — disparou Míope. — É isso que você é!

Dante apertou os lábios e sacudiu a cabeça em um gesto debochado.

— É bem provável que eu seja mesmo. O que não muda nada.

Míope apontou o indicador para ele.

— Você podia ter salvado ele. Podia ter salvado! Ele ia conseguir. Eu sei que ia!

— É... mas eu estava ocupado salvando o seu maldito rabo — Dante gesticulou com a arma. — Quer saber? Eu não dou a mínima para você! Não sou a porra de

uma babá. Meu trabalho é levar aquela desajuizada onde ela precisa ir. — Apontou para Meredith e logo a encarou. — E você? Qual é a sua? Sair correndo daquele jeito atrás do garoto! Ele salvou a sua vida.

Meredith, que afiava suas facas passando uma lâmina na outra, voltou a atenção ao mercenário com um olhar que mais parecia duas granadas aguardando os segundos derradeiros antes de explodir.

Dante alternava a sua visão entre o soldado que queria lhe enfiar um soco e a assassina que queria matá-lo.

Ele parece ter gosto por problemas.

— O garoto — ela fez questão de enfatizar — foi o mesmo que nos atacou durante a noite. Eu deveria tê-lo deixado atravessar a espada no meio da sua bunda.

Mordecai seguia olhando os prédios mais ao longe. Dante arregalou os olhos.

— Ele o quê?! — olhou para o rapaz. — Ô, cabelo, por que você tentou nos matar!? — voltou a olhar para Meredith. — E por que você não o matou?

— Porque ele conhece a cidade. É melhor que qualquer um dos seus malditos mapas — ela respondeu. — Vai me ajudar a chegar onde quero.

— Estamos perdendo tempo — disse Mordecai, com um pé apoiado sobre a murada, sem tirar o olhar das ruas.

A voz dele veio carregada de tanta seriedade que pareceu colocar algum juízo na cabeça dos três.

— Tudo bem — disse Dante. — Eu vou guardar minha arma, mas quero que saibam que volto a usá-la se achar preciso. E isso é para você, seu filho da puta mal-agradecido!

Meredith deu de ombros; Míope concordou à contragosto e saiu para arejar a cabeça.

Os quatro se reuniram em volta do capô do Dodge Challenger que servia como apoio para o mapa da cidade. Mordecai tomou a frente, indicando com o dedo um ponto a oeste.

— Nós estamos aqui.

Moveu o dedo em uma linha reta até a parte leste do mapa.

— Vocês precisam chegar aqui.

— O que tem aí? — quis saber Yohan.

— Uma base militar — disse Mordecai. — Se essa doença tem uma origem, com certeza está aqui.

Dante inclinou a cabeça para o lado e analisou a distância entre os pontos.

— É perto. Vai ser moleza.

Mordecai sorriu com a afirmação do mercenário e apontou na direção de onde vieram.

— Aquilo que viram lá é uma pequena fração do que está vindo daqui — circulou grande parte da área norte com o dedo. — Se formos rápidos o suficiente, chegaremos até a base sem que nos encontrem, mas não posso dizer o mesmo quanto a voltar. Teremos um grupo vindo do norte e outro vindo do sul, liderados por Wendigo.

— O que você acha? — Dante perguntou para Yohan.

— Eu não posso ir com vocês — decretou.

Dante arqueou as sobrancelhas.

— Como assim, não pode? Se não quiser ir a pé, parece que não tem muita escolha.

— Não estamos aqui para servir de escolta ou apoio — Yohan apontou para a parte sul do mapa. — Tem uma ponte aqui. É por onde eles vão mandar essas coisas para atacar as cidades. Eu vou até lá destruí-la e depois vou procurar por Cisco, Fantasma, Fiapo e pelo que quer que o cientista queira.

Dante olhou para Meredith e de volta para o mecânico.

— Apesar de achar seu ato muito heroico, minha dívida se limita a essa mulher desequilibrada e seja lá o que for que ela veio buscar. Mas... — ele ergueu um dos dedos. — Se essa ponte é uma saída, podemos deixar a cidade por ela e destruí-la durante a passagem.

— Não posso esperar — disse Yohan.

— E eu não posso antecipar — rebateu Dante.

— Eu sei. Vou procurar um carro e fazer ele funcionar — disse o mecânico.

— Boa sorte — disse Mordecai. — A maioria dos carros que tem por aqui eram eletrônicos e não funcionam desde a guerra. Mas se você conseguir consertar, terá muitos deles.

Yohan deu de ombros.

— Deve ter algum carro por aqui que funcione. Deixem um galão de gasolina e eu me viro.

— Tem um jeito — disse Mordecai, levando a mão até o queixo, com ar pensativo. Certo de que havia atraído a atenção de todos, ele seguiu, buscando um ponto específico no centro do mapa. — Tem esse lugar aqui, chamado *Museu do Carro*. Passei por ele uns dias atrás e vi uma placa dizendo que tem várias motos e carros antigos. Pode ser que algum deles funcione.

— Parece bom para mim — disse Yohan.

— Resolvido, então. Você vai com a gente? — Dante perguntou a Mordecai.

— Vou — disse ele com um meio-sorriso. — Algo me diz que o mecânico também vai até a base militar na área leste.

— Por que acha isso? — perguntou Yohan.

— Eu não conheço esses outros que você está procurando, mas tenho certeza de que Cisco está lá.

Será que ele ainda está vivo?

— Primeiro chegamos até o museu. Depois a gente resolve.

Organizaram as armas no porta-malas do carro e se prepararam para a partida. Míope estava mais calmo. Provavelmente a caminhada que havia feito colocara um pouco de juízo na sua cabeça. Yohan estava observando a imensidão da cidade quando Mordecai chegou ao seu lado.

— Ele está vivo. Eu sei que está — disse o garoto.

— Cisco queria tanto se tornar um soldado... — Yohan jogou as palavras ao vento. — Mal sabia ele no que estava se metendo.

— Passamos pouco tempo juntos, mas acho que posso chamá-lo de amigo — o rosto do garoto assumiu um ar melancólico. — Ele se importa com você.

— Ele se importa com muita coisa. Mais do que deveria.

O vento cruzou o topo do prédio, levando até eles um cheiro que misturava poeira, morte e abandono. A cidade permanecia imóvel e paciente e, pelo menos dali, não havia sinal daquelas criaturas.

— Está na hora — decretou Meredith, aproximando-se deles apenas o suficiente para não precisar falar mais alto.

Os dois se olharam.

— Ela também é da Forja? — perguntou Mordecai.

— Nem brinque com uma coisa dessas — disse Yohan.

Os dois riram.

Dante caminhou até eles.

— Ela é boa com lâminas. Eu gostei dela — disse Mordecai.

— Boa até demais. Tome cuidado, garoto — Yohan advertiu. — Basta baixar a guarda para que ela corte nossos pescoços e fique com o carro.

Yohan deixou a beirada do prédio e deu um pequeno tapa nos ombros do garoto, que ficou com um olhar de perplexidade.

— Ela faria isso? — ele perguntou a Dante.

— Uma coisa que você deve aprender sobre as mulheres, meu jovem, é que todas elas prometem que vão matar você. A diferença dessa é que tem adagas e cumpre suas promessas.

Yohan decidiu definitivamente que gostava do rapaz. Dos dois até.

O grupo embarcou no carro. O mais sensato seria Yohan ficar no banco do motorista, mas Meredith não queria abrir mão do “seu” lugar. Dante argumentou sem sucesso e os outros dois, Mordecai e Míope, assistiam aos dois se encararem além da porta aberta e do banco rebatido. Um esperando que o outro entrasse.

Depois do impasse, Yohan entrou no carro, ficando no centro do banco traseiro, fazendo os outros dois se esmagarem contra as janelas.

E eu pensava que Alanna era irritante.

Ele já começava a ter pena de Dante. Por quanto tempo estava carregando aquela coisa miúda e amarga? O motor do carro roncou com vigor e eles deixaram a cobertura. A viagem até o centro da cidade foi aparentemente tranquila. Viram menos de uma dezena daquelas coisas azuis. Mordecai apontava e falava sobre os pontos da cidade, como um guia, e cada palavra animada que ele direcionava ao grupo deixava ainda mais evidente a sua solidão. Ele não apenas gostava de estar perto de pessoas. Ele *precisava* disso.

Não foram poucas as vezes em que ele mencionou seu *mestre*. Curiosamente, toda vez que Dante ouvia essa palavra, seu rosto ficava duro como uma chapa de aço; Yohan conseguia ver pelo espelho retrovisor. Era como se ele quisesse esconder algo, mas Yohan não fazia ideia do quê.

Como pode alguém deixar um garoto sozinho nessa cidade?

— O museu fica a três quarteirões daqui — disse ele, com a cabeça espiando entre os bancos. — Espera!

Dante enfiou o pé no freio, fazendo o carro deslizar os pneus sobre o asfalto, emitindo um som agudo e estridente.

— O que foi?

— Lá — Ele apontou.

Dante se inclinou para a frente e apertou os olhos para tentar enxergar alguma coisa. Apertou tanto que eles se encheram de água. Meredith o encarou com um olhar de desdém.

— Ainda não conseguiu ver?

Dante sorriu de forma forçada e fez uma negativa. Ela abriu a porta do carro.

— Tem mais daquelas coisas vindo.

Meredith desceu.

— Vamos voltar! — disse Dante.

— Eu não vou voltar — rebateu, determinada.

— Merda!

Mordecai atirou o banco para a frente e também saltou do carro. Yohan o acompanhou. O mecânico pediu a chave e pegou algumas armas no porta-malas, dentre elas a sua chave grifo – ela já havia se provado boa em esmagar aquelas coisas. Enquanto ele fazia isso, o garoto repassava as coordenadas até Dante.

— Três quarteirões naquela direção — ele indicou. — Pegue a segunda à direita. Tem uma passagem subterrânea, eu acho. Talvez tenha que contornar o prédio.

— Yohan! — gritou Dante. — Também vai ficar?

O mecânico devolveu-lhe um olhar de seriedade.

— Vá e ache um bom carro para mim.

Enquanto o Dodge Challenger deslizava pelo asfalto, as palavras do Homem de Ferro ecoaram em sua mente.

Destrua a ponte e proteja o garoto. O que mais você quer de mim?

Yohan entregou uma pistola a Mordecai.

— Já usou uma dessas?

Ele afastou a arma com um gesto de mão.

— É muito barulhenta. Só vai atrair mais deles. Acho melhor você usar essa vermelha — Apontou para a chave grifo pendurada nas costas de Yohan com uma bandoleira improvisada com corda. O mecânico concordou e segurou a chave.

Estavam em um cruzamento. Dois vinham cambaleando da rua que levava ao norte da cidade. Mordecai sacou suas espadas, mas foi ela quem atacou. Meredith partiu para cima do primeiro, golpeando com agilidade o torso do infectado. Ele cambaleou para trás e fez uma nova investida. Do seu peito verteu um sangue escuro. A assassina estocou contra a barriga dele e fez uma esquiva com a cabeça. Duas fileiras de dentes pútridos estalaram onde segundos antes o pescoço dela se encontrava.

Ela é rápida.

A espada de Mordecai fatiou o pescoço do infectado como se fosse uma batata cozida além do ponto. A cabeça pendeu e rolou para trás. Ela fez o mesmo com o outro, sem a menor dificuldade.

— Ataque sempre na cabeça. É a forma mais rápida.

— Não preciso que cuide de mim — disse ela, ríspida.

Mordecai sorriu.

— De nada.

Os dois que vinham se tornaram cinco, depois se tornaram vinte e logo a rua estava tomada de um enxame de mordedores azuis. Yohan pendurou a chave nas costas e pegou o rifle de novo. Não estava tão confiante quanto os outros dois, mas usaria apenas em último caso.

— Já matou tantos assim? — perguntou ao garoto.

— Uma vez. Mas temos que afunilar o ataque.

As ruas que se conectavam no cruzamento eram largas demais para realizar seu plano. Talvez em uma viela próxima, mas ela daria em outra rua igualmente larga, permitindo que fossem atacados pelos dois lados. Um grito irrompeu além da horda e eles viram uma figura se materializar no meio dela. Era esquelética em um primeiro momento, mas, conforme avançava, parecia mais ativa.

— Aquilo é o que estou pensando que é? — perguntou Yohan.

— Pode ter certeza — disse Mordecai, com um olhar tenso na direção da criatura.

— Como ele chegou aqui? — quis saber Meredith.

— Wendigo é a coisa mais rápida que eu já vi — disse Mordecai —, e não estamos longe de onde ele nos atacou antes.

— O que é Wendigo, afinal? — ela perguntou.

— É o próprio diabo encarnado — disse Yohan.

Mais um grito da criatura esguia e os infectados partiram para cima deles. Não precisava entender aquela língua distorcida para saber que ele havia ordenado algo como *atacar* ou *acabem com esses filhos da puta*. Uma ave cruzou o céu. Era apenas um ponto branco que contrastava com o azul. Não a teriam visto se ela não tivesse emitido um pio alto o suficiente para subjugar os gritos e grunhidos da horda. Mordecai olhou para ela e depois para os prédios.

— Temos uma chance. Vamos!

Ele puxou Meredith pelo braço com tanta convicção que ela não reclamou. Correram até a entrada da construção da esquina mais próxima. As portas de vidro, até então fechadas, foram rapidamente abertas com o auxílio de uma pedra. A primeira fileira de mordedores estava a não mais que 30 metros quando o rifle de Yohan começou a cuspir uma rajada de balas. Descarregou todo o pente sem perder uma sequer.

A criatura que Mordecai chamava de Wendigo vinha caminhando atrás do grupo, protegido pelos seus peões como um rei no tabuleiro de xadrez. Quando o rifle emitiu um clique, ele entrou no prédio.

Trocou a munição da arma, era a penúltima. Pelo vidro quebrado, ele retardou o ataque tanto quanto pôde, atirando naquelas coisas que vinham aos montes. Como Mordecai tinha falado, a entrada do prédio afunilava o ataque e Yohan pensou por um momento quantas situações dessa ele já deveria ter enfrentado.

Pobre garoto.

Quando sentiu que o rifle ficaria vazio de novo, Yohan começou a andar de costas pelo saguão, para ganhar distância. A arma disparava projéteis pesados contra as criaturas que se atiravam sem qualquer tipo de medo ou cautela. A cada uma que caía, outra surgia, gritando e esbravejando contra ele. Antes de ouvir o clique, Yohan inclinou um pouco a arma, fazendo-a cuspir a granada que ficava na câmara abaixo do cano. A pequena bomba voou até o miolo do grupo, passando pela porta. Derrubou mais três que já haviam entrado no saguão quando a arma emitiu o estalido seco e então ele correu.

Estava no segundo lance de escadas quando a granada explodiu na entrada do prédio. A explosão retumbou por alguns segundos, deu lugar a um breve e esperançoso silêncio, e logo a um estridente e desesperador som de gritos que ecoavam pelo saguão. Quando ele chegou ao terceiro andar, Mordecai e Meredith esperavam atrás de uma mesa de metal que parecia pesar uma tonelada.

— Rápido! — gritou o garoto.

Yohan passou por eles, fez a volta e ajudou a empurrar a mesa. A grande caixa metálica desceu com violência pelos degraus, quicando, raspando e fazendo muito barulho. A escada subia em curvas, como a concha de um caracol. Eles não sabiam o quanto ela seria útil, mas esperavam que fosse o suficiente para retardar o ataque. Um deles surgiu mais embaixo na escada e recebeu a mesa de braços abertos, sendo reduzido a uma massa pútrida misturada com sangue escuro. O móvel sumiu do campo de visão, mas pelo barulho constataram que havia feito mais algumas vítimas.

— Você tem mais alguma dessas? — ele perguntou ao garoto.

— Dois andares acima. Foi tudo o que deu tempo para preparar.

Ele tocou o ombro de Meredith e ela o seguiu, saindo do transe. Mas Yohan percebeu. Aquele olhar... vendo as coisas morrendo. A mulher provavelmente não era só boa em matar; tinha fascínio por isso. Os cantos da boca estavam inclinados, demonstrando uma satisfação perversa. Talvez pudesse ser apenas coisa da sua cabeça. Cisco ou Alanna deduziriam muito melhor, eram bons nisso. Yohan gostava de consertar coisas e aquela cidade precisava desesperadamente disso. Encaixou o último pente na arma e subiu as escadas.

No quinto andar, eles empurraram mais uma mesa, que saiu batendo, girando e esmagando o que encontrou pelo caminho. Por mais que matassem as monstruosidades, a sensação era de que o grupo não diminuía; suas defesas se mostravam tão inúteis quanto tentar parar uma bala com uma placa de isopor. Yohan mandou que subissem e preparassem outras mesas, enquanto retardou o ataque. Gastou metade da munição e os acompanhou.

— Vão! Eu empurro essa!

— Você vai conseguir? — perguntou Mordecai em um lapso de inocência.

Ele apenas sorriu.

— Vão.

Dessa vez eles demoraram mais para chegar. Havia apenas um deles subindo. Gritava e agitava os braços. O mecânico já estava segurando a mesa por baixo, quando desconfiou. Puxou o rifle pendurado nas costas e deu um tiro certo na cabeça do infectado, que explodiu como se fosse um melão. O corpo pendeu para trás e caiu na base da escada. Silêncio.

Cadê os filhos da puta?

Vieram dois agora. Agitados e com pele azulada. Yohan atirou neles também.

Por que estão vindo aos poucos?

— Yohan? — veio o grito lá de cima.

— Fala — ele devolveu.

— Tudo bem aí?

— Eles pararam de vir pelas escadas.

Um breve silêncio indicou que o rapaz estava pensando.

— Estão procurando outra forma de subir! Venha logo!

O mecânico entendeu. Atirou a mesa pelas escadas e correu pelos degraus. Suas pernas começavam a reclamar, mas o fato de querer viver já era um contra-argumento bastante convincente. Ele os encontrou alguns andares acima. O prédio era alto, mas já deviam ter passado da metade.

— Essas coisas pensam? — perguntou Yohan, quando se encontraram.

— Não. Mas alguém pensa por eles.

— Wendigo.

— Wendigo.

O garoto puxou as espadas e fitou Meredith com suas adagas que mais pareciam facas de passar manteiga no pão, se comparadas com as longas lâminas dele. Ele girou uma das lâminas e estendeu o cabo para ela.

— Pegue.

A assassina olhou para o cabo da arma e para ele. Em seus olhos havia um misto de admiração, surpresa e desprezo.

Que mulher mais confusa.

— Eu não quero. Estou bem.

— Não temos tempo! — argumentou o rapaz. — Uma mordida e...

— Você não tem ouvidos? — ela simplesmente perguntou e subiu as escadas.

Mordecai buscou resposta em Yohan, que disse o mesmo que Dante já havia dito. A resposta que parecia contemplar todas as explicações sobre aqueles seres confusos e admiráveis.

— Mulheres — deu de ombros.

Continuaram a subida. Os dois abriam caminho enquanto Yohan cuidava da retaguarda. No final das escadas que chegavam ao décimo andar, ele a ouviu falar.

— Estão vindo de cima!

Como?

Correu para alcançar a dupla e se deparou com as lâminas, curtas e longas, trucidando infectados. A chave grifo batia nas suas costas, informando que estava ali, pedindo para esmagar alguns crânios também. Mas, enquanto houvesse munição, não a usaria.

Da escadaria do andar abaixo vieram grunhidos roucos, como alguém tentando gritar com a língua colada no céu da boca. Estavam mesmo determinados a acabar com eles. Yohan tinha mais uma granada, mas não queria gastá-la com os peões do tabuleiro. Estava guardando para o rei.

— Temos que passar por eles e chegar ao terraço!

Os três partiram em uma investida pelas escadarias dos últimos andares. Mordecai abriu uma trilha com suas lâminas, desmembrando, degolando e atravessando os que cruzavam seu caminho. A assassina retalhava os que ficavam para trás. Yohan acompanhava. Atiraria apenas no que fosse necessário. Os degraus acabaram levando até uma porta metálica que estava trancada.

Yohan ficou vigiando se vinha mais algum ser pelo caminho de sangue e pedaços de corpo que eles haviam deixado, enquanto tentavam abrir a passagem.

— Essa merda está trancada! — gritou Meredith, em meio aos chutes.

Mais deles estavam subindo.

De onde vem tantos?

A esperança era o terraço. O que fariam a partir dali seria um mistério que só o garoto poderia desvendar. Ele jogou o rifle para as costas e correu na direção da porta, golpeando-a com o ombro. A placa metálica se escancarou, deixando a luz do sol se derramar sobre as escadarias. Os três saíram e Yohan fechou a passagem com o peso do corpo. Do outro lado, um deles se atirou contra a folha de metal, emitindo um estalido.

— Procurem algo para trancar isso. Rápido!

Mordecai saiu em busca de qualquer coisa que pudesse ser útil. Meredith apenas varreu o terraço com o olhar.

— Não tem nada aqui. Deixe que venham. Vamos matar cada um deles.

Yohan hesitou, mas o olhar dela era decidido. Mordecai pegou no ar o que estava para acontecer.

— Use isso! — Voltou correndo com uma das espadas erguidas.

Meredith aceitou desta vez. Pegou a espada, deu um giro no ar e testou seu balanço e alcance. Afastou-se alguns passos.

— Vou usar. Abra.

— Cuide dos primeiros. Vou cuidar dos outros — disse Yohan. Atirou a pistola para Mordecai. Ainda não confiava na assassina.

Mordecai encarava ambos, boquiaberto com o plano suicida.

— Eu quis dizer para trancar a p...

Yohan liberou a passagem, que se escancarou novamente. Infectados acessaram o terraço aos tropeções. O primeiro caiu e apoiou as mãos no chão. Antes de se levantar, a cabeça foi separada do pescoço por um golpe preciso.

O mecânico atirou a última granada dentro da passagem de concreto, ela ricocheteou no teto e aterrissou no meio das fileiras duplas de criaturas que subiam empurrando umas às outras. Quando ela explodiu, o estrago foi grande. Pela boca do túnel saiu fumaça, sangue e pedaços de infectado. Os que conseguiram cruzar a porta foram eliminados pela dupla de espadachins. Yohan sorriu satisfeito. Pareciam ter escapado. Pareciam.

Da borda do prédio surgiu aquele ser maldito. Era grande, mesmo para Yohan. Na ponta dos braços, pendiam mãos com grandes garras. Ele parecia bravo. Meredith correu na direção do monstro sem hesitar. Se tinha uma coisa que ele precisava admitir, é que a mulher tinha fibra, tanto quanto Alanna. Talvez até mais.

— Pegue! Preciso ajudá-la — Mordecai atirou a pistola de volta. — Podem sair mais dessa maldita porta.

O garoto correu para apoiá-la na batalha. Yohan guardou a pistola no bolso do macacão e pegou a chave grifo das costas. Meredith foi a primeira a chegar. Esquivou-se das garras que passaram voando logo acima da sua cabeça e golpeou a espada contra o abdômen de Wendigo. Yohan poderia acreditar que vira faíscas surgirem do contato, e as palavras de Isaac começaram a fazer sentido. *“A pele dele é dura como aço, não há bala que possa perfurar ou lâmina que possa cortar. Se as lendas eram reais, apenas o fogo pode matar o Wendigo”*.

Mas onde achamos fogo agora, doutor Isaac?

A criatura sequer sentiu o golpe. Tentou acertar a assassina com as garras em dois ataques desesperados. Mordecai se juntou a ela. Eles circularam o monstro e estudaram seus movimentos. Yohan pensou que uma luta com aquela criatura teria a duração da ignição de um motor — bastaria um golpe daquelas garras para acabar com qualquer um deles.

Mordecai deu um grito e partiu para o ataque. Golpeou as canelas de Wendigo e se abaixou para evitar o revide. Meredith investiu contra a lateral desprotegida do monstro. Ele reagiu a tempo e deu uma bofetada com as costas da mão no peito dela, jogando-a no chão. A mão que a golpeou voltou até o garoto e o agarrou pelo pescoço. Mordecai tentava acertar o braço do Wendigo para se soltar, mas a lâmina apenas deslizava sobre a pele dura da criatura.

Aguente firme, garoto.

Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Wendigo ergueu as garras da outra mão, pronto para o golpe de misericórdia. O garoto o encarava com desespero, como se estivesse vivendo um pesadelo sombrio. A assassina se levantava procurando a espada à sua volta. Yohan sentiu a adrenalina percorrendo todo o corpo, deixando cada músculo mais forte.

A pele pode ser dura, mas por baixo ele deve ter ossos. E osso é osso.

Segurou a chave com ambas as mãos, fez um arco sobre a cabeça e golpeou o joelho de Wendigo com força suficiente para derrubar um prédio inteiro. A perna se dobrou como um arame fino e a criatura desabou antes de poder acertar o garoto. Mordecai foi solto e caiu no chão. Yohan sentiu um alívio. Jamais se perdoaria se falhasse com o Homem de Ferro.

Cuide do garoto.

Da porta surgiram mais infectados. Meredith percebeu que era mais efetiva contra eles e partiu na direção dos mordedores. Wendigo se contorcia no chão, gritando em agonia e agitando os braços na tentativa de acertar quem estivesse por perto. Yohan evitou as garras e golpeou a outra perna, aleijando definitivamente a criatura. Um sangue escuro verteu dos membros esmigalhados, lavando o piso do terraço.

— Está dando certo! — comemorou Mordecai.

Wendigo usou seus braços para se arrastar até a beirada. O desespero tornava-o mais rápido. Tentaram acertar a criatura. Um golpe na cabeça deveria encerrar o caso. Mordecai atacava com a espada por um lado e Yohan descia a pesada chave do outro. Os golpes atingiam apenas as pernas inúteis ou o concreto. Wendigo girou o corpo sobre a beirada do prédio e mergulhou no vazio.

Os dois olharam além da murada, esperando ver aquele monstro transformado em uma coisa achatada lá no chão. Mas Wendigo era inteligente e caiu em um dos patamares das escadas de emergência do último andar. Estava deitado na grade, encarando-os de volta com seus olhos amarelados. Entrou pela janela do prédio e começou a gritar, mas não o grito imponente em tom de desafio que usara outras vezes. Era um grito lamurioso, assustado. A criatura estava *pedindo* ajuda.

— Eu vou até lá matar ele — disse Yohan, preparando-se para descer as escadas. Mordecai o segurou.

— Temos que sair daqui *agora*. Se chegar toda a ajuda que ele está pedindo, não teremos a mínima chance. Precisamos chegar até o museu.

O garoto apontou para uma construção branca mais adiante. As ruas adjacentes do prédio já começavam a se encher de uma horda azul. Comparadas a ela, o grupo que atacara a Forja parecia apenas uma pequena dose de uma garrafa inteira de uísque. Yohan observou com seu coração retumbando dentro do peito. Mordecai estava certo.

— Vamos — concordou.

Entre eles e o museu havia algumas quadras e centenas, talvez milhares, de infectados. Yohan conferiu o pente da pistola. Tudo o que tinham era treze balas, duas espadas, algumas adagas e uma chave grifo.

Dante

Museu, museu, museu... cadê a porra do museu?

Dante atravessou a quadra sem acreditar no que tinha acontecido. Estava tudo certo, convergindo de acordo com seu plano. Chegariam ao museu, todo mundo ganharia seu novo carro-velho e ele sairia daquela cidade maldita na qual havia se enfiado. A situação, que já era ruim, ficaria ainda pior. Mas ele definitivamente não esperava que as coisas chegassem até aquele ponto. Olhou para Míope pelo retrovisor. O soldado estava tão tenso quanto ele, ou mais.

— A gente chega em um cruzamento, aparece um batalhão daquelas coisas e a desmiolada faz o quê? Ela salta da porra do carro! — esticou a mão na direção do para-brisa e sacudiu a cabeça. — Porque é o que se faz quando se vê uma pilha de gente doente querendo matar você. Você salta na direção deles segurando duas facas. Duas facas!

Míope o encarou por um momento e voltou a olhar para a rua. Quando acessaram outro cruzamento, viram mais infectados algumas quadras acima, juntando-se ao grupo para ir na direção dos três. Dante continuou.

— E o garoto é maluco! Ela persegue ele, quase o mata, e ele faz o quê? Salta da porra do carro! Para proteger uma mulher que quer matá-lo. Nem são casados! — ele baixou as sobrancelhas e adotou um tom misterioso na voz, tentando imitar o garoto. — Eu vou te proteger deles enquanto me protejo de você, minha amada.

Dante desviou de uma pilha de destroços. Passaram por um carro carbonizado e uma lixeira derrubada na rua.

— Aí o Yohan, que tem a mão do tamanho de uma pá, em vez de enfiar uma porrada na cara daquela maluca e atirar ela desacordada no porta-malas, faz o quê? Salta. Da porra. Do carro! — ele fez uma voz rouca para imitar o mecânico. — Que belo dia para esmagar umas cabeças, eu estava tão entediado no deserto, trepando com a minha ruiva.

O soldado se agitou no banco traseiro.

— Você nunca cala a boca? — disse Míope.

O mercenário já esperava por uma reação daquelas.

— Não dentro do meu carro. Se está achando ruim, é só descer.

Ele segurou a pistola sob o casaco com a mão esquerda e observou o soldado pelo retrovisor.

Vamos lá! Me dê apenas um motivo pra eu enfiar uma bala na sua cabeça. Um a menos para querer me matar. E um a menos para eu levar. Johnny com certeza agradecerá.

Míope reclamou algo que ele não conseguiu ouvir e se atirou no banco. O som dos disparos do rifle rasgou a atmosfera da Cidade Fantasma. O soldado da Forja se virou para conferir, tentando localizar o som.

— Acha que eles vão conseguir?

— Poderia ter ficado lá para se certificar. Por que não ficou?

— Para ter certeza de que você também não me deixaria para trás. Nenhum de nós.

— Está mentindo para um mentiroso. Você sabe disso, não sabe?

— O que quer dizer? — perguntou Míope, chegando mais perto do banco e trazendo consigo uma cara emburrada.

— Quando se está tempo o suficiente na estrada, você adquire a habilidade de ler um homem pelo olhar.

Dante fez uma curva e entrou na rua onde Mordecai havia indicado.

— Ah, é, sabichão? E o que você *leu*?

— Medo. Você teve medo de descer do carro — Dante viu pelo retrovisor o mesmo olhar de raiva. Apertou a mão de novo em volta da pistola. — Lamento, mas você não vai ganhar uma medalha de bravura quando voltar para casa.

Ele riu, Míope cerrou os dentes e eles ouviram uma explosão. Um baque abafado. A expressão no rosto do soldado passou de raiva para uma aflição crescente. Principalmente depois que eles não ouviram mais nenhum tiro. Apenas gritos agudos e grunhidos de uma multidão esfomeada de criaturas.

— Eles usaram uma granada! Uma granada! Por que o rifle parou? Você está escutando alguma coisa?

— Não se você não calar a boca — Dante rebateu.

Míope estava certo. Uma vez que barulho de tiros era a única forma de o trio dizer *estamos bem*, o silêncio era preocupante.

— Eles ainda têm as espadas — disse Míope retoricamente no banco de trás. — Dever ser isso.

— É, deve ser.

Estão todos mortos, meu chapa. Aceite logo.

Dante viu o museu mais à frente. Era uma construção grande e imponente, com altos pilares que saíam das escadarias para sustentar o teto quadrado. Fora branco um dia, mas a guerra havia lhe roubado a cor, dando uma característica mais suja e decrepita. Um dos pilares estava destruído, mas a construção parecia estar em bom estado. Ele já não sabia se entrava ou fazia meia-volta e saía da cidade.

Como eu vou falar isso para o Apostador? Oi, Apostador! Você não vai acreditar! Estávamos passeando de carro pela cidade e a sua assassina viu uma horda de pessoas homicidas infectadas, virou-se para mim e disse: sabe o que seria uma boa ideia? Provar que eu sou foda, matando toda essa gente com meia dúzia de facas. Vou ali tomar uma mordida e já volto completamente transformada.

— Escute! — disse Míope.

O soldado colou a testa no vidro traseiro.

— Estão vivos! Ouviu isso?

Dante franziu o cenho e ergueu as orelhas, tentando captar o som que o outro afirmava ter escutado. Fechou os olhos e colocou os ouvidos para trabalhar. Algum confronto ainda acontecia duas quadras atrás. Novamente o rifle cuspiu suas balas, mas agora de forma mais tímida. Mais abafada.

— Está escutando? — sussurrou Míope.

— Estou, sim — ele admitiu.

Um pio veio dos céus e os dois procuraram as janelas para ver que tipo de animal sobrevoava aquela cidade. Não havia muito o que ele caçar ali, se carne doente não constava na sua dieta. Era aquela ave pequena que viram quando Mordecai apareceu. Tinha penugem branca e voou na direção do museu, fez uma curva e voltou até o prédio onde os três foram deixados.

Vai embora! Ainda não morremos.

Depois que o pássaro sumiu, Dante engatou a marcha e conduziu Johnny até a construção. A escadaria frontal não deixaria o carro subir. Ele procurou pelas ruas laterais e achou uma rampa de acesso subterrânea, como o garoto havia falado. Mantinha o motor do carro sempre em giro baixo, pois sabia que o ronco poderia atrair mais daquelas coisas. Conferiu se não havia nenhum deles à espreita e desapareceu das ruas.

Após serpentear por corredores escuros, chegaram a um saguão de acesso. A placa dizia que era a área de carregamento. A porta pequena havia sido arrombada e a grande fora aberta por alguém. Conduziu o carro pela imensa passagem e chegaram a um espaço amplo, repleto de caixas e paletes de madeira. Os dois desceram do carro.

— Olha — disse Dante. — Eu quero muito lhe entregar uma arma, mas não posso ignorar sua mágoa repentina. Sem ressentimentos?

O soldado de roupas pretas, botinas e com óculos de lentes grossas sacudiu a cabeça. Dante foi até o porta-malas do carro, pegou uma metralhadora e estendeu uma pistola para ele.

— Vá se ferrar! Uma pistola pra mim e uma metralhadora para você?

— Confiança é como construir um muro, tijolo por tijolo. É pegar ou largar.

Ou você acha que sou otário?

Míope pegou a pistola e conferiu o pente.

— Ei! Eu não sou tão sujo assim — reclamou Dante.

Espero que não descubra que a munição é de festim.

— Já vou te adiantar que o Johnny não funciona sem mim — apontou para o carro. — Me mate e estará a pé, porque o porta-malas também não vai abrir.

— Terminou? — perguntou Míope, abrindo os braços. — Que cara chato!

O soldado reclamou e saiu andando na direção do saguão principal.

Obrigado. Igualmente para você.

Uma cortina vermelha separava-os do saguão principal. O soldado se encostou na parede e fez sinal para que Dante a abrisse. Segurando a metralhadora com uma mão, ele puxou o tecido com outra. O que viu deixou-o com o queixo caído. Havia pelo menos cinco fileiras duplas de carros de todos os tipos, marcas, cores e modelos. A poeira havia reivindicado o museu para si, fazendo-se presente em todo o lugar como uma película fina que cobria os veículos, mas nem isso era capaz de tirar a beleza deles.

— Puta que me pariu — deixou escapar.

Míope entrou depois dele, e, mesmo que o mercenário achasse que não tivesse o mesmo carinho por carros, identificou nele a mesma expressão de admiração.

— Fazia ideia de que tinha isso aqui? — Dante perguntou a ele.

— Nenhuma. E você?

— É a primeira vez que venho para esta cidade.

E a última, se eu sair vivo.

— Será que todos funcionam? — perguntou o soldado.

— Só pegando um pouco de combustível no carro, para saber.

Ouviram um estouro. Míope nem precisou falar nada para saber que haviam usado outra granada. Ainda estavam vivos, ao que tudo indicava. Sem ao menos perceber, Dante estava fazendo uma prece silenciosa para um Deus que nem conhecia.

Se você existe mesmo, por favor, não deixe que nenhum deles morra... mas, se for para morrer um deles, que seja a mulher. Cabelo raspado de um dos lados. Não vá confundir com o garoto, por favor.

— Eu vou buscar o combustível e você procura um carro bom — Dante disse.

— Como vou saber qual carro é bom?

— Acho que Yohan vai querer um conversível rosa... que pergunta mais idiota! Você andou pela cidade. Ache algo que aguente desaforos.

Dante virou as costas e ouviu três disparos da pistola de festim. Girou nos calcanhares e se deparou com o soldado encarando a arma perplexo.

— Parabéns. Nosso muro tinha um tijolo e você conseguiu derrubar — virou-se na direção do carro e seguiu. — Depois me perguntam por que ando sozinho.

— Babaca! — gritou o soldado.

Ainda de costas, Dante ergueu o dedo médio para ele. Então veio o grito. Um longo e angustiante grito invadiu o museu sem pedir licença. Parou por alguns segundos e seguiu novamente, mantendo a frequência e a intensidade. Se Dante soubesse que se tratava de uma pessoa, sentiria pena, mas, sabendo que era de alguma daquelas coisas, só conseguiu sentir desprezo.

Morra em agonia, seu filho da puta.

— Vamos lá — disse ao soldado, tirando-o do transe. — Logo eles vão chegar.

Míope começou a inspecionar os carros enquanto Dante retornava até Johnny para buscar o combustível. Afastou a cortina com as mãos e atravessou a sala cheia de caixas. Quando chegou até o seu Dodge Challenger, ele se deparou com uma cena bizarra. Dentro do seu carro, havia um pássaro gigante tateando o quebra-sol e o painel em busca das chaves. Tinha o bico negro, combinando com a cor da cabeça, e os grandes olhos redondos. Dante arqueou as sobrancelhas e ficou paralisado com o absurdo que estava vendo.

Devo ter comido algo estragado. Acho que aquelas batatas são plantadas onde tem petróleo. Só pode ser isso.

Piscou os olhos duas vezes, mas a figura não desapareceu. Parecia apressada. Ele ergueu a metralhadora na direção do vidro, mas sabia que não poderia atirar. Não contra seu querido Johnny.

Então tá... Lá vamos nós.

— Aí, ô passarinhão! — gritou na direção do carro.

O pássaro gigante virou o bico para ele e, apesar do rosto inexpressivo, parecia estar assustado. Por um segundo Dante se imaginou explicando a situação para o Apostador.

Por que demorei? Você também não vai acreditar! Depois que sua assassina teve seu delírio suicida, eu saí do carro por alguns instantes e um pássaro gigante com corpo humano, ou um humano com cabeça de pássaro, como o senhor preferir, surrupiou furtivamente meu carro. Ai, ai. Não dá para confiar nesses mutantes, né?

Sem perceber, Dante estava sorrindo com a ideia. O pássaro dentro do seu carro, porém, parecia nervoso. Ele ergueu uma das mãos em sua direção, mostrando a palma. Aguardou por uns segundos, mas nada aconteceu. Dante olhou para os lados, além do carro e de volta para ele. A princípio achou que a figura esquisita estava pedindo que não atirasse, mas logo entendeu que ela *pretendia* alguma coisa com aquilo.

— Você solta alguma coisa pela mão? — Ele deu passos cautelosos na direção do carro.

Míope surgiu na cortina, resmungando pela demora. Dante o viu e pediu para esperar com um gesto.

— Vamos combinar assim — gritou para o ladrão. — Você vai sair com calma do meu carro e eu arranjo um milho bem gostoso para você. O que acha?

O pássaro baixou a mão que subiu segurando um rifle. A ponta do bico se mantinha fixa na direção dele. Quando o mercenário viu a arma, sentiu um arrepio na espinha, mas tentou não demonstrar isso na voz.

Esse filho da puta ainda tem uma arma. Que cidade maluca! O que foi que eu perdi?

— Não! — Dante gritou. — Passarinho mau! Solta isso!

Fez um movimento mais incisivo com a arma, deixando claro que ele atiraria, mesmo que isso fosse mentira. Dante já estava na frente do carro, dando um passo de cada vez. Não queria atirar contra Johnny, mas não hesitaria se fosse necessário. Tocou o capô com uma das mãos, como um pedido antecipado de desculpas. O grande pássaro baixou a arma lentamente, ergueu as duas mãos em sinal de rendição e levou-as até a nuca.

— Você entende o que eu falo?

O pássaro sacudiu o grande bico em uma afirmativa.

— Atira a arma para longe e saia do carro.

O pássaro ladrão obedeceu. Atirou o rifle a uns dois metros de distância e saiu com as mãos erguidas. Usava uma roupa preta, da cor da máscara. As mãos eram humanas, apesar de estarem usando luvas, e duas botinas de couro revestiam os pés. Ele já imaginava do que se tratava, mas só então teve a certeza de que era uma máscara.

— Tá legal, urubuzão, vai tirando isso da cabeça ou eu te pico todinho.

O intruso levou os dedos até a nuca e puxou a máscara, revelando um homem magro, com aspecto zangado. Sua cabeça era redonda e tinha pouco cabelo. Usava uma barba rala abaixo das sobrancelhas sempre arqueadas, como se ficasse bravo a cada vez que os pulmões bombeavam ar.

— Por favor, não atire — disse o homem, com suas mãos acompanhando as palavras cautelosas. — Eu posso explicar.

Dante atirou a metralhadora por cima do ombro. Já não havia motivos para usar a arma, pelo menos era o que esperava.

— Se acalme, Cisco. Vai ficar tudo bem.

O homem-pássaro não conseguiu esconder sua incredulidade. Parecia emocionado até.

— Co-como sabe meu nome? — A palavra quase lhe escapou.

O guincho da criatura diminuía, mas ainda não tinha parado.

— É uma longa história e tempo é tudo o que não temos — disse enquanto abria o capô. — Para resumir tudo: estamos do mesmo lado, tem um punhado de gente tentando nos matar e precisamos fazer um carro funcionar.

Dante sorriu, entregou o galão de combustível para o soldado e ambos caminharam na direção do salão. O mercenário *insistiu* que ele fosse na frente. Cisco parecia mais desconfiado do que um rato fazendo amizade com um gato. Passaram pela cortina e Míope o recebeu com um cumprimento.

— Cisco! Achei que estivesse morto!

— Não tão fácil — ele respondeu. — Como estão os outros?

— Pergunte ao Yohan quando chegarem.

— Yohan está aqui?!

Ele parou no meio do primeiro corredor. À direita, a fileira exibia carros monocromáticos de modelos arredondados e luxuosos. A placa indicava que foram usados em um período ainda anterior à guerra. À esquerda, os carros eram maiores e mais angulosos, com suas carrocerias divididas em duas cores, com uma terceira formando uma linha central. Dante não percebeu, mas a pergunta era mais para ele do que para o soldado. Deu de ombros.

— Longa história, pouco tempo... lembra?

— Onde estão?

Míope ia responder, mas Dante se antecipou.

— Sabe aquele dia em que você acorda pensando “que dia lindo para morrer”? Temos três pessoas que acordaram nesse dia.

— Tem mais irmãos de ferro com ele?

— Não, não — disse Dante. — Yohan está acompanhado de uma assassina desequilibrada com adagas e de um garoto cabeludo com duas espadas e uma motivação duvidosa.

— Mordecai! — o rosto de Cisco se iluminou. — Mas quem é a mulher?

— Alguém que você não vai querer conhecer. Sério. Evite falar com ela e, se puder, nem a encare diretamente nos olhos.

Cisco buscou confirmação em Míope, que balançou a cabeça. Voltaram a caminhar entre as fileiras de veículos antigos. Alguns dos pequenos patamares, onde deveria haver mais de uma tonelada de metal sobre quatro rodas, estavam vazios. Dante transitava de uma placa para outra, interessado na história de cada um deles. Prometeu a si mesmo que um dia voltaria para ver com calma, quando os mordedores tivessem partido.

Museu... isso aqui deveria se chamar de santuário.

Estava quase passando por uma das placas quando ele parou. O pé que daria o próximo passo ficou no ar e de repente retrocedeu. Os homens da Forja pararam

para encará-lo e Dante fez um aceno para que seguissem.

Estou vendo direito?

A placa tinha o desenho de um carro perfeito. O mais perfeito carro que deveria existir, Dante poderia comprovar agora, vendo tantos outros modelos já criados pelo homem. Foi como ver a foto de um velho amigo. Ele tocou a figura do carro e leu a placa.

Dodge Challenger, 1970. Então foi daqui que você veio!

Toda a história do seu Johnny, seu querido Dodge Challenger, estava ali, cravada naquela placa. Se em muito tempo Dante não havia sentido emoção, agora seu corpo todo tremia em uma felicidade que ele simplesmente não conseguia explicar. Arrancou a placa do pedestal para mostrar a Johnny.

Como se ele não soubesse de onde veio.

Dante voltou até o seu parceiro, esperando que mais ninguém estivesse tentando roubá-lo. Largou a placa no porta-malas para conhecer depois a história de seu tão amado Dodge Challenger. Sorriu e se reagrupou com os soldados da Forja.

Ambos estavam em uma área dedicada a carros militares. Tinha jipes, motos, caminhões e até alguns acessórios usados na época da guerra. Mas não da Grande Guerra, e sim de uma guerra anterior, ainda mais antiga. Havia fuzis gigantes, armas longas para abater aviões, morteiros e muitas outras coisas de soldado, cobertas com manchas verdes e marrons de vários tons.

Míope e Cisco avaliavam um jipe que tinha um reboque com uma grande metralhadora giratória. Um estava dentro do carro enquanto o outro manuseava a arma com ambas as mãos. O soldado de óculos o avistou e saltou de dentro do jipe.

— Esse é perfeito! Podemos fugir enquanto atiramos neles.

Dante fechou a boca e deixou seus olhos passearem pelo veículo. Parecia inteiro ainda.

— Seu plano vai muito bem, até então. Mas e se a metralhadora falhar? Ou se essa merda virar na estrada? Vai levá-la de arrasto?

Míope abriu a boca fazendo uma cara de idiota com a pergunta. Realmente aquilo era algo que não lhe ocorrera.

— Uma coisa de cada vez — disse Cisco, soltando a metralhadora. — Primeiro vamos ver se o jipe funciona.

Perderam algum tempo procurando as chaves por todo o museu. Foram encontrá-las em uma das salas de administração. Havia um painel com tantos ganchos para chaves quanto carros no museu, mas apenas uma delas jazia pendurada. Dante a levou até o jipe. Era a própria. Retiraram a tampa do tanque. Parecia vazio. Despejaram um pouco de combustível: um quarto do galão apenas, para o caso de o carro não funcionar e precisarem tentar outro. Dante se sentou no

banco para testar a chave, colocou-a na ignição e viu o metal deslizar suavemente para dentro da fechadura. Foi impossível não se lembrar de Becca.

Vamos lá... hora da verdade.

Ele deu a partida. O jipe tossiu como um velho reumático e se negou a funcionar.

Funciona, seu bostinha!

Bateu arranque novamente e nada aconteceu. Dante baixou a cabeça, repousando a testa no braço sobre o volante. Na rua, o som aumentava. Passos se misturavam com grunhidos e, no fundo, bem lá no fundo, como se estivesse vindo da Forja, aquele grito agudo e insistente ainda ecoava. Ele soltou um suspiro cansado.

Eu não tenho lugar para mais cinco pessoas. Muito menos quero ficar com elas no meu carro. Colabora, vai?

Quando ergueu a cabeça, um sorriso se desenhou em seu rosto. Não de alívio, mas de felicidade mesmo. Yohan, Mordecai e Meredith cruzavam através dos carros, como soldados retornando da guerra. Ele e os homens da Forja correram até os três. Mordecai sorriu de volta, Yohan ficou mais feliz ainda e Meredith se limitou a revirar os olhos. Cisco deu um abraço no maior e depois no garoto.

— Você está um lixo — Cisco disse para Yohan.

— Você está um lixo também. A mesma coisa de quando saiu de lá.

— Acharam algum carro? — Meredith atravessou a conversa como uma bala.

— Achamos vários — riu Dante, esticando os braços na direção da fileira.

— Algum que funcione, idiota!

— Tem um bom jipe aqui, mas não conseguimos dar a partida — disse Dante para o mecânico. — Talvez você consiga fazer funcionar, melhor mecânico do Pós-Guerra. Por aqui.

Enquanto caminhava, o grupo colocava os assuntos em dia. Yohan estava receoso sobre o carro estar parado por tanto tempo. Óleo estragado, bicos trancados, fios rompidos e ferrugem eram alguns dos primeiros problemas que o mecânico mencionou sem nem pensar muito.

— Mas vou tentar — disse Yohan com um sorriso cansado, como se pudesse anular a tonelada de objeções.

Obrigado, mecânico. Agora você me deu esperança.

Mais atrás, Cisco e Mordecai conversavam animados como dois colegas depois das férias de verão. Meredith estava impaciente, nada fora do normal. Dos três, ela era a única que não apresentava um aspecto deplorável. O garoto estava com a roupa puída, mas isso parecia fazer parte dele. O mecânico estava encharcado de suor e com cara de poucos amigos.

Chegaram ao jipe. Yohan fez uma rápida inspeção no veículo, pediu que Dante desse a partida e avaliou o barulho atrofiado do motor.

— Não está funcionando — disse ele. Antes que a boca de Dante disparasse o deboche que sua mente havia preparado em milésimos de segundo, Yohan completou. — Mas pode funcionar.

— De que precisa? — perguntou Dante, interessado.

— Tudo o que não temos... — disse o mecânico. Dante imaginou ferramentas, óleo, um motor novo, mas a resposta que ele deu realmente o pegou. — Tempo. Estão chegando milhares deles, por todas as ruas. É possível que estejamos cercados agora mesmo.

— Falando nisso, como conseguiu escapar deles? — perguntou Mordecai a Cisco.

— Com isto — ele pegou a máscara em um canto e mostrou-a para Mordecai.

— O que ela faz? — quis saber Dante.

Além de deixar a pessoa com uma cara ridícula.

— Pode controlar eles! — disse Cisco. — Eu não sei como funciona, mas não me atacaram enquanto eu usava.

— Caminhou no meio deles? — perguntou Mordecai, animado.

— Você acha que sou louco? — defendeu-se Cisco. — Jamais vou ficar cara a cara com essas coisas.

O grito da criatura ficou mais alto, como uma sirene infernal. Dante viu naquela máscara a oportunidade que tinha de sair logo daquele inferno.

— Temos de levar essa máscara para Isaac! Ele pode achar um jeito de fazer ela funcionar.

Meredith deu um passo na direção do pequeno grupo.

— Fiquem à vontade para ir embora. Eu só preciso de um carro. Pode até ser uma moto.

— Não seja idiota! — bradou Dante. — Viu o que aconteceu com seu lapso de heroísmo. Se estamos fodidos, é por sua causa!

Ela tinha as pontas das sobrancelhas tão arqueadas que pareciam tocar o fino nariz. Puxou uma das suas facas malditas, segurando-a firme nas mãos.

— Se está com medo de ir, então não se meta nos meus negócios — ela se virou para Yohan. — Pode fazer uma moto funcionar?

— Eu vou com você — declarou o mecânico de forma surpreendente. — Não teremos carros, nem combustível para todo mundo. Você pega o que precisa e de lá vamos para a ponte.

— Você vem com a gente — disse ela para Mordecai em tom de comando.

O garoto hesitou, mas estava resignado a ajudá-la.

— Eu não sei como vamos chegar até lá com tantos infectados nas ruas.

Como um jogador de xadrez, Dante pegou as peças que tinha nas mãos e montou sua estratégia. Se tudo desse certo, ele se livraria da assassina e daquela maldita

cidade ao mesmo tempo. A ideia que Míope havia sugerido antes não parecia tão absurda agora. Só precisava de uma pequena alteração.

— Com distração. Eu tenho um plano — anunciou. Depois que se certificou de ter todos os olhares em si, ele seguiu. — Você veio da base militar, não foi? — perguntou a Cisco, que confirmou com a cabeça. — Sabe voltar para lá?

— Eu não quero voltar para aquele inferno!

Cagão.

— Mas sabe ou não sabe?

— Claro que sei.

— Então faremos assim: o garoto e eu vamos distrair esse batalhão de infectados com o Johnny, levando eles para o outro lado da cidade; Meredith, Yohan e Cisco vão até a base militar e depois destroem a ponte; o nosso amigo bravura indômita ali segue a oeste e leva a máscara para o doutor Isaac. Se alguém tem um plano melhor, agora é a hora. Não vai demorar para que entrem aqui.

Míope cruzou os braços e fez uma cara de desagrado com o apelido, mas Dante sabia que ele estava feliz com o plano. Ouviram um grupo passando do lado de fora do museu. Eles observaram as duas entradas. Mordecai levou a mão até as espadas instintivamente, mas não puxou nenhuma delas.

Quem cala, consente.

— De quanto tempo você precisa? — perguntou Dante, entendendo que haviam entrado em um acordo.

— Uma hora, talvez menos.

— Posso te pedir uma última coisa? — Dante perguntou ao mecânico.

Yohan ergueu as sobrancelhas, aparentemente sem saber que pedido receberia. Dante atirou seu olhar até a traseira do jipe, onde estava o reboque com a metralhadora giratória.

— Consegue instalar um acessório no meu carro?

— Você quer usar isso? Eu nem sei se funciona — a mecânico saltou para cima do reboque e começou a inspecionar a grande arma. — Está desativada. Tem um chicote elétrico descendo do manete, parece que usa algum tipo de...

— Bateria?! — Dante abriu os braços, chocado.

Estou começando a ter medo do Corvo. Vou perguntar a ele se Becca fica comigo no futuro.

— Sim! — confirmou o mecânico, lembrando-se das baterias.

— Tenho exatamente o que é preciso para nos tirar desse inferno.

Alan

– Vai! Vai! Vai! — gritou Fox, correndo entre as árvores.

A floresta era densa, difícil de trilhar. Entre um tronco e outro, parecia haver apenas o espaço necessário para uma pessoa. Alan parou no meio da corrida e apontou a carabina para trás. Três deles reclamavam no seu dialeto desfigurado, serpenteando entre as árvores. Seria difícil acertar um tiro com tanta madeira entre eles, então Alan desistiu e voltou a correr. Mais à frente, o sol já conseguia penetrar na floresta, indicando o fim dela, ou pelo menos uma clareira.

A mulher parou de repente.

— São apenas três?

— Não estou vendo mais — disse Alan.

Os infectados estavam a menos de 20 metros. Ela puxou suas pistolas e avançou na direção das criaturas. Esperou atrás de um dos troncos, fez um giro e acertou a primeira na cabeça. O infectado caiu morto, o som do tiro ecoou pela floresta fazendo com que um bando de pássaros saísse voando desesperado das árvores. Alan observou as aves e voltou a atenção para Fox novamente.

O segundo gritou e acelerou o passo. Chegou até ela e deu um bote certo, como uma cobra prestes a abater um coelho. Fox rolou no solo alaranjado, coberto de folhas ressecadas, e atirou no infectado que passava voando por cima dela. Seu agressor caiu na relva, mas logo se levantou. Os tiros perfuraram ombro e pescoço, fazendo-o sangrar muito, mas não a ponto de desistir. Ela completou o serviço botando mais uma bala na cabeça dele. Pressentiu que o terceiro estava quase alcançando. Fez o giro o mais rápido que pôde e teve tempo apenas de vê-lo cair no meio da relva com um buraco na testa. Virou o pescoço e se deparou com Alan segurando a carabina apontada em sua direção. De onde ele estava, quase não tinha ângulo para acertar a coisa. Um pouco mais para a esquerda e era ela quem estaria morta agora.

Fox passou por ele e deu-lhe dois tapas no ombro.

— Bom trabalho.

Caminharam até o final da floresta e se depararam com uma casa em meio ao descampado. Era uma bela casa de madeira, com uma grande varanda e várias janelas, acompanhada de um silo e um grande estábulo. A floresta a cercava como uma mãe protetora. Havia uma pequena plantação em frente à casa, erguendo seus

caules já meio ressecados de milho. Fox semicerrou os olhos para analisar mais além.

— Que falta faz o meu binóculo — reclamou.

Alan não disse nada porque sabia que ela estava apenas pensando alto, como gostava de fazer com frequência. Em pouco tempo com ela, aprendera que algumas poucas atitudes já o poupariam de vários sermões desnecessários.

— Está vendo alguma coisa? — ela perguntou.

Ele apertou seus olhos até a visão se tornar uma imagem embaçada. A casa transmitia uma aura pacífica. A brisa balançava o topo das árvores e descia para acariciar a grama alta.

— Não vejo nada.

— Ótimo — disse ela, já impaciente com a demora de sua resposta. — Vamos lá então.

— Por que quer ir lá?

— Pode ter cavalos, comida, qualquer coisa.

— Não parece ter cavalos. Eles reagiriam ao tiro.

— Podem estar amarrados.

— E se nos encurralarem lá?

— Seguimos pela floresta.

— E se estiverem por todos os lados só esperando que a gente chegue?

Fox torceu o nariz, saturada de tantas objeções.

— Você é sempre assim? — ela perguntou.

— Cuidadoso?

— Não! Um saco mesmo.

Ela deixou a proteção da floresta e começou a trilhar a grama alta. Alan avaliou ao redor e seguiu atrás dela.

Isso não vai dar certo.

A verdade era que aquele lugar lembrava muito a sua casa. Seu peito começou a palpitar e seu estômago se revirou algumas vezes. Na sua frente, a mercenária seguia ativa com passos intercalados que lhe conferiam um caminhar sedutor. O quadril dançava de um lado para o outro e foi algo que Alan não conseguiu ignorar.

— Psiu — ela chamou. Ele ergueu a cabeça e seu olhar se encontrou com o par de amêndoas no meio do rosto bonito. — Olhe para o caminho, garoto da fazenda — disse ela com um sorriso debochado, quase provocativo.

O rosto de Alan se incendiou. Completou o trajeto entre a casa e a floresta com a cabeça baixa. Estavam quase chegando ao estábulo quando a voz dela ecoou em seus ouvidos novamente.

— Estamos muito longe da Fortaleza de Vidro?

— Não. Acredito que ela esteja além dessa floresta.

— Ótimo. Precisamos chegar antes deles. Se os putos não estivessem indo pela estrada, já teríamos chegado.

— Não sei, não — disse Alan. — Eles vão dar uma volta grande contornando a floresta. Fora que tem mais duas cidades pelo caminho antes de chegarem até o Chacal.

Fox colou a orelha na parede do estábulo. Os olhos apontavam para o céu enquanto ela tentava captar algum som.

— Essas duas cidades são grandes?

— Não — disse Alan. — Menos da metade de onde estávamos.

— Espera! — disse ela, pedindo silêncio subitamente. Logo depois soltou um sorriso, o que era raro de se ver. — Venha! — Ela contornou o estábulo e Alan a seguiu.

A grande porta, feita por duas folhas de madeira, estava aberta. A tramela jazia coberta de sangue e um rastro havia sido feito na altura da cintura de uma pessoa. Eles olharam para a serragem que forrava o chão do estábulo. Uma trilha mais espessa do líquido conduzia até um corpo estirado no chão com uma forquilha enfiada na cabeça. Na frente do corpo, um cavalo se agitava dentro de uma das baias.

— O que acha que aconteceu? — perguntou Alan, imaginando a cena. Por um momento, considerou se uma pessoa faria o mesmo se chegasse à casa dos seus pais.

— Que diferença faz agora? — perguntou Fox dando de ombros. — Está lá o seu cavalo.

— Você quer que eu tire ele de lá?

Ela abaixou as sobrancelhas e fez um bico com a boca.

— Por que acha que eu te trouxe? Anda logo!

Alan atravessou o estábulo, cutucou o corpo caído com o pé e entrou na baia para acalmar o cavalo. O animal sapateava e se mexia, alarmado pelo cheiro do sangue, mas aparentemente era um bom cavalo. Ele o conduziu para fora, deu comida e água e o deixou amarrado enquanto buscava a sela. Fox foi até a casa para ver se havia algo que pudessem comer. Quando ela voltou, o cavalo já estava pronto para a partida. Não havia sinal dos seus perseguidores ao longo da floresta.

— Sabe o que não entendo? — perguntou Alan, reflexivo. — Se ele quer chegar logo até a Fortaleza de Vidro, por que não ordenar que corram?

— Provavelmente se dispersariam — disse ela. — Eles correm apenas quando ficam agressivos. Se atacar um deles ou com algum comando.

Alan ergueu as sobrancelhas.

— Conseguiu algo? — apontou com a cabeça para a sacola que ela trazia.

— Algumas frutas... *milho*... nada de especial, mas pelo menos não vamos morrer de fome.

Ele subiu no cavalo e esticou a mão para ela. Fox se sentou atrás dele, envolvendo seu tronco com um abraço inesperado para logo depois encaixar o corpo dela ao seu. Os peitos tocavam suas costas e as pernas se escoravam em suas nádegas. Ela era quente e tinha um cheiro bom que deixava Alan em estado de alerta. Cada músculo seu estava arrepiado, e por um momento ele agradeceu por não estar atrás, pois ela certamente notaria e ele certamente apanharia. Sentia-se um idiota como um garoto falando pela primeira vez com uma menina da qual gostava.

Fox encostou o queixo no ombro dele.

— Quando quiser, caubói.

Alan deu um pulo na cela. Aquela voz felina entrou em seus ouvidos suave como se fosse feita de mel. Ele agitou as rédeas e colocou o cavalo em movimento, confuso com o que estava sentindo. Seguiram a trilha sinuosa que atravessava a floresta. Encontraram alguns vestígios de uma fuga desesperada. Dois infectados, mortos com arma de fogo, e uma mulher encostada em uma árvore, com um revólver na mão e um buraco na nuca. Fox desceu do cavalo, pegou o revólver e subiu novamente. Desceram a colina e chegaram a uma estrada mais larga e feita de asfalto. Contornaram os carros destruídos pela guerra até se depararem com o seu destino.

— É aqui?

— É aqui.

Aquilo não se parecia de fato com uma cidade. Era cercada por muros altos de concreto sólido, cobertos de sentinelas caminhando de um lado para outro. A única construção que se conseguia enxergar além dele era um prédio muito alto coberto de placas de vidro até o topo. Alan nunca tinha visto tão de perto, mas achou que o nome fazia sentido. Bateu com os calcanhares na barriga do cavalo e seguiram até o portão.

Espero que não atirem em nós.

Chegaram mais perto e pelo menos uma dúzia de fuzis foram apontados para os dois. Um dos sentinelas, logo acima da guarnição de ferro, gritou para eles.

— Quem são vocês e o que querem aqui?

Fox desceu do cavalo, ignorando a mira das armas que a acompanhavam.

— Viemos para falar com o Chacal — ela gritou de volta.

— Ele não está atendendo ninguém! Vão embora!

Sentado no cavalo, Alan observou os guardas sobre os muros. Eles hesitavam, estavam nervosos, com os olhos nas miras e dedos no guarda-mato. Mesmo sentindo que algo poderia dar errado, Alan deu um voto de confiança para Fox e

ficou calado. A mulher agia como se nada pudesse dar errado na sua vida e isso o deixava com um sentimento misto de medo e admiração.

— Pois diga a ele que o Corvo nos enviou — ela disse. — Tenho certeza de que ele vai nos atender.

Os sentinelas se olharam e Alan percebeu que a expressão em seus rostos mudara completamente, como se aquele nome evocasse seus piores pesadelos. O homem que falou com eles sumiu da murada. Um curto espaço de tempo se passou até que o portão de metal se abriu e um pequeno grupo de soldados caminhou até eles, empunhando armas em uma calorosa recepção. Alan desceu do cavalo e o entregou a um dos homens contra sua vontade. Foram revistados e tiveram suas armas confiscadas. Ele não gostou de se desfazer da sua carabina tanto quanto ela não gostou de se desfazer das pistolas, mas aqueles muros imensos pareciam oferecer uma proteção bem maior que três armas praticamente sem balas.

— Por aqui — indicou o guarda.

Quando cruzaram o portão, viram que existia bem mais do que apenas uma torre de vidro dentro dos muros. A cidade era grande e parecia ainda mais imponente, cercada por pequenos prédios que reforçavam o contraste. Os soldados formaram uma escolta em volta dos dois, reunindo vários pares de olhos curiosos. A vida fluía normalmente na Fortaleza de Vidro e isso deixou Alan aliviado e preocupado ao mesmo tempo. Se tivesse sido avisado a tempo, talvez pudesse ter salvado Dorothy e Joe.

Temos que avisar essas pessoas.

Fox caminhava com um sorriso satisfeito, como se soubesse o valor de cada carta antes de comprar do baralho. Ela apostava alto, sem medo de perder. Alan não sabia o que seria feito com eles, mas queria estar perto dela, independentemente do que acontecesse.

Antes de chegarem ao centro da cidade, foram conduzidos por uma rua lateral, até uma grande construção. As portas exibiam grossas grades de ferro. Alan hesitou até sentir o cano do rifle cutucando suas costas. Fox sequer diminuiu o passo, parecia feliz em ser presa, ou pelo menos já imaginava o procedimento da cidade do Chacal.

Várias salas serviam como prisão, mas apenas uma delas tinha um homem deitado na cama improvisada com tábua e metade de um colchão. Os guardas conduziram os dois até as últimas celas, abriram duas delas e mandaram que eles entrassem. Fox foi primeiro e Alan encarou o soldado que o empurrava, querendo muito lhe dar um soco na cara. O homem pareceu ler suas intenções, ergueu ainda mais a arma e apontou o centro da cela com a cabeça.

— Quando Chacal virá nos ver? — perguntou Fox.

— Quando ele quiser — disse o soldado, girando a chave para trancá-los.

— Quero falar com ele agora!

— Fique aí e cale a boca! — disse o soldado em um tom de escárnio. — Ou deixarei que os rapazes se divirtam com você.

— Vá se ferrar, seu idiota! — gritou Alan agarrado nas grades da cela ao lado. De repente ele arregalou os olhos, surpreso com as palavras que haviam saído da sua boca.

O soldado apareceu para ele com uma cara de puro deboche.

— Ah! Então ela é sua namorada? — ele riu e apontou a cela vazia na sua frente. — Não se preocupe, usaremos aquela. Assim pode ver o quanto vamos tratar ela bem.

— Você não está entendendo, seu idiota — disse Fox. — Antes do anoitecer, vocês estarão cercados de aberrações. Se não estiverem preparados, a cidade toda vai sucumbir. O Chacal precisa saber disso!

O soldado encarou-a com ar de dúvida, mas logo deu uma gargalhada.

— Aberrações? — deixou a palavra no ar. — O sol fritou os seus miolos, se é que tem alguma coisa aí dentro.

— Eu falo sério! — ela protestou, mas já era tarde.

O homem havia saído, deixando os dois trancados. Se não conseguissem avisar o Chacal, era questão de tempo até que povo daquela cidade adquirisse uma coloração azul e uma vontade insaciável de morder carne humana.

Está tudo acabado.

Alan se escorou na parede e deixou o corpo deslizar até o chão. Abraçou as pernas e enterrou o rosto nos joelhos.

— Não preciso que você me proteja — disse Fox da outra cela. — Mas obrigada.

Ele sorriu, feliz pelo fato de a parede separar os dois. Não queria que ela visse sua cara de idiota.

— E agora, o que faremos? — perguntou.

— Esperamos — disse ela. — Aproveite a cama e descanse um pouco, você tem que estar inteiro para mais tarde.

— O que acontece mais tarde?

— Vamos acabar com aquele desgraçado.

Alan saboreou uma confiança que havia tempos não provava. De repente, ele tinha a certeza de que venceriam e entendeu por que tantos homens a seguiam. Ela despertava uma chama no íntimo de cada um deles, aquele fogo que faz qualquer um se sentir vivo. Por um momento desejou que seus pais conhecessem aquela mulher e, apesar do cabelo, das roupas despojadas e do linguajar seco e objetivo, achava que poderiam gostar dela. Foi logo antes de adormecer, pensando em cada

detalhe da mulher do outro lado da parede, que ele percebeu um fato incontestável. Estava apaixonado.

Ethan

A montanha se erguia à sua frente. Toneladas de rocha maciça constituíam o muro montanhoso que separava a floresta do mundo real. O pequeno desfiladeiro conduzia até a entrada da caverna, que tinha a altura de três homens. Uma névoa rarefeita, vinda da segunda cachoeira, adentrava a falha na pedra, dando um ar mágico ao lugar. Em ambos os lados, tochas ardiam com um fogo tímido tremeluzindo conforme o vento avançava contra a grande parede.

Ele avançou pelo desfiladeiro com passos hesitantes. Estava tão exausto quanto determinado. Quantos dias passara caminhando por ali? Seu corpo implorava por repouso e sua mente sofria para montar o quebra-cabeças com as informações havia recebido. Era muita coisa para absorver em tão pouco tempo, mas ele não saberia dizer do quanto precisaria. Talvez o resto de sua vida não seria o suficiente.

Tempo é algo que não temos.

Acariciou a parede áspera enquanto entrava na caverna. Sentiu uma energia fluir dela para o seu corpo. Da rocha, da água, da vida. Era como se pudesse sentir toda a floresta, como se pudesse fazer parte dela. Ele desfez o contato e observou sua mão. Mesmo que não pudesse ver, sentia a onda de energia que estava ali. A fenda era um corredor que se estendia até o ventre da montanha, mergulhado na mais completa escuridão. Ethan voltou até a entrada e tomou emprestada uma das tochas, mas, quando cruzou o limiar, o fogo se extinguiu. Saiu novamente para pegar a chama do outro lado e, ao fazer isso, o fogo misteriosamente retornou. Repetiu o movimento e entendeu que curiosamente não poderia usar a tocha, devolvendo-a para o seu lugar. Encarou as trevas do túnel rochoso e entrou.

Aos poucos, sua visão foi se adaptando ao ambiente sombrio. Era frio e úmido ali dentro, mas estranhamente confortável. A bruma alva criava um tapete que envolvia os seus pés, dando certa sensação de aconchego. O silêncio era quase absoluto, se não fosse pela cachoeira cumprindo o seu curso lá fora, ou pelas gotas que caíam de tempos em tempos das estalactites. Ambos os sons agradáveis aos ouvidos. Sob seus pés, o terreno maciço e irregular fez da parede um apoio necessário. Um fio de luz vertical se desenhava mais à frente, rompendo a escuridão como um lapso divino de esperança.

O túnel se abriu para um amplo salão. Um imenso domo rochoso que correspondia à imponência da montanha. O feixe de luz descia do teto, como um

raio solitário de sol, iluminando um objeto em uma espécie de patamar elevado em forma de círculo. Ethan foi chegando mais perto, conferindo o perímetro para garantir que estava só. No centro da caverna, havia um pedestal que se erguia até a altura da cintura, sustentando um objeto fino. A iluminação ofendeu suas pupilas dilatadas, fazendo com que ele semicerrasse os olhos. Apenas quando estava a um passo que entendeu do que se tratava.

Uma espada.

Embaixo dela, havia algo dobrado, como um manto. Levou as duas mãos por baixo da bainha e suspendeu a arma do suporte. Olhou para o teto da caverna, receoso de que algo ruim pudesse acontecer. Apenas o silêncio, o mais profundo silêncio, como se o tempo tivesse parado.

— Sabia que chegaria até aqui — disse aquela maldita e conhecida voz.

Ethan se virou para encarar a silhueta escura, beneficiada pelo breu da caverna.

— Como você está aqui se não ativei o seu dispositivo?

— Prometi que estaria aqui, não prometi?

— Isso não passa de uma ilusão, como foram todas as outras.

Corvo deu uma risada abafada e começou a caminhar em volta dele.

— Tem certeza? Você acha que tudo até aqui foi mera ilusão?

— Olivia está morta. A morte não é real. Você não é real.

Ethan pegou uma pedra e atirou contra ele, certo de que veria o objeto atravessá-lo. Mas, em vez disso, Corvo esticou o braço e segurou a pedra no ar. Parou de caminhar e encarou-o de volta.

— Ainda acha que eu sou uma ilusão?

O coração de Ethan se encheu de adrenalina, bombeando sangue revigorante para todos os músculos do corpo. Ele não disse uma palavra, retirou a espada da bainha e partiu para o ataque. Ignorou a escuridão. Queria apenas dar um fim ao homem que transformara a sua vida em um inferno. O Corvo já esperava sua reação e sacou a sua lâmina no momento certo, absorvendo o golpe. Ethan investiu contra o outro lado, de forma lenta e desajeitada. O oponente defendeu e recuou para deixá-lo tomar fôlego. Isso fez com que ele ficasse ainda mais irritado.

Apertou as mãos em volta do cabo da espada. Era uma arma leve, e a lâmina, apesar de letal, parecia extremamente flexível. Seus dentes estavam cerrados e as sobrancelhas acompanhavam o contorno dos olhos. Corvo estava envolto pelas trevas e também empunhava o mesmo modelo de espada, segurando com apenas uma das mãos. Ele aguardava o golpe pacientemente.

— O que você quer, Ethan?

— Quero que você morra! — gritou brandindo a espada em um arco por trás da cabeça.

Desceu o golpe com a intenção de dividir o oponente ao meio. Corvo cruzou a lâmina para se proteger e aço beijou aço, ecoando o som metálico pela caverna. A névoa se fez presente, tornando os movimentos dos pés espectros esfumaçados a cada avanço ou recuo. Ethan deixou o júbilo da batalha tomar conta de seu corpo e percebeu que atacava melhor quando não pensava no que ia fazer. O Corvo teve maior dificuldade para se defender dos golpes e pareceu apreciar mais a luta. Depois de uma longa sequência de golpes, os dois ficaram em uma distância segura. Ele sentia seu peito crescer e diminuir em um movimento desesperado para conseguir ar enquanto seu oponente o aguardava.

— Termine isso de uma vez! — bradou Ethan.

— Por que acha que eu quero matar você?

— Só um de nós vai sobreviver.

Girou a espada no ar e posicionou-a na frente do corpo. A cachoeira era um ruído distante, muito além da atmosfera sombria daquela batalha. Avançou com passos largos e a silhueta do oponente cresceu. Tentou colocar o peso do corpo no ataque direcionado ao pescoço do Corvo. Ele o desviou, usando a espada, fez um giro e absorveu mais dois golpes direcionados à cabeça e à barriga. Enquanto atacava, podia ver a figura que o atormentava nos recônditos mais obscuros da sua mente, aquele vulto negro segurando uma gadanha. Encarava-o em tom de desafio, como se dissesse que a batalha entre eles ainda não havia acabado.

Ethan deixou a raiva vir à tona e a frustração fluir diante dos seus braços, até a ponta da lâmina, sentindo-se melhor a cada golpe desferido. Corvo aparou os ataques com uma perícia invejável. Parecia até que havia treinado com a arma durante toda a sua vida. Ethan investiu novamente e escutou um estalido metálico diferente, que se repetiu de forma mais intensa após outro choque entre as lâminas. Corvo se afastou para preparar a defesa, mas a espada do fazendeiro já descia com vigor para um novo ataque. Não teve opção a não ser atacar de volta, fazendo aço colidir contra aço, quebrando a arma do oponente ao meio.

Ethan olhou frustrado para o seu pedaço de espada e não percebeu o pé vindo de encontro ao seu peito. Foi jogado em direção ao suporte, batendo com as costas na madeira e caindo sentado no chão. O feixe de luz ficou entre os dois e logo foi preenchido pelo homem que parecia gostar das sombras. O capuz escondia a cabeça, permitindo que a luz tocasse apenas parte do queixo. A espada negra pendendo de sua mão estava intacta. Corvo limpou a garganta antes de falar, com sua voz grave e impassível.

— Você não nasceu para ser um fazendeiro. Talvez um dia descubra que fiz o que fiz porque foi preciso. Há mais coisas em jogo do que você pode imaginar. E você acabaria descobrindo, mais cedo ou mais tarde.

Corvo puxou o capuz, revelando o rosto que ficava sempre escondido. Ethan poderia jurar que seu coração parou por um momento. Diante dele estava um homem castigado pelo tempo, com olhar triste e severo, na mesma medida. Mas aquele rosto era inconfundível, tão nítido quanto o que ele viu sobre as águas cristalinas, debruçado na beirada do rio.

— Você... — as palavras se enrolaram dentro da boca. — Sou eu?

Corvo ofereceu o braço.

— Achei que, a esta altura dos acontecimentos, já fosse óbvio.

— Eu não entendo. Por que você... — lágrimas vieram aos seus olhos tão naturalmente quanto o fluxo da cachoeira. — Por que matou tantas pessoas? Por que matou Olivia?

— Foi preciso — disse Corvo, simplificando tudo.

— Foi preciso? Que tipo de monstro é você?

O outro não respondeu de imediato, dando uma pausa para que ele se recuperasse.

— Eu quero te mostrar uma coisa — disse Corvo, puxando um objeto do bolso.

Era o mesmo tipo de dispositivo que ele havia recebido do mestre Osho. Corvo jogou-o no chão e logo o interior da caverna foi se transformando em uma cidade completamente devastada. Ethan conhecia aquela cidade. Foi impossível não identificar a entrada da galeria onde havia comprado flores para sua amada, agora transformada em uma pilha de escombros. As ruas estavam esburacadas, as construções em ruínas. E, para qualquer direção que olhasse, havia pessoas mortas.

— Venha comigo — pediu Corvo, caminhando tranquilamente no meio do caos.

Ethan o seguiu, horrorizado com os sons que perambulavam pela cidade. Os becos entoavam gritos excruciantes e grunhidos ininteligíveis, como emitidos por uma pessoa sem língua.

— O que é isso? — perguntou Ethan.

— Infectados. Veja.

De um dos becos, saiu uma mulher com alguns poucos fios de cabelo, o corpo tingido por um azul enegrecido e olhos completamente brancos.

— Oh, meu Deus — Ethan fez o sinal da cruz.

A mulher deu um grito rouco e agudo, e partiu na direção dos dois. Ethan se encolheu quando ela saltou, atravessando seu corpo para aterrissar sobre uma criança atrás deles. A mulher começou a atacar a menina, mordendo pescoço, ombro e braços.

— Ela vai matar a criança! Faça ela parar!

— Eu não posso. Isso já aconteceu, não há como parar.

Segundos depois, a menina se contorceu e abriu os olhos, revelando órbitas brancas, iguais às da mulher. Havia também se tornado um monstro. Ethan provou

um pouco do que o outro sentia. Corvo prosseguiu.

— Tudo o que está vendo ao seu redor é fruto dos quatro cavaleiros. A mulher e a criança estão infectadas com o vírus criado pelo Cavaleiro da Peste. Com a doença vieram as guerras, que acabaram com as cidades e com a confiança que as pessoas tinham umas nas outras. E as guerras acabaram com o alimento, trazendo a fome. — Corvo apontou para um cadáver cuja metade direita do corpo apresentava apenas os ossos. A carne fora devorada com desespero, e Ethan sentiu o estômago embrulhar, mesmo não sentindo o cheiro, mesmo sabendo que não era real. Ainda. — Os poucos que sobraram sucumbiram ao Cavaleiro da Morte.

— Você não me falou sobre o Cavaleiro da Morte.

— Não queria saber mais sobre o seu pai?

Meu pai foi o Cavaleiro da Morte?

— Ele...? — Não terminou a pergunta, mas nem precisaria.

— Sim. Ele foi o Cavaleiro da Morte. Matou mais pessoas do que é possível contar. Sem motivos, sem misericórdia. Parecia possuído por algo ruim.

Ele apertou o dispositivo e os dois foram devolvidos ao ambiente escuro da caverna.

— Quanto tempo vai levar até tudo isso acontecer?

— Já está acontecendo. A peste já começou. A Fortaleza de Vidro está prestes a ser atacada, e é questão de tempo até se espalhar pelos quatro cantos.

— Como fazemos isso parar?

Corvo pegou o tecido próximo ao suporte caído e colocou sua espada sobre ele.

— Matando os cavaleiros. É o único jeito.

Ethan sentiu um nó se formar na garganta.

— Então por que você não mata?

— Eu não posso fazer isso sozinho. Preciso da sua ajuda.

— Terei de matar meu pai?

— Não. Eu já cuidei disso.

— Mas por que não matou os outros cavaleiros?

— É... complicado. Um homem não é essencialmente ruim só porque tem potencial para ser. Além disso, esses homens não se tornaram cavaleiros ainda. Matei nosso pai e sei que você fica recebendo essas mensagens da morte, tendo esses pesadelos. Eu também sofro com isso. A morte está tentando encontrar outro representante. E acho que o mesmo vai acontecer com Guerra e Fome. Me certifiquei de que Dante e Yohan estejam em um lugar onde tudo o que existe possa matá-los, mas receio que devemos acabar com os cavaleiros apenas depois de se tornarem cavaleiros, ou outros tomarão seu lugar, se é que me entende. E é por isso que fui atrás de você. — Ele tirou a espada da bainha e apontou a lâmina para Ethan.

— Espera! O que quer dizer com isso? Eu não aceitei. Eu não vou aceitar. Se tem algo a ver com nossa família, basta eu não aceitar e tudo acaba, não é verdade?

— Receio não ser tão simples assim, e logo você vai descobrir. Não se trata apenas de uma escolha. Certo ou errado, bem ou mal. Terá que lutar todos os dias contra isso. Você entende?

— Não faz sentido... — disse Ethan em tom pesaroso. — Por que eu?

— Não se torture tanto. Essa é uma resposta que eu nunca encontrei. Chame de destino, se quiser. Mas uma coisa eu lhe garanto — Corvo virou o cabo da espada para ele e estendeu o tecido dobrado. — Se você escolher esse caminho, não tem mais volta.

Ethan avaliou a lâmina da espada reluzindo o fino raio de sol. Em sua cabeça, um turbilhão de imagens surgia sem pedir licença, e todas elas eram consumidas pela nuvem sombria e mortífera da morte. Não importava de que ou de quem se lembrasse. Não poderia se esconder. Não mais. Esticou os braços e pegou o tecido e a espada. Era um manto, igual ao do Corvo.

— E o que faço agora?

— Siga a névoa para sair da caverna, desça as montanhas e procure uma cabana mais ao norte. Mas tome cuidado, as estradas estão cheias de saqueadores a mando do Negociador. Creio que isso só vá piorar. Um dos meus homens vai acompanhá-lo. O melhor deles, para falar a verdade. Ele sabe por onde começar.

— Qual é o nome dele?

— O nome dele? — Corvo deu um sorriso, como estivesse se lembrando repentinamente de algo engraçado. — É Fiapo.

Meredith

Meredith espiava por uma das janelas do andar superior. Um aglomerado daquelas malditas coisas se formava em volta do prédio onde a criatura havia caído. Mordecai havia batizado ela, mas Meredith se recusava a chamar aquilo de qualquer nome que fosse. Os gritos haviam cessado, mas seus *súditos* não paravam de chegar. As ruas adjacentes ao museu começavam a se encher também.

Dante vai acabar arrastando o garoto para a morte.

As mãos seguravam as adagas, esfregando lâmina contra lâmina para adquirir de volta o fio que se fora na subida do prédio. Quando rasgavam pele e músculos, elas até preservavam a afiação, mas eventualmente golpeavam um osso e isso castigava o gume. No andar de baixo, os quatro homens acompanhavam tentavam engatar o reboque na traseira do carro preto, auxiliados pelo último que havia chegado, com uma máscara de pássaro. Os cinco comemoraram o fim do serviço, e do mezanino ela deu um olhar indiferente para eles. Quase sentiu falta de Gunnar.

Idiotas.

Tirando Dante, cuja companhia ela já considerava ter aturado mais que o necessário, os outros quatro eram um tanto diferentes entre si: o soldado era um ninguém, um medroso perdedor; o homem do bico de pássaro parecia sempre agitado e tinha um ar desconfiado; o mecânico grandalhão, Yohan, lembrava muito seu parceiro: mal-encarado, forte, calado e leal, mas parecia gostar dela tanto quanto ela gostava dele; e o garoto...

Eu já vi aqueles olhos em algum lugar.

Meredith quase riu sozinha quando se lembrou que deixaram a segurança do carro para protegê-la. Como se precisasse de proteção. Se soubessem que ela pretendia abandoná-los ali, talvez pensassem diferente. Não seria necessário matá-los. Apenas uma ferida para deixá-los mancando diante das coisas. Pegaria o veículo e seguiria sozinha sem aquele imbecil tagarelando em seus ouvidos. Mas Dante não deixou o seu maldito carro.

Egoísta arrogante.

— Vai saltar pela janela e matar todos eles com suas facas? — Dante acompanhava seu olhar além do buraco na parede do museu. Não percebeu que ele tinha subido as escadas.

— Você ainda está aqui? — ela devolveu com tom de escárnio.

Dante coçou a nuca.

— Vim saber se você vai ficar bem.

Meredith ergueu as sobrancelhas. De todas as frases que poderiam sair daquela boca convencida, aquela era a última que ela esperava.

— Você não parecia preocupado com isso duas quadras atrás.

— Você também não — ele rebateu. — Não foi eu que saltei do carro.

— Mentiroso. Veio garantir que eu vou sobreviver para que você possa sobreviver. Não pensa em nada além de você e seu maldito carro.

Dante sorriu.

— Não quer dizer que não me importo com a sua segurança.

— Vai se foder, Dante.

O mercenário virou de costas para ir embora, hesitou por um momento, e se virou para ela novamente. Esticou o braço, segurando sua pistola.

— Eles não vão te dar uma arma — disse com ar de seriedade. — Pegue.

Meredith transitou o olhar da cara arrogante para a pistola.

— Guarde essa merda. É de festim. Se não vai me dar uma arma de verdade, pode ir embora.

Dante fitou a arma nas mãos fingindo surpresa.

— Você sabe mesmo estragar o momento — guardou a pistola no bolso da jaqueta. — Vou sentir sua falta, assassina.

— Eu não — ela disse.

O mercenário sorriu e desceu até o carro. Ela foi até o guarda-corpo do mezanino e observou-os deixarem o museu. Mordecai acenou antes de embarcar, feliz por poder ajudar. O Dodge Challenger preto deixou o saguão e saiu pelas ruas. Yohan voltou sua atenção para o motor do jipe enquanto ela acompanhava os dois pela janela. Dante chegou até a esquina e ligou os alto-falantes. A música estridente chamou a atenção das coisas, que correram aos montes atrás deles.

Só espero que ele não esteja aprontando algo.

Dante mostrou o dedo médio para os habitantes da cidade antes de acelerar a ponto de levantar fumaça com o atrito dos pneus girando no asfalto. Deu um grito animado e soltou os freios do carro, ganhando as ruas com o reboque de pendurado. Meredith deixou escapar um sorriso. Havia uma possibilidade remota de sentir falta dele também. Mas bem remota.

Pouco tempo depois, a multidão havia se dispersado, as ruas faziam jus ao nome da cidade e o motor do jipe roncou com vigor. Meredith observou do andar de cima os três homens comemorarem o feito.

— Está na hora! — gritou o mecânico.

A assassina foi até eles. Míope aguardava em cima de uma das velhas motos que haviam feito funcionar à força. Colocou a máscara na frente do rosto e deu a partida. Por um momento, ela pensou em rasgar aquele pescoço com uma faca,

roubar a moto e partir em uma viagem solo até a base militar. Mas, mesmo se não fosse alvejada antes de chegar ao fim do saguão, ela não sabia onde era a base. Apenas que ficava em um dos cantos da maldita cidade, e no momento isso não dizia nada.

Posso acabar precisando desses idiotas, afinal.

O jipe a aguardava com a porta do carona aberta. Ela abriu a de trás, mas o homem que chamavam de Cisco fez sinal para que entrasse na frente. Yohan esperou ela se sentar para dar a partida. Deixaram o museu, a moto foi para a esquerda e o jipe para a direita. Ao longe, a música de Dante se misturou aos gritos da metralhadora.

— Será que ele consegue chegar? — perguntou Cisco do banco de trás.

— Eu espero que sim — disse Yohan. — Se Isaac conseguir fazer funcionar, podemos ter alguma vantagem.

— Vocês mataram mesmo o Wendigo? — ele perguntou curioso. — Vire naquela rua ali.

Yohan girou o volante e conduziu o jipe por uma avenida. Torceu de leve a cabeça, avaliando a hipótese.

— Se está morto eu não sei, mas não vai caminhar tão cedo.

Cisco estava satisfeito com a resposta, parecia temer a criatura. Meredith pensou no estrago que aquele monstro faria em uma cidade comum. Os três só conseguiram vencer porque lutaram juntos. A grande chave manuseada pelo braço do mecânico havia causado o maior estrago, mas a espada do garoto também era uma arma magnífica. Talvez até mais que suas adagas.

— Qual é a do garoto, afinal? — perguntou ela.

Cisco demorou para perceber que a pergunta era direcionada a ele. Depois disso, ele ficou um tempo em silêncio, pensando na resposta que ia dar.

— Ele é legal.

Ele é legal?

— Que merda de resposta é essa? — ela perguntou indignada. — O que ele faz aqui sozinho? Como sobreviveu a tantos deles? Não se responde isso com “ele é legal”.

Houve um breve silêncio dentro do jipe. Ela ficou observando Yohan, mas ele estava atento no volante. Um desconforto se instalou em Meredith, acompanhado de uma desconfiança crescente, como se a qualquer momento Cisco fosse enterrar uma bala na sua nuca. O mecânico não parecia ser o tipo de homem que joga sujo, mas ela não sabia nada do outro. Ele tinha um rosto tão comum quanto qualquer jogador do Cassino.

— Não esteve com ele? Por que não perguntou você mesmo? — disse Cisco finalmente.

— Parece que estávamos sem tempo, tentando não morrer — rebateu Meredith.

— E por que acha que comigo foi diferente? — disse ele. — Não nos tornamos melhores amigos, se é o que quer saber.

Então não me fale nada, babaca. Sei lidar com gente como você.

Meredith estava avaliando aquele homem desde que havia se juntado ao grupo. Alguma coisa soprava em seu ouvido para não gostar dele. Agora tinha certeza. Sem perceber, sua postura havia mudado. Suas costas estavam coladas na porta e uma das mãos tocava as adagas por baixo do casaco. Yohan alternou a atenção entre as ruas cheias de destroços e sua mão escondida.

— Quer nos dizer alguma coisa? — ele perguntou com seriedade.

Ela se deu conta de que o seu braço estava escondido no sobretudo. Retirou-o com calma e mostrou a mão.

— Instinto. Não se perde de um dia para o outro. Não é culpa minha se vocês me tratam como uma...

— Assassina? — sugeriu Yohan. — E não é isso que você é? Alguém que recebe para matar?

— Eu cobro dívidas de viciados e perdedores. É bem diferente.

— Você passa a faca na garganta deles e depois pergunta se têm alguma moeda de cobre? — disse Cisco do banco de trás. — Que forma honesta de cobrar uma dívida!

Dante e sua boca grande.

— Já matei muita gente, sim. Pessoas melhores e piores do que vocês — disse ela. — Mas todas elas mereceram o que tiveram. Quem entra no Cassino sabe das regras.

Ela não conseguia ver a cara de Cisco, mas sabia que a raiva era recíproca. A mão deslizou sorrateira pela borda do casaco, mas ela conteve o movimento a tempo. Já havia uma boa dose de tensão no ar, como uma dinamite queimando os últimos centímetros do pavio. Além disso, o soldado franzino poderia ter o dedo nervoso.

— Pouco me importa o que você faz ou quem você é — disse Yohan. — Pegue o que veio buscar, destruímos a ponte, nós seguimos nosso caminho e você segue o seu. Mas, até lá, mantenha essas facas dentro do casaco, ou o Cisco não vai hesitar em transformar o encosto do seu banco em uma peneira.

Eu sabia... estão com medo.

Na verdade, o mecânico não transparecia exatamente medo, parecia mais uma cautela de quem já havia se ferrado bastante na vida. Ele tinha um maxilar forte embaixo do emaranhado de pelos da barba. Era um homem decidido. Aquele tipo que outros homens gostam de seguir. Meredith preferia não o encarar. Sua imagem remetia a Gunnar, e uma ponta de culpa, mais afiada que suas adagas, atravessava

sua espinha. Não foram poucas as vezes na viagem que ela havia provado o gosto amargo do arrependimento.

“Você passa a faca na garganta deles e depois pergunta?”

Sim. Era exatamente isso que ela fazia. Foi pra isso que a treinaram. E, no fim das contas, nenhum daqueles olhares patéticos e desesperados mudava o fato de que haviam se esbaldado em bebidas, jogos, drogas e sexo sem saber se poderiam pagar. Às vezes até sabiam. Por que a dúvida agora? Meredith virou a cabeça para a janela; aquele tipo de questionamento não a levaria para lugar nenhum. Bastava se lembrar do motivo de estar tão longe do Cassino para se enfiar em uma cidade destruída habitada por criaturas repugnantes e acompanhada de gente ansiosa por vê-la morta.

Se o Apostador estiver mentindo sobre o meu irmão, não vai ser um revólver sem balas que o salvará dessa vez. Mato ele e aquela maldita vidente.

— Yohan! Foi ali que o Wendigo matou Bonitão e os outros.

Cisco apontou para um antigo mercado. Ao passarem pela construção, um cheiro pútrido invadiu o carro, corroborando a informação do soldado. Meredith cobriu o nariz e a boca com as mãos.

— Dá para notar — disse Yohan. — Tem alguma arma?

— Não. Eu passei por ali. Recolheram todas — disse Cisco. — Devem estar lá.

Mais à frente, a rua terminava na entrada da base. Altos muros cobertos com caracóis de arame farpado garantiam que ninguém pudesse entrar ou sair com facilidade. Porém, o portão estava aberto e não havia sinal de sentinelas.

— Vá devagar — Cisco pediu ao mecânico. — Não sei se é uma boa ideia entrar com o jipe.

Yohan concordou e Meredith não tinha voto válido naquele trio. Então o mecânico escondeu o grande veículo em um dos prédios abandonados, a uma quadra da base. Desceram do carro e se esgueiraram até o destino. O mecânico levava sua chave grifo nas mãos e um fuzil preso nas costas; o soldado carregava uma metralhadora; e, como Dante previra, Meredith contava apenas com as suas adagas. Cisco estava bem desconfortável em voltar para lá, e talvez só o tenha feito por causa do mecânico.

— O que podemos esperar deste lugar? — perguntou Meredith.

— Soldados, mortos, um cão de metal e talvez alguma criatura tão bizarra quanto o Wendigo.

— Um cão de metal? — perguntou Yohan.

— Ele é sinistro! Nunca vi nada igual — disse Cisco. — Vimos ele na noite em que carregaram os caminhões, depois não o vimos mais.

— O que ele faz?

— Não faço ideia — Cisco deu de ombros. — Mas acho que mata.

Yohan trocou a chave pelo fuzil.

— Nossa! Quanta coragem — debochou Meredith. — Querem que eu vá na frente?

— Fique à vontade — respondeu Cisco.

Meredith aumentou o passo, irritada. Cada uma das mãos segurava uma adaga e elas estavam com sede, muita sede. Passou pelos pilares que fixavam as dobradiças do portão. No pátio, um silêncio incômodo imperava. Ela tinha a sensação de estar sendo observada. Avaliou o conjunto de prédios monocromáticos à sua frente, mas não viu nenhum sinal de pessoas, e isso a deixou preocupada. Cisco e Yohan chegaram ao seu lado.

— De onde você saiu? — perguntou ao menor.

— Acho que daquele ali.

Ela seguiu através da linha invisível que o indicador de Cisco havia traçado. Havia uma placa na entrada da construção: “Área B — Laboratório de Desenvolvimento”.

Sim. Deve estar por aqui.

Ao chegar perto da porta de vidro, duas das quatro folhas deslizaram para os lados. Yohan deu um salto para trás e apontou o rifle. Cisco riu e ela apenas balançou a cabeça. Passara por pelo menos cinquenta portas como aquela no Cassino. Algumas apenas se abriam para as pessoas certas.

Meredith deu um passo e o cheiro nauseante de morte lhe invadiu as narinas como um soco no estômago. Ela virou o rosto, enojada. Yohan e Cisco acompanhavam-na como dois guarda-costas leais. A parede à sua direita, atrás do balcão de recepção, estava manchada de sangue em listras feitas de forma apressada, como um artista excêntrico dando pinceladas a esmo. Uma fuga desesperada ocorrera por ali e o coração de Meredith começou a se encher de sentimentos que ela pouco havia provado em sua vida: medo e frustração.

Se eu não levar o que ele quer, jamais me falará sobre o meu irmão.

Não poderia falhar, não desta vez. Não toleraria outra falha sua. O saguão principal levava para um corredor que conduzia para ambos os lados da instalação. Meredith espichou a cabeça além dos pilares e o avaliou. Um lado estava deserto, no outro ela viu uma daquelas coisas. Parecia encará-la com aqueles olhos brancos e inexpressivos. Ela recuou e se escondeu atrás da parede. Pensou em correr até o infectado, mas sabia que de alguma forma macabra aquelas coisas conversavam entre si. Bastava um grito distorcido para reunir o resto da família.

— Qual lado? — pediu para o guia.

Cisco apontou para o mesmo lado em que estava o infectado. Ela revirou os olhos.

— O que foi? — ele perguntou.

— Não estamos sozinhos aqui — respondeu ela, puxando duas adagas de arremesso.

Lançou a primeira na tubulação que subia as paredes. O choque dos metais ecoou no corredor, atraindo o infectado. A segunda se enterrou no pescoço dele e, antes que entendesse o que havia acontecido, Meredith já havia saltado sobre ele para lhe fazer meia dúzia de furos na moleira. Avançaram pelos corredores, passando por salas semidestruídas, vidros quebrados e papéis jogados. Havia manchas de sangue no chão, nas paredes e, em alguns casos mais drásticos, até no teto. Meredith observou Cisco sobre o ombro.

Impossível ele ter matado toda essa gente.

— Você fez tudo isso para fugir?

— O quê? — Ele quase riu daquilo. — Diferentemente de você, eu não mato por diversão.

— Eu também não — disse Meredith. — Mas no seu caso estou reconsiderando. Cisco não gostou da resposta e segurou mais firme a metralhadora.

Você não vai atirar em mim. Não tem colhões para isso.

O soldado apontou o caminho e eles seguiram pelos corredores da instalação. As placas indicavam o laboratório central e ela ficou feliz de estarem no caminho certo. Depois de um longo corredor e de evitarem alguns transeuntes contaminados, finalmente o grupo se deparou com um laboratório imenso cujo acesso era diferente dos outros. Um corredor de vidro espesso, equipado por duas portas, separava-os do laboratório. Meredith encostou a testa no vidro e viu dois homens mortos lá dentro. Seu coração quase parou.

— Onde ele está? — perguntou Meredith.

— Quem? — Cisco encarou-a desconfiado.

A voz de Meredith adotou um tom de urgência.

— O cientista. Aidan. Onde ele está?

Cisco arregalou os olhos do tamanho de uma ficha de pôquer. Abriu a boca, surpreso com a sua revelação.

— Então é isso que está procurando esse tempo todo? — perguntou ele. — Por que não me falou antes? Ele não está mais aqui. Eu só fugi porque ele me ajudou. Eu quase atirei no desgraçado, mas ele disse que poderia parar com essa doença, porque ele a tinha criado, e conseguiu fugir em uma fumaça verde...

A voz de Cisco tornou-se um eco distante. Meredith entrou em um estado de vertigem. De repente a visão ficou turva, a boca parecia seca demais e os ouvidos não captavam sons, como se estivessem cobertos com algodão. Na sua frente, Cisco falava sem parar, contando a história de sua fuga para o mecânico.

— Ele veio até mim na porta da sala...

Ele não está mais aqui.

Depois de escutar a frase, o resto não importava. O mundo pareceu desacelerar. Sua mente buscou a imagem de seu irmão como se quisesse lhe recordar o que estava em jogo. O que ela havia perdido. Podia ver a cara de insatisfação do Apostador. Não de raiva, mas de desprezo, o que era ainda pior.

Conseguiu fugir em uma fumaça verde...

Aquele maldito soldado havia estragado tudo. Ele havia deixado o cientista escapar e, com isso, poderia ter simplesmente acabado com a possibilidade de Meredith ver o seu irmão. O corpo respondeu ao seu instinto mais rápido do que a sua mente. Cisco ainda falava quando ela agiu.

— Eu não conseguia ver nada com aquela máscara...

A adaga estava afiada. Atravessou pele, músculo e ossos. O corte foi profundo, inesperado e abriu um novo e largo sorriso no pescoço do soldado. Ele abriu a boca e os olhos, repletos de desespero. As mãos largaram a metralhadora e voaram até o pescoço para tentar conter o sangue que saía em uma cascata rubra e espessa. Ele caiu de joelhos, com a cara repleta de perplexidade, e depois desabou no chão.

Yohan

Ele tinha dúvidas de que o plano funcionaria, mas Dante parecia confiante. O engate do reboque da metralhadora não era exatamente compatível com o do Dodge Challenger, mas, considerando todas as *ajustes* que ele já tivera de fazer em seu tempo de mecânico na Forja, aquilo seria simples de resolver.

— Procurem algo que eu possa atravessar no engate. Deve ter alguma coisa dentro dos carros — pediu ao garoto e aos dois soldados da Forja.

O trio se espalhou pelo museu procurando o que fora solicitado, enquanto Dante ficou ali com ele. O motorista da assassina não parecia ter qualquer consideração por regras e Yohan gostava dele por isso. Varreu o museu com o olhar, procurando a mulher de cabelo esquisito.

— Procurando a maluca? — perguntou Dante apontando para o mezanino com as sobrelhas.

— Não confio nela — resmungou Yohan.

— Te chamaria de burro se confiasse.

— Já viu ela lutar?

— Se eu vi? — Dante riu daquilo. — Ela acabou com sete mercenários armados, meu amigo. Gente ruim de verdade. Tentou me matar enquanto dormia. Eu nunca tinha visto nada parecido. E olha que estou há tempo na estrada.

Yohan encarou a mulher que olhava distraída pela janela enquanto esfregava suas pequenas lâminas uma na outra.

— Por que você anda com ela? — Yohan lhe direcionou um olhar de dúvida.

— Dívidas — Dante resumiu. — Sempre dívidas.

Yohan soltou o reboque e o contornou para se posicionar melhor. Seus auxiliares vasculhavam os carros. Na rua, os murmúrios aumentavam. Se soubessem que estavam ali, provavelmente já teriam invadido o museu.

— Tem certeza de que ficarão bem?

— Nós? — Dante riu. — Eu me preocupo com vocês. Essa mulher é mais imprevisível do que um jogador de pôquer.

— Pôquer?

— Esqueci que você só conhece o truco.

— Está lá o cara que conhece o truco.

Míope havia encontrado uma chave de roda em um dos carros, e os três voltavam ao jipe.

— Do que estão falando? — quis saber Cisco.
— Sobre mulheres, pôquer e truco — disse Dante.
— Você joga? — o rosto de Cisco se iluminou.
— Ainda não — disse Dante. — Mas um dia nos encontraremos fora daqui e você vai me ensinar.

O mercenário deu dois tapas no ombro de Cisco e começou a caminhar até as escadas que levavam ao mezanino.

— Valendo uma cerveja? — perguntou Cisco.

— Se a gente sair daqui com vida, eu te prometo que a gente fecha um bordel — disse Dante sobre o ombro. — Uma dívida a mais, uma dívida a menos, quem se importa?

Yohan conseguiu fazer o engate e eles comemoraram. A assassina observou lá do alto com seus olhos azuis. Era mais jovem que Alanna, mas tinha o mesmo rosto severo e impetuoso. Dante falou com ela e desceu as escadas logo depois.

— Ela não quis ficar com a arma, mas eu dormiria com os olhos abertos se fosse vocês — recomendou o motorista. — Vamos, Cabelinho — disse para Mordecai.

— O que acontece se ela morrer? — perguntou Cisco.

— Provavelmente eu morro — disse Dante e logo abriu um sorriso. — Mas não que vocês se importem.

Yohan pegou a mochila que havia trazido, tirou uma das bombas que seriam usadas na ponte e a entregou com a outra para Mordecai, fornecendo as instruções necessárias. Disse que se viraria com uma quando pensaram em recusar. O garoto se despediu e os dois partiram, levando com eles milhares daqueles mortos errantes. Cisco encarou Yohan com receio no olhar. O mecânico sabia que ele não gostaria de retornar para o lugar de onde tinham vindo, tampouco queria levar a assassina até lá. Mas Dante e Mordecai estavam se arriscando por eles, era o mínimo que ele deveria fazer.

Enquanto consertavam o motor do jipe, Yohan deixou Cisco a par dos últimos acontecimentos. O soldado ficou chocado com tudo o que havia acontecido durante sua breve ausência. Contou sobre Fantasma e afirmou não ter visto Fiapo. Ambas as informações deixaram o mecânico com um pesar no coração. O motor do jipe roncou e os dois comemoraram. Míope chegou com uma moto antiga que funcionou com maior facilidade. Dividiram o galão de combustível entre os veículos e chamaram a assassina. O motor era novo, o óleo já estava quase tão viscoso quanto mel, mas a combinação de ambos deveria ser o suficiente para levá-los embora dali. Enquanto Meredith descia as escadas, Yohan puxou Cisco pelo braço.

— Vá atrás, fale o mínimo possível e, se ela fizer qualquer coisa suspeita, atire para matar.

O soldado aquiesceu com os olhos arregalados. E os três seguiram seu destino até a base militar.



Yohan estava preparado. A grande mão segurava firme na arma, o dedo posicionado no gatilho. A assassina deu um olhar perdido para dentro da sala vazia, como se procurasse alguma coisa além das placas de vidro. Cisco narrava seus dias de cativo e como ajudara o cientista a fugir. Observou os braços dela, imóveis. Suas pálpebras levaram menos de um segundo para se fecharem, mas, ao se abrirem, as coisas haviam saído completamente dos eixos.

O tempo pareceu desacelerar por um momento. Cisco caía com as mãos no pescoço. Uma torrente de sangue banhava seu peito. Yohan ergueu seu rifle, mas, antes de puxar o gatilho, uma das pequenas adagas acertou em cheio as costas da sua mão. A arma caiu e ficou pendurada pela bandoleira. Seu braço desceu para recuperá-la, mas um pé veio de encontro ao seu rosto. O chute explodiu no maxilar e o jogou para trás. Ele caiu sentado no corredor. Quando voltou a si, uma metralhadora estava apontada para a sua cara. Ergueu a cabeça até seu olhar se esbarrar naqueles olhos azul-safira.

Não viu raiva ou desprezo, havia apenas a dúvida. Era como se uma batalha estivesse acontecendo dentro daquele corpo franzino. Ela não hesitou para matar as criaturas, nem para matar Cisco.

Por que está hesitando?

— Me dê a arma — ela exigiu.

Yohan olhou para Cisco. O corpo do seu amigo estava coberto de sangue e sofria de espasmos involuntários. Os olhos inexpressivos fitavam o teto, provavelmente a última coisa que ele vira.

— Vá se foder — rebateu Yohan. — Faça de uma vez.

— Você não fez nada para merecer — ela disse.

Yohan tirou a alça do rifle de trás do pescoço.

— E o que ele fez?

— Deixou o cientista ir embora — disse ela, impassível. — Atire a arma e as chaves do carro.

Yohan usou a força dos braços para arremessar o rifle no rosto dela. As armas se colidiram e Meredith fez alguns disparos, assustada. O mecânico usou a parede para se impulsionar e voou na direção do corpo esguio da assassina, fazendo-a bater com as costas no outro lado do corredor e a metralhadora rolar pelo chão. Ela se recuperou e puxou duas adagas. Ele pegou a chave grifo amarrada nas costas.

Pode vir, filha da puta.

Ela estocou com as duas lâminas. Yohan se esquivou da primeira, bloqueou a segunda e acertou o rosto dela com o cabo da chave. A cabeça da assassina foi jogada para trás com o impulso do golpe. Quando voltou, havia um hematoma grande entre o olho e a maçã do rosto. Meredith passou a língua nos dentes, cuspiu um pouco de sangue e sorriu para ele. Parecia feliz por ter apanhado.

Essa mulher tem problemas.

A mulher trocou as adagas de posição. As lâminas, que surgiam entre os dedos polegar e indicador, agora desciam de seus punhos abaixo dos dedos mínimos. Estava estática, aguardando que Yohan atacasse. Ele apertou o cabo da chave e a girou mirando o pescoço da assassina. Meredith deu um passo para trás, desviou do golpe e atacou o antebraço do mecânico. O gume afiado venceu a pele endurecida pelo deserto, abrindo um fio de sangue próximo ao cotovelo. A outra adaga veio na altura da coxa, mas ele recolheu a perna e jogou o cotovelo esquerdo na testa dela. O golpe entrou, fazendo-a cambalear.

Um de nós terá que morrer, e não serei eu.

Yohan partiu para o ataque. No início, os golpes se equivaleram. Enquanto pequenos sulcos rubros iam se abrindo pelo corpo do mecânico, hematomas e escoriações tomavam conta do corpo dela. Ele conseguiu ganhar espaço e a empurrou em direção ao saguão. As duas armas de fogo ficaram próximas do corpo inerte do soldado. Os olhos da assassina brilhavam a cada golpe e Yohan sentia cada vez mais pontos latentes de dor, que se tornavam piores depois que os identificava. O macacão ajudava a suavizar parte dos golpes, mas aos poucos o tecido grosso foi ruindo com o fio das lâminas. Ela recuou ainda mais e substituiu as armas por duas novas.

Quantas facas ela ainda tem naquele casaco?

O sangue correu entre seus dedos e deixou o cabo metálico escorregadio. Yohan jogou a chave para a mão esquerda e esfregou a ensanguentada no macacão. A roupa começou a adotar um tom escuro de lilás. Ela franziu a testa sobre o olhar demoníaco, pronto para atacá-lo novamente. Do outro lado da batalha, a barba escondia os dentes cerrados e o desejo de ver aquele pequeno crânio esmagado.

Um tilintar metálico veio do saguão principal, indicando uma chegada inesperada. Os passos ecoavam pelos corredores da instalação em um ritmo marcado, vindo às costas da assassina. Yohan pensou no fuzil e na metralhadora, mas também no maldito ser que haviam derrubado na cobertura do prédio próximo ao museu. Sua visão ganhou um contraste esbranquiçado com a pausa na luta.

O focinho metálico surgiu na esquina do corredor, seguido pelo resto do corpo. Era uma besta metálica em forma de cão, como Cisco havia falado. Tinha metade da altura da assassina. Tão íntimo quanto ela na arte de matar, o cão metálico abriu um compartimento nas costas, estendendo um laser na direção dos dois. Não foi

preciso esperar para saber o que aconteceria depois disso. Yohan voltou pelo corredor em que iniciaram a luta, com Meredith ao seu encalço. Uma rajada de pesados projéteis castigou a parede atrás deles e o som do aço contra o concreto indicou que a besta metálica logo surgiria no corredor.

Yohan sentiu um calafrio percorrer pelo corpo. Seus músculos começavam a perder a força, como um motor quase sem combustível. O corredor à sua frente ficou desfocado por um momento e o corpo de Cisco era um vulto distante. A sua respiração retumbava mais alta e apressada que os passos do cão metálico.

Eu não posso morrer agora. Ainda tenho que destruir a maldita ponte.

A assassina passou por ele, juntou as duas armas e jogou-lhe o fuzil. Yohan se atirou de costas no chão e mirou para a besta de lata. Retraiu o gatilho e assistiu às balas atravessarem-na, acompanhadas dos projéteis de Meredith. O cão avançou tanto quanto foi possível, mas cada passo se tornava mais sofrível diante do ataque dos dois. Tentou contra-atacar, mas, antes de abrir fogo, já estava tão esfacelado que conseguiu apenas desabar no chão.

Ambos só perceberam que a besta havia morrido quando as armas emitiram cliques secos, exauridas pelo trabalho pesado em tão poucos segundos. A mão direita de Yohan tremia quando ele largou o rifle. Não havia mais munição, nem força no seu corpo. O sangue parecia abandoná-lo por todos os poros. Repousou a cabeça no chão e piscou lentamente. Viu Meredith passar sobre ele e dessa vez ela parecia a gigante. Os olhos safira o encararam pela última vez enquanto ela revirava os bolsos do macacão.

— Você matou Cisco — ele balbuciou as palavras.

Sentiu os dedos da assassina puxarem as chaves do seu bolso. Tentou agarrar seu pulso, mas bateu no vazio. O rosto dela estava castigado, mas ainda assim era um rosto bonito atrás dos olhos claros. Parecia um anjo do inferno. Ela se levantou e saiu pelo corredor, vestindo seu grande casaco. Tentou manter seus sentidos como se os segurasse na beira de um precipício. Deu uma última olhada no seu amigo, repousando na cama feita pelo próprio sangue. Lágrimas começaram a percorrer pelo canto dos olhos e uma tonelada de culpa esmagava seu peito. Então a cabeça desabou e ele apagou.



Yohan escutou vozes distantes. Tentou abrir os olhos, mas as pálpebras se afastaram apenas o suficiente para que ele enxergasse tudo em um borrão difuso. Um vulto avançou pelo corredor indo em sua direção. Ele pensou que era a assassina voltando para terminar o serviço, mas havia mais de uma pessoa.

— Tem dois mortos aqui, cara — disse uma voz que ele não conhecia.

Os passos ressoaram além de Yohan. Logo depois, mais um par de pés parou bem próximo de seu ouvido.

— Puta que pariu! — disse outra voz. — Olha o tamanho desse cara!

— Olha o que fizeram com esse aqui! Degolaram o cara!

— Mas que merda!

— Eu não sei o que aconteceu, mas não quero cruzar com quem fez isso com eles. Será que foi o cachorro?

Yohan tentou levantar o braço, mas tudo o que conseguiu foi soltar um gemido. As vozes se calaram por um instante.

— O filho da puta tá vivo?

— Eu não sei.

— Olha ali!

— Como eu faço isso?

— Coloca a mão no peito dele, porra. Vê se o coração tá batendo.

Yohan forçava olhos contra as pálpebras na esperança de ver quem estava ali. Uma mão empurrou seu peito e o coração bombeou timidamente, apenas avisando que ainda não havia desistido.

— Tá batendo. Ele tá vivo! — disse a voz acima dele.

— O filho da puta é durão — disse o outro, surpreso. — Olha quanto sangue. Ele foi retalhado.

Yohan escutou um estalo conhecido. Um deles havia engatilhado a pistola.

— O que você vai fazer, seu idiota?

— Vou acabar com o sofrimento do cara.

— Tá maluco? Vamos levar ele pro chefe. Chama os outros lá.

— Você acha que...?

— Claro!

Os passos retumbaram pelo corredor, ecoando através do piso frio em seus ouvidos. A vertigem tomou conta do corpo de Yohan. O chão que esmagava as suas costas de repente sumiu. Incerto sobre o seu destino, ele flutuou para o reconfortante mundo da inconsciência, onde a dor de ter perdido um amigo e não ter cumprido sua missão não parecia ser assim tão cruel.

Mordecai

Mordecai se recordaria para sempre daquele momento no museu. Ele não sabia se veria aquelas pessoas novamente, mas, pela primeira vez em sua vida, era parte de um grupo. Começou com Cisco e agora era com todos daquela equipe improvável. As provocações, os sorrisos, a ajuda em batalha. Aquilo parecia uma pequena amostra do que era ser uma família.

Quando sua vida estava por um fio, nas garras do Wendigo, Mordecai achara que teria o desfecho que o seu sonho lhe mostrara. Fechara os olhos quando a criatura preparara o golpe que atravessaria seu estômago, sentindo o corte rasgar a pele e dilacerar os ossos antes mesmo de acontecer. Fora nesse momento, em que Yohan destruíra o joelho do Wendigo com a sua chave vermelha, que Mordecai tomara a decisão mais difícil de toda a sua vida: nunca mais ficaria sozinho.

— Vamos, Cabelinho — disse o homem de jaqueta, chamado Dante.

Mordecai acenou para seu amigo Cisco e para o mecânico da Forja, do qual ele tanto falava. Havia um outro soldado que ele não conhecia e lá em cima estava a mulher, dirigindo-lhe um olhar indescritível. Ele mergulhou fundo nos olhos azuis e sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Entrou no carro e fechou a porta.

— De que lado fica a saída da cidade? — quis saber Dante.

— Por ali — apontou Mordecai.

— Pronto para deixar o conforto do lar? — perguntou o motorista.

Mordecai assentiu. Estava mais do que preparado. Estava empolgado. O reboque sacudia atrás do carro, mas a metralhadora se mantinha firme. Após algumas instruções dos homens da Forja, ele se sentiu capaz de assumir a ofensiva contra os infectados. Ou seria defensiva? Na verdade, não importava muito qual termo seria usado; apenas o fato de eliminar os hóspedes indesejáveis já o animava. Afinal, era dele esse trabalho.

Vai dar tudo certo.

Desceram a rampa de acesso do museu, escondida atrás da construção angulosa, para ganharem o asfalto. Alguns infectados caminhavam decididos até o prédio de onde Wendigo havia emitido seu grito de socorro. A maior concentração deles estava do outro lado do museu. No céu, Diana pairava acima deles, como um anjo protetor que acompanharia a ingrata tarefa.

— Vamos chamar a atenção deles, guiá-los até a saída oeste.

— Mas eles não podem sair da cidade! — protestou Mordecai.

Dante sorriu.

— Por que você acha que estamos levando essa belezinha ali atrás? — apontou com o polegar para a grande metralhadora.

— Quantos tiros ela tem?

Dante ponderou a pergunta.

— Se você for bom de mira... uns três, talvez seis mil em cada caixa.

Mordecai devolveu o sorriso.

— Você não faz a menor ideia de onde se meteu.

— Ah, se eu ganhasse uma moeda de cobre a cada vez que escuto isso — Dante deu de ombros. — Já ouviu rock, garoto?

— Acho que não — confessou.

Dante colocou uma fita no rádio do carro e girou o botão do volume até o fim.

— Então se prepare, pois a cidade vai tremer.

Os alto-falantes explodiram com um som estridente e cheio de ritmo. Mordecai gostou do que estava escutando, mas os infectados começaram a protestar, perseguindo o veículo.

— Quem está cantando? — gritou para Dante.

O mercenário apontou o dedo médio para o grupo que se aproximava e acelerou de forma brusca, levantando poeira do asfalto acompanhada de pequenos fragmentos da pista.

— Eu não sei o nome, mas eles são foda!

— Foda?

Dante o encarou com uma cara nada amistosa. Depois soltou um sorriso debochado.

— Você não sabe identificar uma mulher, nunca escutou rock, não sabe o que é foda... já tomou cerveja, pelo menos?

Mordecai não respondeu. Apertou os lábios para esconder o sorriso envergonhado. O motorista apenas achou graça de tudo aquilo.

— Garoto... você tem muito o que aprender ainda.

Achei que já sabia o suficiente.

O sol começava a se recolher no horizonte à frente deles. Um grupo de nuvens escuras trazidas pelos ventos do deserto avançou sobre a cidade. Mordecai girou no banco e avaliou a horda que perseguia os dois. Milhares de pessoas com pele azul escura e olhos esbranquiçados corriam atrás do carro. Ele concluiu que jamais conseguiriam atravessar aquele contingente para chegar a qualquer outro ponto da cidade. O plano de Dante era a decisão mais acertada e Mordecai ficou impressionado com a forma com que ele se colocou em risco para salvar os outros.

O mercenário olhava mais para os espelhos retrovisores do que através do para-brisas traseiro.

— Não se preocupe. Ela vai ficar bem! — ele gritou para vencer a música.

Dante pareceu emergir do fundo de um poço de reflexão.

— O que você disse?

— Sua amiga! — disse Mordecai. — Sei que está fazendo isso por ela. Por eles. Eles ficarão bem.

Ele pareceu sem graça por um momento. Estudou Mordecai e deu um aceno confiante com a cabeça. O carro deslizava pelas ruas ganhando velocidade, arrastando consigo o antigo reboque. Cruzaram boa parte do centro da cidade, chegando a uma área mais plana com uma larga avenida. O local era perfeito para contra-atacar. Mordecai viu os infectados a uma quadra e meia de distância e calculou o tempo necessário para preparar a metralhadora.

— Aqui — disse Mordecai.

Dante girou o botão do volume para o outro lado e desligou o rádio.

— Sabe o que tem que fazer?

Mordecai abriu um largo sorriso para ele e apontou a estrada mais à frente.

— Vamos reto naquela direção até acabar a rua, depois você dobra e continua junto com ela. Quando acabarem os tiros, eu uso o explosivo, como Yohan mostrou.

O dono do carro ergueu as sobrancelhas e fez um bico, satisfeito. Enfiou o pé no freio e o fez desacelerar até que parasse no meio da rua parcialmente castigada pela guerra.

— Mesmo não te conhecendo tanto, de todos que estavam naquele museu, você é o que eu mais gosto. Então tenta não morrer, está bem?

— Não vou — ele disse, enquanto abria a porta. — É só você não se esquecer de mim nas curvas.

O mercenário deixou a boca se curvar, ocultando o sorriso enquanto pensava na ideia.

— Vou colocar uma música especial para você, garoto. Agora vai lá e acaba com os filhos da puta.

Mordecai correu até o reboque. A metralhadora repousava abaixada, mergulhada em um sono profundo e longínquo. Havia um banco disposto para o atirador, com um encosto que envolvia também as laterais do corpo. A pessoa que havia feito aquele sistema parecia ter considerado as curvas da estrada, ou sofrido com elas.

Lá vamos nós.

Do banco, ele viu os infectados se aproximando, vorazes, quase sem traços de humanidade. Seu coração acelerou dentro do peito, mais forte que o do carro. Sacudiu os braços, fazendo um sinal, e as seis rodas começaram a girar. Os

primeiros soldados do exército moribundo estavam a menos de meia quadra. Dante manteve uma distância segura até que ele estivesse pronto, enquanto nos céus, Diana os seguia acompanhando como uma mãe zelosa.

Mordecai segurou nos manetes da grande metralhadora, posicionando os polegares sobre os botões que faziam a arma funcionar. Estava tudo preparado – pelo menos era no que ele acreditava.

— Garoto! — gritou Dante às suas costas.

Ele se levantou do banco, girou a cabeça e não acreditou no que viu. Das ruas laterais, entre os faróis do veículo e o final da avenida, eles surgiram aos montes. O contingente fora afunilado pelas ruas da cidade e contornara os prédios, acessando as ruas paralelas, como o mar que encontra resistência nos rochedos pela beira da praia.

— Estou vendo! — respondeu.

— Então se segura!

Mordecai afundou no banco. O motor emitiu um urro e as árvores das calçadas começaram a passar mais rápido, a ponto de dar náuseas se ele olhasse por muito tempo. A luz do sol já estava quase se extinguindo, e se não saíssem da cidade até o anoitecer, tudo ficaria mais difícil. Os alto-falantes cuspiram um som agudo e vibrante, algo que Dante chamava de guitarra. Ele apertou as mãos em volta da metralhadora e apontou para os dois lados da onda de criaturas, para se acostumar com o peso.

O carro traçou uma linha diagonal na avenida, aproximando-se dos que estavam na extremidade à direita. Um deles saltou em direção ao reboque e por pouco não o alcançou, aterrissando no asfalto como um pássaro sem asas.

A rua estava tomada em ambos os lados, forçando Dante a fazer uma curva fechada para evitar atropelar os errantes, dobrando a esquina à toda velocidade. O corpo de Mordecai foi jogado para a direita, sendo amparado pelo encosto da cadeira. Como uma onda furiosa, a horda invadiu a rua, juntando as duas frentes de ataque em uma só. Mordecai conferiu a mira da metralhadora – estava na hora de entregar um pouco de horror a eles também.

A música estava evoluindo, reverberando nas paredes de concreto. Mordecai pressionou os botões dos manetes com os polegares e a grande arma emitiu um giro para logo começar a cuspir balas. A primeira linha do ataque inimigo foi alvejada e caiu, sendo repostada imediatamente. A rua mais estreita apresentava um maior número de obstáculos do que a avenida principal. Mordecai percebeu isso pela trajetória sinuosa que o carro traçava através dos destroços, ora pela direita, ora pela esquerda. A metralhadora cuspiu balas de forma incansável, como se sua existência dependesse disso.

— Morram, seus desgraçados! — gritou em êxtase.

O corredor feito de concreto acabou, dando lugar a um grande espaço aberto. Mordecai reconheceu a praça de onde fugira de Wendigo e sua comitiva; precisariam contorná-la para seguir em direção à saída da cidade. O caminho mais curto era pela direita, mas Dante teve de seguir pelo lado oposto, por causa dos infectados. Mordecai continuava atirando contra eles, mas era como tentar alvejar uma cortina de fumaça. Sempre que um caía, outro surgia no lugar. Às vezes dois. Às vezes mais.

O Dodge Challenger se movia depressa, mas Mordecai sentia que o reboque o atrasava. Os infectados pareciam surgir de todos os lugares, atraídos pela música estridente que falava sobre alguém que queria rock todas as noites e festa todos os dias. As ruas foram se fechando e os dois estavam ficando sem opções, presos como ratos em um labirinto.

A rajada da metralhadora afastava os mais próximos com tiros potentes, que arrancavam membros inteiros. Mordecai mantinha os dedos grudados nos botões, alternando a mira de um lado para outro, como se a arma fosse sua parceira em uma dança embalada pela morte.

Dante virou novamente, impelido pela horda que os cercou atravessando a praça. Diana cruzou os céus emitindo um pio de preocupação. Mordecai engoliu em seco quando viu as nuvens se amontoando na direção da saída da cidade; uma tempestade de areia se aproximava rapidamente.

À sua direita, ele viu as últimas balas do primeiro cinto subirem em fila até a câmara da metralhadora. A arma engasgou com a falta de munição e parou de girar quando ele soltou os botões, exausta, soltando fumaça pela boca. Ele sacudiu os braços para avisar a Dante que seria o último cinto de munição, mas o motorista parecia focado em evitar a onda de criaturas que queria engolir os dois.

Mordecai abriu a parte superior da metralhadora. O pneu do reboque passou sobre alguma pedra, dando um solavanco. Ele foi jogado para a beirada e só não caiu porque conseguiu se segurar no manete a tempo. Mais atrás, os infectados gritavam enquanto corriam, retorcendo suas bocas imundas como se sibilassem *desça daí, Mordecai, está na hora do acerto de contas.*

Eu morro antes de virar um de vocês.

Conseguiu reassumir a posição e trabalhou para colocar mais munição na arma. Dante havia entrado em uma grande avenida sem muitos obstáculos, acelerou o carro e aumentou a distância para a horda. Ele até poderia sentir alívio com o pequeno fôlego que haviam tomado, se não estivessem indo para o norte da cidade.

Se chegarmos lá, não vamos sair.

Mordecai chacoalhou os braços para chamar a atenção de Dante. Após avançarem algumas quadras, o carro parou. Ele saltou do reboque e foi até a janela. O homem de jaqueta e expressão confiante abaixou o vidro.

— Esses filhos da puta estão por todos os lados.

— Eu te falei que eram muitos. Aliás, estamos indo para o norte da cidade e isso não é uma boa ideia.

Dante conferiu pelo retrovisor, acompanhado de Mordecai, que, ao longe, a horda ainda corria no encalço deles.

— Mas o que tem lá?

— Duas vezes mais. Talvez três — disse. — Temos que voltar ou não sairemos daqui.

— Merda! — disse o motorista, dando uma pancada no volante. Movia a cabeça de forma ansiosa, parecendo uma cobra. — Tudo bem. Enquanto estivermos com o reboque, eu preciso de ruas largas e sem muitas curvas, como essa. E, sem você no carro, fica difícil eu adivinhar. Então por onde eu vou?

Mordecai pensou por um momento, desenterrando a resposta de algum lugar nas profundezas de sua mente. Fez a sua memória reconstruir todos os cantos da cidade que conhecia. O lado oeste não era agraciado com tantas avenidas. Suas ruas curtas se conectavam umas às outras como uma grande teia. Talvez Dante pudesse acertar o caminho, mas, se falhasse, estariam condenados. Os grunhidos aumentaram e ele percebeu que a horda havia reduzido a distância pela metade. Então teve uma ideia.

— Volte.

— Voltar? — Dante estava incrédulo.

— Sim. Aumente o som e mantenha uma distância segura. Me deixe matar o maior número que puder, depois eu entro no carro para lidarmos com o resto.

Dante tamborilava os dedos sobre o volante, estudando a proposta.

— Essa sua ideia é uma bosta e você sabe disso.

— Já era ruim desde o começo — retrucou Mordecai com um sorriso. — E *you* sabe isso.

— Prefiro um milhão dessas coisas a ficar com aquela mulher — rebateu Dante.

— Para com isso — Mordecai afastou a ideia com um movimento da cabeça. — Eu sei que você gosta dela — deu dois tapas amigáveis no ombro do motorista e correu até o reboque.

As luzes traseiras do carro se acenderam e eles começaram a andar de ré, na direção da horda. Era difícil mensurar quantos ainda restavam, pois das entranhas dos prédios surgiam mais e mais, como a água jorrando de uma torneira. A multidão de infectados varria a cidade, passando por cima de carros, escombros e latas de lixo.

Mordecai afastou o cabelo que grudava no suor do rosto, segurou firme os manetes da metralhadora e conferiu os céus mais uma vez. Diana ainda estava lá, voando em círculos, piando de vez em quando, como uma forma de dizer que jamais o abandonaria.

O Dodge Challenger parou a meia quadra deles e avançou novamente. Mordecai precisou se equilibrar com o solavanco, apoiando-se na grande arma de fogo. No começo, o carro seguiu de forma mais lenta, mas só até Dante pegar o ritmo da corrida dos infectados e manter uma boa distância. Uma coisa que não se podia negar em relação àquelas criaturas era o quanto haviam se tornando mais rápidas e vorazes com a peste. Mordecai estava preparado. Faltava apenas uma coisa.

Foi então que ela começou.

Dois toques de guitarra deram início à música, logo outros instrumentos se juntaram à melodia em um ritmo crescente. As criaturas corriam descoordenadas atrás do carro e, quando o solo atingiu seu ápice, Mordecai pressionou os dois polegares nos botões que faziam a metralhadora cuspir fogo ao disparar cada bala, como se fosse um dragão. Os tiros traspassaram vários deles, jogando-os para trás. Os que caíam se tornavam meros obstáculos para os que vinham atrás, sendo pisoteados pela massa ensandecida.

O tambor da metralhadora urrava com seu grito estridente, duelando com a música para reivindicar a atmosfera da cidade. O barulho vibrante fez Mordecai supor que cada infectado existente na cidade correria até ali. Gritou em um júbilo eufórico, contente por poder eliminar boa parte daquelas criaturas horrendas. As cápsulas vazias saíam pela lateral da arma aos montes, como uma chuva metálica que inundava o interior do reboque.

Os raios de sol abandonaram a cidade, dando um aspecto lúgubre às construções. O fogo emanado pela boca da metralhadora iluminava os perseguidores em pequenos flashes, facilitando a difícil tarefa de enxergar a linha de frente. Por um momento, ele se lembrou do ataque à cafeteria, do quão difícil deveria ter sido atirar em um exército que pouco se enxergava e quão corajoso Cisco fora. Desejou que o amigo ficasse bem. Girou a metralhadora de um lado para outro; era difícil errar um tiro com tantos alvos percorrendo as ruas.

A arma giratória deu seu último suspiro. Mordecai soltou os botões sentindo seus dedos dormentes. Talvez houvesse feito mais força que o necessário, mas precisava garantir. Dante ganhou distância e parou o carro para que ele pudesse armar a bomba que o mecânico entregara. Mordecai segurou a mochila nas mãos, empurrou a chave e apertou o botão. O display mostrou um par de números vermelhos que mudavam a cada segundo. Ele atirou o pacote no canto do reboque e puxou o pino que o mantinha conectado ao carro.

Espero que funcione.

Correu o mais depressa que pôde até a porta e se juntou ao seu mais recente companheiro. O carro deslizou os pneus no asfalto, afastando-os do artefato explosivo. A horda ignorou o reboque, passando por cima da pequena carruagem de duas rodas como se fosse apenas mais um obstáculo entre eles e a carne fresca.

Haviam avançado apenas duas quadras quando a bomba detonou. Uma grande nuvem de fogo avançou contra os céus, devorando toda a escuridão, fazendo, por um instante, a cidade virar dia novamente. Ouviram um estrondo que se dissipou pelas ruas, e o deslocamento de ar chacoalhou os vidros do carro. Mordecai acompanhou a cena assistindo os vários corpos serem arremessados aos pedaços para todos os lados.

— Você viu isso? — perguntou, eufórico.

Dante, que também observara a explosão, fez uma cara de frustração quando viu um amontoado de vultos azulados emergir das chamas.

— Esses filhos da puta não morrem! — reclamou. Engatou a marcha e pisou fundo no acelerador. — Para onde?

— Ali — apontou Mordecai.

Seguiram na direção oeste, de onde o grande aglomerado de nuvens escuras trazia uma tempestade de areia. Johnny entrou como uma bala na rua perpendicular à avenida. Mordecai teve a sensação de que o reboque tinha o peso de um prédio inteiro, pois o Dodge Challenger se deslocava com o dobro da velocidade. Então ele compreendeu que Dante havia se preocupado com ele o tempo inteiro. A rua era uma descida, o que foi bom para ajudar o veículo a ganhar velocidade.

Temos que sair logo daqui.

No fim da rua, um pequeno grupo vinha correndo na direção deles. Dante franziu o cenho, emburrado, e acelerou ainda mais. Mordecai sentiu um frio na barriga e retesou braços e pernas para se manter firme no banco.

— Você vai passar por cima deles?

— E estragar o meu carro?

Eram mais de trinta subindo a rua, sem nenhuma preocupação com o resultado da colisão. Dante conduziu Johnny para a esquerda. O motor urrava, empolgado com seus cinco mil giros. A poucos metros dos infectados, ele puxou o volante para a direita, traçando um arco em volta do grupo. Mordecai contemplou os olhares brancos frustrados das criaturas cheias de pústulas quando o Dodge Challenger escapou como areia escorrendo entre os dedos. Mal conseguiu soltar a respiração quando viu que o final da rua dava direto em um prédio. O tamanho da construção aumentava exponencialmente a cada metro avançado. Dante estava muito sério agora, como se houvesse incorporado outra personalidade. Algo oculto em sua mente até então. Girou o volante e puxou o manete que havia entre os bancos, parecido com a empunhadura da sua espada. O carro deslizou de lado, entrando perfeitamente alinhado com a rua. Mordecai sentiu as pernas frouxas e uma leve náusea.

— Achou que não conseguiríamos, né, Cabelo? — disse Dante, divertido.

— Ainda acho — riu Mordecai, observando os prédios.

— Estamos muito longe da saída?

Mordecai comprimiu as pálpebras para enxergar além do lusco-fusco crescente, que tornava todos os prédios iguais. A adrenalina fazia seu sangue percorrer o corpo ainda mais rápido que o Dodge Challenger pelas ruas da Cidade Fantasma.

Pense, Mordecai. Pense. Sua vida depende disso. Suas vidas.

Seus perseguidores não deram fôlego, surgindo de todos os lados como se pudessem indicar uns aos outros onde estavam. Ou isso, ou a cidade estava tomada por completo. Mordecai se lembrou de quando libertara o exército retido atrás dos contêineres. Eles tomaram as ruas como formigas saindo em desespero do formigueiro invadido por água fervente.

Talvez se eu não tivesse tentado resolver tudo sozinho.

— Garoto! — chamou Dante, desviando de dois infectados. — Não querendo atrapalhar seus devaneios imaginários, mas poderia me ajudar a salvar nossas vidas?

Mordecai balançou a cabeça.

— Me desculpe.

Na frente deles, os agressores jorravam das ruas que os conectavam às avenidas paralelas. Entre os prédios, puderam contemplar as chamas da explosão que acabara com o reboque, a metralhadora e pelo menos algumas centenas deles. Atravessaram mais um cruzamento e Mordecai viu ao longe a grande guitarra da loja de instrumentos próxima da saída. Sabia onde estava. Os infectados fecharam a rua mais adiante. Pareciam inevitáveis como o bater de um dedo machucado.

— Vire à direita!

— Qual?!

— Essa! Essa! — apontou para a sua porta.

— Puta que pariu!

Dante fez uma manobra e torceu todo o volante. O carro girou em uma meia-lua, beneficiado pelo espaço que o cruzamento exigia. A traseira de Johnny colidiu com alguns dos monstros azuis, mas não a ponto de tirar a estabilidade do carro. Alinharam-se na rua e Dante acelerou. Uma horda gigantesca perseguia o carro. Se fossem rápidos o suficiente, poderiam até escapar.

— Acha que eles vão conseguir? — perguntou Mordecai, referindo-se aos amigos.

Dante sorriu sem tirar o olho da estrada, mas pescou a ideia principal.

— É claro que vão conseguir! Temos que contar isso para eles depois.

— E o cara que levou a máscara?

— Já deve ter saído da cidade — disse Dante, confiante. — De todos nós, foi o que mais se deu bem.

A estrada se conectava a uma rampa, dando início a um viaduto. Dante hesitou e o carro perdeu velocidade para a força aerodinâmica do vento.

— Por ali?

— Sim.

— Sabe que não teremos saída por ali.

— É o único caminho. Não é distante, tem uma saída mais à frente.

Johnny retomou o torque e subiu a rampa com vigor. Atrás deles já não havia infectados que pudessem acompanhar a velocidade do potente Dodge Challenger. Porém, no horizonte, as nuvens se acotovelavam no céu escuro e o vento aumentava a cada giro do motor. Quando o carro atingiu o ápice da rampa, eles puderam ver mais adiante.

— Mas que porra é essa? — disse Dante, boquiaberto.

Uma procissão de infectados seguia resignada em direção à saída. A multidão cobria toda a parte superior do viaduto, com seus passos no ritmo do ponteiro de um relógio.

— Não tem como passar por cima deles, né.

— Nem fodendo.

Nem fodendo?

Então a tempestade de areia chegou, vindo na contramão e tragando todos os infectados para dentro da sua neblina espessa. A escuridão já era ruim em sua solidão, acompanhada, então, ficaria ainda pior. Mordecai tentou ajustar a visão, mas não conseguia identificar nada além de um redemoinho gigante de pó.

— Olha que maravilha! — debochou Dante. — Pelo menos agora não tem mais mordedores.

— O que vamos fazer?

— Tem uma rua lateral lá embaixo?

— Sim.

— Então fecha o seu vidro — ordenou.

O Dodge Challenger entrou na nuvem de poeira com a luz dos faróis clareando pouco mais de um metro. Dante reduziu a velocidade e puxou a direção quando viu a saída lateral. Na descida, um deles surgiu trôpego do meio da poeira. Bateu no capô do carro e foi arremessado por cima deles, soltando um grito que não conseguiram identificar se era de dor ou de raiva.

— Filho da puta! — Dante deu um soco no volante. — Esse idiota amassou o meu carro!

Deixaram a criatura caída no asfalto e entraram na rua que conduzia à saída. Mal conseguiam ver a parte de baixo do viaduto, apenas os grandes pilares que mantinham a sua sustentação, cheios de veículos abandonados. Um estrondo veio da direita. Os dois olharam assustados a tempo de ver um dos carros estacionados ser esmagado por alguma coisa. Outro estrondo veio logo à frente. Dante puxou o volante a tempo de desviar de uma massa disforme e ensanguentada. Eles olharam para cima através do para-brisa. Um infectado desceu como um raio e se espatifou no asfalto. Seguido de outro. E mais outro. O grito do atropelado havia alertado o grupo que caminhava sobre o viaduto.

— Vão tomar no cu! — gritou Dante furioso. — Agora está chovendo morto-vivo!

Pisou no acelerador e fez o motor de Johnny gritar também. O carro foi impulsionado para frente, avançando destemido contra a nuvem de poeira. Dante fez um zigue-zague para evitar a chuva de infectados. Mordecai não pôde deixar de pensar que estavam se vingando de quando ele atirou objetos de cima dos prédios. Não queria acreditar que aquelas coisas eram tão ardilosas.

Dante tentou entrar embaixo do viaduto duas vezes, mas pareceu temer acertar em cheio um dos pilares devido à velocidade em que estavam. Um dos infectados acertou um pedaço da traseira do carro, tirando a estabilidade por um momento. Dante lutou para reaver o controle e acelerou ainda mais. Mordecai quis fechar os olhos, mas não conseguiu. A saída parecia um ponto distante e inalcançável, como se fossem uma criança tentando tocar uma nuvem. Na frente, não havia nada além da densa poeira agitada pelo vento.

O carro passou por cima de dois deles, esmagados no asfalto. Outro passou rente à porta. Mordecai tinha a musculatura tensa e sabia que o motorista sofria do mesmo modo. Depois de cruzarem dois carros no fim da rua, uma luz se acendeu no coração de Mordecai. Viu os grandes pilares dos portões da cidade e a tempestade parecia ter se acalmado. Dante soltou um suspiro cansado e sorriu para ele.

— Conseguimos, garoto! Eu sabia! — comemorou Dante, dando pequenos tapinhas no volante.

Mordecai passou a mão na testa e empurrou os cabelos para trás, incrédulo com o que tinha acabado de vivenciar.

— Como foi que a gente conseguiu? — A pergunta veio sem que ele permitisse.

— Eu não sei, mas nunca mais volto a essa porra de cidade — respondeu o outro.

Cruzaram os portões, atirando-se na escuridão do deserto, e, para a surpresa de ambos, foram surpreendidos por seis pares de faróis. Dante freou o carro. Os dois levaram as mãos na frente dos rostos para se protegerem da luz que contrastava com a noite recém-chegada. Mordecai tentou enxergar acima das mãos e além dos fortes feixes brancos apontados para o Dodge Challenger.

— Desçam do carro com as mãos para cima! — gritou uma voz que vinha de trás das luzes.

— O que está acontecendo? — perguntou Mordecai. — Conhece eles?

Dante encostou a testa nos braços esticados. Parecia frustrado. Falou sem levantar a cabeça, com uma voz abafada.

— Merda!

Houve uma longa pausa até que a voz vinda dos veículos ecoou de novo.

— Saiam daí! Não me faça atirar em vocês.

Dante soltou um longo suspiro antes de falar.

— Haja o que houver, faça o que eu disser — ergueu a cabeça e encarou Mordecai. — E não fale nada.

O garoto anuiu. Desceram do carro vagarosamente, com os braços erguidos. Dante pediu que ele escondesse as espadas embaixo do banco para não provocar quem quer que fosse. Ao sair do carro, eles conseguiram identificar algumas silhuetas além da luminosidade exagerada.

— Não façam nada que eu não faria! — disse Dante de volta.

— Estão armados?

— Festim conta?

— Atire para cá — ordenou o homem.

Dante sacou a arma presa entre o cinto e as costas. Com muita calma ele se virou, sempre com a arma à mostra, e jogou a pistola na direção das luzes. Um homem buscou a arma, bloqueando parcialmente a luz que se escondeu atrás da sua silhueta grande e robusta.

— Podem vir. Mas já aviso que, se tiverem mais alguma arma, eu vou usá-la em vocês.

Mordecai não pôde deixar de imaginar aqueles homens usando suas espadas. Só o pensamento já lhe trouxe calafrios. Encarou Dante e ele olhou de volta. A frustração ainda estava ali, mas agora acompanhada de um desprezo considerável.

Não deve ser a primeira vez que isso acontece com ele.

Caminharam com as mãos erguidas para dentro dos feixes de luz. Quando passaram a linha dos faróis, conseguiram ver a quantidade de homens que os esperavam. Eram mais de dez, fortemente armados, fazendo os soldados da Forja parecerem amadores. Dois deles se aproximaram, exigiram que abrissem braços e pernas para tatearem em busca de algo. Mordecai só fez o que foi pedido porque Dante acenou um “sim” com a cabeça.

— Estão limpos — disse um deles.

Um homem grande surgiu das sombras. Era tão alto quanto Yohan e parecia tão perigoso quanto Meredith. Tinha um olhar de arrogância e uma cicatriz que começava na testa e chegava à bochecha, cruzando o olho esquerdo. Peito largo, braços fortes e cabelo curto.

— Cautela nunca é demais — ele se justificou.

— Olha, grandão — começou Dante —, estamos fugindo de uma...

— Shh, shh, shh, shh — fez o homem, exigindo silêncio. As mãos acompanhavam as palavras. — É Salazar para você. Por que estão deixando a cidade?

— Digamos que cansamos dos vizinhos — disse Dante. — São muito barulhentos.

Dante deu um sorriso nervoso, mas Salazar manteve o ar sério.

— Vim para buscar alguém que está lá dentro. O que você me diz?

— Boa sorte. Se conseguir passar da entrada, tem o meu respeito.

Salazar estudou a resposta e avaliou melhor o carro.

— Espera... eu conheço esse carro. Foram vocês que mataram sete dos homens do Negociador no posto de combustível acima de Trincheira.

— Impossível — disse Dante —, nunca estivemos lá.

Salazar sorriu.

— Depois de engolir dois dentes, um fazendeiro garantiu que viu esse carro preto. O mesmo que meus homens garantiram ter perseguido no deserto antes de vocês se esconderem feito um cachorro com o rabo entre as pernas atrás dos muros daqueles mercenários imbecis.

— Passaram por dentro da Forja? — perguntou Dante.

— Eu sabia que eram vocês — o homem riu daquilo. — Não. Existem outros caminhos escondidos entre as montanhas. Mas logo a irmandade não existirá mais. Isso eu posso garantir.

Dante abriu os braços.

— Eu sei que estão chateados pelos seus amigos; se fosse eu, também estaria. Mas a pessoa que fez isso não está mais comigo.

— Como não? — perguntou o homem apontando para os dois. — Falaram de um homem e uma mulher.

— Esse aqui? — Dante olhou para Mordecai e riu de forma forçada. — Digamos que meu amigo desconhece uma tesoura.

— Então eram dois homens — ponderou o brutamonte.

— Não — disse Dante com firmeza. — Era uma mulher, e ela não está mais comigo. Esse garoto não tem nada a ver com o assunto.

Mordecai não sabia o que estava acontecendo, mas acreditou que Dante argumentava para salvar a sua vida. Ou pelo menos tentava.

— Não me interessa — disse o outro, decidido. — Existe uma dívida e você está aqui. E esse carro me parece um ótimo pagamento.

Ele viu Dante fechar os olhos e baixar a cabeça com um semblante de derrota.

— Esse carro na mão de qualquer homem é apenas um carro. Mas na minha mão, ele se torna o carro mais rápido de todo o Pós-Guerra.

Salazar ponderou as palavras. Mordecai não pôde deixar de olhar a entrada da cidade para ver se algum dos infectados sairia dali. Um dos homens de Salazar viu o seu movimento e ajustou a arma nas mãos, caso precisasse.

— Então eu quero ver — disse Salazar. — Seu carro estava comprometido com uma corrida. Mas se você é tão bom quanto garante, poderá provar isso.

— Feito! — Dante sequer hesitou e, depois do que Mordecai vira na cidade, ele tinha motivos para isso. — Mas o garoto está fora. Deixe ele ir.

Salazar avaliou a proposta com as sobrancelhas e devolveu um sorriso de escárnio.

— Se você ganhar, soltamos ele. Mas se perder... — Salazar riu. — Essa é a aposta.

— Temos uma aposta — rebateu Dante. — Mas não quero ninguém encostando no meu carro.

Dante mostrava tanta convicção em suas palavras, que só havia duas possibilidades: ou ele tinha absoluta certeza de que ganharia, ou simplesmente não se importava com a vida de Mordecai. E era a segunda opção que fazia seus ossos gelarem.

Salazar soltou um sorriso com o pedido de alguém que era seu refém e se direcionou para os seus homens. Mandou que dois verificassem a entrada da cidade e gritou para os demais:

— Vocês ouviram! Vamos para Ruínas — disse Salazar. E completou, olhando para Dante: — Temos uma corrida para assistir.

Orfeu

O pequeno caderno vermelho girava entre os dedos fechados em formato de pinça enquanto ele caminhava. Orfeu havia conferido algumas páginas, mas esbarrou apenas em coisas aborrecidas sobre ciência. As palavras não faziam sentido, repelindo-o antes de conseguir passar do primeiro terço. A cabeça dava voltas e mais voltas, pensando em tudo que havia conversado com aquele homem misterioso; mais um dia havia se passado, e as suas decisões estavam cobrando seu preço.

O caminho até a casa de estudos de Skye contornava alguns dos casebres mais humildes da comunidade e, logo no primeiro deles, Orfeu cruzou com um casal na rua. O homem tirava as escamas do peixe raspando-o com uma pequena faca cega, enquanto a mulher costurava a tarrafa castigada por algum galho ou pedra. Fez um aceno com a cabeça quando identificaram a sua passagem, mas recebeu de volta apenas dois pares de olhares desconfiados temperados com desprezo.

Tenho certeza que Izabel tem um dedo nisso.

A reunião mais cedo novamente havia sido acalorada. O corpo de Rojo ainda não havia sido localizado, as explicações não faziam sentido e tudo soava muito estranho. Diego insistiu em participar, mesmo com o ombro machucado. Izabel esticou a mão para ele, abriu seu arsenal de acusações e perguntou quantos precisariam ser mortos até que sua *bastarda* fosse mandada embora. José tentou apaziguar, mas a mulher estava determinada.

Uma tensão se estabeleceu na mesa e só aumentava conforme ela argumentava sobre como Skye não era digna de estar ali. A última gota d'água fez o balde transbordar e, ignorando os conselhos de Maria, Orfeu devolveu uma onda imensa de acusações sobre como Izabel tinha inveja porque não era capaz de ter filhos. Rebateu dizendo que ela queria gerar a vida como a água, mas era árida como a areia da praia. A sala de reuniões retumbou tão alto que até a montanha tremeu.

Por que ela odeia Skye?

Tentou enumerar os motivos que alimentavam a raiva de Izabel, mas não conseguiu preencher a mão com um dedo sequer. Talvez um, e o único admissível: inveja. Sua filha era uma garota especial de quem todos gostavam, e a mulher parecia não concordar com isso. Mas teria de se conformar, pois se ela estava

disposta a mandar Skye embora, ele estava disposto a mantê-la na Montanha da Caveira, independente do preço que tivesse que pagar.

Subiu a trilha, e a casa que Skye usava para estudar apareceu. No alto da elevação de pedras, isolada da comunidade, a pequena casa de madeira rangia sob a ação do vento, resistindo com dificuldade, como um pássaro agarrado a um galho em meio a um furacão. De um lado, havia toda a imensidão da parede de rocha sólida, do outro, a vastidão do mar, como um manto azul infinito.

Ele parou a poucos metros da porta, encarando o caderno e, através dele, a verdade que precisaria compartilhar.

Minha santa Guadalupe... não deixe que eu perca a minha filha.

— *Eu sei que você está aí!* — veio a voz lá de dentro. — *Pode entrar.*

Orfeu atravessou a varanda e girou a maçaneta da porta. As madeiras alinhadas protestavam contra o seu peso, emitindo gritos lamuriosos a cada passo. Diferentemente da organização que ele costumava encontrar, o lugar estava uma bagunça. Os livros, que repousavam sempre enfileirados nas prateleiras, estavam empilhados no chão. As caixas de “aparatos tecnológicos”, como Skye gostava de chamar, ou “bugigangas”, na sua própria versão, estavam vazias. O conteúdo fora atirado ao chão, como se um ladrão houvesse entrado ali para procurar algo específico.

— O que aconteceu aqui? — Ele estava preocupado com um possível ato de retaliação.

Skye emergiu das páginas do livro que estava lendo e deu um olhar distraído para o seu pequeno mundo caótico.

— Ah... isso? Fui eu que fiz. Depois eu arrumo.

A respiração de Orfeu voltou a funcionar no ritmo certo. Pesada, mas tranquila.

— Como sabia que era eu lá fora?

Mergulhada novamente nas páginas do livro, Skye apontou para o mesmo dispositivo que o denunciara da outra vez. Aquele que ela instalara no interior da caverna. Orfeu ainda estava em dúvida quanto à eficiência do aparelho que ela chamava de “sensor”. Teria ele funcionado e o sentinela que não viu?

— Filha... você acha que ele pode não ter funcionado naquela noite?

Skye não respondeu até terminar de ler a página em um ritmo frenético. Quando finalizou, fechou o livro e atirou-o sobre a pilha que já alcançava quase a altura da cadeira.

— Eu descobri o que aconteceu naquela noite, pai. O sensor funciona com calor e não com o movimento. Eu testei com um pedaço de madeira e a luz não acendeu. Não sei como o invasor fez isso, mas ele enganou o sensor. Por isso o guarda não percebeu — ela apontou para as pilhas de livros no chão. — Eu já pesquisei cada página deles tentando entender, mas não encontrei nada de útil no que tenho aqui.

- Você já leu todos esses livros?
- Pelo menos três vezes cada um.
- Sua cabeça não fica cheia de tantas leituras?

Ela sorriu.

— Minha cabeça fica cheia de gente chata, pai. Em relação aos livros, quanto mais eu leio, mais anseio ler. É um vício apaixonante, deveria experimentar.

Em um primeiro momento, ele teve receio de que sua filha ainda estivesse vestindo o manto do rancor, mas, ao escutar as palavras empolgadas, seu coração deu um suspiro aliviado, como uma mãe que escuta os passos sorrateiros do filho chegando em casa no meio da madrugada.

— Bem... Eu tenho um que você ainda não leu.

Ele ergueu o pequeno caderno e Skye arregalou os grandes olhos negros, feliz como Miguel ganhando algum presente. Fez a cadeira girar e foi até ele, envolvendo o caderno de capa vermelha com as mãos. Os olhos varriam o pequeno objeto atrás de informações.

- Quem é Isaac Mendes?
- Um cientista — disse Orfeu.
- Um cientista de verdade?
- Sim. Um cientista de verdade.

Os olhos dela arderam em chamas com uma euforia que ele jamais havia presenciado em toda a sua vida. Seu coração se comprimiu dentro do peito, dando alertas de que sua eterna garotinha o deixaria para partir em busca do verdadeiro pai.

*“O homem que está aqui não tem uma filha”, dissera-lhe o Corvo.
Mas eu tenho uma filha. Minha filha.*

- Eu o resgatei uma vez. Era meu amigo — mentiu.
- Você era amigo de um cientista, pai? Por que nunca me contou?

Ela abriu a boca, admirada. Havia tempos não direcionava aquele olhar de encantamento para ele. O mesmo que Miguel fizera quando iniciara as aulas de tarrafa e o mesmo que Tomáz fizera quando fora autorizado a liderar uma das equipes de buscas. Skye era um pouco mais difícil de impressionar. Na verdade, ela que era impressionante.

Ele não respondeu, mas os olhos cintilantes da filha exigiam uma resposta. Então ele começou a organizar as palavras na boca, com a mesma dificuldade de um malabarista com pouca prática.

- Foi há muito tempo e... ele não está mais por aqui... então...
- Eu quero saber tudo sobre ele! — ela correu até a mesa e abriu o caderno. Percorreu algumas páginas de forma apressada e soltou interjeições de felicidade a

cada uma delas. — Uau! Você tem que ver isso! Ele fala sobre tudo aqui: alimentação, energia, medicamentos, suprimentos e até defesa bélica!

A montanha inteira recaiu sobre os ombros de Orfeu. Sentiu-se como um pescador naqueles segundos derradeiros quando percebe que a linha vai se arrebentar depois de horas de batalha com o maior peixe que pegaria na vida. Não queria transparecer o desapontamento de ver a filha tão encantada com o pai que nem conhecia. Que nem existia de verdade.

“O homem que está aqui não tem uma filha”.

Começou a colocar os livros na prateleira de forma mecânica.

— Não precisa fazer isso agora, eu arrumo depois — ela segurou a pilha de livros que ele estava prestes a erguer. — Quero que me conte sobre esse cientista, pai!

Orfeu coçou a barba.

— Na verdade... ele não era *tão* bom assim... um homem bem normal, até — as palavras foram ganhando força, conforme ele via a frustração erguer uma morada no olhar da filha. — Franzino. Um fracote. Não aguentava o peso da tarrafa. Ele nem conseguia serrar uma tábua.

Skye deixou os ombros caírem e a cabeça pender para o lado. Estava com os cabelos presos por um rabicó.

— Pai... um cientista não é feito para serrar tábuas ou pescar — ela folheou as páginas com velocidade, buscando mais informações. Parou em uma delas de forma tão abrupta que Orfeu até se assustou. — Eu não acredito!

— O que foi? — ele caminhou até a mesa para entender o que havia causado tanta excitação.

— Olha o que ele fala aqui! — O dedo percorreu as linhas do manuscrito atrás de palavras mais específicas. — É sobre viagem temporal! Uma cápsula do tempo!

Então o homem não mentiu...

Skye ergueu a cabeça, fitando as paredes de madeira. Parecia processar algo com velocidade assustadora. Seus olhos vagavam perdidos sobre suas coisas enquanto raciocinava. Orfeu queria descobrir em que terras inóspitas andavam os pensamentos da filha, mas temeu que seu cérebro entrasse em colapso durante o processo.

— Você tem noção disso, pai? Uma viagem temporal! Eu nem consigo dimensionar o quanto isso é fantástico!

Ela parecia ter sido atingida por um relâmpago. Os dedos se agitavam sobre a mesa, tamborilando com velocidade. As pernas que pendiam da cadeira subiam e desciam apoiadas pelas pontas dos pés.

— Onde está essa coisa? — Orfeu também estava curioso para saber.

Skye conferiu as informações. Leu quatro páginas em uma velocidade inconcebível para ele. Talvez no mesmo tempo em que ele lia o nome na capa.

— Aqui não diz onde está. Talvez fora da montanha, eu acho.

— Se está fora da montanha, essa história já acabou antes mesmo de começar — disse Orfeu, em um tom que julgava ser suficiente para dissuadir a filha.

— Você não está entendendo, pai. Se funcionar, nós poderíamos fazer muitas coisas! Como salvar os homens que morreram no dia da comemoração! — ela gesticulava para explicar a linha de raciocínio, como se ele fosse uma criança. — Poderíamos deixar uma mensagem avisando sobre o ataque e ninguém morreria. Daria para salvar até Rojo e Soza.

Mesmo tendo o raciocínio mais lento que o da filha, sua cabeça calculou os desdobramentos dessa ação.

Se ninguém morrer, Izabel não exigirá que você vá embora.

— Acha mesmo que isso pode acontecer?

— É o que diz aqui — disse ela, folheando o livro. — Eu não conheço esse cientista, pai. Mas só de virar algumas páginas, eu vejo que ele sabe sobre o que fala. Acredito nele.

A luz do sensor começou a piscar na frente deles, segundos antes de a porta se escancarar para dar lugar à figura ofegante de Tomáz.

— Estamos sendo atacados!

— Atacados? — Orfeu correu até a janela para espiar.

A troca de posição entre o sol e a lua jogava a montanha em um lusco-fusco incômodo aos olhos. A maioria das pessoas já estavam em suas casas, mas as que estavam na rua circulavam normalmente pela encosta rochosa.

— Isso é algum tipo de brincadeira, Tomáz?

Seu filho se apoiava no umbral da porta com o corpo envergado, tentando recuperar o fôlego.

— A luz se acendeu. Ouvi gritos pelos túneis.

Orfeu tirou seu olhar do filho e o devolveu à janela, observando a entrada do túnel. Um sentinela apareceu caminhando lentamente de costas, até ser alvejado com um tiro silencioso na cabeça. Segundos depois, alguns homens surgiram caminhando furtivamente como um felino prestes a atacar. Contou pelo menos seis. A adrenalina percorreu seu corpo e a ansiedade tomou conta do seu estômago.

“Eles vão voltar. E, por mais que pense que estão preparados, não estarão. Me prometa que não levarão Skye”.

— Onde estão nossos homens? — perguntou ao filho.

— Eu não sei — disse Tomáz. — Mas eu tenho que proteger nossa gente.

— Tomáz!

Tomáz girou nos calcanhares para sair em disparada, mas paralisou diante do grito do pai. Seu tom foi exacerbado, mas ele precisava que o filho o escutasse.

— Não temos tempo para discussões! — ele protestou, em um misto de desespero e raiva.

Orfeu caminhou até ele, tirando do bolso o pequeno papel que o Corvo havia lhe entregado.

— Você e sua irmã precisam sair daqui. Use o túnel submerso e procure por um homem chamado Corvo — entregou o papel a Tomáz, que o encarou confuso. — Não temos tempo para discussões. Vão!

Pela janela, ele percebeu que o grupo começava a aumentar. Os invasores desceram a encosta de pedra, rendendo os moradores das primeiras casas. Skye girou uma alavanca e a sirene acima de sua casa começou a soar, gritando a plenos pulmões.

— Quem é esse homem, pai? — disse Skye. — E quanto à mãe e ao Miguel?

— Ele vai te ajudar com a sua cápsula. Tem todas as respostas de que precisa. Eu cuido da mãe e do irmão de vocês, mas precisam partir. Agora!

Tomáz aquiesceu obediente, não como um soldado, mas como um filho. Deu um abraço caloroso no pai, acompanhando por Skye. Orfeu apertou o abraço e beijou cada um deles na testa.

— Eu te amo, pai — disse Skye, com a voz embargada.

— Também amo vocês. Agora vão!

Skye pegou uma pequena mochila e os dois partiram. Orfeu viu os dois descerem a trilha e depois sumirem em direção à parede rochosa. Saiu do laboratório de Skye e viu as pessoas deixando seus lares em uma corrida confusa e caótica em direção à floresta. Avistou sua casa ao longe, mas nada de Miguel e Maria saírem de lá. Observou, aliviado, a multidão fugindo.

Trilhou no meio dos casebres buscando cobertura. A mão deslizava pela madeira áspera para guiar o corpo. As armas mais próximas estavam na entrada da caverna, além dos intrusos. Teria de buscar alternativas. Avançou mais duas construções e sentiu sua esperança ser renovada quando viu a modesta casa de José. Cruzou a porta aberta sem muita cerimônia. Estava vazia, como era de se esperar. Sobre a mesa havia algumas esculturas de barro em andamento, um dos passatempos do homem. Orfeu foi até o quarto do seu conselheiro, rezando para que a arma estivesse lá. Vasculhou todas as gavetas enquanto ouvia o som de passos apressados lá fora. Foi na última delas que encontrou o que procurava.

Retirou o revólver da gaveta e conferiu a munição. Sem muitos disparos, ele teria de caprichar na pontaria. Cruzou a saída e encostou o grande corpo na parede, buscando proteção. Esticou a cabeça e percebeu uma movimentação na casa à frente, estavam arrastando uma mulher aos gritos. Moveu-se furtivamente até

garantir que não erraria o tiro, puxou o gatilho e viu a bala explodir na nuca do invasor, que desabou ao lado da sua vítima.

Orfeu correu para socorrê-la e levou um tapa quando encostou na mulher, que golpeava a esmo com os olhos fechados. Era Izabel.

— Calma, Izabel! Sou eu!

Ela abriu os olhos já entumecidos de lágrimas.

— Orfeu?

— Sim, sou eu — ajudou-a a se levantar. — Você viu Maria e Miguel?

Ela negou com a cabeça, assustada, e começou a chorar.

— Tudo bem, Izabel. Está tudo bem. Leve os outros até a floresta, esconda-os lá. Eles precisam de você!

A mulher que tanto o odiava deu-lhe um abraço sincero e fugiu apressada. Ele guardou a pistola na parte de trás da calça e pegou o rifle do invasor. A arma era bem diferente da que estava acostumado, tinha um laser que guiava a mira e um tubo extensor na ponta para suprimir barulhos. Pegou o capacete sujo com respingos de sangue e colocou na cabeça. Pensou que o visor servia para proteger o rosto, mas ficou impressionado quando as imagens começaram a surgir diante de seus olhos. A Montanha da Caveira adotou tons escuros azulados, contrastando com seres de luz coloridos de verde, amarelo e vermelho. Ele olhou para o soldado caído. Uma mancha amarelada apareceu no visor. Ao lado dele uma série de informações acompanhava as palavras “sem sinal”.

Eles podem enxergar no escuro.

Impressionado, Orfeu lançou o olhar além das paredes da casa e percebeu ao longe sete homens avançando na direção oposta. Conforme o visor do capacete, havia duas pessoas a algumas casas além deles: uma criança e uma mulher. Seu coração gritou desesperado para que corresse até lá. Orfeu firmou a mão em volta do rifle e avançou na direção do primeiro. Apontou a arma e puxou o gatilho, disparando uma rajada de silvos.

O homem caiu e os outros ficaram alertas. Ao perceberem que ele também podia vê-los, começaram a atirar, ignorando as paredes. Orfeu se jogou no chão e escutou os projéteis estilhaçarem a madeira acima dele, criando uma chuva de lascas que aumentava conforme os disparos eram efetuados. Na casa azulada, a mulher e o menino cobriam os ouvidos com as mãos; ela envolveu a criança em um abraço como se pudesse protegê-lo das balas. Ele nem quis pensar na possibilidade de perder Maria e Miguel.

A adrenalina deu lugar à raiva. Levantou-se determinado a acabar com todos eles. O painel diante de seus olhos informava que os dois ainda estavam vivos. As lágrimas tornaram sua visão um borrão doloroso. A raiva era o mar que esmagava seu coração contra as rochas. Revidou contra dois dos agressores. Um morreu e o

outro se atirou, tentando evitar ser alvejado. Durante a corrida, bateu com o corpo na lateral de uma casa. A mulher e a criança estavam cada vez mais perto, só precisava avançar mais um pouco. Só mais um pouco...

Alvejou um dos invasores que vinha pela sua esquerda. Atirou contra outro da direita e o rifle emitiu um clique seco. Jogou a arma no chão e puxou o revólver. Antes que pudesse erguer a arma contra o terceiro, sentiu uma pancada violenta no ombro, seguida de uma dor latente. O revólver caiu de suas mãos, e um segundo disparo acertou seu peito. Orfeu foi jogado para trás, aterrissando seu corpo enorme no solo arenoso que cobria a montanha.

Pelo visor, ele os acompanhou vindo em sua direção. O revólver estava próximo, mas o seu braço parecia ter o peso da montanha inteira. Arfou com dificuldade, sentindo o ar arranhar seus pulmões a cada ciclo de sua pesada respiração. O calor onde as balas o haviam perfurado era intenso, e o sangue quente escorria através das feridas. Rezou à virgem de Guadalupe, pedindo que protegesse Skye e Tomáz e que o perdoasse por todas as decisões erradas de sua vida. Tentou olhar para a casa, mas não tinha forças nem para erguer a cabeça.

Escutou os passos dos invasores cada vez mais perto. Fechou os olhos, e uma série de imagens passou diante dele: seu pai... o nascimento de Miguel... a pequena Skye fazendo a sua primeira invenção... Tomáz em sua primeira caçada... e, no fim, o olhar cheio de compaixão de Maria dizendo-lhe que ficaria tudo bem.

A sirene ainda cumpria o seu dever, gritando como uma criança ignorada. A maresia trazida pelo vento acariciou seu rosto, grata pelo respeito que ele sempre teve pelo mar. O solo rochoso abraçou-o com seu toque frio, como um pai rigoroso, porém repleto de amor. A areia fez o trabalho de reconfortar seu corpo, como uma mãe compreensiva. Orfeu nunca se sentiu tão acolhido pela montanha quanto naquele momento derradeiro e sentiu que não poderia estar mais preparado.

Percebeu um par de botas deformarem a areia próxima ao seu corpo, encarou o cano do rifle borrado através do visor do capacete e escutou um tiro abafado. A escuridão o acolheu e ele partiu em busca do seu pai, no mundo místico que espera todas as pessoas que completam as suas jornadas aqui nesta vida.

Alan

Alan teve um sono sem sonhos, daqueles revigorantes, que Joe chamava de “um sono só”. Acordou algum tempo depois sem saber o quanto havia dormido. Seu corpo estava renovado, os músculos novos em folha. Na verdade, não sabia o quanto estava cansado até se deitar na cama estreita da cela. Enquanto se espreguiçava e coçava os olhos, alguém o chamou do outro lado das grades.

— Ei! — A voz era agradável aos seus ouvidos e ele nem precisou ver quem era para responder.

— Como conseguiu sair?

Alan viu Fox em frente a sua cela, com um molho de chaves na ponta do indicador.

— Como conseguiu isso?

— Estavam comigo o tempo todo. Vem! Não temos muito tempo!

— Como você tinha as chaves da prisão do Chacal? — ele perguntou, desconfiado, enquanto saía.

— O Corvo esteve aqui há alguns dias. Veio dar um recado ao Chacal e pegar as chaves-reserva. — Ela mostrou os dentes em um sorriso forçado. — Era para ser fácil, mas parece que teve que matar uma boa quantia de guardas, então o Chacal meio que está puto com ele. Podemos ir ou você tem mais alguma pergunta?

Alan sinalizou que não com a cabeça e os dois partiram pelo corredor. Fox parou em frente à cela do homem solitário; estava deitado na pequena cama, com as pernas cruzadas e os braços apoiando a cabeça. Parecia um condenado prestes a cumprir sua sentença de morte, e talvez fosse exatamente isso.

— Ei, você! — ela chamou o homem. — O que faz aqui?

Ele deu um olhar desinteressado e baixou a cabeça novamente.

— Estou descansando na suíte de luxo do Chacal, não percebeu?

Fox recuou como se tivesse levado um soco.

— Se não quer sair dessa cela, então apodreça aí. Babaca! — ela puxou Alan pelo braço. — Vem!

— Esperem! — o homem correu até as grades e esticou o braço para fora. — Me desculpe, eu não quis ofender. Apenas achei que a resposta era óbvia.

Fox voltou até as grades e cruzou os braços, ostentando uma expressão nada amistosa.

— Quero saber o que fez para estar aqui, Senhor Obviedade.

O homem tinha cabelos lisos que caíam até os ombros. A boca era contornada por uma barba que cobria metade do rosto. Por um momento, Alan se lembrou da imagem de Jesus na igreja, que de semelhante com aquele homem tinha apenas a aparência. O prisioneiro deu de ombros e abriu um sorriso largo.

— Peguei umas coisinhas aqui, outras ali. Nada de mais.

— Parece que o Chacal discorda — rebateu Fox.

— Ele tinha um quadro que... como posso dizer... — ele coçou a testa. — Eu gostava mais daquele quadro do que ele. É por isso que estou aqui.

— Como ele descobriu?

O prisioneiro sorriu.

— Um desafeto amoroso, podemos dizer.

Fox avaliou o homem por um tempo enquanto raciocinava sobre sua utilidade.

— Então temos um ladrão aqui...

— Assim você me ofende — disse o prisioneiro.

— Conhece a cidade?

— Cada viela e cada buraco.

— Sabe onde eles guardam as armas?

— Claro que sei... e você também pode saber, se me tirar daqui.

— Você fala onde fica e depois eu volto para te soltar.

O prisioneiro piscou e estalou a língua no céu da boca.

— Tsc, tsc. Se eu disser onde fica, vou morrer antes de você voltar. Ou vamos juntos ou procurem sozinhos. A cidade tem só milhares de prédios.

Fox hesitou e Alan arrastou-a pelo braço para longe da cela.

— Não podemos confiar nele. É um ladrão! — sussurrou.

— Você sabe onde estão as armas? — ela o encarou com seriedade.

— Não — Alan respondeu, envergonhado.

— Então cala a boca — ela se voltou ao prisioneiro. — Você vem! Mas não tente fugir, porque você não volta para essa cela. Isso eu garanto.

— Eu levo vocês até as armas e estou livre.

— Você estará livre quando eu disser que está livre — Fox advertiu.

— Está bem. Que seja! — ele sorriu.

Fox abriu a cela e o ladrão saiu de lá. Os dois se esgueiraram até a entrada e Alan os seguiu, contrariado. Havia um sentinela vigiando a prisão de forma desleixada. Fumava um cigarro contemplando a movimentação crescente abaixo das construções. Fox queria abatê-lo, mas o ladrão fez um sinal pedindo que não chamasse a atenção. Ele se arrastou pela lateral do prédio e os dois fizeram o mesmo.

— Temos que ser invisíveis. Não dá para sair enfiando a porrada na cidade inteira — advertiu.

Fox concordou e eles seguiram a jornada através do labirinto de concreto que se dividia entre prédios bem conservados e deteriorados. Passaram próximo de um mercador e o homem roubou um boné escuro para entregar à mercenária.

— Eu não quero isso — ela disse.

— O seu corte de cabelo não é muito famoso por aqui — rebateu.

Ela colocou o boné de má vontade e seguiram um trajeto que os levava de volta para o portão da Fortaleza de Vidro. O sol já começava a se retirar, estendendo a grande sombra do prédio principal pela cidade que logo seria coberta por um manto negro. Estavam a menos de três quadras do destino quando viram uma agitação nos muros. Os guardas caminhavam de um lado para outro, gritavam e apontavam para algum lugar na estrada à frente.

— Ele chegou — disse Fox.

— Quem chegou? — perguntou o ladrão.

— O Cavaleiro da Peste — respondeu Alan.

Antes que o guia do grupo pudesse fazer outra indagação, Fox correu até a construção mais alta que havia ao redor. Subiu desesperada pelas escadas com os dois em seu encalço, Alan preocupado e o ladrão confuso. Chegaram ao topo do prédio, que permitia uma vista além da linha de defesa, e o ladino entendeu o que estava acontecendo lá fora. Um homem de vestes negras usando uma máscara com nariz longo caminhava pela estrada em direção à Fortaleza de Vidro, emergindo do interior de uma cortina espessa de fumaça verde que se estendia até o alto da estrada, seguido de uma multidão crescente de pessoas que caminhavam com passos trôpegos e desajeitados.

— O que é isso? — ele perguntou boquiaberto.

— Isso é o que estamos tentando evitar por aqui — Fox respondeu. — Onde ficam as armas?

— Eles guardam lá — ele apontou para um antigo depósito que sustentava um letreiro vermelho, a duas quadras de distância.

— O que é aquilo? — perguntou Alan.

Fox e o ladrão voltaram a atenção ao inimigo. Do meio da horda, surgiu uma figura ainda maior; ficou lado a lado com o homem que a comandava. Era pelo menos três cabeças mais alta e tinha grandes garras na ponta dos braços.

— Que merda é aquela? — o ladrão ecoou a pergunta de Alan.

— É aquilo que temos que matar.

Os guardas apontaram as armas, gritando advertências desesperadas. O Cavaleiro da Peste não se moveu. Estava longe o suficiente para um tiro de metralhadora. Talvez um tiro de rifle de precisão, disparado por um bom atirador,

fosse capaz de atingi-lo, mas ele parecia saber que, quando o terror domina um homem, são poucos os que têm a mão firme o suficiente para manusear uma arma.

Ele estendeu o braço na direção dos muros e a horda de infectados emitiu um grito de guerra grotesco e partiu para o ataque. O coração de Alan retumbava dentro do peito.

Vai ser um massacre.

Quando os seres moribundos estavam a meio caminho de distância dos muros, a defesa abriu fogo. Os canos das armas começaram a cuspir balas, revidando desesperados. No lado oposto, a cidade começou a bater em retirada para o interior do segundo muro. Dos portões internos, vieram três carros trazendo mais soldados. Alan comparou a quantidade de um exército contra o outro e não viu a menor possibilidade de vitória.

— Temos que sair daqui! — gritou para Fox.

Ela estava com o pensamento distante. Analisava o homem e sua criatura horrenda.

— Por que ele não se mexe?

Alan acompanhou o olhar dela. O Cavaleiro da Peste encarava a grande criatura com garras, estática na sua frente. Ele esticou um braço na direção dos muros e depois os dois. Mas, em vez de o monstro seguir o seu comando, como fizeram os outros, ele fez algo que nem mesmo seu mestre esperava. Jogou o braço para trás e o trouxe para frente, fazendo suas garras atravessarem o abdome do cavaleiro a ponto de saírem pelas costas. O homem se debatia enquanto era suspenso, tentava se livrar da criatura, mas a força abandonava o seu corpo. Com a outra mão cheia de garras, a criatura apertou a cabeça do cavaleiro, arrancando a máscara do seu rosto.

— Meu Deus! — foi tudo o que disse o ladrão, antes de descer pelas escadas.

Alan e Fox nem perceberam que ele havia fugido. Estavam hipnotizados pelo horror que seus olhos testemunhavam. O monstro atirou o cavaleiro quase morto no chão e bastou um grito para as criaturas, que antes estavam sob o comando dele, se atirarem em cima do antigo mestre para devorá-lo. Os gritos de dor do cavaleiro se perderam entre os sons dos tiros e os grunhidos das criaturas.

O monstro se virou para os muros, emitiu um guincho agudo e correu para se juntar ao ataque.

— Vem! Vem! Vem! — gritou Fox, correndo para as escadas.

— O que você pretende fazer?

— Matar aquela coisa.

— Você viu o que ela fez! — protestou Alan. As palavras saíam com dificuldade durante a corrida.

— Cala a boca e corre!

Chegaram à rua e um carro cheio de soldados passou por eles a toda velocidade. Alan teve de puxá-la para que não fosse atropelada.

— Estão escalando aqui! — gritou alguém de cima dos muros.

Fox procurou o depósito que o ladrão havia indicado. Ficava do outro lado da quadra. O suor escorria pelas costas de Alan e suas pernas começavam a latejar, mas ele ignorou as reclamações do corpo. Não podia e não queria deixá-la sozinha, mesmo que isso lhe custasse a vida.

— O monstro está aqui! — veio o grito desesperado de cima do muro.

O monstro surgiu entre a linha de defesa e eliminou dois guardas com extrema facilidade. A noite havia chegado, e a silhueta da criatura era ainda mais macabra. Parecia um demônio golpeando com suas garras afiadas.

Alan parou para ver se conseguiriam matar o monstro, mas os tiros não pareciam fazer efeito algum. Fox puxou-o pela mão e seguiram correndo. Estavam quase no arsenal de armas quando um homem aterrissou feito uma fruta podre perto deles. A cabeça estourou, espalhando sangue e miolos pela rua. Quando Alan viu aquilo, a náusea fez sua cabeça girar e o estômago embrulhou. Levou uma bofetada no meio da cara.

— Não desmaie, seu merda — gritou Fox. — Preciso de você agora.

No arsenal, a porta estava escancarada, e os soldados que entravam de mãos vazias saíam abraçados em todos os tipos de armas, como se estivessem saqueando uma loja. Um deles os encarou quando os dois entraram, mas não falou nada. Àquela altura dos acontecimentos, não faria diferença qual dedo puxava o gatilho, desde que a bala parasse na cabeça do inimigo.

Alan nunca tinha visto tanto poder de fogo reunido em um mesmo lugar. Fuzis, pistolas, rifles, metralhadoras, revólveres e até bestas estavam pendurados em diversas prateleiras que formavam vários corredores. Fox dava apenas uma olhada rápida em cada uma delas, parecendo procurar um modelo específico. Na rua, o som da guerra seguia seu ritmo, tornando a atmosfera da cidade tensa.

— Está procurando as suas? — perguntou Alan.

— Não seja idiota! Não é hora para apegos sentimentais. Eu quero um lança-chamas.

Ela segurou um dos soldados pelo braço. Era um homem grande, mas parecia assustado.

— Onde tem um lança-chamas?

— Lá no fundo! — ele indicou.

Uma explosão ecoou além dos muros. Absorveu o eco dos tiros para um vácuo momentâneo e logo os devolveu ao som da guerra. Fox ignorou o caos e arrastou Alan até o fundo do prédio. Tinha uma prateleira com seis lança-chamas. Eram

armas feitas de dois cilindros equipados com alças, como uma mochila, conectados a um tipo de pistola através de uma mangueira.

— Arraste todas elas para fora — ordenou Fox.

Alan colocou uma nas costas e levou duas delas até a rua. Fox colocou outra e levou mais duas. Abordou um grupo de soldados que vinha na direção do alojamento.

— Peguem essas e venham comigo! Vamos fritar esse filho da puta!

Ela correu na direção dos portões e chamou Alan. O muro contava com bem menos defensores e o centro estava praticamente desprotegido. O monstro havia sumido de vista, mas eles duvidavam que estivesse morto. Ao escutarem gritos vindos além da esquina seguinte, entenderam que ele não havia sido abatido, e sim entrado na cidade.

Fox e Alan aceleraram o passo e buscaram cobertura próxima ao cruzamento, para ver o que acontecia. Um grupo considerável de soldados estava entre a criatura e o caminho que levava até a segunda fileira de muros, com armas trêmulas apontadas.

— Vá embora! — gritou o soldado. — Vá embora e leve seus monstros com você!

A aberração deu uma risada gutural que fez a espinha de Alan gelar. Ele viu a boca cheia de dentes mover-se, emitindo aquela voz igualmente sinistra.

— *Eu irei embora... após acabar com essa cidade!* — bradou a criatura.

Ela deu um passo e as balas começaram a voar em sua direção. Uma delas ricocheteou e foi morrer na parede perto de onde estavam. Os dois se encolheram e Alan encarou Fox por uma fração de segundo. A probabilidade de morrerem era grande, mas estava feliz por estarem juntos.

— Fox... se eu morrer, quero que sai...

— Cala a boca, Alan! — Fox o puxou pela gola da camisa. — Você vai por um lado e eu vou pelo outro. Temos que assar esse desgraçado.

O som de gritos próximos, misturado à ausência de tiros, indicava que a criatura estava executando sua chacina. Fox entrou correndo na rua e Alan foi mais adiante. O monstro havia matado três homens, eles jaziam deitados, com cortes profundos que atravessavam o peito. Os outros haviam recuado um pouco, mas seguiam firmes com os dedos no gatilho.

A criatura avançou na direção do primeiro, usando as garras para cortá-lo no rosto. Segurou o segundo pela cabeça e, com um golpe, atravessou sua barriga. A defensiva do Chacal foi morrendo, homem a homem. Nada conseguia parar aquela aberração. Se ela abrisse o portão, então, estavam todos condenados.

Fox avançou em direção ao monstro, como se a sua pele fosse feita do mesmo material resistente que a dele.

— Ei, seu filho da puta! — ela gritou para o monstro, que caminhava a passos largos rumo ao portão principal.

A aberração com garras deu um giro e encarou os dois.

— *Vocês não aprendem mes...*

Antes de terminar a frase, uma língua de fogo a envolveu. Fox havia puxado o gatilho, disparando uma rajada de fogo que transformou a criatura em um espectro. Alan imitou o gesto, e um “V” de fogo se formou entre os dois e o monstro. Um grito agonizante saiu do meio das chamas e o inimigo correu na direção dela.

Alan seguiu incendiando até que ele chegasse perto da mercenária, mas teve que soltar o dedo do gatilho quando viu a bola de fogo saltar na direção de Fox. Envolta em chamas, a criatura ergueu as garras, preparando um ataque certeiro.

— Não! — O grito saiu de sua boca sem perceber. Não tinha pensado em dizer isso, era seu coração que gritava.

Fox rolou para o lado e, por pouco, as garras não lhe rasgaram o pescoço. O monstro aterrissou na calçada, alguns metros adiante. Ágil como um gato, ela se colocou de pé e puxou o gatilho novamente. Alan se uniu ao ataque, transformando o inimigo em uma imensa torre de fogo. Mais um grito agudo rasgou o som da guerra. No muro, a batalha seguia intensa. Alan só queria que aquilo tudo acabasse.

Morra, seu desgraçado! Morra! Morra! Morra!

A comitiva que havia passado por eles no depósito de armas apareceu para ajudar. Dos seis homens, apenas um pegou o lança-chamas. Os outros optaram por outros tipos de armas, variando de escopeta até lança-granadas. O monstro urrou de raiva na direção de Fox, até que um tiro de escopeta o atingiu nas costas. Os olhos amarelos buscaram o responsável pelo disparo, fazendo o grupo de soldados dispersar pela rua em busca de proteção.

— Estão quase chegando! — veio outro grito desesperado sobre o muro.

Alan e Fox seguiam atirando as labaredas contra o monstro. Ele voltou a atenção para os dois, mostrando o incômodo que haviam se tornado. Decidiu atacar Alan dessa vez. Talvez o fogo fosse mesmo eficiente como Fox havia mencionado. A criatura veio correndo com passos largos e garras esticadas nas laterais do corpo. Alan ficou paralisado, vendo aquela monstruosidade chegar cada vez mais perto.

— Alan! — gritou Fox apreensiva.

Ele quis se mexer, mas os músculos não responderam. A criatura chegou perto. Era imensa e aterrorizante, com seus dentes afiados e olhos malignos que colocariam terror em qualquer coração. Aquele, sim, poderia ser considerado o Cavaleiro da Peste.

Alan viu Fox e decidiu que não morreria como um covarde, mirou a pistola do lança-chamas para o monstro e disparou a língua de fogo. Sentiu o calor aumentar à medida que ele diminuía a distância.

Adeus, Fox.

Um som abafado veio, seguido de uma explosão – um dos soldados havia atirado com o lança-granadas. O projétil atingiu o solo ao lado da criatura, fazendo-a voar na direção de uma das construções. Fox, Alan e o outro soldado aproveitaram para mergulhá-la em um mar de fogo.

O monstro se moveu novamente, mas, em vez de atacar qualquer um dos remanescentes, ele correu até o portão para tentar fugir do alcance das chamas. Gritava em desespero, como se pedisse ajuda.

Alan encarou Fox, que lhe devolveu um sorriso. Perseguiram-na para finalizar o serviço, mas não foi preciso. Ela caiu de joelhos, emitiu um grito excruciante e apoiou as duas mãos no chão. Eles a cercaram, e Alan estava pronto para puxar o gatilho quando Fox fez um sinal com a mão, pedindo que esperasse. O grupo de soldados hesitou, mas respeitou o sinal de Fox.

— Acabem com os desgraçados lá fora. Já terminamos aqui.

Eles acenaram com a cabeça e partiram rumo aos muros. Dificilmente questionariam a ordem de uma mulher que havia abatido uma monstruosidade daquelas. Alan esperava, com o dedo pronto para apertar o gatilho. O monstro se mexeu. O peito se abriu ao meio, como duas portinholas, seguido pelos braços e pernas. Do interior dele caiu um homem com a pele coberta por queimaduras e uma respiração ofegante. Estava debilitado, deitado de bruços no chão. Começou a rastejar quando viu que Fox se aproximava dele.

— Estão se dispersando! — vieram os gritos do muro para trazer alguma esperança.

— Quem é ele? — perguntou Alan.

A mercenária fez a volta e se colocou na frente do homem. Avaliou-o com um sorriso de vitória estampado na cara coberta de fuligem. A blusa estava suja e a calça rasgada. Ela se agachou para encará-lo nos olhos.

— É mesmo... quem é você, criatura nefasta? — debochou do homem, cutucando a pele queimada.

Ele abriu a boca com um grito e tentou contê-lo cerrando os dentes. Na cabeça, os cabelos estavam distribuídos em pequenos chumaços.

— Mulher insignificante! — ele rebateu. — Eles acharam que poderiam me controlar! Eu criei isso! Eu criei! Eu posso até morrer, mas eles jamais colocarão outro no meu lugar. Jamais!

— Você pode até morrer, doutor Aidan — disse Fox. — Mas, antes, temos muito o que conversar.

Fox deu um soco com a mão fechada na nuca do homem queimado. A cabeça caiu no chão e ele apagou.

— Conhece ele? — perguntou Alan.

— Conheço o parceiro dele — disse ela, segurando os braços do homem. — Venha cá me ajudar! Vamos colocar ele em um dos carros.

— O que vai fazer? — perguntou Alan, curioso.

— Vamos levá-lo para o Chacal. Agora ele terá que nos dar atenção.

— Depois de tudo, você ainda quer falar com ele? — perguntou Alan.

— Preciso. Isso aqui é só o começo.

Isaac

Isaac estava na mesa do seu laboratório, cercado de prateleiras repletas de coisas que o Corvo considerava que poderiam ser úteis: ferramentas, utensílios de laboratório, alguns componentes químicos e caixas cheias de componentes elétricos. O lugar fora improvisado, mas ele precisou reconhecer que fora um belo trabalho. Não imaginava como um homem com pouco conhecimento acadêmico poderia ser tão preciso nos materiais escolhidos, mas, de qualquer forma, aquela sala era mais segura e acolhedora do que todos os cenários que ele havia presenciado até então.

— Curioso... — disse Isaac examinando o objeto em suas mãos.

Um dos soldados havia retornado em pânico da Cidade Fantasma. Chegou trazido pelas próprias pernas, acompanhado de uma máscara misteriosa. Estava pálido, como se tivesse visto algum fantasma no deserto. Quando Alanna perguntou dos outros, o irmão de ferro conhecido como Míope limitou-se a dizer que *estavam todos vivos quando saí de lá*. A comandante da Forja parecia cética, considerando a resposta e a hesitação do soldado. Entregou a máscara ao cientista e chamou seu homem para um interrogatório.

A máscara era feita de couro, tinha um bico longo e grandes olhos vítreos redondos. Uma cópia melhorada das máscaras que os médicos do fim da Idade Média usavam no tratamento da peste bubônica. Isaac girou-a, como se fosse colocar no próprio rosto, e analisou o seu interior. O mesmo forro de couro estava presente por dentro, costurado à mão de forma meticulosa.

Não há menor dúvida de que isso foi feito por Aidan.

Tateou a máscara, sentindo o material frio e liso beijar a pele dos dedos e da mão. Sentiu um leve desnível ao passar pela parte que cobria o bico. Enfiou a unha na fresta do couro e fez um movimento de alavanca. Um pequeno retângulo que se unia à máscara através de velcro se soltou, revelando o compartimento secreto no interior do bico. O cientista virou-a na direção da luz. No compartimento, havia uma base leve de madeira, onde estava parafusado um dispositivo cheio de fios.

Isaac buscou uma tesoura e uma pequena chave na caixa de ferramentas ao lado da mesa. Quando retornou até a máscara e encostou a lâmina da tesoura no couro, pensou na expressão decepcionada que Aidan faria se estivesse ali. *Você sempre estraga as coisas que eu faço*, ele diria. E ainda completaria: *ainda vou provar que*

sou melhor do que você! Isaac pensou no mundo que deixara para trás em busca da cura de uma doença que ele ajudara a criar. Não diretamente, mas atacando de forma inocente o ego de um colega de trabalho. Nunca pensara que as coisas chegariam até aquele ponto.

Aidan, o que nós fizemos?

Olhou para o livro que Corvo havia lhe entregado e sentiu uma tonelada de culpa repousar em seus ombros. Viera para o futuro em busca de respostas, mas o vírus estava ali. Não sendo o suficiente, um viajante de um futuro ainda mais distante lhe disse que suas inúmeras tentativas haviam falhado.

“Aqui tem 523 formas de não se fazer a cura. Espero que seja útil”.

“Eu morro no futuro?”.

“Todos nós morremos no futuro”.

— Não se sinta pressionado, Isaac. Apenas o destino da humanidade está em suas mãos.

Deu um suspiro e começou a cortar o couro da máscara que envolvia a leve armação. Com cuidado, removeu toda pele negra da cabeça de pássaro. Havia uma tiara em formato de meia-lua que unia ambas as têmporas de quem colocasse a máscara. Vários fios desciam dela para se encontrar no dispositivo fixado no bico.

É um tipo de neurotransmissor?

Buscou no seu *diário* algo que remetesse à máscara ou ao transmissor. Havia revisado o livro diversas vezes, mas tudo o que encontrara eram relatos de experiência com o vírus. Havia algumas páginas arrancadas eventualmente, mas isso não era novidade para ele. Seus cadernos da universidade sofriam do mesmo mal, toda vez que ele errava alguma frase. Folheou todo o livro e não encontrou nada.

Talvez no futuro eu não tivesse essa máscara. Nem esse livro.

Com auxílio da chave, ele retirou os parafusos, examinando o dispositivo com cuidado para não partir os fios. Um pequeno feixe de luz indicava que estava ligado, emitindo sua frequência. Isaac removeu a carcaça de proteção e teve acesso a uma placa menor, cheia de componentes eletrônicos.

A porta do laboratório se abriu e a única mulher que servia na Forja entrou na sala. Cabelos secos e espetados da cor do cobre pendiam da pequena cabeça até aos ombros. Um par de sobrancelhas delicadas, mas severas, cobria os olhos sérios. O nariz suave e a boca pequena não condiziam com a personalidade forte que ela tinha. Isaac virou a cabeça apenas o necessário para ver que era ela e voltou a atenção para a máscara; não conseguia se sentir à vontade na sua presença.

— Descobriu alguma coisa? — Alanna perguntou sem muita cerimônia.

— Acho que sim — ele respondeu. — Parece que essa máscara usa um tipo de neurotransmissor.

Alanna estacionou o corpo do lado dele e cruzou os braços.

— Para que isso serve?

Ele soltou um suspiro cansado como se a pergunta houvesse golpeado suas costelas.

— Esses eu ainda não descobri, mas no geral os neurotransmissores são substâncias químicas, um subproduto dos neurônios, capazes de enviar informações para outras células do corpo. Eles agem nas sinapses e podem estimular e equilibrar sinais entre os neurônios, células nervosas e outras células do corpo, afetando uma variedade de funções físicas e psicológicas.

— E para que isso serve?

O dispositivo parou de dançar entre os seus dedos.

— Ah, desculpe. Esqueço por vezes que vocês podem não estar familiarizados com certos termos. Ele serve como um mensageiro.

— Hum... — Alanna ergueu uma das sobrancelhas, aparentemente mais satisfeita com a síntese do conceito. — Para quem vai essa mensagem?

— Essa é uma boa pergunta — refletiu Isaac, estudando a capacidade dos transistores fixados com estanho na placa. — Temos várias possibilidades. Eu achava que o nosso amigo pudesse ter essa resposta. Ele te disse alguma coisa?

Alanna soltou o ar pelas narinas. Mesmo com a higiene precária, o insistente cheiro de combustível e o ar poeirento que ele havia constatado naquela comunidade, a mulher exalava um perfume agridoce que agraciava seu olfato.

— Que não estamos seguros aqui. Repetiu isso como uma maldita oração. Disse algo sobre monstro e mortos, nada que a gente já não saiba. Mas falou também sobre Cisco, pensei até que ele estivesse morto, e disse que só conseguiu escapar por causa da máscara, que passou pelo meio deles sem ser atacado — ela ergueu os ombros, confusa. — Mandei-o tomar um banho e descansar. Amanhã conversaremos novamente. Talvez se lembre de algo que possa ter esquecido hoje.

Ele tentou, mas não pôde evitar que seu corpo estremecesse ao ouvir aquelas palavras. Viu seu próprio mundo entrando em colapso diante do vírus que se espalhava de forma exponencial. As imagens ainda estavam vivas na sua memória.

A sala além da placa de vidro. O capitão Strauss desejando-lhe boa sorte sem perceber que os infectados já haviam chegado ao andar. Seus braços agitando-se desesperados pela frente dos olhos, enquanto tentava avisar sobre o perigo. O capitão gritando para ele. “Ache uma cura para esse mundo doente!”. O painel indicando que a cápsula estava prestes a ser transportada através do tempo, mas não antes de ele assistir, pelo do vidro frontal, ao capitão sacar a arma e atirar com o cano enfiado dentro da própria boca.

Sacudiu a cabeça para afastar o pensamento.

— Ele estava muito longe? — perguntou Isaac.

— A Cidade Fantasma fica a alguns quilômetros, se ele estava lá. Meio dia de caminhada, algumas horas de carro.

Isaac se levantou da cadeira e começou a vasculhar as prateleiras. Alanna o acompanhou com um olhar inquisidor, como se ele lhe estivesse escondendo algo.

— No que está pensando?

— Sabe se temos algum radiotransmissor por aqui?

— Não sei. Ele nunca deixou ninguém entrar nessa sala — reclamou Alanna.

— Se tivermos algum rádio, eu posso ampliar esse sinal até a cidade — ele explicou enquanto percorria as diversas estantes metálicas. — Aqui!

Encontrou o que procurava e levou até a mesa. Começou a instalar o aparelho enquanto Alanna o acompanhava com um olhar desconfiado.

— Mas o que vai conseguir com isso?

Isaac parou e se virou para ela. As mãos se agitavam antes da fala.

— Se essa máscara evitou que eles o atacassem, eu posso ampliar o sinal até a cidade. Seria como... como...

— Um escudo invisível? — sugeriu Alanna.

— Isso! Não sei se temos antena por aqui, mas vou tentar improvisar uma. Assim ganhamos tempo até que eu possa pensar em alguma coisa melhor.

Alanna tocou o seu ombro e ele sentiu as bochechas queimarem por baixo da barba.

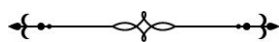
— Se não nos encontrarmos com aquelas coisas novamente, nem precisa pensar em algo melhor.

Ele inclinou a cabeça na direção da mesa enquanto trabalhava.

— Queria que estivesse certa, mas infelizmente preciso. Muitas vidas dependem disso.

— No momento, são mais de cem, só aqui na Forja — ela sorriu, cansada. — Vou pedir que lhe tragam um prato de comida para não perder tempo.

Isaac acenou para ela e seguiu o trabalho com o radiotransmissor e sua antena. Seu conhecimento não havia ajudado em nada desde que chegara àquele tempo. Agora tinha a simples missão de ampliar um sinal pelo rádio e prometeu a si mesmo que não falharia. O Corvo dissera que a Forja era o lugar mais seguro em todo o Pós-Guerra, e continuaria assim.



Acordou em um susto. O rosto se afastou dos braços cruzados, exibindo marcas onde a pele estava pressionada contra o tecido. O prato vazio repousava sobre a mesa ao seu lado, com marcas do ensopado de batata que ele comeu com avidez. Na sua frente, o radiotransmissor cumpria a função da qual Isaac o havia encarregado, algo que havia lhe custado algumas horas. Ao lado da máscara, estava

o maldito livro que ele havia ganhado, um troféu materializado dos seus inúmeros fracassos.

Você não tem tempo para dormir, Isaac!

Sem ter ideia se a sua invencionice estava funcionando ou não, ele percorreu as páginas do diário em busca de informações mais uma vez. Havia um amontoado delas, mas não parecia ser a quantidade absurda informada pelo Corvo. Viu referências de amostras de sangue e resolveu começar coletando da própria comunidade da Forja. Alguns já haviam feito contato com os infectados e o sangue poderia dizer algo. Disparou um olhar sonolento para as prateleiras.

Será que você separou esse tipo de material?

Começou a vasculhar as caixas, piscando mais do que gostaria. Pelo tamanho do sono, julgou que estavam no meio da madrugada ainda. Tateou diversas caixas, sentindo o toque áspero do papelão. Quando chegou à última prateleira, uma luz vindo além da parede chamou sua atenção. Isaac aproximou o corpo e espiou pela fresta. De fato, tinha algo lá. Ele usou sua força e afastou a prateleira. Colocou a mão sobre a placa da parede e a puxou com facilidade, revelando uma segunda sala ainda menor. Na frente dele tinha uma grande porta, igual às que usavam nos cofres dos bancos. Ao lado dela, um *display* com teclado numérico.

Isaac se aproximou. O teclado indicava uma combinação de quatro dígitos. Ele tentou quatro vezes o zero e algumas sequências. O *display* emitiu uma luz vermelha em todos os casos. Conformado de que talvez o criador da Forja pudesse ter deixado essa sequência com algum deles, ele saiu da sala secreta, disposto a contar para Alanna. Quando atravessou a passagem na parede, ele encarou o grande livro sobre a mesa e tudo fez sentido.

Voltou correndo até o teclado.

— Zero... cinco... dois... três...

O painel emitiu uma luz verde e as travas internas deslizaram para abrir a porta. Ele puxou a maçaneta e ficou estupefato com o que seus olhos lhe denunciaram. A comandante da Forja precisava saber sobre aquilo imediatamente. Ouviu gritos vindo além da porta do laboratório.

O que está acontecendo?

Subiu correndo as escadas esperando confrontar a luz do dia, mas o sol ainda estava nascendo atrás das montanhas que contornavam a irmandade de ferro. O amanhecer permitiu que ele visse os sentinelas agitados no portão oeste, do lado oposto da Cidade Fantasma. Isaac se permitiu um momento de alívio. Pensava que sofreriam um novo ataque pela garganta que ligava o deserto até o portão leste. Alguns soldados passaram correndo por ele, levantando poeira enquanto as botas pisoteavam a película de areia fina que sempre revestia o solo da Forja.

— O que aconteceu? — ele gritou, curioso.

— Tem alguém vindo!

Foi tudo o que o soldado disse.

O alarme começou a soar, despertando toda a pequena comunidade que habitava a refinaria. Os alojamentos cuspiam soldados atordoados com o som infernal que preenchia o deserto. Alguns vieram armados e outros até sem camisa. Isaac ficou impressionado com a agilidade do batalhão. Do prédio central, Alanna surgiu, disposta como se o seu coração bombeasse apenas adrenalina para as veias. Ela pegou um dos jipes e chegou rapidamente até o muro oeste. Logo boa parte da Forja também estava reunida lá. O cientista precisou se apressar para chegar a tempo de entender o que estava acontecendo.

Alanna subiu na murada em questão de segundos. Mais abaixo, no pé do muro, um grupo aguardava enquanto fazia suposições. Isaac se acotovelou entre os primeiros para ganhar espaço, mas, quando viram que se tratava dele, um corredor foi se formando até a escada de acesso. Alguns olhares demonstravam medo, outros apenas um respeito velado, então era difícil arriscar qual sentimento representava melhor o que aqueles mercenários sentiam por ele. Uma coisa era certa: fosse o que fosse, havia acontecido desde que chegara acompanhando o Homem de Ferro.

Ignorou os homens e subiu as escadas o mais rápido que conseguiu. Sobre o estreito espaço sustentado pelo muro, não havia mais que 20 soldados além da comandante. Isaac agora conseguia ver a imensidão do deserto, com suas montanhas, turfas de vegetação seca e areia fina distribuída como um tapete de cetim. O vento era mais forte e árido lá em cima, e logo sua boca ficou seca em protesto. O motivo do alvoroço estava um pouco além dos portões e era justificável: uma frota de guerra com mais de quinze veículos rodeada de homens com armamentos pesados. Metralhadoras, rifles, lançadores de granadas e até bazucas. Do horizonte, contornando as montanhas, chegavam ainda mais carros.

A comandante da Forja encarava os homens mais abaixo como se o seu rosto houvesse sido esculpido em um bloco bruto de fúria. Os olhos claros ganharam um contorno anguloso de desprezo enquanto um dos inimigos caminhava com passos despreocupados em direção ao portão. Os sentinelas da Forja apontaram suas armas e viram outras dezenas delas sendo apontadas de volta. Uma tensão havia se preestabelecido no ar, combinando com a atmosfera hostil do deserto. As sobrancelhas de Alanna imploravam para que mandasse abrir fogo, mas foi a boca que se manifestou, com um pouco mais de sensatez. Ela ergueu o punho fechado para pedir silêncio e elevou o tom da voz.

— Quem são vocês e o que querem aqui?

O homem que estava parado na frente do portão virou a cabeça para ela. Era careca e tinha uma grande barba pendendo do queixo, como se os cabelos

houvessem sido empurrados pela força da gravidade. Um colete na altura do peito cobria as roupas militares que ele usava. O pé estava calçando botas escuras que combinavam com as luvas. Uma das mãos segurava o cabo do grande fuzil que pendia da bandoleira. Ele deu um sorriso debochado.

— Ela quer saber quem somos nós! — gritou para os homens dele, arrancando algumas risadas. — Eu vou dizer quem nós somos, docinho. Eu me chamo Dan, e o Negociador nos mandou aqui para *negociar*.

A última palavra saiu cheia de escárnio.

— Não temos nada para vocês aqui — disse Alanna, impassível, embora sua raiva crescente estivesse nítida para Isaac. — Vão embora! Nossa guerra não é contra vocês.

— Vocês ouviram, rapazes, vamos embora! — Mais risos debochados ecoaram além dos muros. Por um momento a veia saltada na têmpora da comandante estava tão aparente que parecia que ia explodir. Dan continuou. — Não, não, não. Não podemos ir embora. Vocês acolheram aqueles que mataram os nossos bravos soldados e isso não pode ficar assim. Precisam pagar pelo que fizeram. Certo, homens?

Sobre os muros, os irmãos de ferro se encaravam impressionados com o contingente intimidador. Alanna não parecia abalada, como se já houvesse provado todos os dissabores que uma vida pode proporcionar.

— Não estão mais aqui. Vão embora! — disse Alanna com convicção.

Dan assoviou, apertou a boca e chacoalhou a cabeça em uma negativa.

— Quanta hostilidade para uma mulher! — ele apontou o dedo na direção do muro em uma interpretação teatral. — Os homens do Negociador são sempre muito valiosos. Os rapazes aqui não me deixam mentir. Só eu devo valer uns dez caminhões de combustível. Meu amigo Roger, aquele segurando uma bazuca, deve estar valendo agora uns 15...

— 25 — gritou Roger.

— 25... — Dan ecoou surpreso, fazendo um meneio de cabeça. — Mas os que vocês mataram... — ele fez um *tsc* e deu um sorriso largo e forçado. — Eram os melhores que ele tinha. Achei que não teriam tantos caminhões para pagarem sua dívida, então viemos diretamente até a fonte, apenas para facilitar para vocês. Vamos quitar essa dívida da seguinte forma: nós assumimos esse lugar, ficam aqui apenas o suficiente para fazer o combustível e o resto vai embora. É ou não é uma oferta generosa? — Dan fez uma pausa, encarando seus homens e ganhando acenos afirmativos em troca. — Temos um acordo?

A respiração de Isaac ficou pesada como se o ar subitamente se houvesse tornado um gás denso e difícil de inalar. Alanna ergueu uma sobrancelha, apoiou as mãos na murada e devolveu o mesmo tom debochado.

— Vamos fazer da seguinte forma: você coloca o rabo no meio das suas pernas como um maldito cachorro, leva seus amiguinhos pra bem longe daqui e eu não enfio uma bala do tamanho da sua bota no meio da sua bunda. É ou não é uma oferta generosa?

Dan ficou calado por alguns segundos antes de explodir em gargalhadas. Seus homens o acompanharam, aparentemente acostumados a seguir o roteiro escrito por seu líder. Nos muros, a tensão era crescente e o silêncio contrastava com o comportamento inimigo. Dan ergueu a mão exigindo atenção e voltou a falar com uma voz carregada de ameaça.

— Eu tive uma mulher selvagem igual a você. Ela brigava comigo e se afastava, tentou até me matar duas vezes, mas não conseguia ficar longe e logo voltava toda manhosa, pedindo desculpas — ele olhou para o céu. — Vou te dar um tempo para reconsiderar. Tem até quando os primeiros raios de sol tocarem o topo desse muro para me dar a resposta, ou vamos lavar esse deserto com o sangue de vocês. Pense com sabedoria, docinho.

Dan se virou e caminhou em direção aos seus homens. Ele sabia que ninguém o alvejaria pelas costas, ou então estariam todos condenados. Só então Alanna percebeu que Isaac estava ao seu lado e o segurou pelo braço.

— Quanto tempo temos?

O cientista virou a cabeça na direção das montanhas. A formação rochosa não seguraria os raios de sol por muito mais tempo; parecia uma represa prestes a se partir.

— Menos de meia hora.

— Meia hora... — repetiu ela sem confiança. Segurou o soldado mais próximo pelo braço. — Diga aos homens para trazerem todas as armas para os muros. Os melhores atiradores devem ficar com rifle e subir nesse muro agora mesmo. Quero o tanque pronto em menos de quinze minutos e todos, *todos* os homens prontos para lutar.

O soldado chacoalhou a cabeça e desceu as escadas correndo. Alanna seguiu com um passo apressado, com Isaac logo atrás dela.

— Comandante Alanna! Comandante Alanna! Preciso te mostrar uma coisa.

— Você não deve ter percebido que estou meio ocupada no momento, cientista.

Ele a agarrou pelo braço, fazendo-a dar um giro inesperado. Alanna atirou um olhar fulminante para a mão dele e depois diretamente para o seu rosto, fazendo os músculos do cientista arderem em chamas. Isaac juntou as duas mãos como um cristão durante a oração.

— Por favor! Eu acho que sei como ajudar.

Na sua frente, havia uma mulher com aproximadamente 1m70, 60 sessenta quilos, um par verde de esmeraldas, uma moldura pequena feita de cobre, um arco

feito de duas sobrelanceiras e uma tonelada de ceticismo.

— Se você sabe como matar um bando de idiotas em menos de 25 minutos, você tem como me ajudar. Tudo que for diferente disso não me interessa agora.

Isaac aquiesceu.

— Venha comigo então — ela disse. — Tem cinco minutos e nenhum a mais.

— É mais do que o suficiente — ele concordou.

Desceram as escadas com a agilidade de um felino. Alanna distribuiu uma porção de ordens ao grupo curioso que estava abaixo do muro, resumindo toda a situação em *estamos em guerra*. Entraram no jipe e voaram até o laboratório de Isaac. Desceram as escadas saltitando, fazendo as pernas trabalharem na velocidade dos dedos de um digitador. Atravessou as prateleiras e chegou ao fundo da sala, onde havia arrastado uma delas para ter acesso à passagem secreta na parede.

— Eu estava procurando material para começar a estudar o vírus, quando achei isso.

Ele se esgueirou pela fresta na parede, acompanhado pela mulher. Deparam-se com a porta de aço liso, com um painel na altura do peito de um homem. Isaac digitou a sequência de quatro números e escutaram o metal deslizando lá dentro. Ele puxou a barra de aço que servia como maçaneta e a grande placa deslizou, dando acesso ao que um dia fora um imenso cofre ou depósito de algo muito valioso.

A sala era clara, com paredes e piso brancos como uma folha nova de papel. Isaac viu no chão a areia deixada pelos seus pés e não pôde evitar comparar-se com uma partícula de contaminação entrando naquele local imaculado. Lá dentro havia o triplo de prateleiras do laboratório e expositores embutidos em todas as paredes, sustentando um verdadeiro arsenal repleto de armas de todos os tipos e calibres. Alanna contemplava a sala com perplexidade e admiração.

— Essas são as armas sobre as quais o Contador havia dito. O filho da puta nunca as tirou da Forja, guardava tudo aqui para garantir que só usaríamos quando você chegasse — ela o fitou com um interesse renovado. — Você deve ser a pessoa mais importante que existe.

Isaac nem havia prestado atenção nas palavras, sorriu realizado por poder ajudar.

— Isso não é tudo. Venha ver!

Ele atravessou os corredores cheios de armas; Alanna parava na frente de cada uma que lhe interessava. No final da sala, ela chegou novamente ao seu lado, trazendo um grande fuzil, e abriu a boca diante do que estava vendo.

— Eu não acredito nisso — ela teve de admitir.

Sobre um degrau de chapa, havia uma armadura gigante. Parecia um exoesqueleto sem cabeça. Dos grandes punhos de ferro saíam canos de

metralhadora e lançadores de granada das costas das mãos. Cilindros e propulsores se espalhavam pela armadura para garantir a articulação dos membros. Ele vira algo parecido nos filmes de ficção, mas nunca havia pensado em encontrar uma de verdade. Alanna sorriu para ele. Um sorriso que não combinava nada com alguém que comandava um lugar espremido entre as montanhas, cercado por homens que queriam matá-los. O nome daquele sorriso era esperança, algo raro já no seu tempo. Isaac sentiu o peito bombeando um sangue novo e revigorante para todos os músculos.

— Suba lá e chame todos os homens — ela disse.

— O que digo para eles?

— Diga que vamos vencer essa guerra.

Ao deixarem o laboratório, um soldado veio correndo do muro oposto. Alanna o recebeu de forma seca.

— Mande todos que tiver para os muros do outro lado. Quero apenas um na posição, de preferência o que atire pior.

— Comandante! — o homem ignorou a ordem. — Eles voltaram! Os mortos voltaram!

Uma cobra começou a passear pelo estômago de Isaac.

— Não brinque comigo, soldado — Alanna exigiu.

— Veja com seus próprios olhos! São tantos que nem dá para contar! O que vamos fazer?

Estar cercada de ambos os lados por inimigos mortais exigiu um pouco mais do raciocínio da comandante. Mesmo assim ela não recuou. Alanna não parecia uma mulher de recuar. Ela colocou a mão no ombro do soldado, para que ele prestasse muita atenção.

— Você tem dez minutos para reunir todos aqui nessa porta, soldado. A sua vida e a dos seus irmãos depende disso — disse ela ao soldado, que saiu correndo e gritando para os outros. Depois que ele partiu, Alanna se virou para Isaac. — Venha comigo, cientista... hora de provar do que você é capaz.

Ethan

Os túneis que atravessavam o ventre da montanha pareciam um infinito labirinto. Constantemente ele se via diante de bifurcações e caminhos alternativos que só Deus sabe onde levariam. Se não fosse a névoa, provavelmente já teria se perdido. E, para piorar a situação, cada vez que optava por um caminho e olhava para trás, os outros se fechavam, como uma metáfora macabra sobre as escolhas que ele fizera em sua vida. O coração deu um suspiro quando ele viu a luz.

A saída da caverna deu em um desfiladeiro arenoso com algumas poucas árvores. Ethan atravessou o braço na frente do rosto para cobrir os olhos do sol. Esperou as pupilas se ajustarem à claridade para avaliar melhor o local. Mais à frente, havia uma elevação de pedras de onde poderia ter uma melhor visão. Esgueirou-se até o local e esticou a cabeça para espiar. A cadeia de montanhas seguia para ambos os lados, com sua encosta rochosa terminando onde o amplo deserto começava. Havia uma estrada de asfalto que corria paralela a ela, rodeada de pequenos arbustos castigados pelo calor.

Com os olhos semicerrados, Ethan conferiu o sol, que já havia ultrapassado a metade do céu e começava a sua jornada para descansar no horizonte distante. Precisava partir em direção ao norte. Percorreu com sua visão pela estrada, procurando alguma emboscada dos homens do Negociador. Havia apenas o vento perambulando pela atmosfera árida. Sua garganta implorou por um gole de água. Durante a descida, enfrentou uma trilha difícil e sinuosa até encontrar um caminho mais plano. A espada sacudia tanto em sua cintura, que ele teve de amarrá-la nas costas.

Como ele consegue andar com isso?

A capa ia enrolada em seus braços. Relutou em usar aquilo, ainda mais sendo um presente daquele homem. Os fatos iam e vinham em sua cabeça, como tentar pegar folhas em um vendaval. Não eram raras as vezes que o cenário rochoso se transformava em um vulto, um quadro secundário, para que as imagens daquela cidade destruída viessem à tona. Seu corpo parecia entrar em piloto automático para deixar sua mente refletir. Sua cabeça trabalhava as diversas hipóteses sobre o que Corvo deveria ter enfrentado no seu tempo. Talvez mais do que um homem merecesse.

Nem quero pensar no que aconteceu para eu me tornar... aquilo.

Olhou de relance para a capa. Parecia que não estava levando nada entre o braço e o corpo, apesar de sentir que segurava o tecido. Esticou-a na sua frente, em direção à parede de pedra. O tecido imitou a cor da parede, desaparecendo em suas mãos. Ele ficou boquiaberto. Vestiu o manto e sentiu o calor do corpo diminuir, como algum tipo misterioso de mágica. Hesitou, mas, por fim, cobriu a cabeça com o capuz.

— Eu não serei como ele — falou em voz alta, como se os ouvidos precisassem captar as palavras para cravar a frase na mente com um prego bem grande.

Seguiu pelas encostas, com um olho nas montanhas e outro na estrada. Estava quase chegando a uma curva que fora um ponto distante no horizonte mais cedo. Já havia se passado pelo menos um par de horas, e ele quase sentia falta da floresta. Na verdade, não sabia do que sentir falta. Poderia existir saudade em um homem que não tem para onde ou para quem voltar? A única coisa que lhe restava eram as lembranças. Mas se agarrar ao passado não seria mais útil do que chifres em um cavalo. Sua mente estava pronta para torturá-lo novamente, quando um som rouco de surdina furada despontou além de onde a estrada se escondia.

Ethan correu para trás de uma pedra, torcendo para estar escondido o suficiente. Rodando com velocidade sobre o asfalto surgiu um comboio imenso: caminhões e caminhonetes abarrotadas de armas eram escoltadas por motos e veículos mais leves, também com homens armados. Se os baús dos caminhões fechados contivessem a mesma carga dos veículos abertos, haveria armas o suficiente para uma verdadeira...

...guerra. Como ele disse. Será que Yohan está entre eles?

Esperou por intermináveis minutos que pareceram horas. Acompanhou o trajeto do comboio até sumirem pelo vasto deserto. Se antes as palavras de Corvo pareciam um muro feito de promessas, agora pelo menos ele via algo de concreto. A infeliz certeza de que as coisas estavam convergindo para o mundo caótico que ele lhe apresentara. Caberia a ele alterar o rumo das coisas? Uma capa e uma espada não o tornavam algum tipo de herói. Certificou-se de que o comboio havia partido e desceu pela trilha de pedras, chegando à curva que estava perseguindo.

Espiou além dela para ver o que o aguardava. A oeste, submersa no horizonte, havia uma cidade quase invisível a olhos humanos, camuflada na cortina de areia formada pelo vento sibilante. Ao norte, um outro conjunto de montanhas se iniciava paralelo ao em que ele estava, formando uma imensa garganta no meio do deserto. Antes dela havia um pequeno vilarejo, com poucas construções já reivindicadas pela natureza hostil. A estrada seguia até a garganta, passando pelo meio da cidadezinha. O terreno era um misto de areia e arbustos em tons de verde desbotado, como se deserto e floresta brigassem para ver quem ficaria com a área.

— Aquilo não pode ser a cabana que ele falou! — jogou as palavras no vento ao ver um casebre próximo a um posto de combustível, um pouco antes da cidade.

Relutou em ir até lá, mas, se ficasse esperando, esperaria o quê? Seguiu furtivamente, usando a capa como camuflagem, tentando se misturar ao tom monocromático da encosta. O posto de combustível parecia abandonado, com sinais de saque. Os vidros estavam quebrados e as prateleiras haviam sido reviradas. Ethan passou direto pelo posto e se aproximou da cabana. Desejou ter uma pistola, mesmo que tivesse dúvidas se seria capaz de atirar em alguém. Teria de se virar com sua espada, que pouco deveria valer diante de uma arma de fogo.

— Fiapo! — sussurrou em direção ao casebre, pensando que se falasse mais alto a construção desabaria.

O pequeno casebre gritava por socorro, com sua madeira tão apodrecida que talvez nem os cupins a quisessem. Estava quase na porta quando o fedor repugnante o atingiu. Cheirava a tripas e morte, que foi comprovado pelo zumbido incessante das moscas. Ethan esticou metade da cabeça através do umbral para entender a origem do festim dos insetos. Um corpo estava pregado na parede com os braços unidos acima da cabeça pendida. Um corte no pescoço dava origem a uma cascata de sangue, que descia até a barriga onde outro corte paralelo ao de cima deu liberdade às tripas espalhadas no chão. Ethan rezou para que não fosse Fiapo.

— Ora, ora. O que temos aqui? — disse uma voz de fora da cabana.

Ethan instintivamente levou a mão até o cabo da espada, enquanto saía da cabana. Um saqueador usando uma camisa escura, calça jeans e botas apontava uma pistola para ele.

— Não, não, não... — advertiu o outro. — Tire as mãos daí ou eu vou ter que puxar o gatilho.

Ethan obedeceu. Solto a mão e ergueu os braços, tentando não fazer movimentos bruscos. O saqueador deu um assovio e outros saíram de dentro do posto. Tinham roupas esfarrapadas e olhares de insanidade, de pessoas capazes de estripar alguém amarrado. Ele engoliu em seco.

— Mas que porra é essa, Travis? — perguntou um segundo, usando uma metralhadora.

— Como é que eu vou saber? — respondeu o primeiro.

O segundo homem, vestindo um colete jeans e um boné virado para trás, deu uma cuspidinha na direção de Ethan.

— Você por acaso é algum tipo de bruxo, ô babaca? Que porra de roupa é essa? Deve valer alguma coisa na Cidade Labirinto — deu um sorriso, mostrando seus dentes apodrecidos.

Ethan pensou em algum argumento inteligente para falar. Não tinha a mesma habilidade que Dante com as palavras.

— Eu...

Tudo aconteceu em fração de segundos. O som ecoou pelas montanhas, mas, antes que chegassem aos seus ouvidos, a bala atravessou a cabeça de Travis, atirando-o morto contra a cabana. A construção cedeu com o impacto, ruindo junto com o saqueador. Os outros entraram em estado de alerta. O homem com o boné para trás se virou na direção das montanhas, procurando pelo atirador, quando um tiro certo explodiu a sua cabeça.

Ethan correu para trás da loja do posto de combustível, enquanto os outros dois fugiram desesperados na direção norte da estrada. Um deles foi alvejado nas costelas e caiu no meio da estrada. O outro berrou como uma criança, correndo abaixado e, quando estava perto de chegar à sua moto, um último tiro silenciou tudo novamente. O coração de Ethan parecia uma locomotiva a todo vapor, nem precisou levar a mão ao peito para sentir as batidas frenéticas. Não podia ficar ali para sempre, mas tinha medo até de espiar pela lateral do posto.

O escapamento de uma moto cortou o silêncio com um som rasgado e crescente. Ele procurou uma rota de fuga, mas a vegetação rasteira não oferecia uma boa cobertura. Em ambos os lados havia apenas o terreno descampado. Não havia para onde fugir, nem onde se esconder. A moto estava cada vez mais perto, com o som tão alto agora que poderia ser escutado desde a Fortaleza de Vidro. Pensou em pegar uma das armas, mas calculou que não daria mais de dois passos depois de deixar a cobertura. Viu a moto chegar por trás da cabana de madeira e tirou a espada da bainha. Um homem franzino dirigia a moto. Levava nas costas um grande rifle preso ao corpo através de uma bandoleira. Não usava capacete e lhe dirigia um olhar carregado de uma frieza macabra.

— Guarde a espada, senhor. — Forçou um sorriso mecânico.

Ethan subiu na moto e eles partiram em direção às montanhas a leste. Subiram a encosta íngreme e arenosa que mudou depois do topo, com uma relva mais verdejante. Algumas pedras foram encobertas pela vegetação e outras estavam acima delas, como se tivessem sido colocadas à mão. Além do vale, escondida no sopé de outra montanha, havia uma cabana com uma chaminé fumegante. Ethan encarou-a e sentiu vergonha de si mesmo. A moto parou em frente à sacada e os dois desceram.

— Você é o Fiapo?

— Em pele e osso, senhor — deu uma risada.

— E essa era a cabana... — disse Ethan com a voz carregada de desapontamento.

— Não, senhor. Era aquela da estrada mesmo. Só não esperava que aqueles putos estariam lá. Mas deu tudo certo. Não foi?

— Olha... não precisa me chamar de senhor, por favor.

Entrou na cabana e admirou o seu interior; ela parecia muito maior por dentro. Nas paredes havia páginas e páginas de manuscritos em volta do mapa do Pós-Guerra. Havia uma porção de alfinetes espetados por todo o mapa, ligados uns nos outros por barbantes coloridos. Fiapo foi até o fogão, colocou água para esquentar e trouxe um pouco em um copo para ele. Ethan acabou com o conteúdo sem ao menos perceber. A sua garganta agradeceu.

— Você deve estar com fome — disse Fiapo de forma retórica, colocando algumas batatas na panela. — Vou fazer algo.

Ethan estudou a colorida teia de aranha formada sobre o mapa. Pareciam rotas feitas por pessoas distintas. O barbante azul partia da área próxima à sua casa, passando pela Fortaleza de Vidro, Vilarejo da Viúva, Trincheira, um ponto perdido no deserto, a Floresta Proibida, o local na montanha onde estava e depois terminava em uma cidade chamada Ruínas.

Esse barbante sou eu.

Observou que um barbante negro o acompanhava em determinados pontos, depois se separou, foi até um ponto no centro do mapa, subiu a Cassino, desceu para a Forja, foi até um lugar chamado Cidade Fantasma e também terminou na cidade chamada Ruínas. Outros dois barbantes também acabavam em Ruínas, um vermelho e um verde. O restante estava espalhado pelo mapa, com suas idas e vindas por todos os lados.

— O que tem em Ruínas? — perguntou a Fiapo.

— Pessoas que temos de matar e pessoas que temos de salvar — disse ele de costas enquanto cortava uma cenoura em cubos.

Ethan estremeceu. Ainda não tinha o sangue tão frio.

— O que são esses outros barbantes?

— Pessoas que temos de matar e pessoas que temos de salvar — riu Fiapo.

— Você acha isso engraçado?

Fiapo congelou o movimento na metade da última cenoura e se virou para ele, apontando o mapa com a ponta da faca.

— Esse mapa deveria ter muito mais barbantes, senhor.

Ethan olhou para o mapa e de volta para ele, com um amontoado de rugas formadas na testa franzida.

— Então por que não tem?

— Porque você quis antecipar os acontecimentos, como está fazendo agora. Foi assim que estragou tudo.

— Por que os barbantes não continuam?

— Por que tudo o que acontece daqui para frente é uma incógnita. Não sabemos mais o rumo das coisas, mas já estamos trabalhando nisso.

Fiapo voltou a cortar a cenoura e Ethan voltou a atenção para o mapa. Dante havia acompanhado outra pessoa. Um barbante lilás, do Cassino até a Cidade Fantasma, para depois finalizar seu caminho na Fortaleza de Vidro. O barbante também esteve em Trincheira, antes de ir ao deserto e voltar para Cassino, mas ele precisou ter certeza.

— Quem esteve com Dante? — aumentou o tom de voz para vencer o som da faca batendo na madeira.

— Meredith.

— A assassina do Apostador?

— A própria.

— O que acontece com ela depois da Fortaleza de Vidro? — Fiapo soltou uma pequena risada e bastou para ele entender. — Já sei a resposta: ela faz parte das pessoas que temos de matar.

— Ou salvar — sugeriu Fiapo.

— Mas por que salvaríamos uma assassina?

O homem magro largou os cubos de cenoura na panela, caminhou até a mesa e cravou a faca na madeira. Apoiou-se com as duas mãos sobre o tampo e encarou Ethan com um leve tom de sarcasmo.

— O filho da puta não lhe contou, não é? A assassina é sua irmã.

Epílogo

O Apostador analisava os números do seu negócio em sua sala de controle, rodeado de telas que mostravam as mais diversas áreas do Cassino. Las Vegas era a casa que mais recebia pessoas e a mais lucrativa nos jogos; Malibu, por sua vez, era a que tinha maior consumo de bebida devido às garotas da Dona Mia. Com o tempo o negócio apenas prosperava e Cassino já poderia ser considerada o paraíso proibido do Pós-Guerra.

— Interessante... — ele refletiu enquanto passava os dedos em forma de pinça do bigode até a barba.

O movimento do Pigmeu Caolho continuava baixo. Não sendo o bastante, a área passou a ser menos frequentada depois que a insolente decidiu se rebelar, matando três dos seus homens.

— E se eu trocar o nome? Posso fazer uma festa de inauguração! — Olhou o teto iluminado por cores metalizadas de tom azul e lilás. Sobre a mesa, o cinzeiro acomodava um charuto com a ponta incandescente. — As pessoas têm a memória curta para aquilo de que não querem se lembrar.

Com dois toques sobre a mesa de vidro, ele obteve os dados do controle de pessoas em sua cidade. Estava quase no limite novamente, mas dessa vez não veio nenhuma proposta interessante do Negociador. Na verdade, havia apenas um silêncio longo e incômodo do outro lado. Ele pegou o charuto, deu uma longa tragada e brincou com a fumaça, soltando pequenos círculos que flutuavam vagarosos pela atmosfera da sala.

— A este ponto, ele deve saber que eu também quero o que ele quer.

Ele se jogou confortavelmente no encosto de sua cadeira, esticando os pés sobre a mesa, fazendo um sapato lustroso e pontudo repousar sobre o outro. Um braço apoiou a nuca enquanto o outro conduzia o charuto até a boca para logo repousar no encosto enquanto ele expelia a fumaça dos pulmões. Um movimento surgiu em uma das telas, chamando sua atenção.

Apostador inclinou a cabeça na direção das imagens para ver o que era. Um jogador havia perdido na roleta e estava um pouco alterado. Demorou algum tempo até que um dos seus homens o abordasse para acalmá-lo. Ele quase sentiu falta da sua dupla, que resolvia esse tipo de problema em questão de segundos.

— Não devia ter enviado os dois atrás daquele homem. — Deu outra tragada e continuou assistindo à cena.

O caso da vez não era nada que Cassino já não houvesse presenciado: assistir à arrogância de um homem se tornar frustração, para logo depois se transformar em raiva. A tela informava o nome do homem e o seu saldo. Ele devia mais de dez mil fichas. O dono do Cassino acariciou instintivamente o revólver, como se afagasse um animal que rosnava para alguém.

— Espero que ele tenha muita coisa para contar, ou não vai sobreviver.

O comunicador sobre a mesa deu um bipe, roubando a atenção voltada para o visor. Ele esperou tocar outra vez para garantir que não era um jogo da sua mente e apertou o botão com o dedo médio da mão que segurava o charuto.

— Espero que tenha boas notícias. — Não sabia quem era e não importava; já estava farto de receber problemas para resolver.

— Desculpe incomodá-lo, chefe. Ela está na linha, quer falar com o senhor — disse a voz do operador de comunicação do Cassino.

Ele sorriu, mostrando os dentes brancos que contrastavam com sua pele. Mordeu o charuto com o canto da boca e cruzou os braços sobre a mesa de vidro. Escutou um bipe dar espaço a um som confuso e contínuo do outro lado, como uma chuva muito forte.

— *Você está aí?* — perguntou a voz no rádio, implacável e objetiva como sempre.

— Sim.

— *Ele não estava lá.*

Apostador ficou em silêncio por um momento, e ela pareceu incomodada por isso.

— *Escutou o que eu disse? Ele não estava lá.*

— Eu *escutei* o que você disse — fez uma pausa para tragar o charuto. — Estou calculando o tamanho da sua incompetência. Primeiro você perde um homem para o Corvo e agora o outro foge? Talvez você tenha matado a estrela da dupla, no final das contas.

Agora o silêncio tomou conta do outro lado da linha e Apostador pensou que, se a raiva tivesse um som, era exatamente aquele.

— *Um idiota o libertou bem antes de eu chegar* — ela se justificou.

— Você nunca foi de dar desculpas. Vejo que andar com o mercenário amoleceu seu coração.

— *Vá se foder!*

Ele riu daquilo.

— Meredith, Meredith. Assim você não me serve muito, não acha?

— *Nem você, se não contar algo que me sirva.*

— Ah! Agora você me entende — fez uma pausa para dar uma longa tragada. — Onde está agora? É chuva que eu escuto?

— *Isso não importa* — disse ela bruscamente. — *Eu quero saber sobre meu irmão.*

Apostador se acomodou na cadeira, fez um meio-giro e apoiou as pernas no outro lado da mesa para ficar mais próximo do comunicador.

— Você já viu alguém ganhar na mesa de pôquer sem cartas? Ou na de vinte-e-um? Porque é exatamente isso o que você tem agora. *Nada.* — Sibilou a última palavra entre os dentes. Talvez ela entendesse a situação e se colocasse no seu lugar.

— *Olha aqui, seu filho da puta, eu fiz o que você disse e fui aonde você queria. Entrei nessa cidade de merda e tive que lutar contra um bando de gente contaminada. Não tenho culpa se o seu cientista covarde fugiu.*

— A sua sorte é que eu fiz parte do seu trabalho — disse ele, paciente. — Vai encontrá-lo junto ao Chacal.

— *Merda. Por que não me disse antes?*

— Fiquei sabendo disso ontem. Já era meio tarde para avisar, eu receio.

— *A vidente.*

— A vidente. Traga o cientista e eu lhe entrego o seu irmão. Nem vai precisar procurar por ele. Já vi que buscar coisas não é sua especialidade.

Ela hesitou do outro lado da linha, ciente de que o Chacal não daria o homem de bom grado.

— *Está blefando* — disse ela em tom acusativo.

— Eu nunca blefo, e você sabe disso melhor do que ninguém.

Meredith não respondeu, apenas desligou o comunicador. Ele a amava como a uma filha, mas sabia que ela tinha o dom de ser insolente quando queria. Apertou o comunicador novamente para falar com a central. A voz do operador ressoou sem confiança através do aparelho.

— *Como posso ajudar, senhor?*

— Mande-o vir aqui.

— *Imediatamente.*

Se tinha uma coisa que todos sabiam fazer no Cassino, era reconhecer seu tom de voz. O comunicador desligou e ele ficou refletindo sobre a mulher por trás do seu sucesso. Seu dom era espetacular, além de ser um belo espécime. Tinha um ar exótico que poderia levar qualquer homem ao delírio apenas por contemplá-la.

— Se eu tiver pelo menos um dos dois cientistas aqui, posso finalmente avançar no processo — refletiu, esmagando o resto do charuto no cinzeiro.

Um tilintar metálico ecoou na entrada da sala. Gunnar tinha um caminhar esquisito por causa das novas pernas, de forma mais mecânica, mesmo que não

tenha perdido a agilidade. Mas das coxas para cima, continuava o mesmo homem de sempre: forte, implacável e leal, como todo soldado deve ser.

Apostador estava de costas para ele e não fez questão de girar a cadeira.

— Chegou a oportunidade que tanto esperava — disse o Apostador.

Gunnar aguardou calado.

— Ela está indo até o Chacal, vai pegar o cientista — levou outro charuto até a boca e acendeu com um isqueiro de prata. — Traga-o para mim.

— E quanto a ela?

Apostador sabia que a pergunta era “posso matar aquela filha da puta?”, mas seu homem de confiança era discreto até com as palavras.

— Não preciso mais dela — soltou uma fumaça densa entre os lábios. — Faça o que bem entender.

Mal disse a última palavra e o grandalhão girou sobre os pés de aço e saiu pela porta. Ele o havia decepcionado quando voltou sozinho dizendo que deixou a garota ir ao encontro do Corvo. Aquele maldito desconhecido estava se mostrando um grande inconveniente.

— Mas tudo ao seu tempo — acariciou o cabo do grande revólver no coldre do lado esquerdo do corpo.

No momento, era hora de fazer um acerto de contas, que parecia promissor pela situação do devedor. O homem estava apenas dois dias em Cassino e já contraía uma dívida digna de um cliente especial. Por experiência, o Apostador já sabia algo sobre seus clientes: quanto mais afundado na merda, maior a dose de anestesia. Quanto maior a dose, maior a dívida a se pagar.

— Vamos ver o que ele tem de interessante para dizer.

Pegou o seu chapéu e os óculos redondos sobre a mesa. Girou a cadeira e caminhou em direção à porta. As placas grossas de vidro se abriram diante da sua presença, como se temessem confrontá-lo. Além delas, dois de seus homens faziam a guarda da sala, estáticos e atentos. Apostador conduziu o charuto até a boca, fez a ponta ficar incandescente em um vermelho vivo e soltou a fumaça cinzenta entre os dois.

— Vão até os aposentos de Amber e levem-na para a minha sala. Vamos fazer um acerto de contas.

Ambos os soldados observaram-no com as testas franzidas, em uma expressão confusa, como se ele estivesse falando em outra língua.

— Por acaso eu gaguejei? — Ele encarou um dos dois, mas foi o outro quem falou.

— Entendemos, senhor. O problema é que...

— Problema? — Ele girou o corpo na direção do outro. — Quando levar Amber até a sala pode ser um problema?

Agora o primeiro respondeu. Não olhar diretamente nos seus olhos parecia facilitar a tarefa para eles, mas não completamente, pois a voz era carregada de hesitação.

— Amber não está nos aposentos dela, senhor.

Ele estava dando outra tragada quando recebeu a informação. Puxou o ar com tanta violência que o charuto, que estava além da metade, reduziu-se a pouco mais de um terço. Começou a balançar a cabeça irritado. Deu dois passos para frente e girou o corpo para poder encarar ambos os homens ao mesmo tempo.

— Então onde ela está? Eu não gosto que ela saia dos aposentos sem o meu consentimento. Vocês *sabem* disso! — Ainda não estava gritando, mas a voz empregava uma ênfase nas palavras que tinha um efeito muito pior.

Seus homens se olharam receosos, confusos, perdidos. Se o Apostador podia ser acolhedor em um primeiro momento, também podia ser implacável quando necessário. Eles sabiam disso, estavam entregando no olhar. Um deles reuniu a coragem para dizer, tremendo a cada palavra.

— Na verdade, senhor, esperávamos que você dissesse. Foi o senhor que a levou mais cedo.

O rosto do Apostador passou de um dia ensolarado para uma tempestade de nuvens carregadas, como um jogador que precisa de um cinco e é contemplado com uma figura na mesa de vinte-e-um. Atirou o charuto no piso frio e esmagou-o com o sapato. Deu um passo e ficou a centímetros dos homens.

— Que bobagem é essa? Estive nas casas de aposta o dia todo.

O homem que deu a informação era alto e forte, mas tremia como um menino prestes a sofrer uma punição. O outro veio ao seu socorro.

— É verdade, senhor — a frase saiu apressada, mas o ritmo diminuiu diante do olhar severo do Apostador. — Você passou por nós, foi até os aposentos dela e disse que a levaria para falar com um amigo. Até nos entregou uma caixa e pediu para guardá-la, pois precisaria dela mais tarde.

Os dedos do Apostador deslizavam sobre os pelos da barba enquanto ele avaliava a história do homem. No olhar, desprezo, curiosidade e frustração se misturavam através de uma expressão pouco amigável.

— A história está muito bem contada — alternou a visão de um homem para o outro. — Ela só tem um problema... eu não tenho amigos. Tragam-me essa caixa e achem-na. *Agora*.

Seus homens se colocaram em movimento, preocupados. Apostador retornou à sua sala de controle. Os punhos estavam tão cerrados que as unhas abriram pequenos sulcos na palma da mão. Atirou-se na cadeira e começou a digitar no painel da mesa enquanto olhava para as telas. A câmera selecionada vigiava a entrada do quarto de Amber, onde havia um guarda parado ao lado da porta.

— Onde está, onde está...

Apertou o botão que retrocedia a gravação, e a imagem acelerou sem se alterar. Os números no canto regrediam com velocidade sem que nada acontecesse. Logo um dos seus homens passou pelo corredor andando de costas e cumprimentou o guarda. Ele parou a gravação e devolveu o ritmo normal. Nada de mais. Apenas uma ronda como qualquer outra. Apertou o botão e seguiu com sua busca. Alguns minutos se passaram até que ele e Amber surgissem no corredor andando apressadamente de costas até entrar na porta. Alguns segundos depois, ele saiu de costas e sumiu no corredor.

— O que está acontecendo aqui? — Ele parou o vídeo e reproduziu na velocidade normal.

Aquilo que seus olhos testemunhavam não faziam sentido algum. Ele surgiu no corredor, encarou o guarda, que o cumprimentou com um aceno de cabeça, e girou a maçaneta para entrar nos aposentos de Amber. Alguns segundos se passaram até que os dois saíssem pelo corredor tranquilos como um jogador que vê três limões nas máquinas de alavanca. O Apostador analisou o vídeo diversas vezes. O jeito de caminhar, as roupas, a forma de tratar seu guarda, a mão esquerda na maçaneta, a postura de confiança. Era ele sem a menor sombra dúvida, mas, ao mesmo tempo, não era ele, sem a menor sombra de dúvida. Não fazia o menor sentido.

— Ou faz? — Ele recordou a cara de confusão do mercenário.

“Tem certeza de que sou eu?”, perguntara-lhe o motorista de Meredith, confuso. *“Toda a história bate. Até o coração generoso. Eu jamais daria bebida a alguém”*.

A porta da sala se abriu e um dos guardas entrou com uma pequena caixa de madeira, do tamanho da palma da mão. Apostador ainda refletia quando a recebeu. Pediu que a colocasse sobre a mesa. Seu homem aguardou, curioso quando viu que ele desconhecia a caixa.

— Pode aguardar lá fora.

Enquanto o guarda deixava a sala desanimado, ele voltou a atenção para a caixa. Puxou a tampa com facilidade, revelando um interior forrado com serragem que acomodava um bilhete. Retirou o pedaço de papel dobrado e abriu para ler o conteúdo. Havia apenas duas frases. Mas eram duas frases que faziam seu mundo desabar completamente.

“O truque já aconteceu. Mas não fique triste, o Corvo manda lembranças”.

O papel sumiu entre os dedos trêmulos cerrados. As narinas expeliam ar com violência. Ele apertou o comunicador e o operador atendeu de imediato.

— *Senhor?*

A voz soou em um tom mais severo que o normal.

— Eu quero que reúna devedores de todos os cantos do Pós-Guerra. Temos muitas perguntas a fazer, uma mulher para resgatar e um homem para matar.

A pequena pausa do outro lado não foi hesitação, mas um reconhecimento da gravidade da situação.

— *Imediatamente, senhor.*

O operador desligou, deixando-o sozinho na sala de controle. Se fossem outros tempos, ele teria desmanchado a mesa de vidro com socos furiosos, mas aprendeu que isso não ajudava. Teria de descontar a raiva em quem merecia.

— Primeiro ele faz a minha dupla quase se matar e agora ele leva a coisa mais preciosa que eu tenho — sacou seu revólver do coldre. — Se ele quer guerra, ele vai ter guerra.



Agradecimentos

Essa é a parte mais difícil para mim. Sou tão grato por tantas coisas em minha vida e, considerando minha memória seletiva e autônoma, receio que certamente esquecerei algo. Mas prometo me esforçar, então vamos lá.

Primeiramente agradeço à Deus. Sempre a Ele. Esse cara tem me abençoado tanto, por tanto tempo, e de tantas formas, que não importa o quanto eu agradeça, nunca será o suficiente. Obrigado por estar sempre comigo.

Logo depois de Deus (olha a responsabilidade, *risos*), agradeço a todos os meus leitores com todo o meu coração. Não só pelo carinho que recebo em cada mensagem, mas pelo fato de vocês compartilharem meu trabalho, de eu perceber que vocês gostaram de verdade das histórias ao ponto de indicar para pessoas que gostam. Guardo cada palavra com muito carinho porque isso não tem valor no mundo que pague. Cada segundo que eu me dedico à escrita é por causa de vocês.

Descobri da forma mais difícil que o mundo não para enquanto você escreve. Pior do que isso, ele te esmaga, exigindo tempo e energia que muitas vezes não dispomos. Por isso eu agradeço à minha família - e isso inclui pais, irmãs, sogros (outros pais), cunhados (outros irmãos) e amigos próximos que torcem por mim. Vocês são a base que tornam todas as dificuldades dessa jornada ainda mais suaves e recarregam minha energia no momento em que eu mais preciso.

Agradeço à minha esposa Cheila, porque sei que o sacrifício maior recai sobre ela. A maior parte do tempo em que me retiro do mundo é com ela que eu estaria e sei o quanto isso é difícil, porque também é para mim. E mesmo que eu tente ao máximo executar essa tarefa no intervalo entre 00:00 e 06:00, sei que ainda me envolvo com a vida de escritor em grande parte do dia. Por isso, obrigado, meu amor.

Agradeço imensamente à equipe da Hardcover e vou aqui falar de cada um deles, começando com o querido André Vianco. Esse cara não só me ensinou muita coisa sobre criar histórias, mas ele viu potencial no meu trabalho e me selecionou para sua equipe da sala de storytellers, me concedendo a honra de poder trabalhar ao seu lado e aprender muito no processo; À Mag Brusarosco, pelos conselhos valiosos que colocaram a série nos trilhos certos. Cada questionamento certeiro me fez melhorar ainda mais a linha de raciocínio. Garanto a vocês que As Crônicas do Apocalipse jamais seriam a mesma coisa sem a interferência mágica da Mag; À dupla de amigos Daniel Mamede e Caroline Façanha, que literalmente ajustaram o destino do personagem mais importante da série com seus conselhos e sabedoria

que tanto admiro. Eu adoro vocês dois de coração; E à equipe da Wolfpack, com quem tenho a felicidade de compartilhar as noites de terça-feira: Day, Jean, Jéssica, Néka, Rafael e Yuri. Vocês sempre me mostram outros pontos de vista sobre o mesmo assunto. Talvez eu nunca tenha dito isso, mas aprendo muito com vocês. Muito obrigado; aos meus outros amigos de Hardcover, dos quais não mencionarei nomes com medo de esquecer algum, obrigado por compartilhar conhecimentos e me ouvir nos momentos de desabafo. Adoro esse grupo.

Dizem que urgente é tudo aquilo que você não fez em tempo hábil e quer que a outra pessoa faça em tempo recorde. Diante dessa frase eu gostaria de agradecer à minha revisora Rebecca Pessoa, que talvez não tenha revisado todo esse livro por capricho do tempo, mas me ajuda em minha vida de escritor e tenho a certeza de que veio para permanecer. Agradeço também à Mari Vieira, não só por ter me apresentado à Rebecca, mas por seus valiosos conselhos e por sempre se importar comigo e exigir de mim nada menos que o melhor.

Agradeço aos meus queridos ilustradores Francesco Lobo e Giovana Gioia por darem vida aos cenários e personagens com seu dom que transcende o limite da imaginação. Bastava eu falar três a quatro palavras que eles criavam algo muito superior ao que eu jamais poderia imaginar. Vocês dois merecem o mundo. Contem comigo pra isso.

Agradeço muito a equipe da Lura, aqui representada na figura do Roger Conovalov, que freou o meu ímpeto e ansiedade em prol da melhor versão que esse livro poderia ser. Desde o primeiro contato eu senti que a Lura seria a editora das Crônicas do Apocalipse e estou muito feliz por isso. Mal posso esperar para ver a série completa.

Um agradecimento especial para os amigos Andressa Silveira, Tyeme Naviskas, Lara Borges, Aline Lima e Leo Heffer, por todo o apoio e carinho com essa série e minha carreira de escritor. Vocês são seres iluminados.

Agradeço a todos os parceiros literários que tive. Seria injusto citar nomes porque todos ajudaram de alguma forma e eu certamente esqueceria alguém. Então muito obrigado por tudo o que já fizeram, vem fazendo e ainda farão por mim. Vocês são demais.

Agora chegamos às pessoas que tornaram tudo isso possível: os apoiadores do Catarse. Muito obrigado a todos vocês, do fundo do coração. Mais do que apoiar o financiamento um livro, vocês tornaram um sonho realidade. Vocês tornam possível o sonho de vários autores que, assim como eu, vivem em um país que não apoia a cultura. Vocês são um filete de luz no meio da escuridão. Muito obrigado por acreditarem em mim, pelas palavras de apoio e, principalmente, pela paciência. Vocês foram os meus anjos nessa jornada.

E finalmente, mas não menos importante, um agradecimento mais que especial para a pessoa que lutou com unhas e dentes para que esse livro se tornasse realidade: Ellen Alencar. Obrigado pela sua dedicação, amizade e apoio nessa jornada. Sei o quanto você se apropriou dessa campanha, indicando e divulgando. Como diria Cervantes: “Um sonho que se sonha só, é apenas um sonho. Mas um sonho que se sonha junto é o começo da realidade”. Serei sempre grato.

Finalizo agradecendo a quem mais tenha participado do processo desse livro e não tenha o seu nome mencionado acima. Obrigado por ajudar a tornar meu sonho real.

E a você que está lendo isso agora, muito obrigado por dar chance a esse autor que vos fala no meio de tantos monstros da literatura. Por causa de você, eu jamais deixarei de criar histórias. Espero que tenha escapado da Peste e consiga recuperar o fôlego, porque agora tudo é guerra. Te aguardo em “Os Espólios da Guerra”. Abraço!

Márcio Pacheco

Lista de Apoiadores do Catarse

OS APOCALÍPTICOS

Aline de Rosa Lima
Allan Almeida
Ana Carolina Silva
Ana Souza
André Carvalho
Andrea Carvalho
Andreia Cardoso Pacheco
Andressa Dos Santos Silveira
Ane Moura
Angel Wolff
Antonieta de Fátima Pompeu
Bruno “Steve” Canavezi
Bruno Cassiano Costa Cunha
Caio Favero
Carina Silva
Carolina Mancini
Catarina Griebeler
Celso Cavalcanti
Cesar Lopes Aguiar
Cheila Macedo
Cleiton William Torres
Crislane Lima
Danielle Tavares
Eduarda Junges
Eduardo Gonçalves
Eduardo Peret
Eliane Oliveira de Sousa
Erenice Costa Alencar
Gabriel de Souza Ziele
Gabriela Reis
Geisiane
Giuliana Antonelli
Grazielle Cavaleiro de Macedo
Guilherme Camargo Alves

Henrique José de Oliveira
Ícaro W. R. G. Alonso
Jeferson Fernandes
Jeferson Sato
Joalisson Silva
Josimara de Oliveira Guerreiro
Julio Lima Souza Martin
Karina Araújo
Laís Braga
Larissa Prado
Leo Heffer
Livia Stocco
Luciana M. Y. Harada
Luciana Moraes
Luis Cristóvão Rosa
Maria C. M. da Silva
Maria Lidia Vasconcelos
Maria Reis
Natália Fukuda Rocha
Paloma Sama
Pedro Paulo Cardoso
Rayana Rodrigues Macedo
Regina Sardim Motta
Rick Bzr
Rick Mesquita
Rodolfo Berlezi
Rodrigo Do Prado
Rosemeri Rodrigues Macedo
Silvio Zancanaro
Talita Chahine
Tati Klebis
Tito Prates
Wesley Rodrigues



Márcio Pacheco

é gaúcho, escritor, engenheiro e apaixonado por histórias. iniciou sua carreira na escrita em 2018, com o lançamento dos seus contos de suspense e terror na Amazon. No ano seguinte lançou “O Senhor do Tempo”, primeiro livro da série As Crônicas do Apocalipse, premiado no Ecos da Literatura e no Prêmio de Literatura Paraense; Ingressou na Hardcover - The Storytelling Academy, onde desenvolveu e aprimorou suas técnicas de escrita; Foi organizador da antologia “Ferro & Fogo”, da Lura Editorial. Selecionado para a antologia “O Melhor Crime Nacional”, organizado por Tito Prates, e para diversas outras, tendo participado de quinze no total. Em 2020 foi selecionado para o projeto Wolfpack, onde trabalhou com a equipe do escritor best-seller André Vianco, no primeiro projeto de sua sala de storytellers. Também ganhou medalha de destaque no III Prêmio ABEST de Literatura pelo conto “Paranoia”. Atualmente possui quinze trabalhos lançados na Amazon.

Acompanhe o autor nas suas redes sociais pelo [@autormarciopacheco](#) e conheça suas obras em linktr.ee/marciopacheco.

Table of Contents

[Titulo](#)

[Ficha Catalografica](#)

[Folha de Rosto](#)

[Mapa](#)

[Dedicatória](#)

[José Saramago](#)

[Apocalipse](#)

[Ilustração](#)

[Prólogo](#)

[Alguns dias antes](#)

[Yohan](#)

[Orfeu](#)

[Dante](#)

[Alan](#)

[Mordecai](#)

[Meredith](#)

[Isaac](#)

[Ethan](#)

[O Cavaleiro da Peste](#)

[Dante Parte 02](#)

[Yohan Parte 02](#)

[Meredith Parte 02](#)

[Mordecai Parte 02](#)

[Orfeu Parte 02](#)

[Alan Parte 02](#)

[Ethan Parte 02](#)

[Dante Parte 03](#)

[Yohan Parte 03](#)

[Isaac Parte 02](#)

[O Cavaleiro da Peste Parte 02](#)

[Mordecai Parte 03](#)

[Orfeu Parte 03](#)

[Alan Parte 03](#)

[Ethan Parte 03](#)

[Meredith Parte 03](#)

[O Cavaleiro da Peste Parte 03](#)

[Dante Parte 04](#)

[Mordecai Parte 04](#)

[Alan Parte 04](#)

[Orfeu Parte 04](#)

[Yohan Parte 04](#)

[Dante Parte 05](#)

[Alan Parte 05](#)

[Ethan Parte 04](#)

[Meredith Parte 04](#)

[Yohan Parte 05](#)

[Mordecai Parte 05](#)

[Orfeu Parte 05](#)

[Alan Parte 06](#)

[Isaac Parte 03](#)

[Ethan Parte 05](#)

[Epílogo](#)

[Ilustração 2](#)

[Agradecimento](#)

[Apoiadores](#)

[Sobre o Autor](#)